

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DA LEXICOGRAFIA BRASILEIRA (1813-1991) : TIPOLOGIA

MICROESTRUTURAL DE VERBETES SUBSTANTIVOS

por

MARIA JOSÉ BOCORNY FINATTO

Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa apresentada à Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Profa. Dra. MARIA DA GRAÇA KRIEGER

ORIENTADORA

Porto Alegre

1993

Aos meus filhos e ao Paulo
e a todas as pedras do meu
caminho.

SUMARIO

Lista de abreviaturas e símbolos.....	VI
Lista de quadros e gráficos.....	VIII
Sinopse.....	IX
Abstract.....	X
1 - INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos.....	7
1.2 Hipóteses.....	11
2 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	12
2.1 Linguística e lexicografia - o estatuto atual da lexicografia.....	12
2.2 O dicionário monolíngüe.....	18
2.3 Macro e microestrutura do dicionário monolíngüe....	20
2.4 A definição lexicográfica no dicionário monolíngüe.	21
3 - BREVE HISTÓRIA DOS DICIONÁRIOS BRASILEIROS.....	26
3.1 Os primeiros dicionários.....	27
3.2 O dicionário de língua pioneiro.....	30
3.3 Da busca por um dicionário padrão.....	44
3.4 Seleção de dicionários para análise.....	66

4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	72
4.1 Pressupostos teóricos.....	73
4.1.1 Fundamentos da concepção microestrutural.....	81
4.2 Tipologia microestrutural.....	86
4.2.1 A microestrutura simples.....	86
4.2.1.1 A noção de integrada.....	87
4.2.1.2 Tipos de microestrutura simples.....	87
4.2.2 A microestrutura estendida.....	90
4.2.3 A microestrutura composta.....	91
5 - BASES DE UM MODELO PARA ANÁLISE MICROESTRUTURAL....	93
5.1 A microestrutura e sua organização formal.....	93
5.2 Evolução microestrutural.....	97
5.3 Para a descrição microestrutural de verbetes substantivos.....	100
6 - DELIMITAÇÃO DO CORPUS.....	105
6.1 Delimitação dos verbetes.....	106
6.2 Delimitação dos dicionários-foco.....	107
7 - ANÁLISE DOS VERBETES.....	111
7.1 Instrumentos de análise.....	111
7.2 Procedimentos.....	111
7.3 Critérios para a segmentação da informação nos verbetes.....	112

7.4 Análise.....	115
7.4.1 Grupo de verbetes nº 1.....	115
7.4.1.1 Resultados parciais :.....	227
7.4.2 Grupo de verbetes nº 2.....	235
7.4.2.1 Resultados parciais.....	292
-	
8 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS.....	300
8.1 Síntese dos resultados parciais.....	300
8.2 Resultados globais.....	303
9 - CONCLUSÕES.....	308
9.1 Síntese.....	308
9.2 Análise dos resultados.....	310
9.3 Verificação das hipóteses.....	319
9.4 Considerações finais.....	321
10 - REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	325
10.1 Dicionários.....	325
10.2 Livros.....	331
10.3 Artigos.....	332

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

<u>Abreviatura</u>	<u>Classe de indicação</u>
Anexo.....	Indicação de Anexo Semântico
IAnt.....	Indicação de Antônimo
IAum.....	Indicação de Aumentativo
IBib.....	Indicação Bibliográfica
IBil.....	Indicação Bilingüe
IC(n).....	Indicação de Compósito ou Locução
ICogn.....	Indicação de Cognatos
IDiac.....	Indicação de Diacrônica
IDiat.....	Indicação Diatópica
IDim.....	Indicação de Diminutivo
IEx.....	Indicação de Exemplo
IExC.....	Indicação de Exemplo de Competência
IExL.....	Indicação de Exemplo Literário
IETim.....	Indicação Etimológica
IG.....	Indicação de Gênero
IGr.....	Indicação Gramatical
ILS.....	Indicação de Lema-Signo
IMorf.....	Indicação Morfológica
IMorfEtim.....	Indicação Morfo-Etimológica
IN.....	Indicação de Número
INa.....	Indicação de Nível de Acepção
INL.....	Indicação de Nível Lingüístico
Inter-Com.....	Indicação de Comentário Intermediário
ISintag.....	Indicação de Sintagma
IP.....	Indicação de Polissemia
IParafS.....	Indicação Parafrásica do Significado
IPrS.....	Indicação Pragmático-Semântica
IPros.....	Indicação Prosódica
IRaiz.....	Indicação de Raiz
IRem.....	Indicação de Remissão
ISin.....	Indicação de Sinônimo
ISinComp.....	Indicação de Sinonímia Complexa
ISinRem.....	Indicação de Sinonímia Remissiva
ITerm.....	Indicação Terminológica
IVarOrt.....	Indicação de Variante Ortográfica
C.....	Compósito ou Locução
CF.....	Comentário Formal
CS.....	Comentário Semântico
CSL.....	Comentário de Significação Lexical

<u>Abreviatura</u>	<u>Classe de indicação</u>
Ord.....	Ordenador Estrutural
Pós-Com.....	Pós-Comentário
Pré-Com.....	Pré-Comentário
SCS.....	Sub-Comentário Semântico
Subvbt (n).....	Indicação de subverbeta
SubCom.....	Comentário em Anexo Semântico
VBT.....	Indicação Total do Verbeta

Outras abreviaturas

vbt.....	Verbeta
MiS.....	Microestrutura
MiS ^h	Microestrutura Concreta e Hierárquica
GA.....	O Verbeta em Consideração
CI.....	Classe de Indicação
DL.....	Definição Lexicográfica
R _{pc}	Relação de procedência-consequência
R _{pt}	Relação parte-todo

Símbolos

ε	-	pertence
∩	-	intersecção
U	-	união
∅	-	conjunto vazio, zero
△	-	continuação

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro nº 1	p. 97
Quadro nº 2	p.228
Quadro nº 3	p.229
Quadro nº 4	p.293
Quadro nº 5	p.294
Quadro nº 6	p.302
Gráfico nº 1	p.230
Gráfico nº 2	p.232
Gráfico nº 3	p.295
Gráfico nº 4	p.297
Gráfico nº 5	p.304

SINOPSE

Este estudo descreve alguns aspectos da estruturação formal de entradas lexicais em dicionários brasileiros monolíngües publicados entre 1813 e 1991 utilizando, como parâmetro de classificação microestrutural, a teoria desenvolvida por H.E. Wiegand (1989).

ABSTRACT

This study describes some aspects of the formal structuration process of lexical entries in Brazilian monolingual dictionaries, published from 1813 to 1991, using as classificatory microstructural parameters the theory developed by H.E. Wiegand (1989).

1 - INTRODUÇÃO

O mundo dos dicionários constitui uma realidade fascinante para o investigador dos fenômenos lingüísticos. Afinal, a práxis lexicográfica reflete, entre outras coisas, a concepção e o grau de consciência que as sociedades têm acerca de um patrimônio valioso que delinea a sua própria identidade cultural : a língua.

Nos dicionários dos mais diferentes tipos, encontram-se ainda informações sobre a cultura, valores morais e éticos de uma sociedade. Neles, estão presentes três elementos: o mundo das palavras, o mundo das coisas e o mundo dos homens. Estes elementos geralmente estão tão imbricados que chegamos a encontrar obras em que o aspecto lingüístico convive até mesmo com receitas de "medicina caseira", caso do célebre dicionário de Bluteau, que no interior do verbete cólica indica a ingestão de cera de ouvido para debelar este mal. Assim, vemos que a prática lexicográfica vem, ao longo de sua tradição, descrevendo momentos históricos das sociedades, apresentando, de um ou outro modo, dados e referências sobre suas estruturas culturais.

Mas, com o passar dos tempos, a lexicografia vem adquirindo feições menos "eccléticas", preocupando-se mais com a sua função principal: elucidar a significação das "palavras" - descrevendo o léxico em diferentes e possíveis

funcionamentos, de modo que o consulente, de posse desta informação, opere com as unidades lexicais dentro do sistema da língua. Na verdade, o dicionário extrai da língua unidades lexicais, apresentando-as ordenadamente e caracterizando-as de modo que o consulente tenha possibilidade de efetuar a reintegração do elemento ao sistema, uma vez que, ao menos teoricamente, o dicionário deve fornecer as informações acerca do funcionamento da unidade no sistema. Entende-se aqui apenas o dicionário monolíngüe.

O Brasil é um país de história lexicográfica bastante recente. Os primeiros dicionários brasileiros de língua nasceram em Portugal pelas mãos de um brasileiro perseguido pela Inquisição. Desde então, muitas obras foram editadas no Brasil, mesmo antes da Independência. Contudo, a maioria da população letrada brasileira, por muitos motivos, desconhece que a prática lexicográfica brasileira atual é também um produto de seu próprio passado. Poucos percebem ou entendem que mesmo o mais popular dos nossos dicionários, o "Aurelião", é herdeiro de toda uma tradição de dicionaristas (brasileiros ou não) que o precederam.

A idéia deste trabalho surgiu do interesse sobre a história dos dicionários brasileiros, mas a reflexão e a natureza deste estudo levaram-no ao caminho da investigação crítica - que muito antes de apenas debruçar-se sobre o

passado, preocupa-se com o futuro da práxis lexicográfica nacional.

A história dos dicionários brasileiros ainda está por ser feita, mas não é tarefa para apenas uma pessoa. Este trabalho não pôde deter-se especificamente no resgate desta história; embora isto seja feito indiretamente através da análise lingüística de alguns aspectos do processo de estruturação formal de entradas em dicionários de língua brasileiros, que por amostragem representam o período entre 1813-1991, acaba por revelar dados sobre sua configuração. Este período cronológico cobre, em tese, a quase totalidade da produção lexicográfica monolíngüe brasileira.

O escopo maior desta investigação consiste na análise de aspectos lingüísticos presentes nos enunciados lexicográficos ao longo do tempo. Proceder-se-á uma investigação sobre a configuração formal ou tipologias microestruturais dos verbetes, pretendendo-se com isso descrever um "perfil", ainda que parcial, das suas características formais.

De um ponto de vista semiótico, o dicionário é concebido como um texto e como uma totalidade signica. Nesta perspectiva, o tratamento das configurações tipológicas diz respeito ao aspecto da forma do signo ou de sua "sintaxe".

O aspecto relativo à substância do signo-verbete, por razões próprias de delimitação de um trabalho acadêmico, não será aqui abordado.

Por outro lado, naturalmente, a descrição dos processos de estruturação formal das entradas não será completamente abrangente, pois restringe-se à tipologia microestrutural de verbetes substantivos, sendo descritos apenas dois conjuntos de lemas - um concreto e outro abstrato. Neste sentido, cabe ainda explicitar que o tratamento descritivo formal do enunciado lexicográfico justifica-se na medida em que sua estruturação nos verbetes é o sustentáculo maior de qualquer dicionário. Assim, se a entrada é semanticamente abrangente ou se sua formulação não é suficientemente funcional, todo o dicionário perde em eficácia e qualidade, obrigando o consulente a consultas sucessivas ou impondo a consulta de outra obra que possa atender completamente a suas necessidades de informação.

É bem verdade que uma análise mais profunda da qualidade da definição lexicográfica exigiria um estudo semântico, entretanto a análise restrita às características formais do verbete é uma delimitação necessária à operacionalização deste trabalho, cujo suporte teórico segue as proposições de Herbert Ernst Wiegand (1989) com vistas à descrição da configuração geral das microestruturas do dicio-

nário monolíngüe. A aplicação desta teoria justifica-se em função dela permitir a mensuração da evolução formal da microestrutura do verbete.

Em síntese, o dicionário é aqui concebido como um produto social, um grande signo-texto composto de unidades signícas menores listadas e/ou justapostas. Na perspectiva de sua macroestrutura, o dicionário é o signo-livro, composto da lista alfabética de entradas, indicações de uso da obra, listas bibliográficas, resumos de nomeclaturas gramaticais, etc. Mais concretamente, será tratada aqui apenas a estrutura nuclear do dicionário monolíngüe que comporta, em linhas gerais, a estrutura formal do enunciado lexicográfico acompanhado do lema.

A microestrutura do verbete passa então a ser vista formalmente com um conjunto de indicações acerca do funcionamento de um dado signo no interior de um a língua - componente extraído do sistema, mas que, de certo modo, precisa reintegrar-se ao funcionamento discursivo. Esta reintegração deve ocorrer em função da informação contida no verbete relacionada ao conhecimento prévio do consulente sobre a sua língua.

Daí a importância do dicionário, pois possibilita ao consulente a articulação de informações lingüísticas com

o seu conhecimento lingüístico, permitindo-lhe uma mobilidade vocabular significativa, bem como o acesso a referências e indicações sobre o uso lexicalizado das unidades constituintes de sua língua, sem a sobrecarga na armazenagem das informações, dada a possibilidade de consulta permanente.

Cumprindo tais funções em maior ou menor escala, o dicionário monolíngüe "funciona há muito tempo"⁽¹⁾, independente ou não dos avanços e considerações da lingüística. Entretanto, é certo que este "funcionamento" merece ser alvo de investigação, considerada a significativa importância da obra lexicográfica para as comunidades letradas de qualquer língua.

A lexicografia é em certa medida um objeto complexo de ser tratado, dado principalmente o seu carácter social. Contudo, acreditamos que seu estudo pode gerar contribuições e avanços para a práxis dicionarística. Às portas da época dos dicionários computadorizados, tanto em confecção como em manuseio, é sem dúvida a reflexão e a crítica do pré-existente útil e necessária, tendo-se em vista uma transformação que, além de tecnológica, seja também estrutural e qualitativa.

1- Weinreich, 1984, p.104

Se é válida a tese de Quine (apud Wiegand 1976, p.130) que o dicionarista é um lingüista empírico, então poderíamos dizer que este estudo tenta descrever o quanto a lexicografia brasileira tem sido mais ou menos empírica. Nesta perspectiva, entendemos que a descrição de padrões microestruturais formais poderá orientar cientificamente a futura produção de dicionários brasileiros. Assim, a descrição e a análise de procedimentos mínimos e reiterados da nossa lexicografia objetiva o avanço rumo à lexicografia teórica e um possível aprimoramento da prática no futuro.

1.1 Objetivos

Este estudo tem como objetivo específico a descrição da organização microestrutural de um conjunto de dicionários monolíngües brasileiros, constituído a partir de um número significativo de obras que, de algum modo, representam a trajetória da práxis lexicográfica nacional. Os dicionários analisados foram extraídos desse conjunto maior, tendo-se em vista dois aspectos: a representatividade da obra no contexto lexicográfico nacional, considerada principalmente pelas indicações da escassa bibliografia do gênero disponível, e sua disponibilidade de consulta para efetivação da análise.

Vale salientar que o aspecto da disponibilidade da obra acabou tendo que ser restringido ao acesso imediato ou não a determinadas obras, sendo inclusive fruto de uma verdadeira peregrinação a várias bibliotecas da cidade de Porto Alegre e acervos de colecionadores. Como a estrutura bibliotecária desta cidade limita-se, na maioria das vezes, às condições que lhes são proporcionadas, o aspecto da disponibilidade da obra acabou resumindo-se àquelas conservadas e mantidas em nossas bibliotecas locais e à generosidade de alguns bibliófilos. Em síntese, são estudadas apenas as obras disponíveis ou existentes nesta cidade, já que quaisquer outros esforços para localização de obras raras, em nível estadual ou nacional, seriam de competência de pesquisadores ou instituições com o auxílio necessário para este fim específico.

Estabelecido um quadro representativo de obras, a descrição é desenvolvida ao nível da microestrutura de um conjunto de 12 verbetes diferentes ao longo de 14 obras. Uma vez realizada a pesquisa, abarcando o período histórico definido, que vai desde os primórdios até a atualidade dos dicionários brasileiros monolíngües, procuramos selecionar um grupo de entradas que estivesse presente no maior número possível de dicionários.

Após uma testagem preliminar, optamos primeiramen-

te por um elenco de entradas correspondentes a lexemas² com referente ou substantivos concretos. Por eliminação, chegamos aos constituintes do campo conceptual dos "objetos cortantes", já que se distribuem homoganeamente nas obras selecionadas. Além disso, apresentam homogeneidade interna no nível do conteúdo da definição, que é sempre relacionado a um referente historicamente imutável. Isto é, procuramos evitar casos como, por exemplo, o da entrada lâmpada, que não é registrada nos dicionários dos séculos XIX e XX de um mesmo modo, em função das condições de mutabilidade do referente terem sido acentuadas pela evolução tecnológica.

Numa segunda parte, empreendemos uma descrição de diferentes verbetes relativos a um conjunto de lexemas sem referente ou substantivos abstratos. Utilizando o mesmo critério de abrangência, optamos pelo conjunto das entradas inteliqência, conhecimento e sabedoria, que serve como instrumento contrastivo. Neste sentido, interessa-nos a análise comparativa da configuração microestrutural formal historicamente apresentada em entradas correspondentes a lexemas com e sem referente, isto é, abstratos e concretos.

Em síntese, podemos considerar que a justificativa para a fixação de verbetes correspondentes a elementos de dois campos conceptuais distintos deve-se à necessidade de

2- o termo lexema é aqui utilizado como unidade do léxico ou morfema léxico, tal como o concebe B. Pottier (1978:82-85).

um suposto contraste microestrutural formal. Para o primeiro conjunto de verbetes, a delimitação foi condicionada pela homogeneidade diacrônica da definição; no segundo conjunto, a operação de contraste e a afinidade conceptual dos elementos lematizados também determinaram sua fixação. Assim, dado o caráter de abrangência dos verbetes no maior número possível de obras, pode a escolha das entradas ser considerada, em certa medida, aleatória.

A opção por verbetes substantivos impõe-se pela necessidade de delimitação do estudo, já que o mesmo poderia ser feito com outras classes gramaticais. Neste aspecto, faço minhas as palavras de Krieger (1980,p.7): "A opção pela primeira classe gramatical justifica-se por se constituir na de maior amplitude, representativa, portanto, do maior número de artigos do dicionário". Além disso, ao substantivo corresponde sempre a típica definição por excelência.

Ora, se ao verboete substantivo está associada a definição lexicográfica do significado mais característica, então sua composição formal correspondente também é a mais representativa da "sintaxe" das entradas do dicionário.

1.2 Hipóteses

Para a configuração da microestrutura dos dicionários monolíngües brasileiros em sua trajetória histórica são levantadas 3 hipóteses:

1) A configuração formal do microuniverso do verbete revela um processo de estruturação interna da entrada que vai do mais simples, ou menos formalizado, até o mais complexo ou elaborado;

2) A trajetória dos verbetes substantivos concretos revela uma distribuição estável dos elementos formais da microestrutura;

3) A trajetória dos verbetes substantivos abstratos revela uma distribuição instável dos elementos formais da microestrutura.

2 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 Lingüística e lexicografia

A lingüística é definida como o estudo científico da linguagem, cujo objeto é a língua. Independentemente da linha adotada, a língua é sempre vista como um sistema, havendo, contudo pontos de vista diferenciados: há a perspectiva de um sistema de signos, ou a de um sistema de regras que rege a combinação e distribuição dos signos. O signo lingüístico é a unidade fundamental desta ciência.

Já uma definição atual da lexicografia, em virtude da falta de unanimidade entre teóricos e dicionaristas, é tarefa mais complexa. Ora, enquanto a lingüística, como hoje a entendemos, é um advento do século XX, surgida com terminologia e pressupostos estabelecidos, a lexicografia é uma prática milenar marcada por uma sólida tradição (geralmente empírica) de métodos e procedimentos. Com relação a isto, é importante observar, conforme aponta Krieger (1980, p.4), que a falta da uniformidade do conceito de lexicografia não impede que haja unanimidade quanto ao que se fazer num dicionário, mesmo que a forma varie bastante.

Neste sentido, acreditamos que, se houvesse a definição do conceito de lexicografia, certamente a forma do produto lexicográfico ainda variaria. Mas, por outro lado,

poderíamos supor que, se fosse definido o estatuto desta atividade num nível teórico, talvez a prática pudesse ser ou fosse mais eficiente. Assim, é pertinente a discussão acerca do status atual da lexicografia frente aos avanços da lingüística moderna.

Wiegand (1989,29,p.246) considera que para caracterizar o status atual da lexicografia entra em questão a definição desta. Seguindo sua visão, a lexicografia localiza-se numa "posição intermediária" entre a ciência e a atividade propriamente dita.

A esse propósito, Wiegand faz uma reflexão baseada em três pontos: o conceito atual de lexicografia; a possibilidade dela ser entendida como uma disciplina; e, suas relações frente a outras disciplinas.

Avançando além da célebre definição de Casares (Casares,1950:11), para quem a lexicografia consiste na arte de fazer dicionários, Wiegand conclui que a lexicografia não é uma ciência, não é um ofício, nem doutrina, nem lingüística aplicada e tampouco um ramo da lexicologia. Quanto ao caráter científico ou não da lexicografia, o autor salienta a posição de Gove (apud Wiegand,29:247):

"Lexicografia, ainda não é uma ciência. Ela nunca poderá sê-lo. é uma prática complicada e engenhosa e às vezes dominadora, requerendo

análise subjetiva, decisões arbitrárias e raciocínio intuitivo"

Para Wiegand, o argumento de Gove não está bem fundamentado, já que preliminarmente deveria-se discutir o que se entende, afinal, por ciência. Conclui ele que as diferentes ciências podem ser entendidas como tentativas de produção de conhecimento teórico partindo do conhecimento cotidiano e do avanço de teorias atuais. O conhecimento teórico obtido seria relacionado a cada "recorte de mundo" determinado em cada ciência. Neste sentido, a lexicografia não é uma ciência na medida em que não objetiva a produção de conhecimento teórico.

Mas, por outro lado, o autor considera que não seria correto pensar que na lexicografia, de modo geral, as teorias ou métodos científicos não desempenham papel algum no planejamento ou execução de dicionários, ou tampouco que o processo lexicográfico alije-se de reflexão.

Quanto à lingüística, Wiegand a concebe como uma disciplina científica, considerando que não se podem aplicar disciplinas. Para ele, no melhor dos casos, podem-se "aplicar" determinadas teorias, partes ou fragmentos de teorias, métodos ou combinações de métodos, salientando que isso também não significa que não se possam aplicar teorias lingüísticas à lexicografia.

Numa outra perspectiva, este autor conclui que a lexicografia, como prática, pode ter uma face científica e outra não. A lexicografia científica seria a prática cultural aliada à lexicologia e a princípios e métodos científicos, não exclusivamente lingüísticos. Já a lexicografia não científica é considerada apenas como uma prática cultural, embora não sejam dela excluídos processos complexos de elaboração.

Na visão de Wiegand, tampouco a lexicografia pode ser entendida como uma disciplina no sentido acadêmico - já que não há, nas universidades, formação de lexicógrafos. Contudo, considera que a pesquisa da prática lexicográfica pode ser orientada cientificamente, podendo inclusive constituir disciplina acadêmica, denominada lexicografia teórica.

Observada à luz de princípios científicos, bem como da discussão do papel e relevância de teorias lingüísticas na confecção de dicionários de quaisquer tipos, verifica-se ainda no Brasil um certo descompasso entre as facetas científica e não científica da lexicografia, haja vista principalmente o posicionamento do filólogo A. Houaiss:

"Eu comecei com um grupo pequeno para criar uma equipe qualificada. Eu temia muito fazer

um trabalho com pessoas demasiado qualificadas, porque estas pessoas, em geral, não são operários da palavra, são senhores". (1990:22)

Naturalmente, Houaiss não explicita que prefere não trabalhar com lingüistas, nem o que entende por uma equipe "qualificada". Mas, em todo o seu posicionamento, não há sequer menção à cientificidade ou ao papel de alguma teoria científica em seu anunciado dicionário, ainda em fase de elaboração.

Assim, mesmo empiricamente, podemos constatar o isolamento da discussão sobre a maior ou menor cientificidade da prática lexicográfica, ficando, via de regra, a elaboração dos dicionários condicionada a critérios bastante subjetivos.

Biderman (1984:29), ao se manifestar a respeito da confecção de um dicionário de língua, define seu posicionamento quanto à condução científica deste tipo de trabalho:

"Os lexicógrafos devem conhecer muito bem a sua língua materna e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas no caso de idiomas de longa tradição cultural como é o caso do português. Devem conhecer igualmente variantes faladas da língua. E devem saber que vão executar uma tarefa científica e cultural que se assemelha muito ao labor dos monges da Idade Média (...). O dicionarista precisa ser como este monge".

Como vemos, se Biderman alia à atividade cultural o traço de cientificidade, já Houaiss prefere aparentemente excluí-lo deste tipo de produção:

"Em um trabalho lexicográfico, quem não tem alma de pedreiro não tem compreensão da coisa. É um trabalho de catar ninharias, de achar que a ninharia é coisa relevante. (Houaiss,1990:22)

Excluído o seu caráter artesanal ou monástico, a lexicografia, enquanto produto cultural de uma sociedade de perfil tecnológico em constante evolução, não pode simplesmente isolar-se das demais evoluções e avanços científicos. Assim, à parte dos estudos lexicológicos, a denominada "Lexicografia Teórica" deve ser uma disciplina científica capaz de incorporar os avanços das diversas ciências, principalmente os da lingüística, em prol de uma atividade que, pelo menos no Brasil, carece de investimento tecnológico, mas que não pode furtar-se a uma evolução de métodos e procedimentos.

Neste sentido, pretendemos aqui, através da descrição de procedimentos lexicográficos formalmente estruturados ao longo de sua história, contribuir para que se amenize tal isolamento e que de algum modo possamos avançar no desenvolvimento da lexicografia teórica brasileira.

2.2 O dicionário monolíngüe

O dicionário monolíngüe é, em essência, tradicionalmente considerado como a forma mais acabada e complexa da tarefa lexicográfica.

Para Dubois (1962:43), o dicionário monolíngüe apresenta-se como descrição de um léxico, e seu objetivo é permitir ao consulente uma consulta rápida, baseado sobre um critério formal (alfabético), e a explicação em elementos simplificados ou a tradução de um termo ou expressão.

J.Rey-Debove (1984:63) considera que "um dicionário é um texto duplamente estruturado". A primeira dimensão é a "seqüência vertical de itens", as entradas; a segunda é constituída de um "programa de informações sobre as entradas, que forma com elas os verbetes". Para a autora (1984:65), "um dicionário geral da língua teria como finalidade a descrição do léxico total".

Segundo Haensch (1982:129), os dicionários de língua são repertórios de signos lingüísticos, cujas características e propriedades gramaticais, significado, valores de uso, relações paradigmáticas ou sintagmáticas com outros elementos do léxico são explicados através de uma metalin-

guagem.

Por outro lado, poderíamos considerar, de modo sintético, o dicionário monolíngüe (não enciclopédico) como um produto cultural de dimensão signíca e metalingüística, isto é, como um signo em sua totalidade, composto de signos constituintes, onde cada elemento lexical de uma língua, normalmente a unidade ampla designada "palavra", sofre um processo condensatório de características e propriedades sistêmicas (a lematização), de modo a ser extraído do sistema lingüístico. Dessas unidades lematizadas, são apresentadas no dicionário características pertinentes que permitam ao consulente, com base nessas informações e na sua própria competência enquanto falante, reintegrar a unidade ao todo sistêmico de modo eficiente, isto é, recolocar a unidade em "funcionamento" na língua, ou em possíveis funcionamentos, estando ele então a par de características semânticas, prosódicas, gráficas, sintáticas, morfológicas e sócio-lingüísticas da unidade lexical.

As visões anteriormente citadas sintetizam, de algum modo, a complexa constituição do dicionário e apontam para a importância do estudo de sua micro e macroestrutura.

2.3 Macro e microestrutura do dicionário monolíngüe

A macroestrutura do dicionário é a sua totalidade enquanto signo-texto. Este signo-texto, conforme Jean e C. Dubois (1971:8-9), seria um objeto cultural, texto ou obra pedagógica que abriga o arrolamento de signos lingüísticos e suas características, podendo incluir informações acerca de seu manuseio enquanto livro, informações sobre a gramática da língua, sobre o processo de confecção da obra e indicadores de fontes bibliográficas utilizadas.

A dimensão microestrutural corresponde ao verbete ou entrada, resultado do processo de lematização sofrido pelo signo lingüístico. É nesta dimensão que ocorre o que, por extensão, poderíamos chamar "signo-verbete", ou a unidade constituinte do arrolamento de signos lingüísticos.

Na verdade, a dimensão microestrutural é a mais importante do dicionário, já que, obviamente, sem um conjunto de microestruturas o dicionário não existe.

A microestrutura do dicionário, ou estrutura do verbete, corresponde a toda a construção do verbete, incluídas eventuais subentradas, indicações gramaticais, de outras ordens e principalmente a indicação do significado. Esta última pode ser constituída de paráfase ou sinonímia,

não raro ocorrendo incorporadas a ela informações não linguísticas.

No interior da microestrutura, o elemento de maior destaque é sem dúvida a indicação do significado ou a definição lexicográfica. Constituída por uma metalinguagem tradicionalmente estabelecida, a definição de dicionário ou enunciado lexicográfico tem despertado o interesse de diversos estudiosos, já que de sua qualidade conceptual e formal depende o valor de todo e qualquer dicionário.

Neste sentido, apresentamos, a seguir, considerações de alguns estudiosos sobre a definição lexicográfica.

2.4 A definição lexicográfica no dicionário monolíngüe

As características da definição lexicográfica ou enunciado lexicográfico têm sido abordadas sob pontos de vista diferenciados.

Para Barbisan (1980:26), a análise da significação da unidade léxica é a definição lexicográfica. A definição lexicográfica é então a palavra ou palavras que constituem as parafrases consideradas como equivalentes sinonímicas da palavra-entrada. Nos casos de polissemia, cada paráfrase

deve dar conta das diferentes significações em diferentes contextos, constituindo assim a chamada acepção.

Biderman (1984:32) considera a definição lexicográfica (DL), ou definição de um vocábulo, como uma paráfrase equivalente semanticamente ao vocábulo. Esta autora retoma a antiga discussão sobre a DL e a definição lógica que, a princípio, só seria aplicável à classe dos substantivos - a definição lógica define objetos; a DL, traços semânticos.

J.R. Debove (1966:74) explica que ocorrem dois níveis na DL, o nível conceptual e o lingüístico. O primeiro limita-se à definição; o segundo, à gramaticalidade do signo.

Para A. Rey (1965:71), o programa da definição reduz-se, pela prática lexicográfica, a fazer corresponder a uma dada unidade lexical uma pluralidade de unidades do mesmo sistema lingüístico, organizadas de acordo com estruturas sintagmáticas do sistema, de modo que permitam o envio ao significado, possibilitando assim ao consulente a elaboração conceptual do seu significado.

Lara (1989:20), ao tratar da DL, desenvolve as idéias de Rey-Debove e indica que esta não é somente a parte mais importante e delicada do artigo do dicionário, mas está em íntima relação com a análise semântica. Consider-

ra-a também (op. cit. p.84-85) como uma estrutura dual, constando de dois tipos de informação: conceptual e lingüístico. A informação conceptual é definida como conteúdo abstrato que proporciona a formação de objetos mentais. O conteúdo conceptual, então, torna-se lingüístico a partir do momento em que entra em funcionamento com as unidades restantes e conteúdos de outras unidades. Isto é, o conceptual torna-se lingüístico à medida que passa a integrar o sistema da língua.

Krieger (1980:3) diz que "definir lexicograficamente é fazer corresponder a uma unidade lexical todos os sentidos que a recobrem (...), é desenvolver uma descrição semântica do lexema". Para cumprir seu objetivo, a DL precisa basear-se na análise semântica, sendo ela "uma transposição de significados entre signos". A autora postula que a análise sêmica é um modo de conferir rigor ao texto da definição.

Considerando os posicionamentos acima indicados, parece-nos importante observar o caráter dual atribuído à DL: o aspecto conceptual e o lingüístico. Nesse sentido, a indicação do lema unida à DL "extraí" do signo lingüístico o que ele tem de conceptual, para que então o consulente o torne lingüístico novamente.

Quanto à estruturação da entrada e o processo de lematização, encontramos em trabalho mais recente de J.R. Debove (1984,33:308), a consideração sobre a existência também do processo de deslematização. Este processo ocorre geralmente no interior dos exemplos indicados no verbete, consistindo na descrição das realizações do discurso aliadas à morfossintaxe. A lematização tem ainda função mostradora: a entrada é um signo que existe e não uma unidade convencional, além disso é um indicador de que todos os dicionários de língua trazem um texto metalingüístico sobre a linguagem .

Para Wiegand (1976:120), a formulação das entradas lexicais, sustentada na DL, é vista como um processo lingüístico, onde, a partir da recolha de textos ou partes de textos, são extraídas palavras que são lematizadas. Estes lemas não são apresentados lingüisticamente como algo isolado, pois são formulados para eles novos textos, relacionando-se, portanto, a lexicografia mais com textos do que com palavras isoladas. Assim, este processo lingüístico, de natureza metacomunicativa, consiste em explicar ao consulente o significado ou significados do lema. Para tanto, o lexicógrafo deve antecipar situações comunicativas do processo nas quais o consulente procurará significados léxicos à medida que realiza um ato de leitura.

Assim, embora não possamos discutir aqui em maior amplitude as implicações dos processos de lematização, deslematização e o caráter dual da DL em suas instâncias linguísticas e conceptuais, consideraremos a DL enquanto um metatexto, ou uma estrutura textual formal constituída por diferentes tipos de indicações informativas. Estas indicações não se referem ao lema, mas "ao signo linguístico que o lema arbitrariamente representa" (Wiegand, 36, p. 329), e são de caráter pragmático-semântico, especificando o conteúdo conceptual do signo e suas características linguístico-formais de modo que o consulente possa reintegrar o signo ao sistema da língua em possíveis funcionamentos.

Se a descrição do conteúdo na DL não se dá estritamente a partir de uma descrição sêmica ou apenas através do tradicional gênero próximo e diferenças específicas, é certo que ela também fornece outros tipos de informações, podendo apresentar somente uma indicação parafrásica ampla do significado ou até mesmo apenas uma simples indicação de sinonímia bastante redutora.

Neste sentido, podemos considerar que, se no verbebo do dicionário estabelece-se um processo bastante complexo de descrição do significado do signo, então este processo conceptual deve ter uma "semântica" complexa a que corresponderia uma "sintaxe" característica, condicionada a

segunda pela primeira e certamente também pelo peso da tradição lexicográfica na organização formal das entradas.

Infelizmente foge ao escopo e dimensão deste estudo a discussão de idéias anteriormente citadas como implicações de equivalência semântica ou sinonímica, significação e significado ou metacomunicatividade textual na DL. Assim, num enfoque restrito, concebemos o enunciado lexicográfico, o lema unido à definição, como um discurso metalingüístico formalmente estruturado, examinando-o enquanto organização estrutural ao longo de um determinado período histórico.

Neste sentido, apresentamos a seguir um breve panorama histórico da produção dicionarística nacional, de modo a obter um conjunto significativo de obras, cronologicamente distribuídas, para então chegarmos à descrição e à análise dos aspectos formais dos enunciados lexicográficos.

3 - BREVE HISTÓRIA DOS DICIONÁRIOS BRASILEIROS

Por inúmeros motivos, a tarefa de "rastreamento" da história lexicográfica não é atividade para um pesquisador. É, como já dissemos antes, tarefa para uma instituição que prezasse e compreendesse o valor da preservação do patri-

mônio cultural e lingüístico de uma nação.

Apesar das limitações inerentes a este trabalho, procede-se aqui a um breve relato sobre a história da lexicografia brasileira que, embora sucinto, pretende contribuir de algum modo para a pesquisa de um área que prima pela escassez de dados bibliográficos. Ainda assim, salientamos que a busca do elemento histórico da atividade lexicográfica tem a função principal de delimitar os objetos sob análise.

Por outro lado, é igualmente válido lembrar que vem ocorrendo um interesse crescente pela lexicografia em geral e sua história. Sintoma disso é, por exemplo, a publicação da Enciclopédia Internacional de Lexicografia desde 1989, onde encontram-se, inclusive, artigos de Woll, estudioso da Universidade de Marburg, sobre a história lexicográfica da língua portuguesa.

3.1 Os primeiros dicionários

De acordo com Woll (1990, p.1723), as lexicografias brasileira e lusitana formam uma unidade até a proclamação da Independência do Brasil em 1822. E, o interessante é registrar que até 1808, quando a família real portuguesa

chega ao Brasil, qualquer atividade editorial ou de impressão era proibida. Blake, em seu Dicionário Bibliográfico Brasileiro, cujo primeiro volume é de 1883, num relato apaixonado, descreve todo o tipo de punição a que eram sujeitos os infratores desta proibição, indo desde a queima pública do material impresso até a prisão dos autores (Blake, 1883-1902:IX).

Mas, como a subversão é prática humana milenar, também na área editorial existiram produções clandestinas. São igualmente de Blake algumas informações sobre estas atividades proscritas na colônia portuguesa. Segundo este autor (op. cit. p. XVI), mesmo à época da proibição impresso-editorial, no que diz respeito pelo menos aos dicionários, já havia obras editadas. Mas, como infelizmente o foco da obra de Blake não é restrito a dicionários, é impossível obter-se informação direta acerca do primeiro dicionário brasileiro. Acrescente-se a isso o fato de sua obra organizar-se pelo primeiro nome dos autores e não pelos títulos das obras arroladas.

Com base no trabalho de Almeida (1988:333 e 215), uma das raras publicações catalográficas brasileiras sobre dicionários e obras afins em que entra a língua portuguesa, é possível a descoberta de alguns dados desta trajetória histórica. A partir do levantamento do autor e de uma

cuidadosa seleção e organização de suas indicações, chega-se à referência do provável primeiro dicionário brasileiro, trata-se do Dicionário de Botânica de Manoel Henriques de Paiva de 1819, impresso na Bahia.

Como a obra de Almeida fornece apenas referências bibliográficas e alguns comentários sobre formatação e edições das obras, foi necessária nova consulta ao Dicionário Bibliográfico, que é de cunho eminentemente histórico.

Deste modo, através do trabalho de Blake (op. cit. p.XVI), descobrimos o registro da existência deste dicionário em época bastante anterior a 1808, já que teria acompanhado a fundação da Academia Científica do Rio de Janeiro em 18 de fevereiro de 1772. De acordo com Blake, Manoel Henriques de Paiva, vítima de degredo para a colônia por motivos políticos, passou a ser o médico pessoal do Vice-Rei, o Marquês de Lavradio. Em virtude dos serviços prestados, teve suas atividades intelectuais e editoriais "salvaguardadas" da corte portuguesa, tendo finalmente, em 1808, suas publicações legalizadas.

Neste sentido, vale lembrar que à época mesmo as agremiações literárias ou "academias" de qualquer espécie eram severamente reprimidas pela coroa portuguesa. Almeida (1988:156) registra inclusive que Paiva revisou a 5ª edição

do Novo Dicionário Francês e Português de Miguel P. B. Ivo em 1786, incluindo na obra terminologias de várias áreas, outros termos e até locuções. Observe-se que este dicionário é de edição portuguesa.

Assim, pelas informações de Blake, sabemos que a prática dicionarística brasileira nasceu como fruto da "ilegalidade editorial", tendo sido um produto da não submissão de alguns que, mesmo sob o risco de penalidades, preocuparam-se com esta atividade.

3.2 O dicionário de língua pioneiro

Quanto aos dicionários de língua, o primeiro registro de uma obra do gênero publicada no Brasil é o do Dicionário da Língua Brasileira de Luiz da Silva Pinto, editado em dois volumes, em Ouro Preto, no ano de 1832. Infelizmente, podemos considerar que se trata de uma "obra-fantasma", já que da mesma há apenas referência, pois não se tem notícia de sua existência concreta nos dias de hoje. Mesmo Blake, no 50 volume do seu Dicionário Bibliográfico Brasileiro (p.435), declara em 1899 nunca tê-la visto.

Verdadeira exceção a esta prática de desaparecimentos é, sem dúvida, a obra de Antonio de Moraes (ou Morais)

Silva, que em 1789 publicou em Portugal o Dicionário da Língua Portuguesa. Este, na verdade é um acréscimo e reformulação do dicionário de Rafael Bluteau (1712-1721 - 8 vols.), que, segundo G. Chaves de Melo (1947:10), pode ser considerada verdadeira enciclopédia, uma vez que não se limita a arrolar vocábulos e expressões, dando-lhes a significação e os correspondentes latinos, mas dá conta de usos e costumes, explicando termos e fatos históricos.

A configuração de exceção é atribuída à atividade editorial de Moraes já que, à época, os cidadãos do reino portugueses nascidos no Brasil só podiam publicar obras em Portugal. Assim ele o fez; se a atividade era impossibilitada na colônia, nada mais natural que apenas exercê-la em Portugal.

Diante disso, obra de Moraes, tida por alguns como portuguesa, é aqui considerada como brasileira em virtude do autor ser brasileiro de nascimento e do impedimento de sua publicação na colônia.

Sucedendo-se à primeira edição, há uma segunda, de 1813, considerada a melhor entre outras que a seguiram, pois foi a última propriamente elaborada pela autor. Segundo Chaves de Melo (op. cit.p.13), traz o título alterado e a exclusão do nome de Bluteau.

Quanto ao mérito da obra de Antonio Morais Silva, várias são as posições; contudo, são escassas avaliações sistemáticas desenvolvidas à luz de princípios lingüísticos, como, por exemplo, podemos constatar abaixo:

"Tem, sem dúvida, o léxico do nosso patriócio, "natural do Rio de Janeiro", como ele mesmo se declara na folha de rosto, tem sem dúvida, não pequeno merecimento e valor. (...) De fato, o notável vocabulista brasileiro realizou obra ciclópica para um homem só. Valeu-se do Bluteau, como não podia deixar de fazê-lo, mas com critério (...). Este é o grande mérito de Morais. Seu dicionário é documentado, o que lhe dá um valor permanente". (Chaves de Melo, 1947, p.16)

Mesmo nesta mesma linha de apreciações genéricas, todos o consideram um marco da lexicografia da língua portuguesa, algo insuperável até os dias atuais, como declara Houaiss (1990,p.19):

"Em 1812 ou 1813, apresentando como "segunda edição" de um dicionário anteriormente publicado em fins do século XVIII, um carioca - Antonio de Moraes Silva - editou em Portugal, o Dicionário da Língua Portuguesa, que chega a 50 mil palavras. é um monumento da lexicografia. Representa um estádio de cultura da língua comparável ao que seria o de Noam Webster para a língua inglesa, publicado uns dez anos depois. Entre os dois, o do brasileiro era superior ao do inglês, em termos de precisão, de definição de conhecimentos de cultura geral etc. (...)

A partir daí, a dicionarização do idioma começou a perder volume, importância e dignidade. Isso não obstante ter tido três ou quatro dicionários intermediários, que foram

o de Domingos Vieira (...), o de Cândido de Figueiredo (...), o de Caldas Aulete e o nosso Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (...)"

Para Biderman (1984:5), o dicionário de Morais de 1813 estabelece um marco na lexicografia de língua portuguesa:

"É o primeiro dicionário de uso da língua, muito avançado para os padrões lexicográficos da época. (...) Um dos méritos do dicionário é exatamente indicar o registro lingüístico da palavra-entrada".

Em síntese, como podemos observar pelas considerações citadas, há muito mais apreciação do que análise propriamente dita. Além disso, vemos que se as mesmas podem expressar pontos de vista diferenciados, são unânimes em reconhecer o valor e importância do dicionário de Morais Silva.

Woll (op.cit.,p.1727), um dos modernos estudiosos da lexicografia portuguesa, também a reconhece, mas sob um ângulo bastante diferenciado. Para este autor, a obra de Morais (considerada em sua 2ª edição de 1813) deixa a desejar sobretudo quanto à constituição de unidades, principalmente quanto à constituição de sememas; mas, na concepção geral de macro e microestrutura, é uma orientação até o século vinte.

Independente de focos de análise (que podem variar do aspecto quantitativo ou qualitativo), a obra de Moraes é um marco e amplamente reconhecida quanto a sua importância.

Quanto aos dicionários brasileiros que se seguiram ao de Moraes, registram-se vários outros. Apresentamos, a seguir, uma lista cronológica de publicações do gênero que, embora indique obras de menor projeção, traz enumeradas várias delas com intuito de delinear a trajetória histórica da produção dicionarística brasileira.

Este arrolamento de obras foi elaborado a partir da análise e ordenação das informações do catálogo de Almeida (op.cit.,p.333-349), considerando-se a maior amplitude cronológica possível das publicações. Indicamos, via de regra, apenas as primeiras edições, salvo os casos não referidos por Almeida.

Apresentamos listadas aqui várias obras do gênero dicionarístico, não apenas estritamente dicionários de língua. Além disso, como interessa-nos a fixação de um panorama da produção dicionarística nacional, são indicadas somente as obras de publicação brasileira, com exceção apenas para o dicionário de Antonio Moraes Silva.

Dada a proliferação de obras de cunho dicionarístico desde meados da primeira metade do século XX, serão enu-

merados a partir da década de 30 apenas os dicionários monolíngües de maior projeção, referendados por Chaves de Melo (1947), Barbisan (1980), Biderman (1984) e Woll (1990).

- SILVA, Antonio de Moraes (1755-1824). Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, Tip. Lacerdina de M.P de Lacerda/Borel, 1813, 2 vols, 806 e 872 p.

- FAIVA, Manoel Joaquim Henriques de. Dicionário de Botânica. Bahia, 1819

(Mesmo sendo esta obra o provável primeiro dicionário brasileiro, com publicação por volta de 1772, registramos aqui sua edição oficial)

- LIMA, José Joaquim Lopes de. Dicionário Concundático. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1821, 12 p.

----- Suplemento do Dicionário Concundático. ibi, idem, 8p.

- CAMPOS, Maurício da Costa. Vocabulário Marujo. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1823, 107p.

- Dicionário de Alqibeira. Rio de Janeiro, 1832, 117p.
(editado também em Madrid e em Londres por volta de 1828 pela Oficina da Junta Apostólica)

- PINTO, Luiz Maria da Silva. Dicionário da Língua Brasileira. Ouro Preto, 1832, 2 vol.
- SARAIVA, Francisco Justiniano. Glossário das Palavras e Frases da Língua Francesa que por Descuido, Ignorância, ou Necessidade se Tem Introduzido na Locução Portuguesa Moderna, com Juízo Crítico das que são adotáveis Nela. Rio de Janeiro, Tip. de Silva & Irmão, 1835, 144p. (a 1ª edição é portuguesa de 1827)
- SARAIVA, Francisco Justiniano. Ensaio sobre alguns sinônimos da Língua Portuguesa. Nova edição. Santos, Tip. Comercial de G. Delins, 1856, 224p. 1ª edição de 1840, Tip. Nacional, 2 vols., 159 e 138p.
- PEREIRA, Francisco dos Prazeres Fernandes. Colecção de Etimologias Brasileiras. In: Rev. Trimestral de História e Geografia. Tomo I, 2ª parte, Rio de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1846, p. 69-81.
- CAMARA, Paulo Perestrello da. Colecção de Provérbios, Adágios, Rifões e Anexins, Sentenças Morais e Idiotismos da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Laemmert, 1848, 228p.
- RUSSOMANO, Victor. Adagiário Gaúcho. In: Província de São Pedro, n.ºs 12 e 13, Porto Alegre, 1848-49

- ANDRADE, João Nunes de. Novo Dicionário Clássico Português das Palavras Acabadas em Ç e SS. Rio de Janeiro, Tip. de Nicolau Lobo, 1852, 53p.

- CORUJA, Antônio Alvares Pereira. Coleção de Vocábulo ou Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. In: Revista do IHGB, tomo XVI, 1852, p. 210-240
(com reedição no Brasil em 1863 e em Londres em 1856)

- RUBIM, Braz da Costa. Vocabulário Brasileiro Para Servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Tip. Dois de Dezembro de Paula de Brito, 1853

- FARIA, Eduardo Augusto de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 4ª ed., Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert. Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1861, 2 vols. 1430 e 1471 p.

(Segundo Almeida (1988, p.118), Faria em viagem ao Brasil iniciou a publicação desta edição, deixando esta incumbência a outra pessoa posteriormente. Contudo, Almeida aponta a 4ª edição como sendo de 1859. Assim, conclui-se que esta, de 1861, parte do acervo de um colecionador, não é de seu conhecimento, sendo certamente obra muito rara).

- PASSOS, José Alexandre de. Dicionário Gramatical Português. Rio de Janeiro. Tip. Antônio Gonçalves Guimarães, 1865, 358p.

- SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. In: Anais da Biblioteca Nacional, vol. XIII. Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger 1875-88, 147 p.

(A parte publicada vai somente até a letra C, em 1889 saiu uma separata da parte publicada nos Anais. Há uma edição de 1954, corrigida e aumentada pelo filho do autor, Julião Rangel de Macedo Soares (2 vols., publicação do INL))

- SILVA, J. Norberto da. Galicismos, Palavras e frases da Língua francesa introduzidas por descuido, ignorância ou necessidade da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 1877, 299p.

- CORREA, Frederico José. Novo Glossário das Palavras e Frases Viciosas Introduzidas no Português e de Outras que a Necessidade Reclama. Maranhão, 1880.

- Dicionário dos Verbos Irregulares da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1880.

- Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. (redigido

por Antônio Lopes Valente) Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1884, 2 vols., 1913p.

Este dicionário é conhecido como Dicionário Aulete ou Caldas Aulete. Portugal ignorou esta edição que, inclusive, conforme Almeida (1988, 84), também não é tratada por Chaves de Melo (1947).

- BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique Pedro Carlos de. Glossário de Vocábulos Brasileiros. In: Gazeta Literária, Anos I e II. Rio de Janeiro, 1883-84

(é obra do mesmo autor o Dicionário de Vocábulos Brasileiros de 1889)

- RUBIM, Braz da Costa. Vocabulário Indígena e outros introduzidos no uso vulgar. In: Revista do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XLV, Rio de Janeiro, 1882. Idem in Revista Luz, Tomo I, 1872

- RODRIGUES, João Barbosa. Vocabulário Indígena Comparado para Mostrar a Adulteração da Língua. Complemento da Paranduba Amazonense, Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1883, 83 p.

- CARVALHO, Felisberto Rodrigues Pereira de. Dicionário Gramatical. Rio de Janeiro, Garnier, 1886, 379p.

- BELLEGARDE, Guilherme Cândido. Lexicologia. Vocábulos e Locuções da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Liv. Nicolau Alves, 1887.
- FERNANDES, João Ribeiro. Dicionário Gramatical. Rio de Janeiro, 1889, 504p.
- LOPES, Antônio de Castro. Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis. Rio de Janeiro, Tip. de G. Leuzinger & Filhos, 1889, 172p.
- CARVALHO, Antonio José de & RAMOS, João de Deus. Dicionário Prosódico de Portugal e Brasil. Porto e Rio de Janeiro, Lopes e Frederico Augusto Schmidt, 1890, 995p.

(Esta é a primeira tentativa de dicionário monolíngüe para uso de portugueses e brasileiros)
- Dicionário da Língua Geral do Brasil. Rio de Janeiro, Rev. Inst. Hist. Geogr. Brasileiro, vol.83, 1891
(obra atribuída a Frei Onofre)
- TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Léxico de Termos Técnicos e Científicos Ainda não Apontados nos Dicionários da Língua Portuguesa. São Paulo, Anuário da Escola Politécnica de SP, 1909
- AZEVEDO, Jerônimo. Repertório Lexicográfico da Língua

Portuguesa ou Dicionário dos Dicionários. Colab. de Sílvio de Almeida, São Paulo, Empresa Editora de São Paulo de F. Machado, 1911-12, 2 vols, 448p. e 512p.

(Só saíram 2 volumes, sendo a última palavra registrada "Additional")

- GOES, Carlos Fernando (1881-1934). Dicionário de Afixos e Desinências. Rio de Janeiro, F. Briguet, 1913, 319p.
- GARCIA, Rodolfo Augusto de Amorim. Dicionário de Brasileirismos. Peculiaridades pernambucanas. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1915, 291p.
- TESCHAUER, Carlos S. J. Novo Dicionário Nacional. Porto Alegre, Livraria do Globo 1928, 2ª ed.
- BOUCHARDET, Mário. Dicionário da Língua Luso-Brasileira. 1ª ed. Rio Branco, Papelaria Império, 1930, 169p.

(Quanto a esta obra, Almeida (1988:46) registra que não se trata de um dicionário, mas sim de um ensaio sobre a necessidade de dicionarização de vocábulos não registrados até 1930).

- CAMARGO, Paulo de. Vocabulário de Alqibeira. São Paulo,

Empresa Editora Brasileira, 1931, 104p.

- Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Organizado por um grupo de filólogos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938, 1046p.
- FREIRE, Laudelino Oliveira (1873-1937). Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1940-44, 5 vols., 5.283p.
- CARVALHO, José Mesquita de (1901). Dicionário Prático da Língua Nacional. 1ª ed., Porto Alegre, Liv. do Globo, 1946, 1.120p.
- FERNANDES, Francisco (1900-1965). Dicionário Brasileiro Contemporâneo. 1ª ed., 1ª impressão, Porto Alegre, Editora Globo, 1953, 1.143p.
- BUENO, Francisco da Silveira (1898). Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro, MEC, 1956, 1.151p.
- Dicionário Caldas Aulete. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. 4ª ed. (edição brasileira), colab. de Hamílcar Garcia e Antenor Nascentes, Rio de Janeiro, Editora Delta, 1958, 5 vols., 5.535p.

(Almeida (op.cit.,p.84) diz que ao chamar de 4ª, a edi-

tora ignorou uma edição anterior de 1884 em 2 volumes pela B.L. Garnier do Rio de Janeiro)

- ZUQUETE, Alfonso. Dicionário Geral - Dicionário Geral Luso-brasileiro. Lisboa e Rio de Janeiro, 3 vols (A-D), 1963-1975
- SILVA, Adalberto Prado e. (org). Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado. com a colaboração de José Curado et al, 2ª ed., São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1964, 4 vols. 891, 912, 893 e 944 p.
- NASCENTES, Antenor. Dicionário da Língua Portuguesa. A fim de ser submetido à Academia Brasileira de Letras para as devidas alterações. Academia Brasileira de Letras/Imprensa Nacional, 1961-67, 4 vols.
- NASCENTES, Antenor. Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras. Academia Brasileira de Letras/Bloch Editores, 1972, 6 vols.
- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional. São Paulo, Mirador Internacional/Enciclopédia Britannica do Brasil Melhoramentos, 1975, 2 vols.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975, 1.517p.

(Almeida (1988:123) indica que foram tiradas sucessivas impressões (pelo menos 15 até 1985) sem que em cada uma delas a editora registre a data. A 2ª edição é de 1986)

- HOUAISS, Antonio. Pequeno Dicionário Enciclopédico Koo-
gan-Larousse, Rio de Janeiro, Editorial Larousse do
Brasil, 1979, ilustrado, 1.635p.
- LUFT, Celso Pedro. Pequeno Dicionário da Língua Portu-
guesa. Rev. crítica de A. Dimas de Moraes, colab.
de Manoel Nascimento. São Paulo, Scipione Autores Edi-
tores, 1984.

(1ª ed. de fevereiro de 1984, reeditado posteriormen-
te com o título de Mini Dicionário Luft)

3.3 Da busca por um dicionário padrão

Se entendemos o dicionário monolíngue ou dicionário de língua como aquele que contém mais informações sobre a língua do que sobre a realidade extralingüística (Barbisan, 1980:3), o dicionário padrão é aquele que, tratando mais da língua, também cumpre a função de ser um instrumento normativo para o uso e a significação das unidades da língua.

língua.

Neste sentido, o dicionário padrão é aquele que tem o prestígio conferido pela comunidade intelectual, o que lhe permite tornar-se autoridade sobre quaisquer dúvidas quanto ao uso padrão ou normatizado da língua. Por isso, é que alguns países têm o seu dicionário oficial, um dicionário padrão que serve de autoridade lingüística. Na Alemanha, há o Duden; na Espanha, o Dicionário da Real Academia. Já no Brasil, por outro lado, verificamos que o prestígio do Dicionário Aurélio sobrepujou a oficialidade do Dicionário da Academia Brasileira de Letras.

Assim, após fazermos o levantamento cronológico da produção dicionarística brasileira de seus primórdios à atualidade, é nosso objetivo aqui tratar sobre os dicionários de língua que tiveram ou buscaram de algum modo o estatuto de dicionário padrão, já que este tipo de dicionário oferece os parâmetros básicos que orientam a lexicografia monolíngüe.

Conforme Woll (1990:1731), o primeiro lexicógrafo da moderna tradição portuguesa é Antonio Morais Silva. Por ocasião do Centenário da Independência do Brasil, publicou-se edição fotografada da sua obra de 1813, o que seria o fato indicador da sua "reintegração oficial" ao repertório

rio lexicográfico nacional.

Mas, o que viria a ser realmente um dicionário padrão de língua?

"Um dicionário geral de língua (ou padrão) tende a exercer um papel normativo dentro da comunidade dos falantes" - esta é a opinião de Biderman (1984:28). Para esta autora, este tipo de dicionário tem cerca de 50.000 verbetes e possui um repertório léxico que nenhum falante utilizará totalmente. Assim, além do registro da riqueza vocabular, observa-se, em certa medida, um prestígio do dicionário entre os falantes que o têm como autoridade máxima e até indiscutível sobre o uso padronizado de sua língua.

Certamente, por ter sido alvo de edição comemorativa em 1922, o dicionário de Moraes teve, ao menos entre a comunidade intelectual, este estatuto, tendo sido indiretamente considerado como um dicionário oficial ou padrão.

Sucedendo à obra de Moraes, indicamos um provável dicionário de língua, o Dicionário da Língua Brasileira (vide 3.2) de 1832. Infelizmente isto não pode ser concretamente verificado, pois dele só sobraram poucas referências.

Assim, como primeira iniciativa lexicográfica nacional monolíngüe restaria a obra de Antonio Joaquim de Ma-

cedo Soares, indicada inclusive por Woll (1990:1731), publicada de 1875 até 1888. Esta, contudo, apresenta-se como um trabalho bastante irregular que poderia ser considerado como um dicionário de brasileirismos. Sua versão original vai apenas até a letra C e tem a proposta de ser, conforme o prefácio, "um elucidário etimológico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou neles vêm com forma ou significação diferente".

Neste sentido, mesmo considerando-se sua versão ampliada, vê-se no dicionário de Soares que, por exemplo, o verbete faca, termo da língua comum, não é registrado, havendo indicação apenas para faca de rastro; por outro lado estão arrolados abajur, aboliconismo, abade, etc. Em 1954 houve reedição do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa pelo Instituto Nacional do Livro, corrigida, revista e completada pelo filho do autor, Julião Rangel de Macedo Soares, em dois volumes de A a Z.

Ora, como à sucessão de um reconhecido dicionário pode candidatar-se um dicionário de brasileirismos? Certamente a sucessão é apenas cronológica. Neste sentido, observa Cunha (1989:11) que, nas primeiras décadas deste século, a tônica da lexicografia brasileira foi uma caracterização das divergências entre as modalidades lusitana e

brasileira da língua. Com este propósito foram publicados dezenas de glossários de regionalismos e estudos sobre palavras de origem africana ou indígena ou sobre a incorporação de galicismos. Pelo arrolamento bibliográfico na seção 3.2, podemos considerar que a grande maioria das obras, desde 1821 até pelo menos 1931, opera neste sentido. Exceções à regra são o próprio Moraes (1813), Faria (1861) e o Dicionário Prosódico (1890), pois são obras que focalizam a língua portuguesa como um sistema maior, aliando as variantes regionais a um todo mais abrangente.

Como proeminentes representantes desta "tônica" regional-gramaticista cabe destacar, entre outros, o Dicionário de Vocábulo Brasileiro de Beaurepaire-Rohan de 1889. Esta obra, dedicada a D. Pedro II, tenta na verdade fazer uma crítica das colocações de outros autores quanto às definições de termos. É ilustrativo neste sentido o verbete rejeito:

" rejeito.s.m. (R.Gr. do S e Pará) nervo tendão da perna do boi. Cortado, ele não pode mais caminhar. Quando se trata do cavalo, o rejeito toma o nome de garrão (Coruja). // Etim. Pensa o Sr. Coruja que rejeito e rejeitar são corruptelas do português jarrete e jarretear ou desjarretear. Não duvido que assim seja".

Neste exemplo, vemos que Beaurepaire-Rohan, como aliás ele mesmo adverte no prefácio da obra, preocupa-se,

em alguma medida, com a síntese ou revisão de outros autores preocupados com o cadastramento de variantes diaatópicas. Entretanto, esta não é característica geral da obra, como podemos ver abaixo no verbete bonde:

" Bonde, s.m. carro do sistema americano, que, por meio de tração animal, percorre sobre trilhos de ferro, as ruas, as estradas. O estabelecimento deste sistema de rodagem no Rio de Janeiro, no ano de 1868, coincidiu com uma grande emissão de bonds do tesouro público, objeto que ocupava então a atenção de todos. Houve quem se lembrasse de dar o nome de bonde a esses veículos, e esse nome foi geralmente adotado. Hoje há empresas de bondes em quase todas as províncias do Brasil".

Uma obra bastante utilizada por Rohan no Dicionário de Vocábulo Brasileiro é a Coleção de Vocábulo e Frases usadas na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul de A. Pereira Coruja, publicada na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1852, com reedição em 1863 no Rio de Janeiro. Apesar do seu enfoque regionalista, o dicionário Rohan refere no seu prefácio que utilizou também a obra do frei Domingos Vieira (1871-74).

Obra similar à de Rohan é a de Jerônimo Azevedo de 1911-12, embora com um enfoque diferenciado, já que não se detém apenas em regionalismos. É na verdade uma discussão sobre as diferentes definições nos maiores e mais importantes dicionários da sua época. Esta obra infelizmente foi

apenas até a letra A, terminada com o verbete adicional. Já, o verbete abrir, por exemplo, ocupa cinco páginas da obra (p.266-270), revelando a dimensão da discussão que, como se vê, tornou uma obra de cerca de 950 páginas algo pequeno para comportar tanta análise lexicográfica. Azevedo tece importantes considerações sobre a estruturação da significação de determinados verbetes, comparando os dicionários de Morais, Bluteau, Cândido de Figueiredo e outros.

Segue-se à obra de Rohan, o trabalho de Taunay, publicado de 1909 até 1926, o qual procurou ser um "complemento aos grandes dicionários da língua, averbar indistintamente todos os termos ainda não inventariados pelos lexicógrafos (...) sem preocupação alguma de ordem filológica" (Taunay:1914, p.110). Taunay utilizou um corpus de nomes de plantas e de animais, autores nacionais e jornais, procedimento bastante adotado atualmente em lexicografia e terminologia.

Conforme Almeida (op.cit.p.271), Taunay publicou apenas cinco obras, sendo três na França e duas no Brasil. Os títulos de suas obras indicam a linha de seus trabalhos: Léxico de termos Técnicos e Científicos ainda não Apontados nos Dicionários da Língua Portuguesa (Brasil, 1909), Coletânea de Falhas (Paris, 1914), Vocabulário de Omissões (Brasil, 1924) e Reparos ao novo Dicionário de Cândido de

Figueiredo editado na França em 1926. Parece ser preocupação central de Taunay preencher lacunas lexicográficas e colaborar com a elaboração de futuros dicionários da língua portuguesa.

São exemplos da obra de Taunay os verbetes abaixo transcritos de Léxico de Lacunas:

"Bacharelismo, s.m. Regime em que preponderam os bacharéis, do sofisma e da falta de senso prático. E esta a acepção geralmente dada ao termo no Brasil".

"bolinar, v.i. (chul) Perseguir mulheres em público".

"Bomba, S.f. Tubo por onde se aspira a infusão de mate. Cf. Dic. de Brasileirismos de Leão".

"Bomba, S.f. (gír) Reprovação em exames".

Na linha mais voltada aos regionalismos ou brasileirismos, encontra-se a obra de Teschauer, publicada de 1912 até 1929. De acordo com Almeida (op.cit.p.273), o autor dedicou-se a apostilar o Dicionário de Vocábulos Brasileiros de Beaurepaire-Rohan. Em 1928, Teschauer enfeixou as três séries de apostilas (de 1912, 1918 e 1923) no Novo Vocabulário Nacional, com 952 páginas, em cujo prefácio declara não ter utilizado apenas Rohan, mas também o Dicionário Caldas Aulete e o de Cândido Figueiredo. Nesta obra de Teschauer, observamos também uma significativa irregulari-

dade de registros - não há entradas para faca ou lâmina, mas há para facada; não ocorre remar ou remédio, mas há entradas como engenho, açude, abajur, etc. Reproduzimos abaixo o verbete engenho, representativo da organização microestrutural do dicionário:

"Engenho.sm. estabelecimento agrícola próprio para fabricar açúcar e aguardente. "Na província de Paraná, onde não há por hora engenhos de açúcar, dão esse nome aos estabelecimentos dotados de máquinas e aparelhos próprios para moer a congonha com que se fabrica o mate" (Beuarepaire-Rohan)".

É importante observar que em 1889 Rohan já declarava no prefácio de sua obra que:

"Não nos faltam certamente dicionários, mas cada autor indica um modo de escrever e pronunciar diverso dos outros. Parece que a língua portuguesa não tenha ainda um dicionário oficial, que nos sirva de autoridade".

Apesar disto, observamos em 1929, com a obra Teschauer, a busca do dicionário oficial ainda configurando-se, pois, se por um lado havia a percepção desta necessidade; por outro, a produção lexicográfica era bastante irregular, via de regra muito ocupada com o registro de brasileirismos, não sendo capaz de reconhecer em Moraes o representante por excelência do dicionário de tipo padrão.

Para Woll (op.cit.p.1731), é apenas na década de 30

que surgem os dois primeiros promissores dicionários gerais no Brasil. O primeiro deles é o Pegueno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de 1938, elaborado por um grupo de filólogos. Este dicionário, embora tenha um acento regional diferenciado, constitui a "primeira tentativa de um dicionário genuinamente brasileiro" (nota da editora), não excluindo o português europeu. Esta obra teve sucessivas edições com uma equipe bem variada de colaboradores, especializados ou não - entre os quais o poeta Manuel Bandeira. Conforme Woll, é especialmente a última edição do Pegueno Dicionário, de 1961, com a colaboração especial de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a que se encontra melhor elaborada quanto a definições, sememas e indicações terminológicas.

A segunda obra da década de trinta indicada por Woll é o Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire, editado em 1939 até 1944. Para Chaves de Melo (op.cit. 69-71), é o primeiro grande dicionário feito no Brasil, pois tem em mira principalmente a riqueza vocabular e a frequência de abonações. Do ponto de vista técnico, traz ainda a inovação de numerar as diferentes acepções. Em contrapartida, como aliás é característica do autor, Chaves de Melo não deixa de registrar críticas à obra como, por exemplo, abaixo indicamos:

"Começo por dizer que o dicionário é bem menos valioso do que o faz crer uma propaganda interessada ou apaixonada. Não são pequenos os defeitos que se podem apontar no polpudo Léxico (...) Preocupados os autores com a riqueza vocabular e de acepções, arrolam palavras talvez ainda não entradas na língua (no campo da terminologia científica) e, principalmente, incluíram não raro acepções inexistentes". (Chaves de Melo, 1947,:71)

Além desta, o autor faz ainda muitas críticas ao Dicionário de Laudelino Freire, especialmente as de ordem técnica, como o procedimento de não distinguir regionalismos e brasileirismos, assim como a indicação de locuções substantivas na mesma entrada de dado substantivo; Gladstone Chaves de Melo considera que cada locução deveria compor verbete à parte.

Quanto às incorporações portuguesas ao repertório lexicográfico brasileiro, isto é, edições brasileiras de obras portuguesas, vale citar o conceituado dicionário Caldas Aulete. O Aulete ou Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa é de 1881, mas o "Aulete brasileiro" foi publicado em 1958 pela editora Delta em cinco volumes. Para Biderman (1984:7), essa versão tem muitos defeitos, pois embora pretendesse ser mais completa que o primeiro Aulete, trazendo o acréscimo da abonação de escritores brasileiros e brasileirismos, caracteriza-se pela má indicação de autores e deficiente revisão gráfica. Deste dicionário, Almei-

da (1988:84) indica uma edição brasileira já em 1884 pela B.L. Garnier em dois volumes, infelizmente não localizada para análise.

A edição brasileira (com acréscimos), considerada 4ª edição, se ignorada a de 1884, foi "atualizada, revista e consideravelmente aumentada pela introdução dos vocábulos em uso no Brasil" (nota da editora). A elaboração é de Hamílcar Garcia, havendo nela um estudo sobre a origem da língua portuguesa e uma exposição da pronúncia brasileira feitos por Antenor Nascentes.

Dado o reconhecimento da versão portuguesa original deste dicionário, apontado também por Chaves de Melo (1947: 43-44), considerando que o grande valor do Aulete (em sua 2ª edição) está nas definições - "claras, exatas, concisas e esplendidamente redigidas", poder-se-ia imaginar que fosse este o dicionário talvez mais utilizado ou adotado como padrão no Brasil. Em certa medida, isto aconteceu no início dos anos 60.

Fato semelhante já havia ocorrido em 1860, mesmo antes, em 1857, quando houve edição brasileira do Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Eduardo Augusto de Faria de 1840. Há no Brasil inclusive edição de 1861 com dois volumes, que o autor, de passagem pelo país, resolveu publicar.

Chaves de Melo (1947:31-34) considera a obra de Faria algo nada recomendável. Para ele, o "Dicionário de Faria não tem valor", dizendo ainda que o autor, "que era mais cavalheiro de indústria que intelectual", não teve método nem critério ou inteligência ao compilar trabalhos anteriores. Quanto à edição brasileira, o crítico é também bastante corrosivo ao chamá-la de "falcatrua literária" ou mesmo ao considerar ridículas e grotescas algumas indicações etimológicas.

Assim, como podemos observar, a edição brasileira de obras portuguesas não causou bom efeito entre a crítica mais especializada.

Uma iniciativa lexicográfica digna de registro é o Dicionário Brasileiro Contemporâneo de Francisco Fernandes com colaboração de F. Marques Guimarães. Esta obra teve sua primeira edição em 1953 com impressões até 1956. Houve segunda edição em 1969 com sucessivas reimpressões até 1991. É de 1991 a 18ª edição (ou reimpressão?) com revisão de Celso Pedro Luft.

Com prestígio de autoridade apareceu, em 1961-67, o dicionário de Antenor Nascentes para ser submetido à apreciação da Academia de Letras. Esta obra teve versão definitiva, em 1971, sob o título de Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras.

O Dicionário da Academia Brasileira de Letras é, conforme consta em seu prefácio, orientado pelo modelo do Dicionário da Real Academia Espanhola. Da primeira para segunda versão foram omitidas as informações prosódicas e alterados alguns verbetes em sua microestrutura, inclusive nas informações etimológicas.

Não deixa de ser curioso observar que, mesmo tendo havido uma sessão solene da Academia para definir que Nascetes executaria o projeto do dicionário idealizado por Afrânio Peixoto, o mesmo foi concluído em 1943, editado provisoriamente em 1961-67, para então, finalmente, ser publicado em 1971. Como se vê, entre a finalização de sua versão preliminar e a publicação definitiva passaram-se 28 anos.

Para Woll (op.cit.p.1732), o Dicionário da Academia Brasileira de Letras apareceu quase desnecessariamente, já que o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa vinha aperfeiçoando-se desde 1938 até 1961, principalmente com a colaboração de Aurélio Buarque de Holanda.

Segundo Chaves de Melo (1947:64), o Pequeno Dicionário iniciou "uma rápida e brilhante carreira", considerando-o como um "dicionário escolar por excelência, manual e passivo", cujo norte é a utilidade. Ao analisar a sua 6ª edição (de 1946), Chaves de Melo

(op.cit.p.66) estabelece que a obra progrediu sensivelmente no que diz respeito ao seu carácter utilitário e considera seu organizador, Aurélio Buarque de Holanda, "um dos mais autênticos valores em matéria de lexicografia".

Na verdade, se podemos pensar numa trajetória da busca de um dicionário padrão da língua, é o Pequeno Dicionário Brasileiro que melhor consegue, em si mesmo, descrevê-la, já que realmente não confundiu reimpressão com edição e procurou desde 1938 até 1961, de modo geral, aperfeiçoar macro e microestruturas.

Na esteira de um dicionário escolar, mas não propriamente de um dicionário padrão de língua, destaca-se o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno, cuja primeira edição é de 1956, tendo reedições até 1976. Este dicionário é, de certa forma, avaliado institucionalmente, já que, editado e distribuído pelo Ministério da Educação, foi amplamente utilizado em todo território nacional.

A partir da década de 40, multiplicaram-se os dicionários de língua no Brasil. Entre muitos, foram poucos aqueles que, além dos já anteriormente citados, tiveram alguma projeção entre a crítica especializada. Um dicionário que poderia ser destacado neste grupo de "menor projeção" é

o de José de Mesquita de Carvalho, o Dicionário Prático da Língua Nacional, cuja primeira edição é de 1946. Esta obra teve 12 edições até 1968 quando dobrou seu número de volumes, de dois para quatro.

Na década de 70, o dicionário mais referendado pela crítica é o Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Este é o dicionário mais popular até os dias de hoje no Brasil, sendo sua primeira edição de 1975. Conforme Biderman (1984:7), foi baseado numa versão anterior - o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua portuguesa. Almeida (op.cit.p.123) indica que do Novo Dicionário foram tiradas sucessivas impressões (pelo menos 15 até 1985) sem que a editora registrasse a data, referindo sua segunda edição como sendo de 1986.

O mérito do Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Dicionário Aurélio, Aurélio ou "Aurelião") é reconhecido de diversas maneiras. Houaiss (1990:20) reconhece este mérito em termos de quantificação de entradas - em torno de 115 mil palavras. Biderman (1984:7-9) considera que o Aurélio é um dicionário que se aproxima do tipo thesaurus no que diz respeito ao número de entradas. Para esta autora, o Aurélio "chega a lembrar a configuração do Cândido Figueiredo", mas distancia-se dele no que diz respeito à menor seriedade e probidade no tratamento de muitos verbetes, como aqueles que descrevem a terminologia técnico científi-

ca.

Em verdade, o Dicionário Aurélio mereceria um grande espaço de análise, mas, dado o objetivo maior deste estudo, limitamo-nos apenas a algumas considerações.

Para Biderman (1984:28), na sociedade brasileira contemporânea, o Aurélio vem exercendo a função de um dicionário tipo padrão há uma década. Afirmando que o Aurélio assumiu o papel de norma lingüística em virtude de não existir uma obra de mesmo tipo e melhor elaborada que concorresse com ele, uma vez que toda nação civilizada contemporânea carece desse instrumento cultural. Biderman também aponta como fator contribuinte para este "status" do dicionário o fato dele se restringir a um único volume.

Embora tenha alcançado o "status" do dicionário padrão, várias são as críticas que se fazem ao Dicionário Aurélio. Barbisan (1980), por exemplo, ao tratar das relações paradigmáticas de sinonímia do Novo Dicionário (e também no Dicionário da Academia Brasileira de Letras) concluiu ser praticamente inexistente a informação sobre as relações paradigmáticas de sinonímia como material lingüístico. Além disso, quanto às relações sintagmáticas, Barbisan aponta falta de sistematicidade, sendo seu estudo restrito à classe dos verbos.

Quanto à pertinência das acepções no Dicionário Au-

rélio, temos o trabalho de Krieger (1980) que, analisando semicamente um conjunto de verbetes substantivos, concluiu que "as acepções, propostas em cada verbete, não correspondem, em sua totalidade, a significados distintos da palavra entrada" (Krieger, 1980, p.202). Entre dezesseis verbetes analisados pela autora, em onze deles a divisão por acepções foi considerada inadequada. Fora isso, Krieger também concluiu que "muitas das definições são formuladas por expansão, entretanto não configuram a significação básica" que, na ótica do seu trabalho, "corresponde à indicação de uma categoria semântica geral e de diferenças específicas".

Mas, independentemente de defeitos, o dicionário Aurélio assume grande importância na sociedade brasileira, tendo deixado, após a morte do autor, um certo vácuo no panorama lexicográfico nacional. A exemplo de muitos dicionários estrangeiros, que sobreviveram à morte de seus autores, o Dicionário Aurélio é certamente um patrimônio que mereceria o investimento de reedição revisionada e atualizada; é um trabalho construído desde a época do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa que necessitaria de lapidações, reparos e acréscimos para que continuasse ocupando seu importante espaço na cultura nacional.

Além do Dicionário Aurélio, muitos outros também constroem a trajetória lexicográfica brasileira. Importantes editorias internacionais como a Enciclopédia Britânica

e a editorial Larousse publicaram dicionários monolíngües no Brasil, ou melhor, patrocinaram obras nacionais. Entre estas cabe citar o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional editado pela Mirador Internacional Enciclopedia Britânica do Brasil e Companhia Melhoramentos em 1975 em 2 volumes. Esta obra teve 9 edições até 1987 quando houve o acréscimo de mais um volume; em 1990, registra-se a 12ª edição deste dicionário com plano estrutural e coordenação de Adalberto Prado e Silva entre outros; sendo indicada a colaboração lexicográfica de Francisco da Silva Borba.

Woll (1990:1732) considera como "variante nacional do Petit Larousse Illustré" o Pequeno Dicionário Enciclopédico Kooqan Larousse de Antonio Houaiss pela Editorial Larousse do Brasil em 1979. Esta obra, de caráter enciclopédico, teve reedições (ou reimpressões?) em 1980, 81, 82, 84 e 87.

Um filão mais atual (e rentável) da lexicografia tem-se voltado principalmente para os minidicionários, dicionários de bolso ou dicionários escolares. O dicionário Aurélio em sua versão "mini" (Minidicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. 506p.) vinha ocupando majoritariamente este segmento do mercado editorial, já que muitos professores em todo país o adotam para uso em sala de aula. Mais recentemente, contudo, encon-

tram-se outros concorrentes no mercado como o Minidicionário Luft (uma nova versão do Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa de C. P. Luft de 1984) e o Minidicionário Enciclopédico Kooqan Larousse de A. Houaiss.

Uma das mais novas publicações brasileiras na área dicionarística em 1991 é o Dicionário Brasileiro Globo, indicado como 18ª edição, de Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft e F. Marques Guimarães. Almeida (op. cit. p.82) registra a 1ª edição de 1984 e a 3ª de 1985. Como seu "copyright" é de 1952, chegamos à conclusão de que esta, na verdade, é um reedição do Dicionário Brasileiro Contemporâneo de Francisco Fernandes com a colaboração de F. M. Guimarães, com pequenas alterações da 2ª. edição (com reimpresão em 1953, 54, 56 e 1970).

Como se vê, ainda tenta-se preencher o espaço ocupado pelo Dicionário Aurélio de algum ou de outro modo.

Quanto às iniciativas de novos projetos, Woll (op.cit.p.1733) destaca o dicionário com banco de dados iniciado por Antonio Houaiss, o Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Houaiss (1990:p.19) intitula-o Dicionário Lexicográfico da Língua Portuguesa e o define diferenciadamente dos dicionários já existentes pelo fato de vir com a datação das palavras:

"o fato de você dar a origem da palavra em

minúcias, permite que o usuário a apreenda com maior peso, fixação (...) este dicionário propõe que o usuário leve o estudo da língua um pouco mais aprofundamente (...). Meu projeto sempre previu o máximo de economia", (p.20-21)

Este projeto teve seu início em 1985 e, dadas as condições de patrocínio, talvez seja finalizado em 1994. Quanto à equipe de colaboradores e à condução do projeto, Houaiss declara que tem trabalhado com uma equipe pequena, preferindo colaboradores que não tenham qualificação demasiada, já que entende que "um mestre muito qualificado pede uma série de subordinados a ele" (op.cit.,p.22). Assim seus colaboradores são "não raro autodidatas".

Quanto à compreensão do português falado nas ex-colônias como Macau e Angola, o organizador do projeto diz que, uma vez documentadas pela escrita, de uma forma ou de outra, serão registradas as palavras em vias de desaparecer na Índia, as palavras em processo de incorporação em Angola, em Moçambique, em Cabo Verde, Guiné Bissau e em São Tomé e Príncipe; as diferenças de uso, e os sentidos diferentes no Brasil e em Portugal.

Assim, vê-se que a produção de dicionários de língua no Brasil se muitas vezes caminha a passos curtos, outras vezes elabora projetos bastante ambiciosos, voltando, não raro, ao seu próprio passado. Mesmo assim, podemos

considerar que o Dicionário Aurélio, produto de uma evolução constante desde o Pequeno Dicionário Brasileiro de 1938 até 1961, ocupa até hoje, apesar de suas falhas, a posição de dicionário oficial brasileiro. Além disso, pode-se dizer, pelo menos até a década de 30, que foram produzidos muito mais dicionários de brasileirismos ou de peculiaridades regionais, embora de modo geral fosse reconhecida a necessidade da construção de um dicionário oficial ou padrão de língua.

Contudo, podemos dizer que ainda hoje nos falta um dicionário padrão institucionalizado. Isso porque o dicionário "oficial" da Academia pouca expressão tem frente à importância cultural do "oficializado" Dicionário Aurélio. Ainda assim, parece-nos que seria necessário o empenho e o investimento governamental para que pudéssemos, um dia, realmente vir a ter um dicionário padrão brasileiro.

Daí a importância também de se recuperar a história da lexicografia nacional, já que este conhecimento pode contribuir para a avaliação e direcionamento de investimentos nesta área. Além disso, entendemos que os estudos de lexicografia teórica podem contribuir em grande medida para a definição das características de um dicionário padrão brasileiro.

A partir também deste breve relato histórico, serão

determinados a seguir os dicionários de língua para a descrição de suas configurações microestruturais.

3.4 Seleção de dicionários para análise

Com base também no arrolamento de obras do item 3.2, procuramos delimitar um conjunto de obras, visando à análise. A partir do conjunto maior, a escolha baseia-se nos seguintes princípios:

- 1) Selecionar as obras consideradas como dicionários de língua; são excluídas, deste modo, as de cunho enciclopédico, dicionários de regionalismos ou dicionários gramaticais. Neste sentido, ficam excluídas as obras intituladas "dicionário enciclopédico" ou "dicionário gramatical";
- 2) Serão analisadas somente as obras disponíveis em bibliotecas públicas ou particulares da cidade de Porto Alegre;
- 3) Serão utilizadas apenas obras de edição nacional, havendo apenas exceção para a de A. Morais Silva. Incluem-se ainda obras portuguesas desde que possuam edição brasileira;
- 4) Será excluída aquela obra que não possuir a maioria dos verbetes selecionados (adaça, cutelo, cutela, faca, navalha, punhal, trincha, trinchante; conhecimento, inteli-

gência e sabedoria);

- 5) Serão desprezadas as obras intituladas "minidicionário";
- 6) A escolha das obras deve cobrir o período compreendido entre 1813 e 1991, já que, com base na seção 3.2, constitui a quase totalidade da produção de dicionários no Brasil;
- 7) Serão utilizadas obras referendadas em catálogos ou estudos crítico-históricos, valendo isto sobretudo para a produção lexicográfica a partir de 1930;
- 8) Não será utilizada necessariamente a primeira edição de cada obra; a distribuição cronológica do número de edição (ou impressão) também deve coincidir com a definição do período entre 1813 e 1991, respeitado o princípio de disponibilidade da obra para consulta.

Assim, passamos, a seguir, a justificar a inclusão ou exclusão das obras do arrolamento do item 3.2, citadas em 3.3, bem como o número de edição:

- Silva, Antonio Moraes. Dicionário da Língua Portuguesa, será utilizada a 2ª edição de 1813, já que é reconhecida como a mais fiel aos propósitos do autor. Utilizaremos o fac-símile da 2ª edição de edição comemorativa de 1922, publicado no Brasil, pois apenas este é disponível para consulta;

- Paiva, Manoel Joaquim H. de. Dicionário de Botânica, excluído pelos princípios nºs 1 e 2.

- as obras arroladas em 3.2 entre 1819 e 1853 serão todas excluídas pois não são disponíveis para consulta. A obra Adagiário Gaúcho de 1848-49 encontra-se para consulta, mas não obedece ao princípio nº1.

- Novo dicionário da Língua Portuguesa de Eduardo de Farias, será incluído na análise em sua edição brasileira de 1861;

- Dicionário Gramatical Português de 1865 - excluído pelo princípio nº1 e nº2

- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, considerado em sua edição de 1954, fica excluído pelo princípio nº4;

- as obras arroladas entre 1877 e 1884 são excluídas pelo princípio nº2;

- as obras de Beaurepaire-Rohan (1883 e 1889) ficam excluídas pelo princípio nº4;

- as obras arroladas entre 1872 (Vocabulário Indígena) e 1889 (Neologismos indispensáveis) são excluídos pelo princípio nº2;

- o Dicionário Prosódico de 1890 com edição luso-brasileira será incluído na análise, já que talvez seja a primeira

tentativa de dicionário para uso comum de portugueses e brasileiros. Apesar do título, a obra contém a grande maioria dos verbetes em foco e apresenta características de dicionário de língua;

- Dicionário da Língua Geral do Brasil de 1881, fica excluído pelo princípio nº2;

- as obras de Taunay (1909), de Goes (1881-1934) e de Garcia (1915) são excluídas da análise pelo princípio nº2; a obra de J. Azevedo (1911-12), pelo nº 4;

- o Novo Dicionário Nacional de C. Teschauer fica excluído pelo princípio nº 4;

- as obras Dicionário da Língua Luso-Brasileira (1930) e Vocabulário de Alqibeira (1931) ficam excluídas pelo princípio nº 2;

- será analisada a obra Pegueno Dicionário Brasileiro, que não é excluída por nenhum dos princípios, em sua 8ª edição de 1949 - revisto na parte geral por Manuel Bandeira e José Baptista da Luz - da editora Civilização Brasileira. Sendo esta obra também indicada por Woll e outros autores citados na seção 3. Não foi encontrada edição anterior.

- o dicionário de Laudelino Freire (1940-44) será analisado por respeitar todos os princípios de seleção em sua 1ª

edição;

- a obra Dicionário Prático de Língua Nacional de J.M. de Carvalho de 1ª edição de 1946 será analisada em sua 19ª edição de 1969. O grande número de reedições desta obra também contribuiu para sua inclusão na análise;

- o Dicionário Brasileiro Contemporâneo de F. Fernandes, cuja 1ª edição é de 1953, será incluído na análise, sendo tratada a sua versão mais atual intitulada Dicionário Brasileiro Globo indicado como 18ª edição em 1991 pela editora Globo, com revisão de C.P. Luft;

- o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa de Francisco da Silveira Bueno será incluído por tratar-se de obra com aval do Ministério da Educação, distribuído por isso com ampla tiragem no Brasil. Será utilizada a sua 7ª edição de 1970;

- o Dicionário Caldas Aulete será aqui tratado em sua 4ª edição (brasileira) de 1958, teve a colaboração de H. Garcia e A. Nascentes;

- a obra de Afonso Zúquete fica excluída pelo princípio nº 2;

- o Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos, de Adalberto Prado Silva, é excluído da análise pela coincidência temporal de sua publicação com a 1ª versão do Dicionário da Aca-

demia Brasileira de Letras (1961-67);

- as duas obras de A. Nascentes (1961-67 e de 1972), como envolvem a Academia Brasileira de Letras, não poderiam deixar de ser aqui incluídas para análise, dada a sua notoriedade e inclusive referência em bibliografia crítica. Embora seja uma versão da outra, serão analisadas as duas separadamente;

- o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional de 1975, embora não seja referendado em bibliografia crítica, será aqui tratado por ser entendido como um trabalho de importante editoria internacional, a Enciclopédia Britânica. Além disso sua organização ficou a cargo de Adalberto Prado Silva;

- da obra de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira será utilizado o Novo Dicionário da Língua Portuguesa em sua 15ª impressão que é provavelmente de 1985;

- a obra de A. Houaiss (1979) fica excluída pelo princípio nº1;

- o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa de C. F. Luft, embora não tratado por crítica especializada, será aqui incluído por representar a base da tendência editorial dos "minidicionários".

Assim, na tentativa de abarcar o período cronológi-

co entre 1813-1991, serão analisadas neste estudo 14 obras, dando-se cobertura, dentro dos princípios apresentados, ao seguintes anos: 1813, 1861, 1890, 1940, 1949, 1958, 1961-67, 1969, 1970, 1972, 1975, 1984, 1985 e 1991.

Como se vê, a seleção por número da edição passa a ser um princípio que serve também ao objetivo de cobertura histórica.

4 - FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

Apresentamos, a seguir, os pressupostos básicos da teoria sobre a estruturação do texto lexicográfico desenvolvida pelo Prof. H.E. Wiegand, da Universidade de Heidelberg, uma vez que ela constitui a base da nossa análise dos dicionários. Em seguida, passamos ao embasamento da sua proposta para a tipologia microestrutural de dicionários de língua, construída a partir do trabalho de J. R. Debove de 1971. Por último, apresentamos a sua classificação tipológica de verbetes.

4.1 Pressupostos teóricos

A análise dos aspectos microestruturais dos verbetes correspondentes ao campo conceptual dos "objetos cor-
tantes" e dos "atributos humanos não físicos", será condu-
zida de acordo com os princípios teóricos desenvolvidos por
Wiegand. Estes são apresentados principalmente em dois ar-
tigos publicados na obra Dictionaries—An International
Encyclopedia of Lexicography (1989), intitulados Components
Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: A
Survey (36:328-360), em parceria com F.J. Hausmann, e Arten
von Mikrostrukturen in allgemeinen einsprachigen Wörterbuch
[tipos de microestruturas no dicionário geral de língua]
(39:462-501).

Para o autor (36:328-329), o dicionário geral de
língua é o principal componente de uma teoria da lexicogra-
fia monolíngüe. Numa perspectiva textual, o dicionário,
termo que significa no artigo citado "dicionário geral mo-
nolíngüe", tem duas dimensões: a dimensão do texto-livro e
do texto-lista de palavras. A dimensão da lista constitui a
parte principal do texto-livro. Ambas as dimensões apresen-
tam subestruturas.

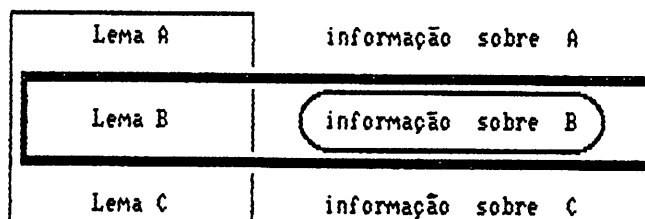
A dimensão da lista de palavras possui várias uni-
dades importantes e estruturas constituintes, sendo a uni-
dade básica do dicionário o enunciado lexicográfico, que é

constituído de um tema ou tópico (o definiendum) e um comentário (a definição), onde, segundo o autor, estabelece-se uma relação entre forma e informação.

O item mais importante no dicionário monolíngüe é a definição, sendo que nele pode haver centenas de outros tipos de informação ou itens. No interior do enunciado lexicográfico, a informação relaciona-se ao tema através de um procedimento que o autor designa "procedimento de endereçamento", onde cada item ou unidade de informação é "endereçado" a uma forma chamada endereço ou localização (que é o tema).

Assim, o lema ou entrada é o endereço ou localização mais importante, pois pertence à estrutura de acesso do dicionário. Tal estrutura pode exceder a dimensão da lista de palavras se a obra tiver outros tipos de listas, caso de topônimos, abreviaturas, etc.

Segundo Wiegand, o conjunto ordenado de todos os lemas de um dicionário constitui a sua macroestrutura, que pode ser maior que a dimensão da lista de palavras; o lema é o conjunto de itens de informações que lhe são endereçados formando o verbete do dicionário. A estrutura da informação no interior do verbete é tradicionalmente chamada de microestrutura. Tal conjunto pode ser visualizado no esquema que segue:



Nesta visualização simplificada, está a proposta clássica para a ordenação do dicionário, tal que \square = macroestrutura, \square = verbete e \circ = microestrutura (Wiegand, 1989, 36:329)

Mesmo considerando a microestrutura como a estrutura mais importante na organização do verbete, o autor não concorda com a sua delimitação tradicional. Assim, a microestrutura não se restringe à informação no interior da entrada, mas corresponde a toda ela, incluída a indicação do lema. Este último, é indicado como sendo uma representação arbitrária, funcionando, conforme podemos inferir, como um ponto de intersecção entre macro e microestrutura, já que pertence às duas dimensões.

Desta forma, a lematização refere-se à seleção de uma única forma morfológica, cuja função na macroestrutura

é representar o conjunto total das formas gramaticais e morfológicas do signo lingüístico tratado na microestrutura (op.cit.p.329).

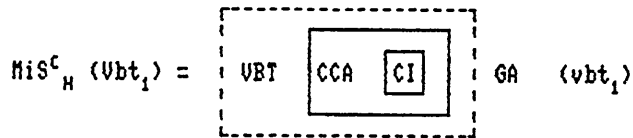
A proposta de Wiegand consiste basicamente em uma descrição da microestrutura em termos hierárquicos. Ele próprio a designa um "caminho intermediário" entre uma representação rigorosamente formal e uma simples descrição informal. O modelo formal subjacente à sua proposta constitui-se sobre a base da grandeza axiomática, em que um tipo de estrutura é um número de condições (axiomas) que a caracterizam. Como classes formalizadas de elementos (indicações) caracterizam uma dada estrutura, a microestrutura do dicionário é entendida como um conjunto formado por classes de indicações de informação, que são decomponíveis em constituintes, ordenados hierarquicamente numa relação de parte-todo e de precedência - consequência.

Sua proposta tem como ponto de partida o princípio matemático da estruturação de conjuntos desenvolvido por Bourbaki (1957), segundo o qual uma dada estrutura genérica é representada como sendo constituída por subconjuntos. O termo estrutura é entendido como o conjunto de elementos entre os quais, ao menos, uma relação é definida.

O axioma básico para a microestrutura é representado da seguinte forma:

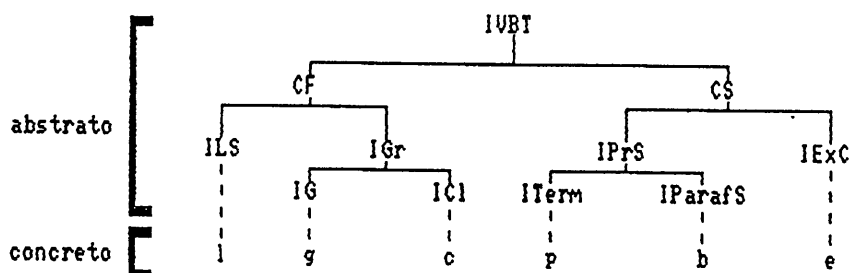
$$MiS^c_H (Vbt_1) = \langle G_A (Vbt_1); CCA, CI, VBT; R_{pc}, R_{pt} \rangle$$

Tal axioma pode ser lido como: a microestrutura concreta e hierárquica (MiS^c_H) do verbete (Vbt_1) é a grandeza (G_A), o conjunto das classes abstratas das indicações de informação (CCA), a classe da indicação (CI) e a indicação do verbete como indicação maior (VBT). Conjugadas todas as grandezas numa relação de precedência-conseqüência (R_{pc}) e relação de parte-todo (R_{pt}), cuja representação formal pode ser a seguir visualizada:



Wiegand estabelece uma diferença de nível entre microestrutura hierárquica concreta e abstrata. Uma microestrutura abstrata é um grandeza composta por grandezas de indicações (um conjunto de classes de indicações). A microestrutura concreta é então formada por um sistema de elementos que compõem estas classes de indicações. Assim, os elementos de $GA(Vbt_1)$ configuram, como vê-se a seguir⁽³⁾, classes de indicações:

(3) Diagrama cfe. Wiegand (1989, 39:466) com nomenclatura e configuração adaptadas ao português.



Nessa representação, CF é o comentário formal, ILS é a indicação do Lema-signo, IGr é a indicação gramatical com IG para indicação de gênero e ICl indicação de classe gramatical; CS é o comentário semântico constituído por IPrS (indicação pragmático-semântica), ITerm é a indicação terminológica, IParafS a indicação de paráfrase do significado e IExC a indicação de exemplo de competência discursiva.

Naturalmente a estruturação anteriormente indicada aplica-se a substantivos, foco principal deste estudo. Contudo, vale salientar que CF e CS são grandes categorias de indicações que compõem a estrutura hierárquica básica. De acordo com o tipo de verbete, os subcomponentes de CF e CS apresentam-se constituídos por outros tipos de subclasses.

Dessa forma, a microestrutura hierárquica simples (s) é definida como segue:

$s \text{ MiSh} = \langle G_A; CCA, CI, IVBT, CF, CS; R_{cc}, R_{pt} \rangle.$

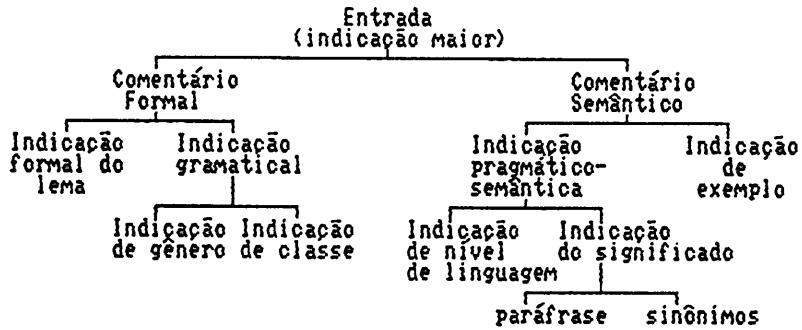
Nesta configuração, IVBT é a grandeza composta por todo o verbete no interior do dicionário (como conjunto de indicações); CF é a grandeza de todo o comentário formal do verbete, e CS é a grandeza de todo o comentário semântico do verbete. Sendo válido que: se $IVBT \in GA$, $CF \in GA$, $CS \in GA$, assim como $CF \cap CS = CF \cap IVBT = CS \cap IVBT = 0$

Quanto aos dois constituintes imediatos de IVBT, Wiegand diz que "qualquer verbete de dicionário que apresente uma estrutura básica hierárquica pode ser descrito em termos de uma estrutura nuclear esquerda e direita que a compõem", com a seguinte observação: "Esta constatação vale somente para aqueles verbetes de dicionários gerais de língua que são escritos da esquerda para a direita" (Wiegand 1989,39:471)

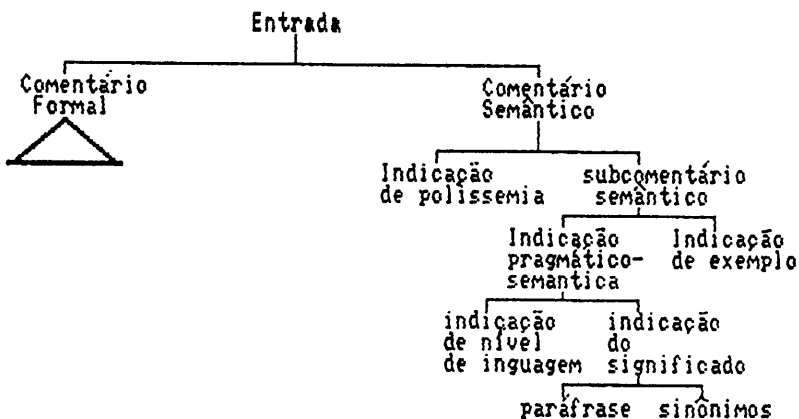
De acordo com esta proposta, microestrutura concreta e abstrata são isomórficas: no plano concreto, tem-se um dado tipo de indicação, no abstrato, constroem-se "etiquetas categoriais" que correspondem a classes de indicadores de informação do texto-verbete.

Para a efetivação deste trabalho, adotaremos a configuração microestrutural proposta por Wiegand (1989, 39:462-500), que a entende como um conjunto de indicações estruturadas hierarquicamente, sendo as diferentes indicações pertencentes a classes diferenciadas. "A estrutura da

informação no interior do verbete é chamada de "microestrutura". Adaptada à língua portuguesa, a representação de um verbete substantivo corresponderia ao seguinte diagrama:



Esta classificação, no caso do comentário formal, pode ser estendida a todas as classes gramaticais, expandindo-se ainda através de ramos destinados aos comentários não diretamente subordinados à indicação do significado, como categorias de pré-, inter- e pós-comentário, e indicações de polissemia. Tal expansão pode ser identificada abaixo:



4.1.1 Fundamentos da concepção microestrutural

A concepção de Wiegand parte de uma proposta desenvolvida por J. Rey-Debove (1971), que este autor designa "clássica". J. Rey-Debove concebeu a microestrutura de cada dicionário como sendo o resultado de um processo de escritura, no qual o lexicógrafo segue passo a passo um programa estabelecido de informação microestrutural, que consiste em tipos de informação precedencialmente ordenadas.

A microestrutura proposta por Rey-Debove (apud Wiegand 1989, 36:340-341) tem, resumidamente, os seguintes constituintes:

01) informação sincrônica - refere-se à pronúncia, acentuação, classificação de acordo com as partes do discurso, etc., ajudando a identificar a forma do signo e seu paradigma morfológico;

02) informação diacrônica - consiste da informação etimológica;

03) rotulação diassistemática - indica restrições de uso, marcações diatópicas, marcação diastrástica, rotulação terminológica, conotação, normatizações de uso;

04) informação explanatória - consiste da definição pro-

priamente dita;

05) informação sintagmática - é a informação sobre construção e funcionamento do signo, geralmente dada através de exemplos;

06) informação paradigmática - diz respeito a sinônimos, antônimos, parônimos e formação de palavras. Os sinônimos também podem fazer parte da definição;

07) diferentes tipos de informação semântica - são informações que funcionam como um complemento à definição propriamente dita - mostram a dependência da estrutura do verbete à estrutura do significado presumida do signo-lema.

08) notas - vários tipos de informações podem ser classificados como pertencentes a este item;

09) ilustração;

10) ordenadores - são marcadores (geralmente recursos tipográficos) que podem sinalizar áreas de busca, diferenças de aceção, etc;

11) remissões - indicam referências a outras partes do dicionário onde também aparece o signo-lema, as remissões também podem ser de natureza bibliográfica, como os exemplos retirados de obras literárias por exemplo;

12) símbolos de representação - normalmente o til (~) ou

travessões que indicam instruções de substituição.

A proposta de Wiegand é essencialmente baseada nesse esquema constitutivo, mas utiliza um método que possibilita a identificação de textos parciais e segmentos textuais nos verbetes. Para tanto, constrói, a partir desses itens de informação propostos, uma terminologia própria e uma formulação para sua distribuição nas entradas dos dicionários. Além do caráter hierárquico dos constituintes, antes linearmente ordenados, vale dizer que esta nova concepção de microestrutura é parte de uma teoria geral do texto lexicográfico, sendo a descrição microestrutural apenas um elemento dentro do todo maior.

É interessante notar que o tipo de configuração hierárquica presta-se em melhor escala para uma tentativa de classificação de itens microestruturais. Neste sentido, mesmo desenvolvimentos lineares da proposta de Rey-Debove, como por exemplo em G. Haensch (1982:135), não dão conta de certas peculiaridades de estruturação, como a distribuição de sinônimos e comentários ao longo do verbete.

Os principais pressupostos da nova concepção são, portanto, os seguintes (Wiegand, 1989, 36:344-345):

a) lemas-signo pertencem a diferentes tipos semânticos e/ou pragmáticos, cuja tipologia é baseada na teoria da linguagem e determinada pelos objetivos de informação do dicionário.

rio;

b) os tipos de lemas-signos não são exclusivamente determinados por classes de palavras;

c) cada microestrutura, hierárquica e abstrata, é constituída diferentemente conforme o tipo de lema-signo;

d) a microestrutura abstrata de um dicionário monolíngüe padrão é ordenada, composta de classes de itens ou indicações que têm a mesma função;

e) todas as microestruturas (abstratas e concretas) podem ser representadas sob forma de diagramas arbóreos;

f) a microestrutura abstrata é parte da estrutura completa do verbete que seleciona e ordena as classes de itens ou indicações da microestrutura concreta correspondente;

g) as microestruturas abstratas dos verbetes são definidos por conjuntos de classes de itens ou indicações;

h) a configuração microestrutural, constituída por classes de indicações de informações, é um procedimento padronizado para cada tipo de lema-signo.

As diferentes microestruturas do dicionário podem ser diferenciadas como abaixo se define:

i) microestrutura obrigatória - é uma classe genérica con-

tendo a subestrutura comum a todas as N microestruturas hierárquicas e abstratas;

ii) microestrutura absolutamente obrigatória, contendo indicações peculiares para cada tipo de microestrutura;

iii) microestrutura completa obrigatória - pode ser definida como o conjunto da totalidade das indicações por tipos (inclui elementos genéricos comuns aos diferentes tipos e peculiaridades de cada um).

Assim, resumidamente, temos que Wiegand, a partir da crítica dos constituintes microestruturais de J. Rey-Debove, reutiliza-os em uma nova ordenação. O que a autora estabelece como um programa de indicações de informação linearmente organizado passa a ser proposto como um conjunto ordenado hierarquicamente.

" Enquanto a concepção clássica descreve, e em parte justifica, o estado estrutural dos tópicos no campo dos dicionários gerais monolíngües, a nova concepção cuida de criar a base teórica para ir além - no futuro próximo e de um modo definido - do velho esquema de entradas uniformes " (Wiegand, 1989, 36:344).

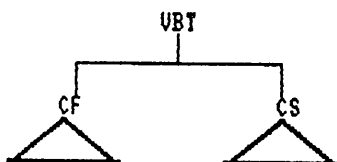
Além disso, sua teoria é estruturada de tal modo, que possibilita aos lexicógrafos o "design" microestrutural completo compatível com cada um dos propósitos de informação do dicionário.

4.2 Tipologia microestrutural

A partir da sua proposta de configuração microestrutural para verbetes de dicionários de língua, o autor também estabelece um tipologia de microestruturas, que naturalmente comporta variações. São três grandes blocos ou tipos: microestrutura simples, microestrutura estendida e microestrutura composta.

4.2.1 A microestrutura simples

"Todos os verbetes de dicionários padronizados, que têm como constituintes imediatos textuais somente os dois comentários básicos, isto é, um comentário de forma e um semântico, que imediatamente segue o de forma, indicam microestruturas simples." (Wiegand, 1989,39:470). Tal microestrutura pode ser representada pelo diagrama abaixo:



A microestrutura simples é a estrutura básica para a configuração microestrutural de todo verbete com apenas dois núcleos estruturais.

4.2.1.1 A noção de integrada

O autor chama de integrada a subestrutura que constitui o subcomentário semântico (SCS). Ocorrendo em representação de polissemias, o SCS equivaleria a cada uma das diferentes acepções no interior de uma dada definição. "O aparecimento de integradas como estruturas parciais de microestrutura é o critério essencial para a existência de microestruturas integradas" (1989, 26:355). Além disso, considera que dicionários com estruturas complexas podem ter subintegradas em diferentes níveis.

4.2.1.2 Tipos de microestruturas simples

Esta nova concepção de microestrutura difere da clássica em virtude de postular um método para a distinção de diferentes tipos de microestrutura. Por outro lado, à semelhança da tradicional, a nova proposta também parte do pressuposto de que cada unidade signíca lexicalizada

tem uma forma à qual corresponde pelo menos um significado. O conjunto total dos significados designados para uma forma é chamado de significado lexical desta. (op.cit., p.353).

Mesmo abordando a questão da significação no âmbito do signo lingüístico e da lexicalização, Wiegand não se preocupa em caracterizar a unidade lexical ou discutir poli- ou monossema, restringindo-se à consideração da monossema como um tipo especial de polissemia.

Preocupado o autor especificamente com a estruturação das entradas dos dicionários, vemos em sua proposta o processo de segmentação funcio-posicional como um meio de obtenção dos constituintes imediatos de VBT. Assim, CS e CF são constituintes imediatos de VBT, entendidos como sua estrutura básica geral. Neste sentido, é o exame da estruturas de CS que permite concluir que há esquemas de distribuição de elementos invariantes em certos níveis. Deste modo, são distingüidos três tipos básicos de microestrutura simples:

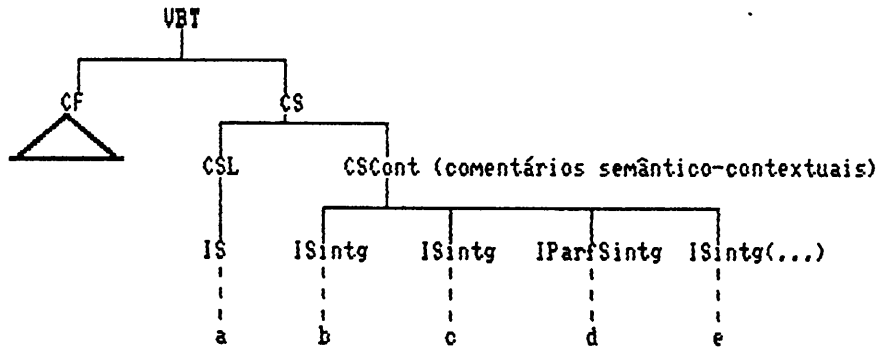
a) microestrutura parcialmente integrada - é toda a microestrutura que contenha Subcomentários Semânticos (SCS) e Anexo Semântico (Anexo), onde estão as locuções em que o signo-lema tenha participação. Além do Anexo podem ocorrer também elementos pré-integrados como indicações terminoló-

gicas ou de nível lingüístico que digam respeito à totalidade dos SCS's.

b) **microestrutura integrada** - é toda microestrutura que apresente apenas SCS's (podendo haver SCS genérico e n SCS's específicos, ou graduação de acepções); não ocorrem elementos pós- ou pré-integrados.

c) **microestrutura não integrada** - este tipo de microestrutura é rara na lexicografia européia segundo o autor. "Uma microestrutura hierárquica simples chama-se não integrada quando todas as indicações de significação, que são endereçadas ao lema-signo, estão no primeiro subcomentário semântico (...) " (1989, 36:p.488). Este tipo de microestrutura apresenta na verdade apenas contextos em que o lema-signo ocorre; se existem números no interior do verbete, estes não seriam indicadores de polissemia, mas marcadores de estrutura.

Neste sistema de estruturação, as indicações de exemplo e de sintagmas (locuções) são distribuídas no SCS de acordo com um sistema de classes de contextos, sendo este primeiro SCS de tipo especial, designado Comentário de Significação Lexical (CSL). O esquema a seguir, adaptado de Wiegand (1989, 39:489) representa este tipo de microestrutura:



IS - indicação de significado

ISintg - indicação de sintagma

IParfSintg - indicação parafrásica do significado do sintagma

Torna-se então necessário diferenciar entre microestrutura parcialmente integrada com Anexo Semântico e esta (não integrada): a diferença reside no fato da microestrutura não integrada apresentar apenas um SCS (que é CSL) onde estão todas as indicações de significação endereçadas ao signo-lema, além disso CSCont engloba tipos de ISintg definidos, na verdade ISintg_{a-n}, com a igual a verbo, b igual a adjetivo etc.

4.2.2 A microestrutura estendida

"Todas as microestruturas, se não são integradas,

parcialmente integradas ou integradas, podem ser expandidas (...)" (1989, 36:356). Para Wiegand qualquer prolongamento da estrutura básica VBT (CF, CS;Rpt ; Rpc) é uma extensão. Esta extensão pode ser externa a CF e CS na forma de comentários, ou pode ser interna a algum dos núcleos estruturais (as categorias de Anexo e SCS não são consideradas extensões de CF e CS). São tipos de microestruturas estendidas:

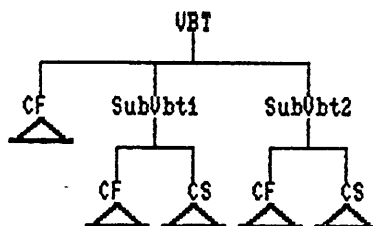
- a) microestrutura estendida externamente - à esquerda com Pré-comentário; à direita com Pós-comentário; ou estendida completamente com Pré- e Pós-comentário.
- b) microestrutura estendida internamente - com Comentário Intemediário entre dois Sub CF's ou entre dois SCS.
- c) microestrutura estendida mista - apresenta Comentário posterior e/ou prévio e Comentário(s) Intermediários no nível de CF e/ou de CS.

4.2.3 A microestrutura composta

Nos verbetes com microestrutura simples ou estendida, os dois comentários básicos sempre são constituintes imediatos de VBT, mas este não é o caso dos verbetes com estrutura composta (1989, 39:480). Na microestrutura com-

posta, são constituintes de VBT subverbetes com respectivos CS e CF. "Todos os verbetes contendo pelo menos um subverbeta têm uma estrutura composta" (op. cit. p.357). Assim, podem ocorrer repetições de CF e CS e, além disso, o CF, que é constituinte imediato de VBT, funciona como uma estrutura nuclear externa.

O diagrama abaixo é uma representação de microestrutura composta:



Wiegand também trata de uma microestrutura rudimentar, não explorada em nenhum dos dois artigos. Trata-se de verbetes que não apresentam um comentário semântico (CS).

O esquema a seguir apresentado resume a tipologia microestrutural desenvolvida:

- | | | |
|-----------------------------|--|---|
| 1) Microestrutura Simples | | <ul style="list-style-type: none"> . parcialmente integrada . integrada . não integrada |
| 2) Microestrutura Estendida | | <ul style="list-style-type: none"> . estendida externamente . estendida internamente . estendida mista |
| 3) Estrutura Composta | | <ul style="list-style-type: none"> . subentradas com CF e CS |

5. - BASES DE UM MODELO PARA ANÁLISE MICROESTRUTURAL

Podemos dizer que as idéias de Wiegand, apresentadas em 4.1 e 4.2, dariam conta da descrição da forma da unidade signica que constitui o dicionário monolíngüe. Naturalmente, apenas o aspecto formal não esgota a descrição do signo. Neste sentido, o próprio autor considera as suas colocações quanto à configuração microestrutural do dicionário como um excerto ou módulo de uma Teoria do Texto Lexicográfico, salientando que, apesar de sua dimensão, mesmo este aspecto não pode ser renunciado numa teoria ampla.

Com o intuito de colaborar para o aperfeiçoamento deste módulo teórico, propomos, a seguir, alguns ajustes à sua proposta de classificação tipológica da microestrutura do verbete com vistas à sua aplicação prática nos dicionários brasileiros.

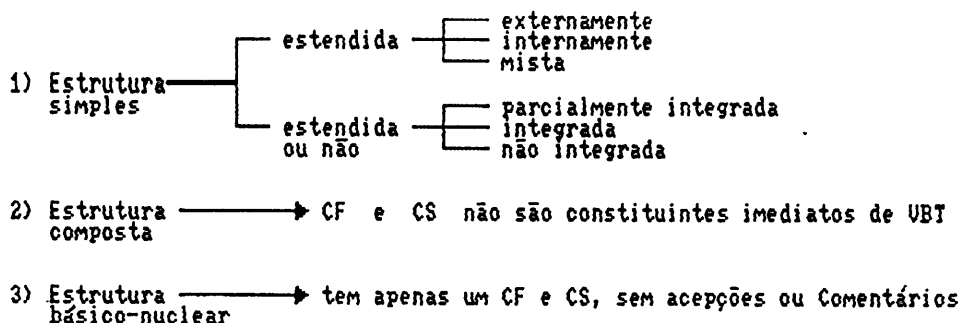
5.1 A microestrutura e sua organização formal

O enunciado lexicográfico, a unidade básica do dicionário (Wiegand, 1989, 36:328), será tratado como a unidade fundamental do grande signo-livro que é o dicionário. Essa unidade, entendida aqui como a definição lexicográfica (DL) ligada ao lema, é passível de receber descrição ao nível de sua forma e de seu conteúdo. Entretanto, abor-

daremos neste estudo, apenas seu aspecto formal.

De acordo com Wiegand (op. cit., p.329), na entrada do dicionário, a mais importante estrutura ordenada é a microestrutura, podendo ser descrita como linear (prece- dencial) ou hierárquica. Assim, o verbete é visto como uma estrutura ordenada constituída de classes de itens que têm uma mesma função. Com essa visão, são determinadas as ba- ses para uma descrição ordenada e formalizada dos tipos de informações estruturadas no interior do enunciado lexico- gráfico, sendo postulada uma distribuição hierárquica de seus elementos.

Embora obedecidos os princípios constitutivos bási- cos da tipologia microestrutural, ao examinarmos a taxio- nomia tipológica de Wiegand, concluimos que todas as mi- croestruturas simples (vide 4.2) em seus subtipos podem tornar-se estendidas. Assim sendo, o tipo 2, ou microes- trutura estendida, pode ser então entendido como pertencente à categoria das estruturas simples, como podemos ver no esquema tipológico que propomos a seguir:



Assim, como podemos inferir a partir do reagrupamento de tipologias, toda microestrutura de tipo 1, estendida ou não, é considerada como simples (aposta ao tipo composto). A microestrutura simples abrigaria, então, as categorias estendido e não estendido, já que qualquer microestrutura, que não a básico-nuclear, poderá apresentar extensões.

Deste modo, poderíamos ter a microestrutura integrada estendida por exemplo. Embora o autor trate de elementos pré ou pós-integrados, acreditamos que a conjugação simples/estendido/integrado dá conta em melhor escala de uma classificação tipológica.

Quanto à estrutura composta (formada por subentra-
das), notamos que Wiegand não desenvolve nos artigos aqui utilizados uma classificação mais pormenorizada. Observando que, se cada subcomponente (Subvbt) de VBT pode apre-

sentar uma configuração nuclear diferenciada, poderíamos extrapolar ainda as colocações do autor para uma tipologia de conjugação de subestruturas. Isto é, se para determinado VBT, constituído por n Subvbt's, todos tivessem microestrutura do tipo básico-nuclear (apenas CF e CS), poderíamos criar uma nova categoria tipológica. Contudo, por questões de delimitação deste trabalho, não exploraremos aqui estas possibilidades.

Assim sendo, independente de modificações maiores na proposta de classificação do autor, propomos, a seguir, um quadro tipológico microestrutural de verbetes de dicionários monolíngües, constituído a partir do princípio da combinatória simples de elementos de um conjunto, objetivando a cobertura de todas as microestruturas anteriormente reagrupadas. A organização deste quadro pressupõe que ela seja capaz de dar conta da evolução microestrutural nos verbetes, razão pela qual são atribuídos graus.

Quadro 1 - Configuração microestrutural

Configuração microestrutural (tipo)	grau de elaboração
CF + CS	1
CF + CS + Anexo	2
CF + CS + Comentário (Pré-, Inter- ou Pós)	3
CF + CS + Anexo + Comentário (Pré, Inter- ou Pós)	4
CF + CS (SCS) _n	5
CF + CS (SCS) _n + Anexo	6
CF + CS (SCS) _n + Comentário (Pré-, Inter- ou Pós-)	7
CF + CS (SCS) _n + Anexo + Comentário (Pré, Inter- ou Pós)	8
CF + Subvbt _n (CF + CS)	9
CF + CS (CSL + CSCont)	10

Nota: O tipo de microestrutura ao qual foi atribuído o grau 2 não foi tratado por Wiegand nos artigos aqui utilizados, tampouco o foi especificadamente a de grau 3. A microestrutura composta, além de Subvbt, também pode apresentar integradas, Anexos e Comentários, porém não serão exploradas subclassificações deste tipo de microestrutura.

5.2 Evolução microestrutural

Com base no quadro acima proposto para classificação tipológica microestrutural, adotaremos na análise dos verbetes os princípios modificados de classificação. Neste sentido, propomos aqui também uma gradação de complexidade microestrutural, indicada pelo numeral na coluna "grau de elaboração".

Adotando uma posição de crítica "evolucionista" quanto às tipologias até aqui levantadas, e partindo do pressuposto de que a configuração da microestrutura dos

dicionários brasileiros de língua faz um "trajeto histórico" até uma possível configuração atual (num mesmo artigo ou entrada), podemos considerar como "caminho evolucionar" mais provável aquele que vai do mais simples até o mais complexo.

Neste sentido, podemos considerar que a configuração microestrutural dos dicionários nacionais de língua foi gradativamente constituída ao longo do tempo a partir da microestrutura básico-nuclear (CF e CS apenas), até chegar à microestrutura estendida parcialmente integrada (com SCS's, Comentários e Anexos).

Assim, com base nas tipologias desenvolvidas por Wiegand e numa atribuição de graus de elaboração microestrutural, procederemos mais adiante ao enquadramento tipológico de dois conjuntos de verbetes, tentando dessa forma, além da classificação, uma análise compatível com a natureza histórica do corpus a ser utilizado.

Vale salientar que esta opção de investigação "evolucionar" é uma tentativa de contribuição à proposta de Wiegand. Sabemos também que os graus de complexidade microestrutural aqui atribuídos podem ser bastante discutidos. Um elemento a ser questionado seria, por exemplo, a compatibilidade entre configuração microestrutural e grau maior ou menor de polissemia, já que o número de acepções

da entrada, aqui, não desempenha papel diferenciador de grau.

Além disso, é importante considerar que a atribuição do grau máximo de elaboração para a microestrutura não-integrada também é passível de questionamento. Neste sentido, caberia inclusive postular uma gradação microestrutural mais complexa, o que poderia ocorrer através da conjugação da microestrutura composta com outros elementos, tais como integradas, Comentários e Anexos, o que geraria graus de elaboração microestrutural bem mais elevados. Mas, em função dos limites deste trabalho, não exploraremos estas possibilidades.

Importa ainda dizer que a "proposta evolucionista" não é suficiente para medir o nível de conteúdo ou a qualidade da informação no verbete; no entanto, é uma forma de avaliar alguns aspectos estruturais importantes na formulação de verbetes, podendo ser naturalmente aprimorada e estendida às outras classes gramaticais.

Em síntese, além da nossa proposta de classificação de microestruturas do dicionário de acordo com uma gradação de elaboração por tipologias, vemos que o modelo de investigação de tipologia microestrutural de Wiegand presta-se a um sem-número de possibilidades. Pode-se, por exemplo, investigar a incidência percentual de um ou outro

tipo de microestrutura ou até mesmo de elementos diferenciadores de estruturas, como presença/ausência ou incidência de integradas, comentários, maior ou menor ocorrência de certos tipos de comentários, e inclusive a distribuição de subverbetes combinados com Anexo, Comentários e Integradas.

Uma vez ajustada a classificação tipológica de microestruturas, aliada à idéia de evolução microestrutural, passamos, a seguir, a uma proposta para a descrição estrutural de verbetes substantivos.

5.3 Para a descrição microestrutural de verbetes substantivos

Como foi observado no item 5.1, a teoria de Wiegand aqui utilizada não determina uma taxionomia microestrutural completamente aplicável à descrição formal de entradas de dicionário de língua portuguesa. Além disso, também não encontramos especificações em seus trabalhos, exceto seus próprios exemplos de diagramas arbóreos, que orientem em sentido estrito o processo de segmentação das informações no interior do verbete do dicionário.

Sendo assim, propomos critérios para a segmentação da informação microestrutural, inferidos a partir da ob-

servação empírica da estruturação de verbetes substantivos em alguns dicionários que foram listados na seção 3.4. Naturalmente, esses critérios respeitam os princípios constitutivos básicos da concepção microestrutural do autor.

1) A representação por diagrama arbóreo apenas ordena descritivamente a estrutura concreta da entrada analisada sem nada acrescentar-lhe ou retirar.

2) A estrutura de acesso interna, ou a metodologia ordenadora do dicionário, revela, via de regra, que são utilizados pelo dicionarista mecanismos marcadores de acepções ou de posições de tipo de informação. Assim, a representação microestrutural deve sempre respeitar a ordenação geral da obra. Como exemplo deste critério observe-se o verbete hipotético a seguir:

"CASA, S.F. habitação, moradia; lugar onde se vive."

Se tal obra utilizasse ponto e vírgula sistematicamente para a separação de núcleos de definição, então os dois elementos habitação e moradia constituiriam o 1º SCS, sendo o segmento textual seguinte (lugar onde se vive) o 2º SCS.

Numa outra configuração para este mesmo exemplo hipotético, poderíamos ter:

"CASA, S.f. habitação, moradia; lugar onde se vive; abrigo; construção."

Neste caso, o ordenador ponto e vírgula (ORD) condicionaria que habitação, moradia constituíssem o 1º SCS, Lugar onde se vive seria o 2º SCS e abrigo e construção corresponderiam respectivamente ao 3º e 4º SCS.

Assim, cada diferenciação estruturalmente indicada na entrada, de acordo com a sistematicidade de cada obra, deve constituir um núcleo de integrada ou SCS, mesmo quando, como nas hipóteses acima, não forem registrados ordenadores numéricos no verbete.

3) Além da ausência ou presença dos ordenadores estruturais (numéricos ou de pontuação), devem também ser representados nos diagramas descritivos de cada entrada os recursos tipográficos utilizados como ordenadores estruturais, tais como a barra dupla (//), a sinalização de parágrafo (¶) ou outros símbolos que cumpram função delimitativa, tais como ● ou ◆.

No caso da ocorrência simultânea de barra dupla e indicação numérica, indicação de nível de aceção e de polissemia (INa e IP), considerar-se-á este recurso apenas como uma maneira peculiar do dicionarista indicar IP, respeitada a não ocorrência de barra dupla isolada.

4) O critério para o "etiquetamento categorial" dos Comentários (indicações que extrapolam as restritas à paráfrase, indicação sinonímica ou gramatical) deve ser o seguinte:

Pré-Com - é todo aquele Comentário localizado no interior de CF ou localizado como 1º elemento de CS. Toda IETim no interior de CF que se estenda do simples papel indicador será tratada como Pré-Com, tal como abaixo exemplificado:

a) "Faca, S.f. (do lat. falculam) (...)"

b) "Faca, S.f. (do lat. falculam que na verdade é uma corruptela do termo faculae...) (...)"

Nos exemplos acima (hipotéticos) a tem CF=(ILS, IGr, IETim); e b, CF=(ILS, IGr, Pré-Com).

Inter-Com - é todo aquele Comentário inserido no interior de CS, ou entre SCS's ou no interior destes;

Pós-Com - é todo aquele Comentário colocado pelo lexicógrafo ao final da entrada. Toda IETim ou IMorf pós-posta deve ser considerada como Pós-Com.

Nos casos de monossemia, todo o comentário isolado por sinal de pontuação no desenvolvimento da Indicação Pa-

rafrásica do Significado deve ser indicado subordinado a ela como no exemplo hipotético abaixo:

"CASEBRE S.m. 1. casa pequena e humilde, entre as favelas ou submoradias urbanas também é chamada de barraco ou maloca."

Neste caso, tudo o que segue após a vírgula é considerado como pertencente à Classe de Indicação de Pós-Com (obviamente indicado como subordinado à IParafS).

5) A categoria Anexo (Anexo Semântico), que é indicada pelo lexicógrafo como aquela que registra as locuções em que a palavra-entrada participa, não poderá ser exaustivamente descrita. Isto dá-se em função do Anexo poder comportar locuções acompanhados de indicações gramaticais, SCS's e inclusive subverbetes, o que tornaria os diagramas demasiado complexos.

6) A microestrutura composta corresponde àquela também composta de Subverbetes; a presença de Subvbt no interior de Anexo não pode ser considerada como elemento condicionante para a classificação em microestrutura composta. O Subvbt pode também apresentar extensões e subcomentários, os quais não serão relevantes para análise, já que não postulamos subtipos de microestrutura composta.

7) A locução ou composto (C), núcleo de Anexo, de-

ve ser indicada como aquela correspondente à lexia complexa, ou agrupamento de lexemas, podendo ou não trazer indicações gramaticais e até indicações de polissemia. Subverbetes (Subvbt), por outro lado, deve ser considerado como um sublema constituinte de VBT em CS que pode indicar informações gramaticais (CF) e informações pragmático-semânticas (CS), e que corresponde aqui sempre à chamada lexia simples⁽⁴⁾.

Assim, uma vez definidos os critérios para a descrição microestrutural de verbetes substantivos, passamos à delimitação dos objetos da análise e à análise propriamente dita.

6. DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Para efetivar a análise, optamos, conforme citado anteriormente, pela classe dos substantivos e por um conjunto de dicionários que represente a prática lexicográfica nacional ao longo de sua história. Uma vez delimitado um considerável conjunto de obras representativas, proce-

4 - Segundo Pottier (1978:268-272), a lexia é a unidade lexical memorizada. A lexia simples corresponde à "palavra" tradicional; a composta é o resultado de uma integração semântica formalmente expressa como em guarda-chuva; a complexa diz respeito a uma seqüência em vias de lexicalização como em faca de mato ou entrar na faca. Para fins de análise, a lexia composta, desde que apresente CF, será considerada como Subvt; não havendo indicação para CF, a mesma será classificada como Anexo.

deremos, a seguir, a fixação dos verbetes para a análise. Estes, por sua vez, provocarão a escolha final dos dicionários-foco da descrição microestrutural.

6.1 Delimitação dos verbetes

Nossa primeira preocupação foi a escolha de grupos de verbetes que apresentassem entre si afinidade conceptual. A partir disso, a seleção dos verbetes para a análise de tipologia microestrutural obedeceu a dois critérios básicos:

- a) a existência dos verbetes no conjunto de dicionários determinado na seção 3.4 (mesmo como subentrada);
- b) a constituição dos grupos de verbetes em duas classes de lexemas: a primeira com referente, isto é composta por substantivos concretos; a segunda, de lexemas sem referente, constituída por substantivos abstratos.

O relacionamento conceptual entre os verbetes é naturalmente intra-classe. Vale dizer, cada classe de entradas pertence a um dado campo conceptual, que é coberto por um determinado conjunto de lexemas, constituindo um campo lexical.

Após uma pré-testagem da existência de alguns verbetes no maior número possível de dicionários, optamos por dois conjuntos de verbetes:

Grupo de verbetes nº 1 - pertencentes ao conjunto lexical que cobre o campo conceptual "instrumentos cortantes": adaga, cutelo, cutela, faca, facão, navalha, punhal, trincha e trinchante.

Grupo de verbetes nº 2 - pertencentes ao conjunto lexical que dá cobertura ao campo conceptual aqui chamado "atributos humanos não físicos": conhecimento, inteligência e sabedoria.

Cabe observar que os dois grupos de verbetes não se equivalem numericamente; entretanto, o objetivo deste trabalho não é exaurir a constituição de quaisquer dos dois campos conceptuais.

Os verbetes acima indicados são os de maior abrangência na maioria das obras indicadas em 3.4. As entradas selecionadas serão doravante identificadas do seguinte modo:

- grupo nº 1 - vbt₁ até vbt₇ respectivamente;
- grupo nº 2 - vbt₁, vbt₁₁ e vbt₁₁₁ respectivamente.

6.2 Delimitação dos dicionários-foco

A partir da lista proposta em 3.4, a seleção das obras representativas, com vistas à análise, obedeceu a

dois critérios básicos:

- a) disponibilidade das obras para consulta;
- b) presença dos verbetes na obra.

Ainda assim, uma certa "notoriedade" da obra contribuiu para sua inclusão ou não no conjunto dos dicionários-foco, assim como a sua referência em bibliografia específica. Este aspecto vale principalmente para as publicações posteriores à década de 70, período de maior produção de dicionários de língua.

Como já foi dito, o objetivo deste estudo é a análise microestrutural de dicionários de língua, conseqüentemente foram excluídas as obras intituladas "dicionário enciclopédico" e "minidicionário".

Deste modo, reunidos os dois critérios, o conjunto dos dicionários-foco delimita-se às seguintes obras, identificadas a partir deste momento com a letra "D", acompanhada de numeral por ordem cronológica:

D1 : SILVA, Antonio de Moraes (1755-1824). Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª. ed., Lisboa, Tip. Lacerdina de M.P de Lacerda/Borel, 1813, 2 vols.

D2 : FARIA, Eduardo Augusto de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 4ª. ed., Rio de Janeiro, Tip. Imp. e Constitucional de J. Villeneuve e C. / Editora Eduardo & Henrique Laemmert, 1861, 2 vols.

- D3 : CARVALHO, Antonio José de, DEUS, João de. Dicionário Prosódico de Portugal e Brasil. 4ª. ed., Porto e Rio de Janeiro, Lopes e Frederico Augusto Schmidt, 1890.
- D4 : FREIRE, Laudelino Oliveira (org.) (1873-1937). Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, colab. de J.L. de Campos, Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1940, 5 vols.
- D5 : LIMA, Hildebrando de, BARROSO, Gustavo. Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. 8ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1949.
- D6 : GARCIA, Hamilcar, Nascentes, Antenor. Caldas Aulete - Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. 4ª. ed. (1ª. edição brasileira), Rio de Janeiro, Editora Delta, 1958, 5 vols, ilustrado.
- D7 : NASCENTES, Antenor. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional/Academia Brasileira de Letras, 1961-67, 4 vols.
- D8 : CARVALHO, José Mesquita de. Dicionário Prático da Língua Nacional. 19ª. ed., São Paulo, Editora Egéria, 1969, 4 vols.
- D9 : BUENO, Francisco da Silveira (1898). Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 7ª ed., (1ª e 2ª impr.),

Rio de Janeiro, MEC, 1970.

- D10 : NASCENTES, Antenor. Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1972.
- D11 : SILVA, Adalberto Prado e (coord.). Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional. São Paulo, Mirador Internacional/Enciclopédia Britânica do Brasil, Cia Melhoramentos de São Paulo, 1975.
- D12 : LUFT, Celso Pedro. Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo, Scipione Autores Editores, 1984.
- D13 : FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 15ª impressão, 1ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- D14 : FERNANDES, Francisco, LUFT, Celso Pedro, GUIMARAES, F. Marques. Dicionário Brasileiro Globo. 18ª ed., São Paulo, Editora Globo, 1991.

Assim, o conjunto de dicionários-foco abrange o período de 1813 até 1991, salvaguardadas as observações referentes a reedições, alteração de edição e número das mesmas constantes no item 3.4.

7 - ANALISE DOS VERBETES

7.1 Instrumentos de análise

A partir dos pressupostos teóricos de H.E. Wiegand, abordados na seção 4.1, os verbetes serão representados em sua microestrutura na primeira parte de sua descrição. Para tanto, será utilizado como instrumento de análise o processo de segmentação da informação no interior das entradas adaptado à lexicografia brasileira.

Num segundo momento, serão indicadas as principais características dos verbetes, objetivando a classificação tipológica propriamente dita. Tal classificação será conduzida de acordo com a nossa proposta apresentada na seção 5.1.

A análise comparativa e evolucionar das configurações microestruturais dos verbetes que compõem os dois conjuntos servirá para descrição de padrões e procedimentos reiterados ao longo da nossa história lexicográfica monolíngüe.

7.2 Procedimentos

Após a representação arbórea de cada entrada, serão indicadas as características de cada verbete quanto à

sua configuração formal.

Além disso, com base na atribuição de graus micro-estruturais, serão apresentados gráficos de configuração gradual. A partir dos gráficos, serão descritos resultados parciais e indicativos da análise de cada grupo de verbetes.

Posteriormente, apresentaremos resultados gerais da descrição das entradas que corresponderão aos dados resultantes da análise conjunta e/ou comparativa dos dois conjuntos de verbetes. Concluímos a descrição com a apresentação dos graus tipológicos médios de cada dicionário-foco.

7.3 Critério para a representação da informação nos verbetes

Serão considerados critérios para análise descritiva aqueles propostos na seção 6. A informação contida nos verbetes será descrita ordenada e hierarquicamente. Uma vez transcrito o verbete, o mesmo será representado, através de diagrama arbóreo, como um conjunto de classes de informação em termos de sua microestrutura concreta e abstrata.

A segmentação das informações nos verbetes obedecerá ao programa abaixo:

10) Serão sempre indicados o Comentário Formal (CF) e Se-

mântico (CS) da microestrutura e seus constituintes de tal modo que:

a - todos os constituintes de CF sejam indicados, tais como: Indicação Gramatical (IGr), Indicação de Lema-Signo (ILS), Indicação Prosódica (IPros) e Etimológica (IE-tim) e Comentários. Toda a Indicação Etimológica que extrapole a simples indicação da forma vocabular primitiva será considerada como Pré-Comentário (Pré-Com). Além disso, a representação CF(Δ) corresponderá ao Comentário Formal composto apenas de ILS e IGr. A indicação Morfológica (IMorf) será considerada como Pré-Comentário(Pré-Com) quando ocorrer em CF;

b - todos os constituintes de CS sejam indicados, tais como: Subcomentário Semântico (SCS), Indicadores de Nível de Acepção (INa) e Ordenadores Estruturais (ORD), Comentários, subverbetes (Subvbt) e Anexos Semânticos (Anexo). Neste trabalho, devem ser representados nos diagramas arbóreos indicações presentes ou ausentes de polissemia (IP), que poderão ser numerais, sinais de pontuação e/ou conjunto vazio (\emptyset). INa e ORD somente serão representadas na medida em que efetivamente ocorrerem no verbete, sejam quais forem as formas que assumam;

b.1 - as delimitações entre SCS, Anexo e Subvbt obedecem à organização global do dicionário;

- b.2 - a categoria Subvbt corresponda ao elemento não-lemático constituído de lexia simples, tendo CF e CS. Por questões de espaço e de não relevância para a análise, Subvbt não será descrito totalmente em sua estrutura. Utilizaremos o símbolo Δ para indicar que a descrição tem continuação.
- b.3 - a categoria Anexo corresponda às locuções em que o signo-lema participe, constituindo-se sempre de lexia composta que, pelas mesmas razões acima, não será totalmente descrita. Utilizaremos também Δ para indicar continuação de sua estrutura;
- b.4 - as indicações de exemplo no verbete podem ser diferenciadas entre Indicação de Exemplo de Competência Discursiva (IEXC) e Indicação de Exemplo Literário (IEXL);
- b.5 - toda vez que o verbete corresponder a um subverbo, a sua classificação microestrutural será microestrutura composta. Isto deve-se à necessidade de respeitar a ordenação do dicionário;
- 29) - A representação sob forma de diagrama é apenas uma ordenação descritiva das informações no verbete, não ocorrendo acréscimo ou exclusão de elementos microestruturais.

Isto posto, passamos à análise propriamente dita dos verbetes. Para acompanhamento e leitura dos diagramas, apresentamos no início deste trabalho uma lista de abrevia-

turas e símbolos utilizados.

7.4 Análise

7.4.1 Grupo de verbetes nº 1

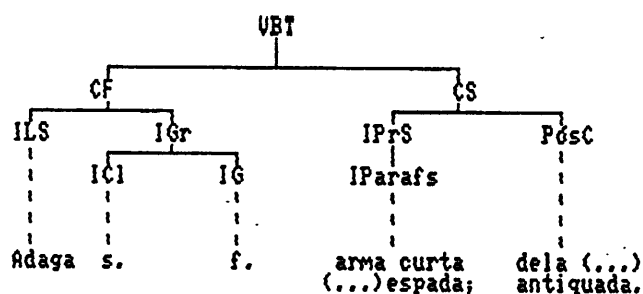
Nesta 1ª parte, serão analisados os verbetes correspondentes ao grupo de lexemas que circunscrevem o campo conceptual "instrumentos cortantes".

Na análise descritiva, estruturada por verbete em cada dicionário-foco, a letra D acompanhada de respectivo numeral indica o dicionário do qual o verbete foi extraído. A ortografia dos verbetes foi mantida original, havendo apenas ajuste na acentuação.

a) verbete nº1 (vbt 1) adaga

D1 vbt1:

Adaga, s.f. arma curta, ponteaguda, como punhal, que se trazia à cintura, da parte oposta onde vinha a espada; dela se serviam também os que jogavam a espada; hoje é desusada; daqui dizemos ser do tempo das adagas qualquer coisa antiquada.



Vbt1 em D1 caracteriza-se por possuir:

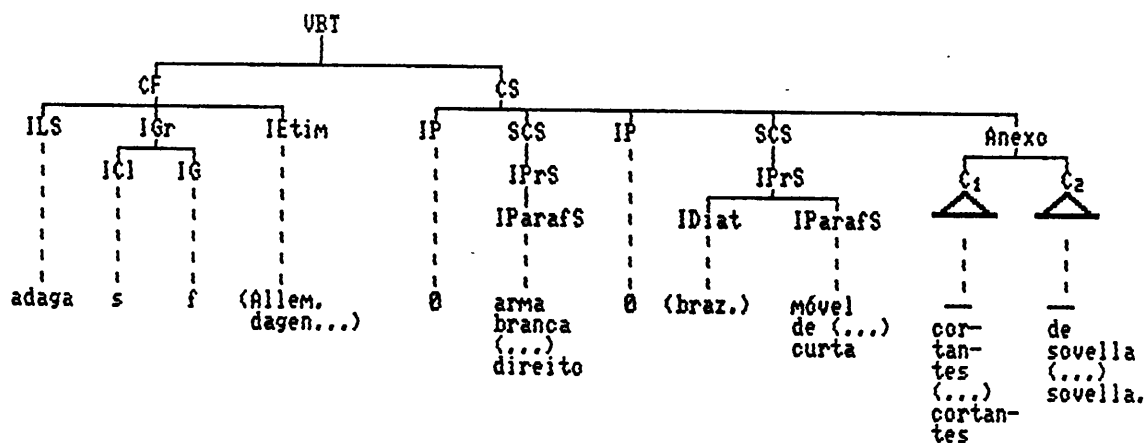
- apenas um CF seguido do único CS;
- extensão com PósC subordinado a CS.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

D2 vbt1:

Adaga, s.f. (Allem. dagen, espada curta) arma branca, pontaguda, com corte por ambas partes, a quando menos junto à ponta, que se trazia antigamente à cintura do lado direito: (braz) móvel de Armaria, que representa uma espada curta: - cortantes, as que tinham os dois gumes cortantes: - de sovella, as estreitas em forma de sovella.



Observe-se a divisão polissêmica marcada por dois pontos.

O travessão é utilizado para instruir a substituição pelo lema. Apesar da repetição do lema, o 1º SCS é lematístico, o que exclui a possibilidade de Subvbt.

Vbt1 em D2 caracteriza-se por possuir:

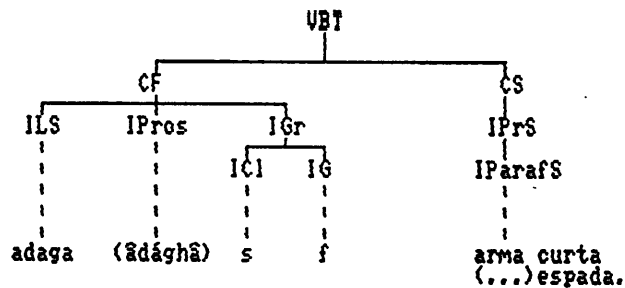
- dois núcleos de integradas;
- Anexo Semântico.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada.

D3 vbt1:

Adaga (ädághã) s.f. arma curta, pontaguda, que se trazia à cintura da parte oposta à espada.



Vbt1 em D3 caracteriza-se por possuir:

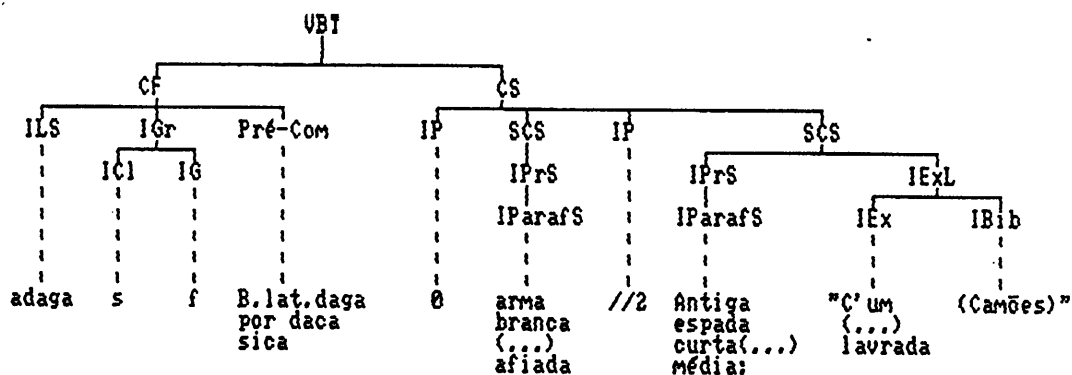
- apenas um CS imediatamente subsequente a um único CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

D4 vbt1:

Adaga, s.f. B. lat. daga, por daca sica. Arma branca, curta, de dois gumes, ou pelo menos, de ponta afiada // 2. Antiga espada curta e larga usada pelos povos bárbaros, principalmente na idade média; C'um resplendor reluze adamantino, na cinta, a rica adaga bem lavrada (Camões).



Vbt1 em D4 caracteriza-se por possuir:

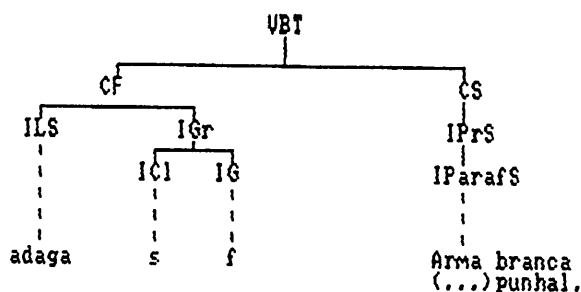
- dois SCS's;
- Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D5 vbt1:

Adaga, s.f. Arma branca mais larga e maior que o punhal.



Vbt1 em D5 caracteriza-se por possuir:

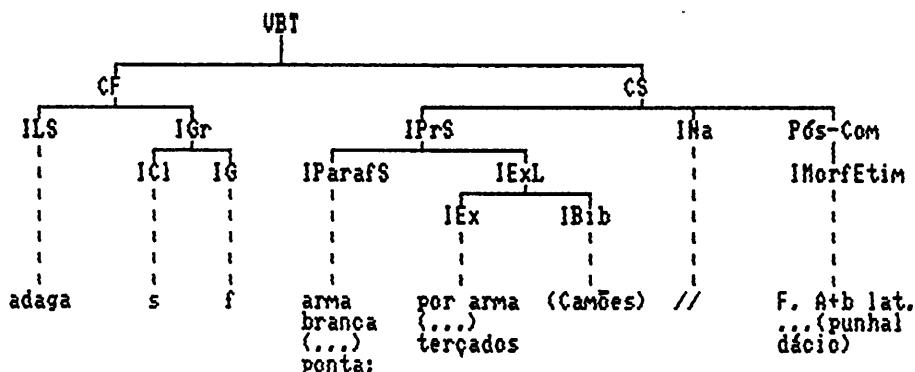
- apenas a estrutura básica CF-CS.

Sendo classificado como:

estrutura básico-nuclear.

D6 vbt1:

Adaga, s.f. arma branca de lâmina larga, curta, com um ou dois gumes, e terminada em ponta: por armas têm adagas e terçados. (Camões, Os Lus., I, 47.) II F. A+b. lat. Daga, por daca sica (punhal dácio).



Note-se que formalmente o Pós-Com ocupa a posição de um SCS pois há a indicação // que o precede.

Vbt1 em D6 caracteriza-se por possuir:

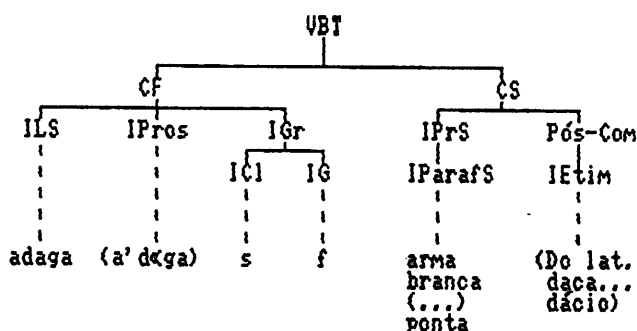
- únicos CF e Cs;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

D7 vbt1:

Adaga. (a'dɔga) s.f. Arma branca de curta e larga lâmina, de um ou dois gumes e terminada em ponta (Do lat. *daca*, scil, *sica*, punhal *dácio*).



Vbt1 em D7 caracteriza-se por possuir:

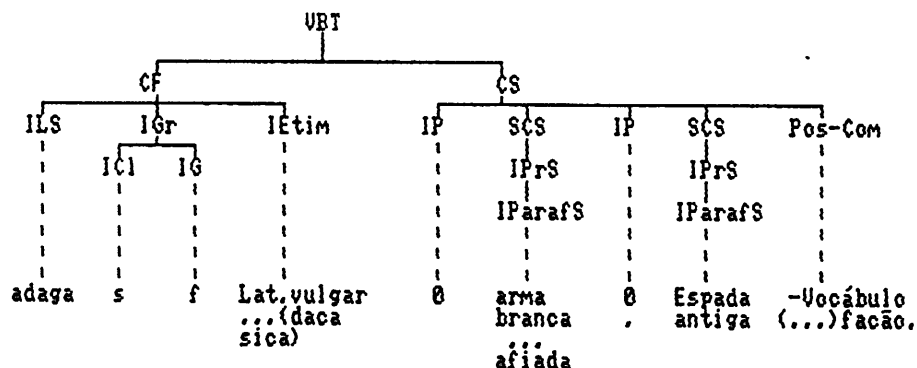
- apenas CF e CS;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

D8 vbt1:

Adaga s.f. Lat. vulgar: *daga* (*daca sica*). Arma branca de folha larga e curta, curvada ou não, com dois gumes ou com ponta afiada. Espada antiga. - Vocábulo muito popular no sul do país, para designar qualquer facão.



Vbt1 em D8 caracteriza-se por possuir:

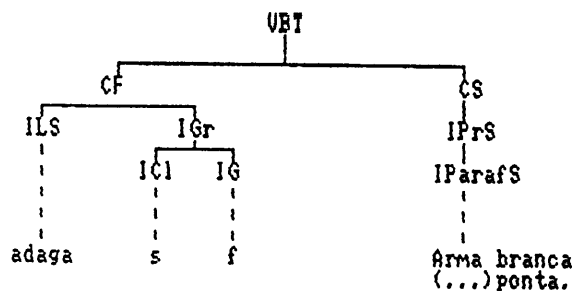
- dois núcleos de integradas;
- Pós-comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D9 vbt1:

Adaga, s.f. Arma branca, larga, curta, com um ou dois gumes e terminada em ponta.



Vbt1 em D9 caracteriza-se por possuir:

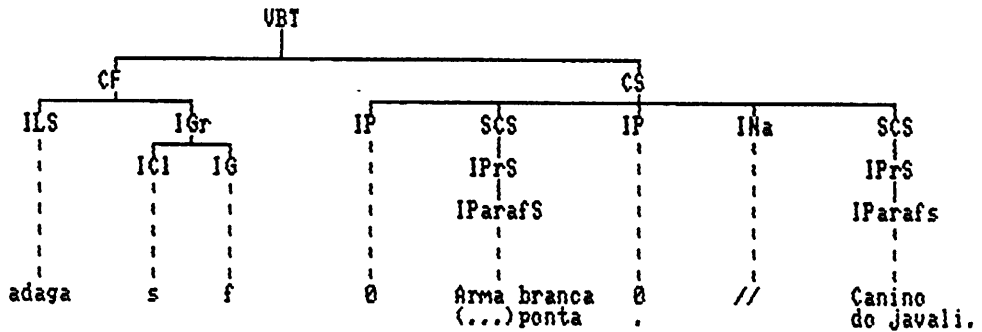
- apenas CS imediatamente subsequente a CF.

Sendo classificado como:

estrutura básico-nuclear.

D10 vbt1:

Adaga s.f. Arma branca de curta e larga lâmina, de um ou dois gumes e terminada em ponta. // Canino do Javali.



Vbt1 em D10 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas.

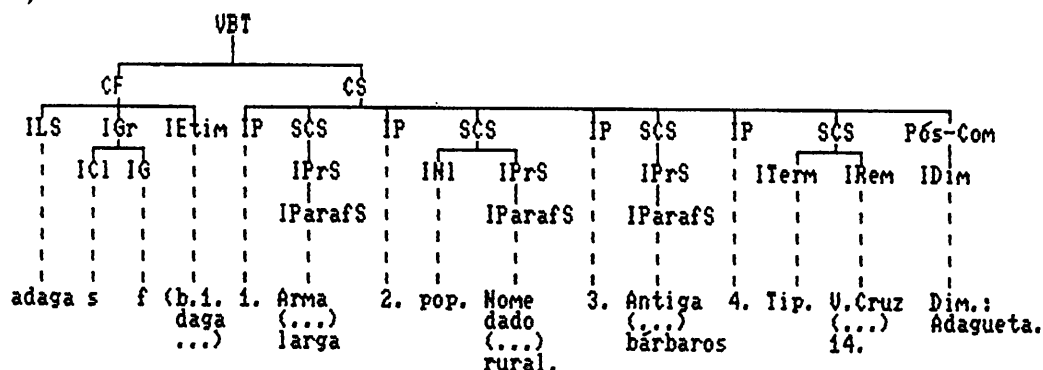
Sendo classificado como:

estrutura integrada.

D11 vbt1:

Adaga, s.f. (b.l. daga, por daga) 1. Arma branca, curta, de dois gumes, ou, pelo menos de ponta afiada; difere do punhal por ser, em geral, mais larga. 2. Pop. nome dado, enfaticamente ou carinhosamente, ao facão rural. 3.

Antiga espada curta e larga usada, principalmente na Idade Média, pelos povos bárbaros. 4. Tip. V. cruz, acepção 14. Dim.: adagueta.



Vbt1 em D11 caracteriza-se por possuir:

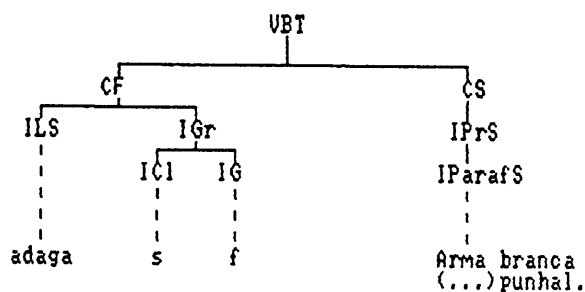
- quatro núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D12 vbt1:

Adaga s.f. Arma branca, maior que o punhal.



Vbt1 em D12 caracteriza-se por possuir:

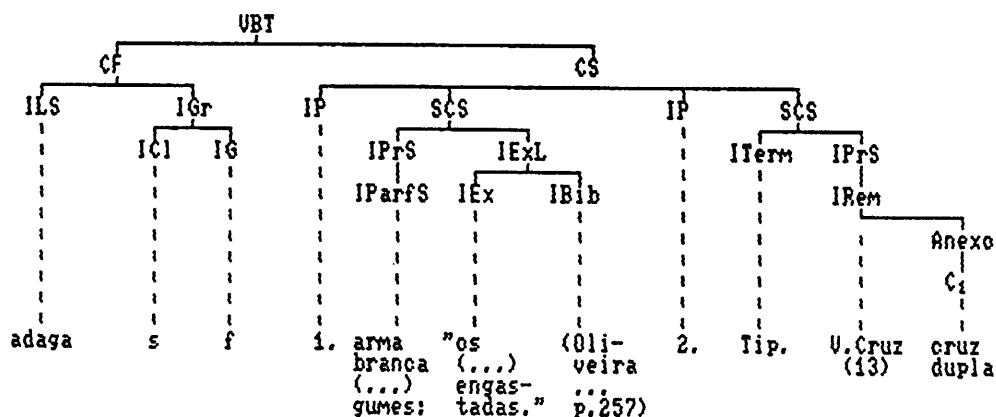
- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

D13 vbt1:

Adaga s.f. 1. Arma branca, mais larga e maior que o punhal, com um ou dois gumes: "os trajos (eram) ricos, e muitos os anéis e alfinetes, as adagas e punhais tauxiados de ouro e prata com jóias engastadas" (Oliveira Martins História de Portugal, I, p.257) 2. Tip. V. cruz (13) Tip. Cruz dupla.



Verifica-se anomalia estrutural: Anexo subordinado à IRem, que é elemento não lematítico.

Vbt1 em D13 caracteriza-se por possuir:

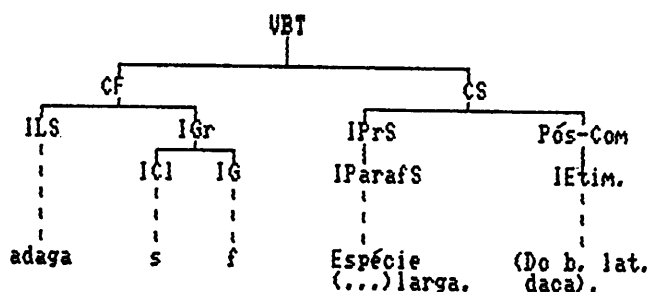
- dois SCS.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D14 vbt1:

Adaga, s.f. Espécie de punhal comprido e de lâmina larga. (Do b. lat. daga).



Vbt1 em D14 caracteriza-se por possuir:

- CS e CF;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

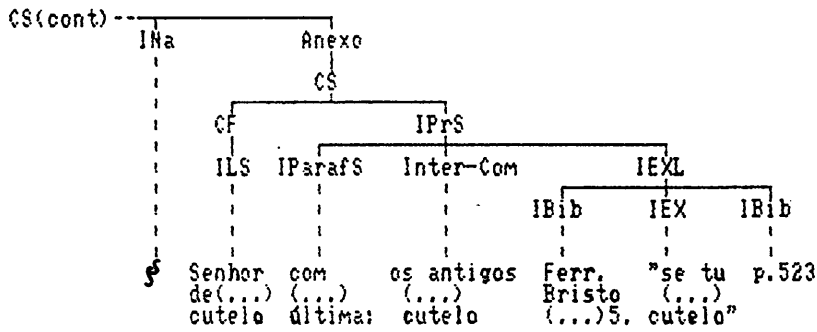
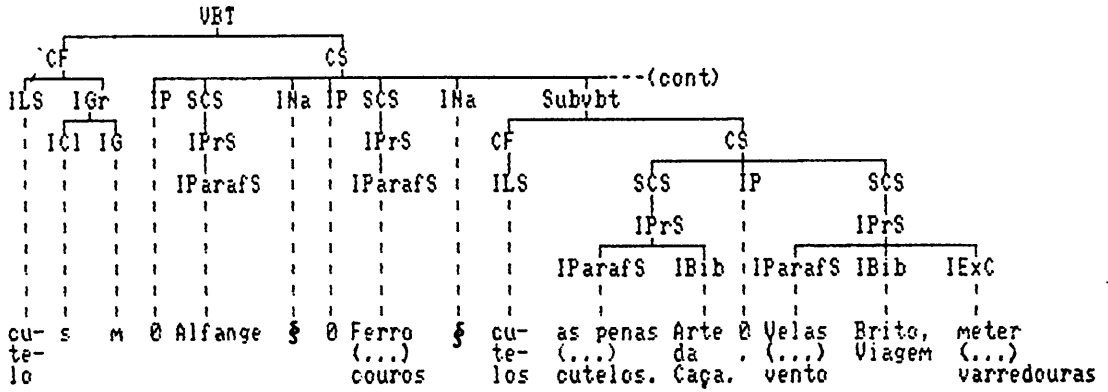
microestrutura básico-nuclear estendida.

b) verbete nº 2 (vbt2) cutelo

D1 vbt2:

Cutelo, s.m. Alfange § Ferro largo e semicircular, com que os curtidores cortão os couros § cutelos: as penas que nascem da ponta das asas do falcão, e tem feição de cutelos. Arte da caça. Velas pequenas, que se ajuntam quando há bom vento. Britto, viagem, meter cutelos, e varredouras § Senhor de baraço e cutelo; com jurisdição até a pena última; os antigos di-

*ziam Soga e cutelo. Ferr. Bristo, 5. s.c 5.
"se tu aqui entrarás com soga e cutelo" p.523.*



Vbt2 em D1 caracteriza-se por possuir:

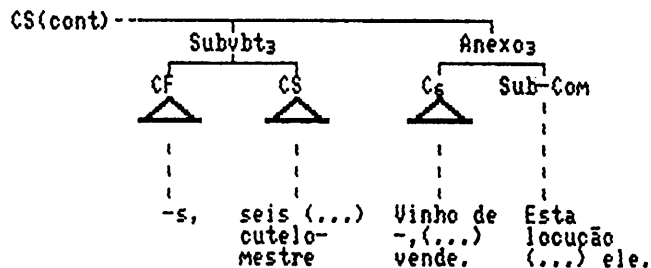
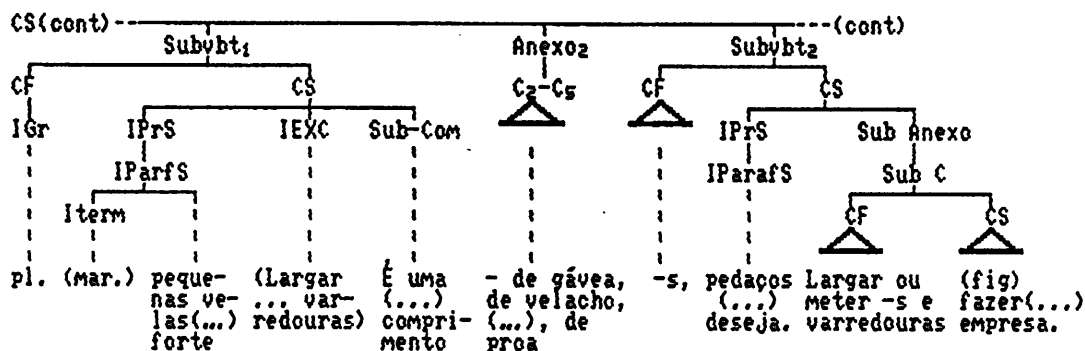
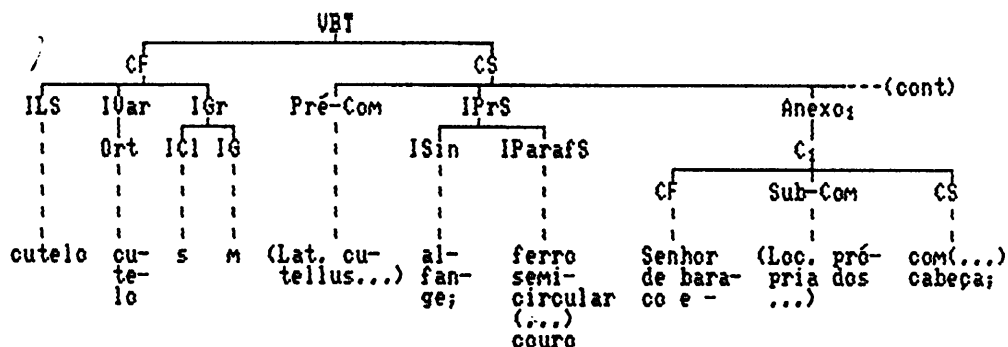
- microestrutura com dois núcleos de integradas;
- Subvbt de elemento sublemático;
- Anexo com Inter-Com em seu interior.

Sendo classificado como:

microestrutura composta

D2.vbt2:

Cutelo ou cutello, s.m. (lat. *cutellus*, des. de *culter*, faca, do gr. *kdouo*, cortar) alfanque; ferro largo e semi-circular com que os curtidores cortam e adelgaçam o couro. Senhor de baraço e - (loc. própria dos tempos feudais) com jurisdição até a pena última, que podia mandar enforcar e cortar a cabeça; pl. (mar.) pequenas velas que se largam quando o vento é favorável e pouco forte (largar - s e varredouras). É uma espécie de suplemento às gáveas e joanetes: içam-se no extremo da verga superior, e amarram-se em paus que se juntam aos laes das vergas interiores para aumentar o seu comprimento: - de gávea, de velacho, de joanete, grande, de joanete de prôa: -s, pedaços de pano que saem do painel, depois de serem derrubados, aos quais se junta e se unem ao mesmo painel para formar a figura perfeita do pano que se deseja. Largar ou meter-s e varredouras (fig) fazer todos os esforços, pôr todos os meios de ir avante com algum negócio, empresa: -s, seis penas que nascem das pontas das asas do falcão, em forma de -s, a primeira chama-se cutelo mestre. Vinho de -, da própria lavra, das vinhas de quem o vende. Esta locução vem de *cutellus*. Lat. *podôa*, vinho da poda do dono da vinha, podado por ele.



Vbt2 em D2 caracteriza-se por possuir:

- Pré-Comentário;
- três núcleos de Subvbt e de Anexo.

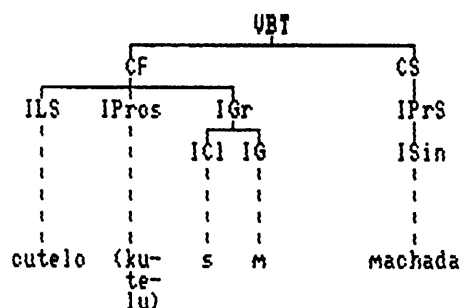
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

Note-se em D2 para vbt2 microestrutura extremamente complexa em virtude da intercalação de elementos lematícos com não lematícos, ocorrendo inclusive Anexo em subverbete.

D3 vbt2:

Cutello (Kutělu) s.m. machada.



Vbt2 em D3 caracteriza-se por possuir:

- apenas CS imediatamente subsequente a CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

Vbt2 em D4 caracteriza-se por possuir:

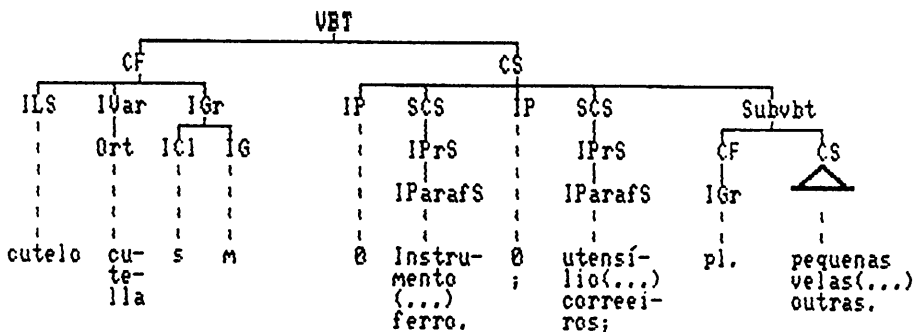
- seis núcleos de integradas;
- ocorre Subvbt com 3 núcleos de subintegradas.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D5 vbt2:

Cutelo (cutella), s.m. Instrumento cortante, semicircular, de ferro; utensílio especial de cortadores e correeiros; pl. pequenas velas de navios suplementares a outras.

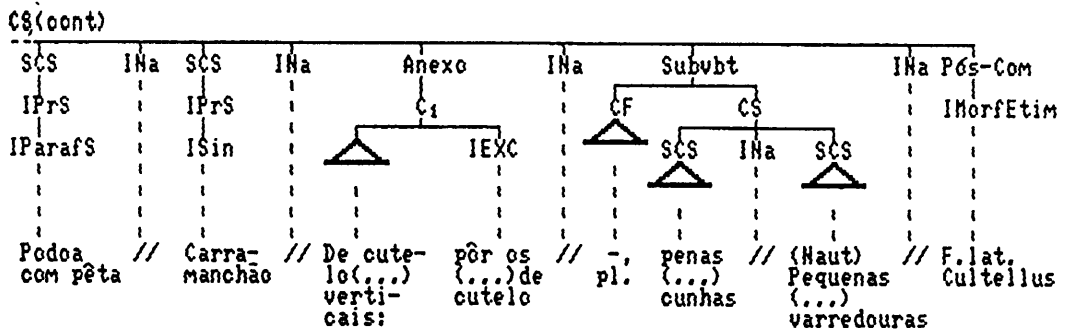


Vbt2 em D5 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas;
- Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.



Note-se que o 2º SCS só é distinguido em função da IEXC, já que o uso de INa não esclarece se SCS é elemento sublemático.

Vbt2 em D6 caracteriza-se por possuir:

- cinco núcleos de integradas;
- três núcleos de Anexo;
- Subvbt;
- Pós-Com.

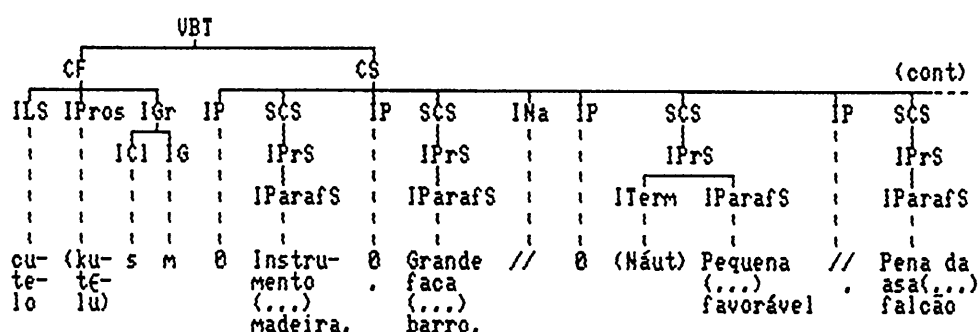
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D7_vbt2:

Cutelo (Ku'telu) s.m. Instrumento cortante, composto de um ferro semicircular com o gume na parte convexa e de um cabo de madeira. Grande faca de ferro com que nos fornos de tijolo se amassa o barro. // (Naut) Pequena vela

quadrangular que serve de suplemento às outras e se desfraldam quando o vento é favorável. Pena da asa do falcão. Prismas de aço da balança os quais servem para equilibrar o travessão e para suspensão das conchas // (Fig) Violência (Do latim cutellu, faca pequena).



Vbt2 em D8 caracteriza-se por possuir:

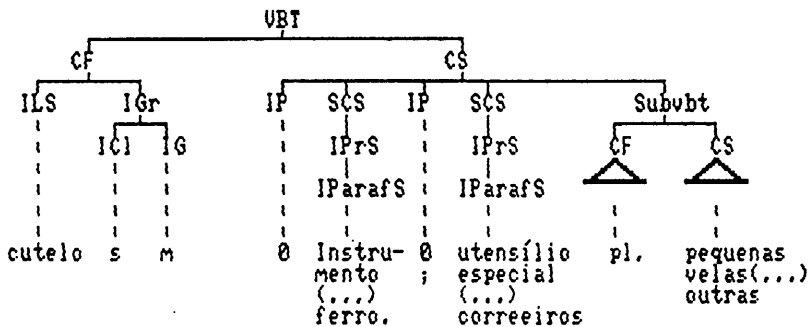
- quatro núcleos de integradas;
- Subvbt;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D9 vbt2:

Cutelo, s.m. Instrumento cortante, faca semi-circular, de ferro; utensílio especial de cortadores e correeiros; pl.: pequenas velas dos navios suplementares a outras.



Vbt2 em D9 caracteriza-se por possuir:

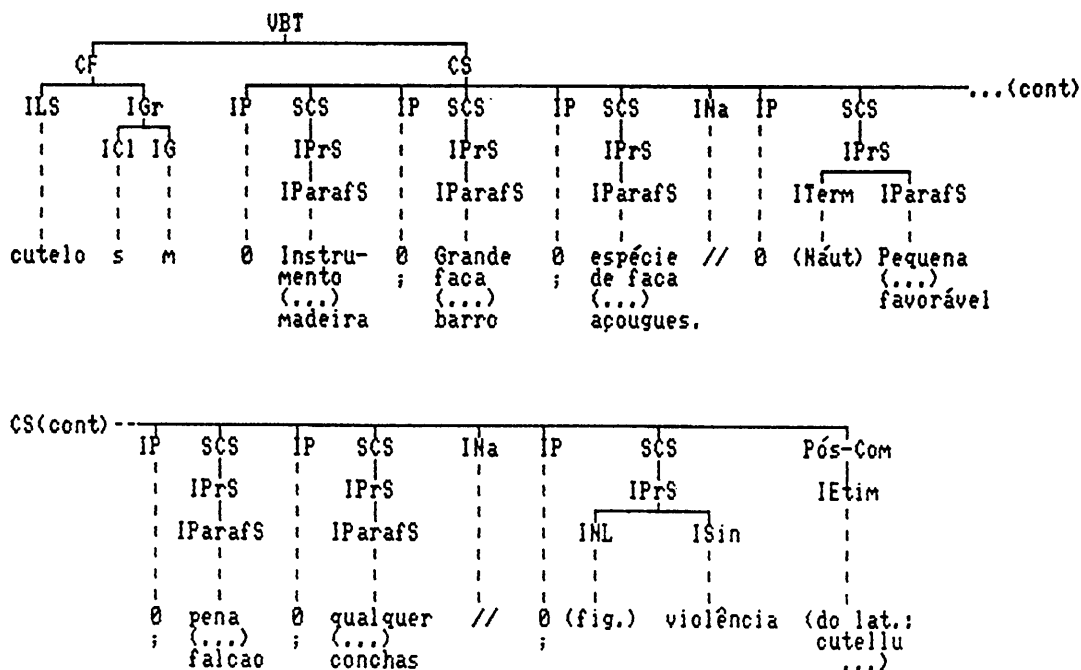
- dois núcleos de integradas;
- Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D10 vbt2:

Cutelo s.m. Instrumento cortante, composto de um ferro semicircular com o gume na parte convexa e de um cabo de madeira; grande faca de ferro com que nos fornos de tijolo se amassa o barro; espécie de faca, de lâmina retangular, pesada, usada nos açougues // (Náut) Pequena vela quadrangular que serve de suplemento às outras e se desfralda quando o vento é favorável; pena da asa do falcão; qualquer dos prismas de aço da balança os quais servem para equilibrar o travessão e para suspensão das conchas // (Fig) Violência (do lat.: cutellu = faca pequena).



Vbt2 em D10 caracteriza-se por possuir:

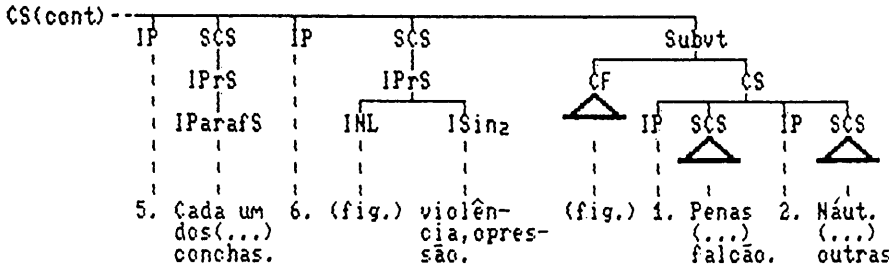
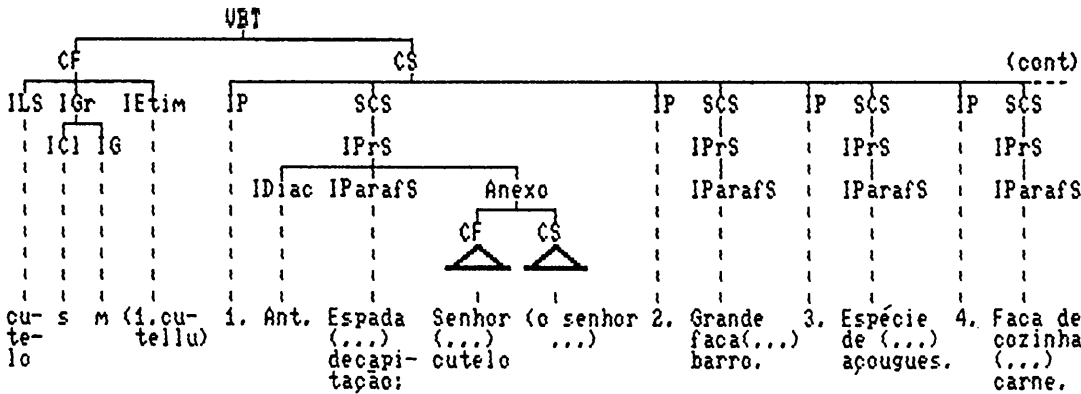
- sete núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D11 vbt2:

Cutelo, s.m. (1. cutellu) 1. Ant. Espada curva, com gume na parte convexa, que servia nas execuções por decapitação; Senhor de baração e cutelo (o senhor feudal que tinha direito de aplicar a pena capital a seus vassallos) 2. Grande faca de ferro com que, nos fornos de tijolo, se amassa o barro. 3. Espécie de faca de lâmina retangular, pesada, usada nos açougues. 4. Faca de cozinha de lâmina com forma de crescente e um cabo em cada extremidade, usada para picar carne. 5. Cada um dos prismas de aço da balança de travessão, os quais servem para equilibrar o travessão e para suspensão das conchas. 6. Fig. Violência, opressão. S.m. pl. 1. Penas da asa do falcão. 2. Náut. Pequenas velas quadrangulares que servem de suplemento às outras.



Observe-se que na primeira aceção indicamos Anexo subordinado à IPrS. Tal núcleo poderia ter sido considerado como EXC com Inter-Com. A opção por Anexo justifica-se pela definição que o segue, já que não é de praxe "definir" exemplos.

Vbt2 em D11 caracteriza-se por possuir:

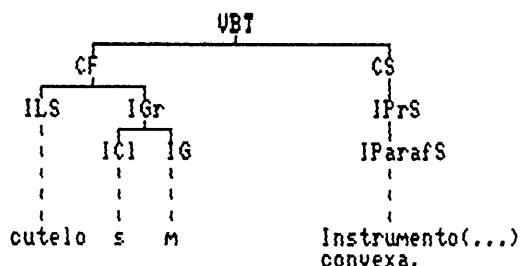
- seis núcleos de integradas;
- Anexo subordinado a SCS;
- Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D12 vbt2:

Cutelo. s.m. Instrumento cortante semicircular, com o gume na parte convexa.



Vbt2 em D12 caracteriza-se por possuir:

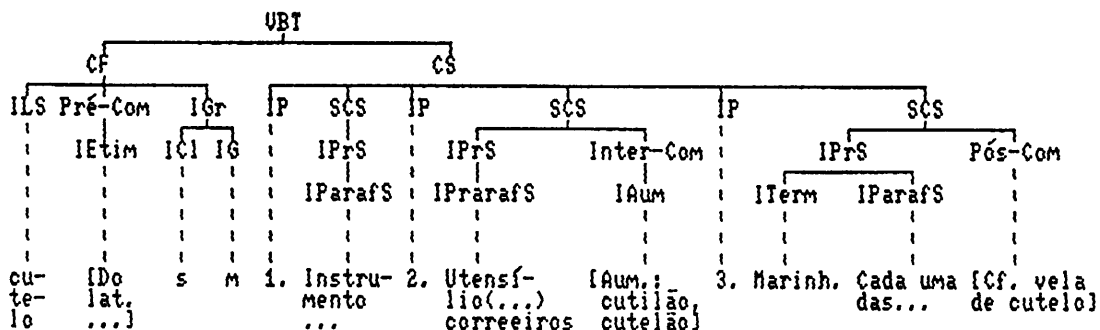
- apenas CS e CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

D13 vbt2:

Cutelo (do lat. cutellu, 'faquinha') s.m. 1. Instrumento cortante, semicircular, de ferro. 2. Utensílio semelhante ao cutelo (1), especial para cortadores e correeiros (Aum. cutilão, cutelão) 3. Marinh. Cada uma das velas suplementares quadrangulares, caçadas junto as testas do velacho e da gávea, quando o vento é de feição, para aumentar a superficie do pano [Cf. vela de cutelo].



Observe-se a ocorrência de IRem em SCS da 2a. acepção, integrada à IParafS.

Vbt2 em D13 caracteriza-se por possuir:

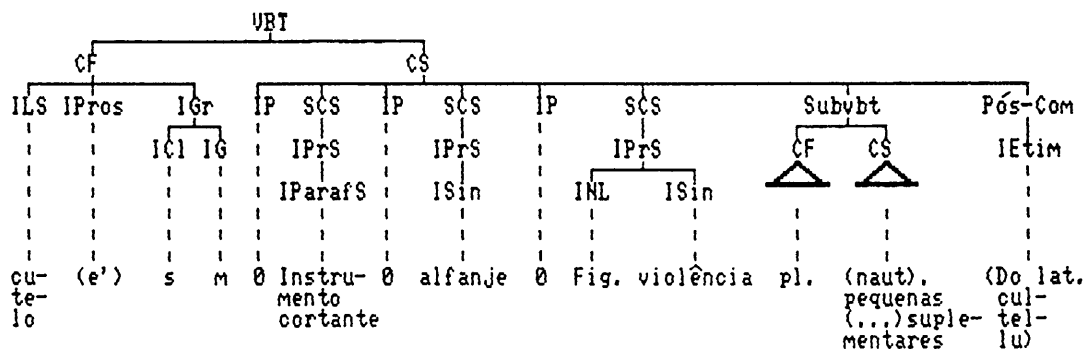
- três núcleos de integradas;
- Inter-, Pós-Comentário e Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D14 vbt2:

Cutelo. (é), s.m. Instrumento cortante, de forma circular; alfanje, (fig.) violência; pl. (náut.) pequenas velas suplementares (Do lat. cutellu).



Vbt2 em D14 caracteriza-se por possuir:

- três núcleos de integradas;

- Subvbt;
- Pós-Comentário.

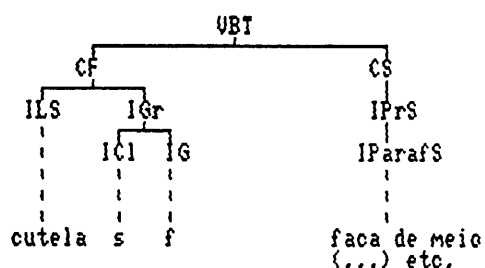
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

c) verbete nº 3 (vbt3) cutela

D1 vbt3:

Cutela, s.f. Faca de meio palmo de largura e grossura à proporção, sem ponta, de cabo curto, serve para cortar carne, e peixe em açougues e, cozinhas etc.



Vbt3 em D1 caracteriza-se por possuir:

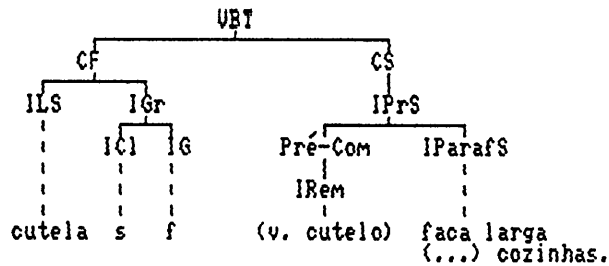
- apenas CS imediatamente subsequente a CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

D2 vbt3:

Cutela, s.f. (v. cutelo) faca larga e pesada para partir carne nos açougues e cozinhas.



Vbt3 em D2 caracteriza-se por possuir:

- apenas CF e CS;
- Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

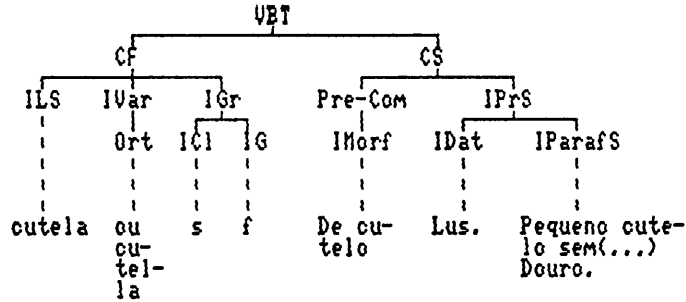
D3 vbt3:

D3 não registra vbt3

D4 vbt3:

Cutela, ou cutella, s.f. De cutelo. Lus. Pe-

queno cutelo, sem pêta, em uso entre os podadores do Douro.



Vbt3 em D4 caracteriza-se por possuir:

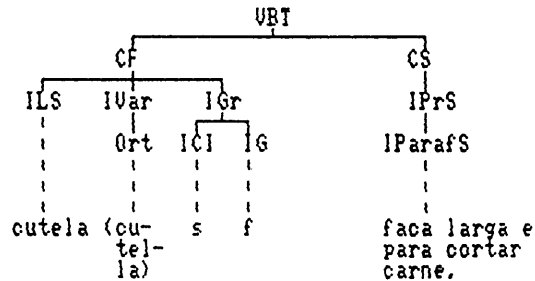
- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Pré-Com.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida

D5 vbt3:

Cutela (cutella), s.f. Faca larga para cortar carne.



Vbt3 em D5 caracteriza-se por possuir:

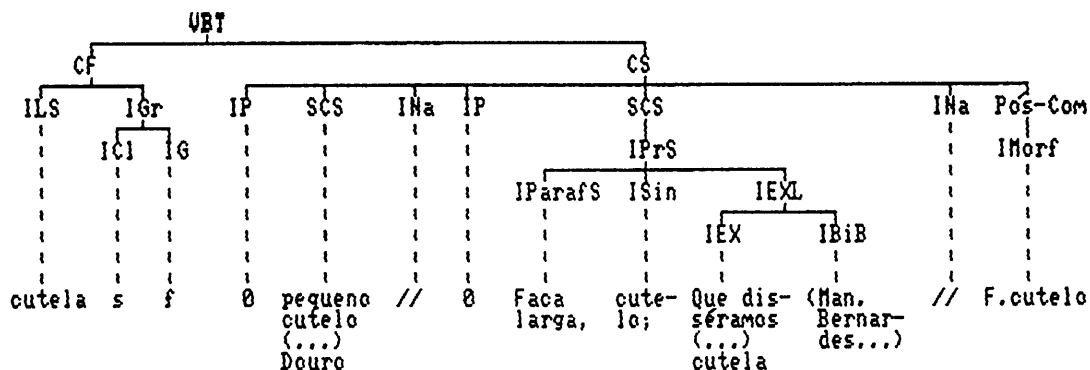
- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear

D6 vbt3:

Cutela, s.f, pequeno cutelo, sem pãta, usado pelos podadores do douro. // Faca larga, cutelo: Que disséramos de um filho que desse couces em seu pai?... Já houve um que o fez, e .. o moço indignado contra si mesmo, se cortou o pé com uma cutela (Man. Bernardes, Luz e Carlos, II, 1, 4, p.305, ed. 1724). // F. cutelo.



Vbt3 em D6 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas;

- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D7 vbt3:

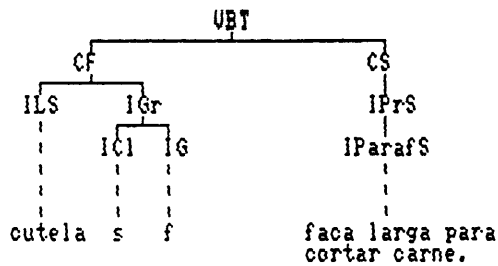
D7 não registra vbt3

D8 vbt3:

D8 não registra vbt3, embora o lexema seja incluído como derivado de cutelo no Pós-Com deste.

D9 vbt3:

Cutela, s.f. Faca larga para cortar carne.



Vbt3 em D9 caracteriza-se por possuir:

- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

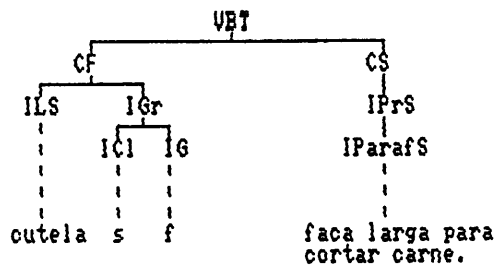
microestrutura básico-nuclear.

D10 vbt3:

D10 não registra vbt3

D11 vbt3:

Cutela, s.f. Faca larga para cortar carne.



Vbt3 em D11 caracteriza-se por possuir:

- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

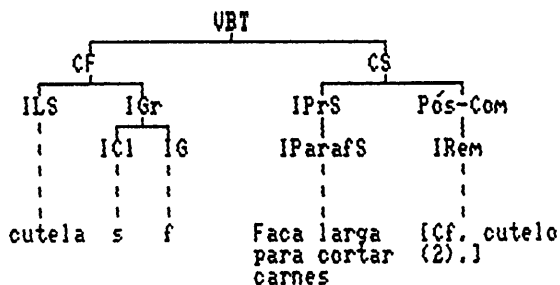
microestrutura básico-nuclear.

D12 vbt3:

D12 não registra vbt3

D13 vbt3:

Cutela s.f. Faca larga para cortar carne. [Cf. cutelo (2)]



Vbt3 em D13 caracteriza-se por possuir:

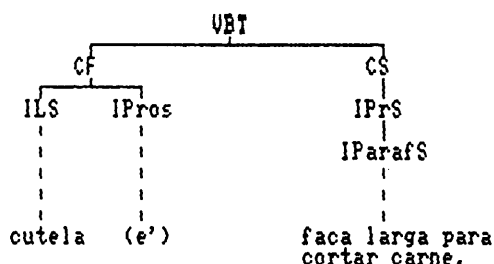
- apenas CS imediatamente subsequente ao único CS;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

D14 vbt3:

Cutela, (é), Faca larga para cortar carne.



Observe-se que não consta no verbete a IGr. Por certo trata-se de erro de impressão, já que a mesma consta em edição de 1970.

Vbt3 em D14 caracteriza-se por possuir:

- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF.

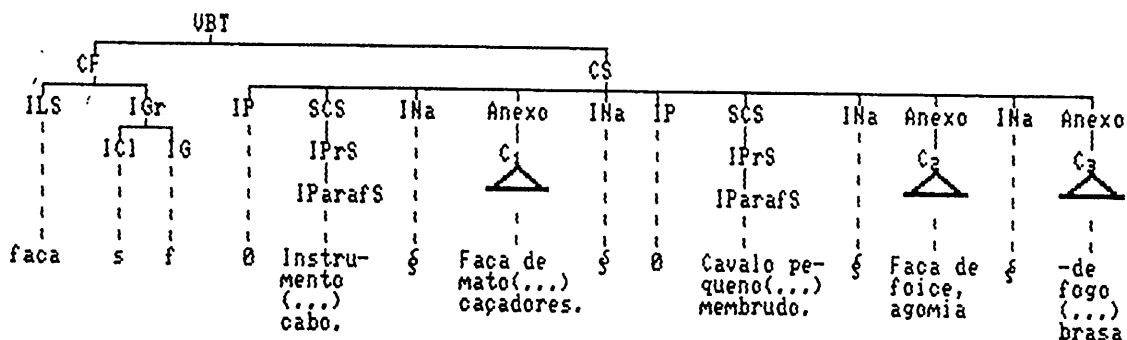
Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

d) verbete nº 4 (vbt4) faca

D1 vbt4:

faca, s.f. Instrumento de corte vulgarissimo, tem folha de ferro, ou aço, com gume, e cota, ponta ou sem ela, e cabo. § Faca de mato, espécie de punhal, ou antes grande faca, de que se usam os caçadores. § Cavallo pequeno e membrudo. § Faca de foice, agomia. § - de fogo; faca grossa de muito ferro, com que os Alveitares cauterizam, feita em brasa.



Observe-se que como INa é constituído por § , o Anexo Semântico não pode ser considerado como um bloco único.

Vbt4 em D1 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas;
- três núcleos de Anexo.

Sendo classificado como:

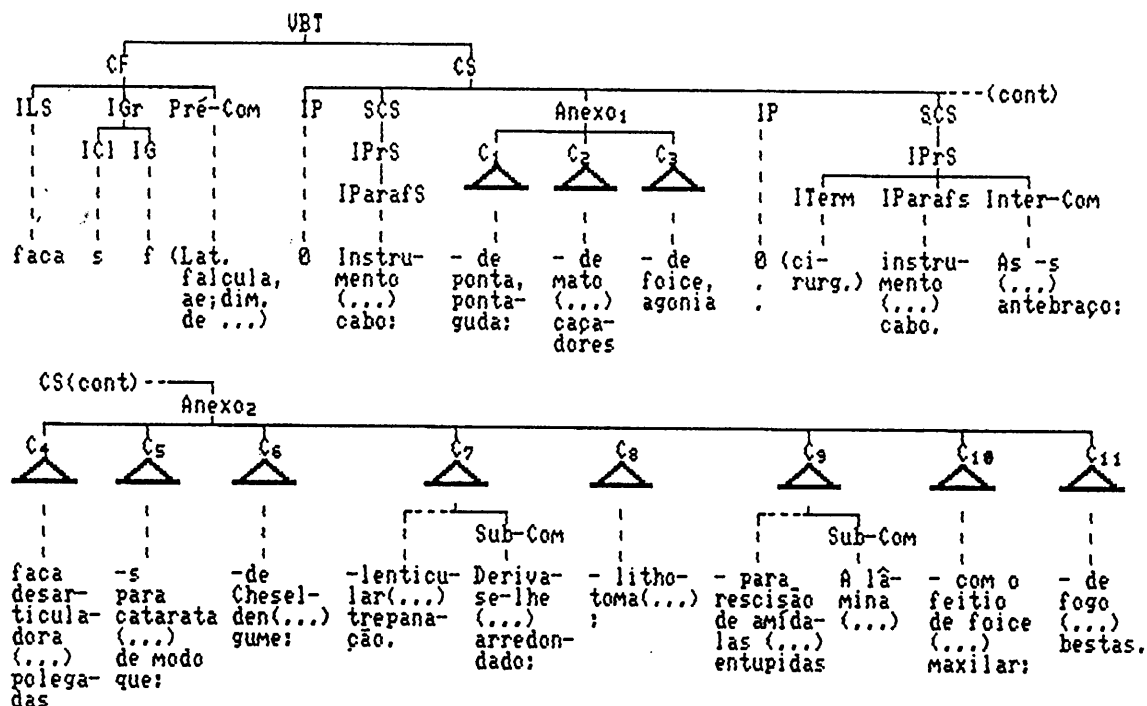
microestrutura parcialmente integrada.

D2 vbt4:

Faca, s.f. (lat. falcula, ae; dim. de falx, cis. fouce, roca dura, podão; podãa; qualquer instrumento semelhante a fauce) instrumento cortante curto com cabo; - de ponta, pontaguda; - de mato, punhal comprido usado por caçadores; - de fouce, agonia; - (cirurg.) instrumento cortante para dividir as partes moles, e que só difere do bisturi em ser ordinariamente maior e apresentar sempre a sua lâmina fixa no cabo. As - s de amputação são as de maiores

dimensões, e com lâmina de quatro a nove polegadas de comprimento, segundo o volume do membro que se deve amputar. Quase sempre se empregam - s de lâmina direita e de um só gume, chamadas facas interósseas, por servirem particularmente para praticar as amputações nos articulos, e dividir as carnes dos espaços interósseos, nas amputações da perna ou do antebraço: - desarticuladora de Larrey, espécie de - interóssea de três polegadas (...): -s para catarata, as de Richter, de Wenzel e de Ward, destinadas a fazer a seção de córnea, são feitas de modo que (...): - de Cheselden, de lâmina fixando cabo, convexa no gume, (...): - (lenticular, empregada na trepanação. (...)) Deriva-se-lhe o nome de ser terminado o seu gume (que tem uma polegada de comprimento) por um botão lenticular de três a quatro linhas de diâmetro, mui arredondado (...): - lithotoma, nome dado por Foubert a uma grande faca, cuja lâmina estreita (...): - para a rescisão das amídalas, inventada por Caqué de Reims para a rescisão das amídalas entupidas. A lâmina do comprimento de quatro polegadas (...) - com o feitio de foice, espécie de faca de lâmina forte e curvada o modo de foice, e com a qual Desault abria as partes laterais do seio maxilar: - de fogo (alveit.) faca grossa com que os alveitares cauterizam as bestas.

OBS: dada a extensão do verbete, não foram reproduzidos na íntegra alguns elementos nos Anexos Semânticos, o que não prejudica a análise.



Observe-se que IP (numérico) ausente foi considerado como constituído por dois pontos(:). Tal instrumento acaba por ser na verdade um ordenador estrutural, já que ocorre sistematicamente entre SCS's e núcleos de Anexo.

Vbt4 em D2 caracteriza-se por possuir:

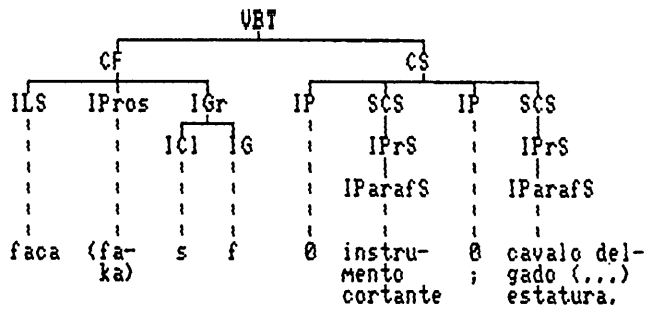
- Pré-Comentário e Inter-Comentário;
- dois Anexos;
- dois núcleos de integradas;

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

D3 vbt4:

Faca (fákã) s.f. Instrumento cortante; cavalo delgado e de mediana estatura.



Vbt4 em D3 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada

D4 vbt4:

Faca, s.f. lat. falcula. Instrumento cortante formado por uma lâmina curta de ferro ou aço e um cabo. //2. Instrumento cirúrgico, maior que o bisturi, e de lâmina fixa no cabo, com que nas amputações se dividem as partes moles. //3. Cavalo pequeno, de cavalaria, e geralmente castrado. //4. Gir. Cinta //5. Gir. égua nova, que corre bem e é de bonita estampa. FAÇA DE CATARATA, s.f. Cir. bisturi especial com que se pratica a secção da córnea na operação da catarata.

FAÇA DE FOICE, s.f. Agonia

FAÇA DE MATO, s.f. Espécie de punhal comprido, que usam os caçadores

FAÇA DE PAPEL, s.f. Utensílio de madeira, marfim, etc., que serve para cortar papel, do-brando-se este primeiro.

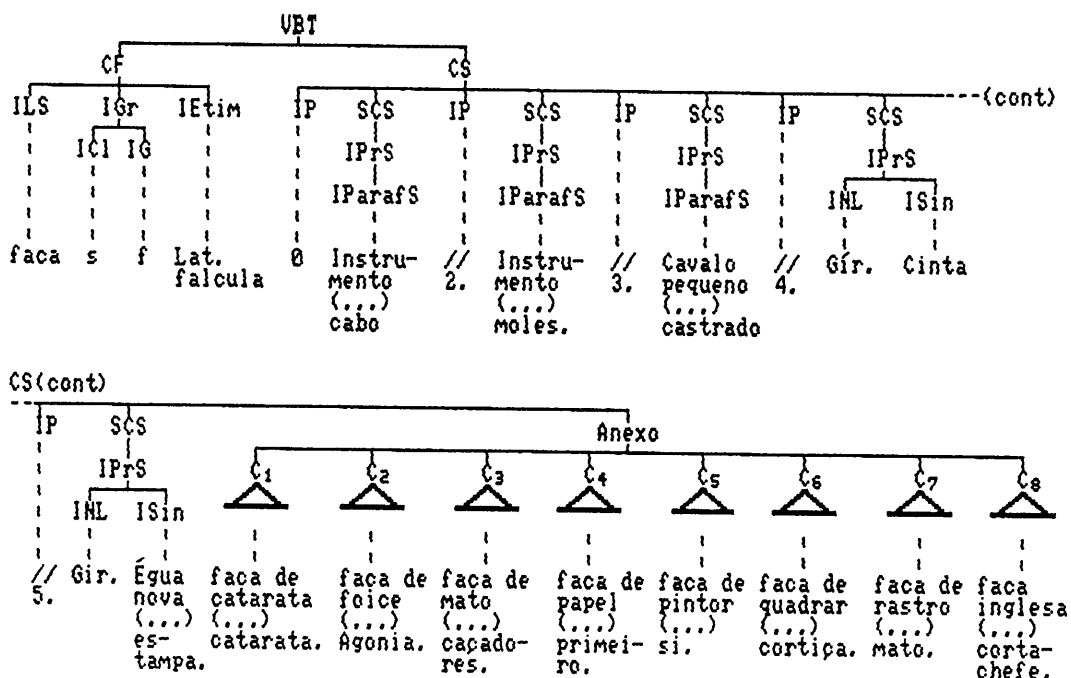
FAÇA DE PINTOR, s.f. Faca de aço sem corte,

muito flexível, de volta redonda na extremidade, com que os pintores passam as tintas da pedra em que são moídas para a palheta, e nesta as misturam e combinam entre si.

FACA DE QUADRAR, s.f. Faca com que os rolheiros fazem os quadros de cortiça.

FACA DE RASTO, s.f. Grande faca ou facão com que se abre caminho no mato.

FACA INGLESA, s.f. O mesmo que corta-chefe



Vbt4 em D4 caracteriza-se por possuir:

- cinco núcleos de integradas;
- Anexo.

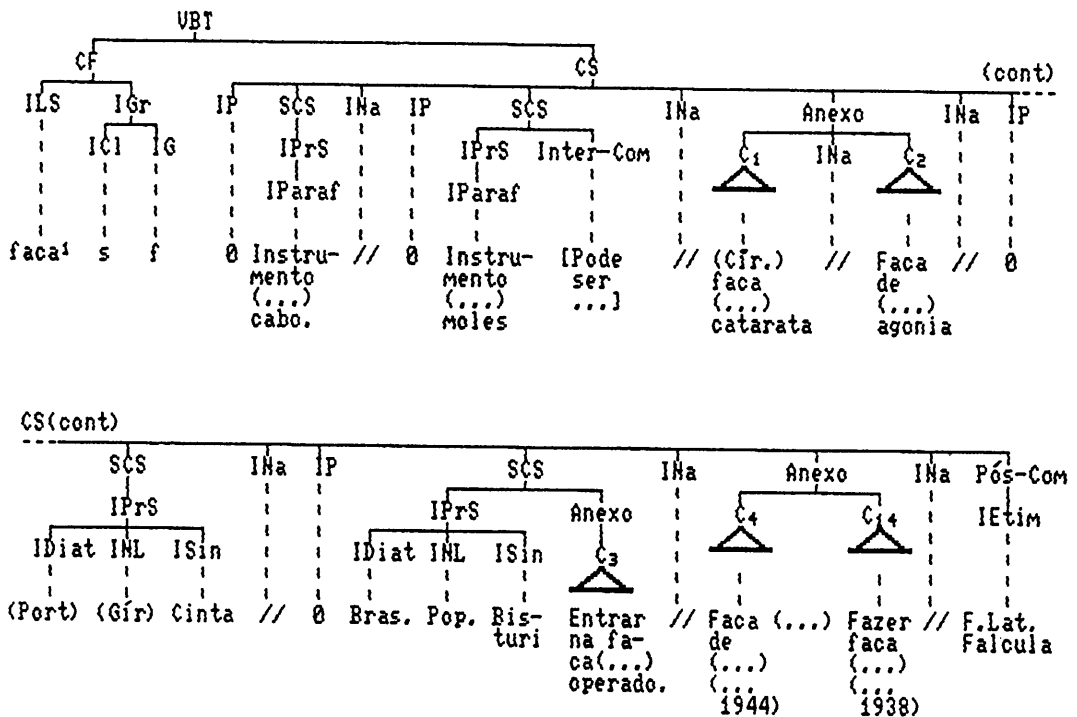
Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada.

D6 vbt4:

Faca^z, s.f. Instrumento cortante formado por uma lâmina curta de ferro ou aço e um cabo. // Instrumento cirúrgico, maior que o bisturi, e de lâmina fixa no cabo, com que nas amputações se dividem as partes moles. [Pode ser de um só gume ou de dois gumes; neste último caso tem o nome de faca interóssea e serve para dividir os tecidos musculares dos espaços interósseos nas amputações de perna ou antebraço]. // (Cir.) Faca de catarata, bisturi especial com que se pratica a seção da córnea na operação de catarata. // Faca de foice, agonia // (Port.) (gir.) Cinta // (Bras) (pop) bisturi. Entrar na faca, ser operado // Faca de mato, espécie de punhal comprido de que usam os caçadores: escola de advocacia...que manda ao causídico seja faca de mato, cego e cinico para tudo o que reporte pecúnia (Aq. Ribeiro, Volfrânio, c.12, p. 374, ed.1944) // Faca de papel, utensílio de madeira, marfim, etc., que serve para cortar papel, dobrando-se este primeiro. // Faca de rasto, (Bras., Rio Grande do Sul) faca grande de que se servem para abrir caminho no mato, cortar cipós, etc. (no Nordeste: faca de arrasto.) // Faca de pintor, faca de aço sem corte, muito flexível, de volta redonda na extremidade, com que os pintores passam as tintas, da pedra em que são moídas, para a palheta, e nesta as misturam e combinam entre si. // Pôr a faca aos peitos, obrigar, constranger por fôrça ou ameaça: cedi porque me pôs a faca aos peitos. // Meter a faca, suprimir, cortar, amputar, apresentei-lhe o orçamento para a festa, e ele meteu-lhe a faca sem dó. // Ter (ou estar com) a faca e o queijo na mão (loc. fam), estar senhor absoluto da situação, ter ao seu alcance todos os elementos para fazer o que mais lhe apraz. // A faca, loc. pop. usada pelas vendedeiras de melancias quando se prestam a calar a fruta previamente para se verificar se está madura: merca melancias à faca! // A faca, a esmo, sem certeza, à toa: o orçamento foi feito à faca. // (Bras.Norte) Fazer faca, espadanas: Para este último, ver a canoa fazer faca, isto é, levantar espadanar de água à sua frente, é motivo de ...júbilo

(Gastão Cruls, *Amazônia que eu vi*, p.280, ed. (1938). //f. lat. *Falcula*.



Vbt4 em Dó caracteriza-se por possuir:

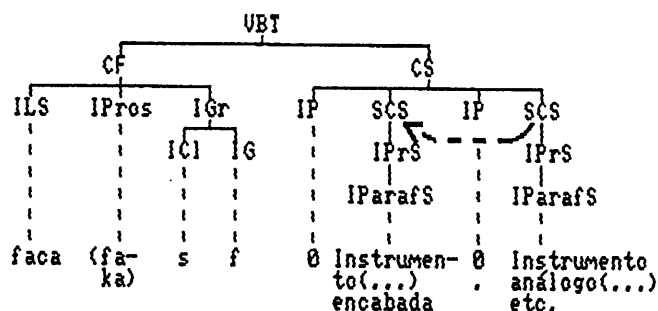
- Inter- e Pós-Com;
- três núcleos de Anexo;
- quatro núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

D7 vbt4:

Faca (fɔka) s.f. Instrumento cortante, formado por uma lâmina metálica, de gume, encabada. Utensílio análogo, feito de madeira, de osso, de marfim, etc.



Observe-se que o 2º SCS é relacionado textualmente ao 1º.

Vbt4 em D7 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas.

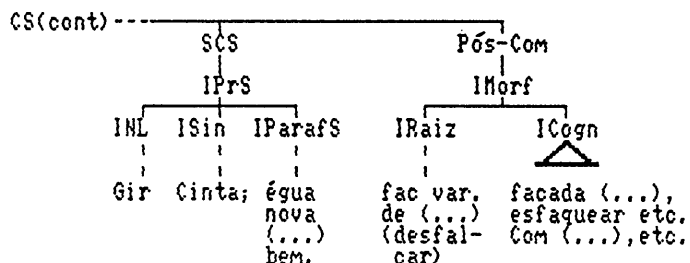
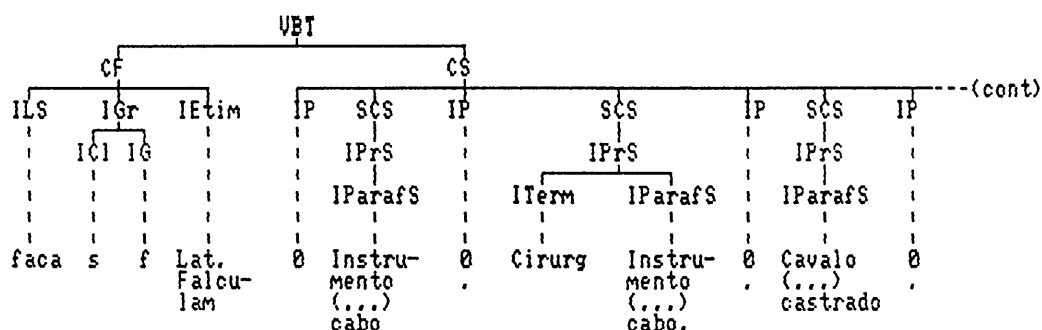
Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D8 vbt4:

Faca s.f. lat. falculam. Instrumento cortante, cuja lâmina curta de ferro ou aço, é presa a um cabo. Cirurg. Instrumento cortante maior

que o bisturi e também de lâmina num cabo. Cavalgado castrado. Gir. Cinta; égua nova de bonita estampa e que corre bem. RAIZ. fac var de falc (desfalcar) COGNATOS: facada s.f. golpe feito com faca; ferida feita com faca, ofensa ou surpresa dolorosa; gir.: pedido de dinheiro, encostadela); facção, etc. com raiz modificada: faquinha, esfaquear, etc.



Vbt4 em D8 caracteriza-se por possuir:

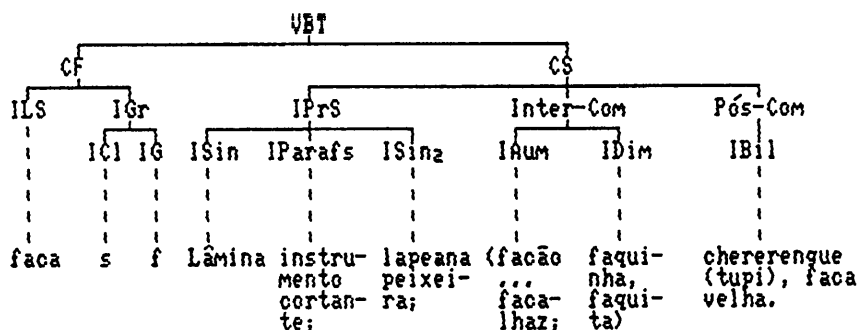
- quatro núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D9 vbt4:

Faca, s.f. Lâmina, instrumento cortante; lapeana; peixeira; (Aument. facão; facalhão; facalhão; facalhaz; diminut.: faquinha, faquita); chererengue (tupi), faca velha.



Vbt4 em D9 caracteriza-se por possuir:

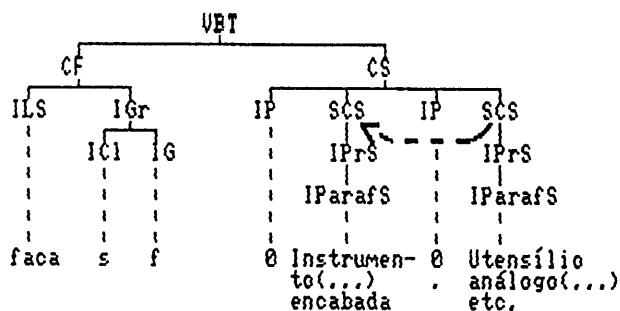
- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Inter-Comentário e Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura estendida.

D10 Vbt4:

Faca², s.f. Instrumento cortante, formado por uma lâmina metálica, de um gume, encabada. Utensílio análogo, feito de madeira, de osso, de marfim, etc.



Nota: o 2º SCS é textualmente subordinado ao primeiro

Vbt4 em D10 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas.

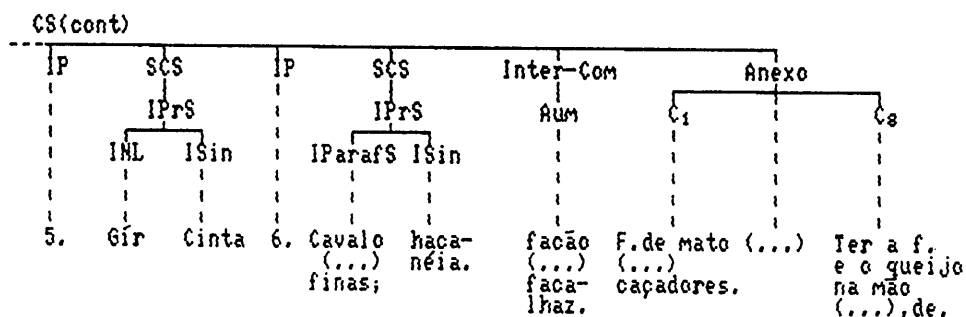
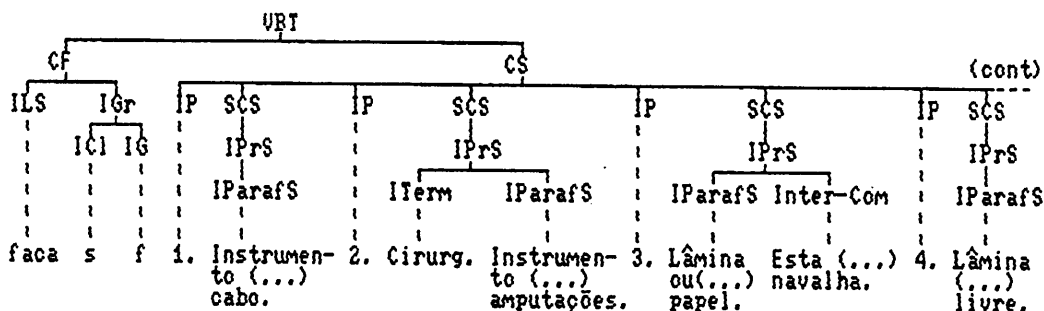
Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D11 Vbt4:

Faca, s.f. 1. Instrumento cortante, formado por uma lâmina com gume engastada em um cabo. 2.Cir. Instrumento maior que o bisturi, para amputações 3. Lâmina ou ferramenta cortante, provida de gume, fixa em uma máquina, como, por exemplo, na guilhotina para cortar papel. Esta última é também chamada navalha. 4. Lâmina cortante da cisalha, provida de um cabo na extremidade livre 5. Gir. Cinta. 6. Cavalinho pequeno, ligeiro, de linhas finas; hacanêia. Aum.: facão, facalhão, facalhar - F. de mato: facão comprido usado pelos caçadores. F. de mesa: faca que faz parte do talher. F. de papel: utensílio próprio para cortar papel. F.

de arrasto; grande faca, com que se abre caminho no mato; facão. Com a faca na garganta; o mesmo que com a corda no pescoço. Entrar na f.; ser operado. Meter a faca a (ou em); a) amputar, suprimir, cortar; b) cobrar muito caro por alguma mercadoria ou trabalho. Ter a faca e o queijo na mão; ter poder amplo, dispor de.



Vbt4 em D11 caracteriza-se por possuir:

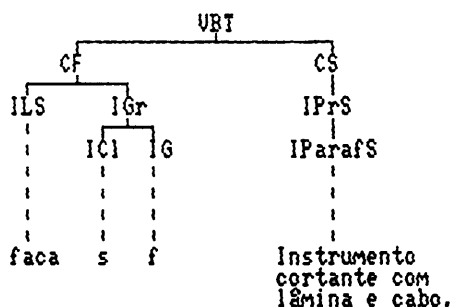
- seis núcleos de integradas;
- Inter-Comentários;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

D12 Vbt4:

Faca, s.f. Instrumento cortante com lâmina e cabo.



Vbt4 em D12 caracteriza-se por possuir:

- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF.

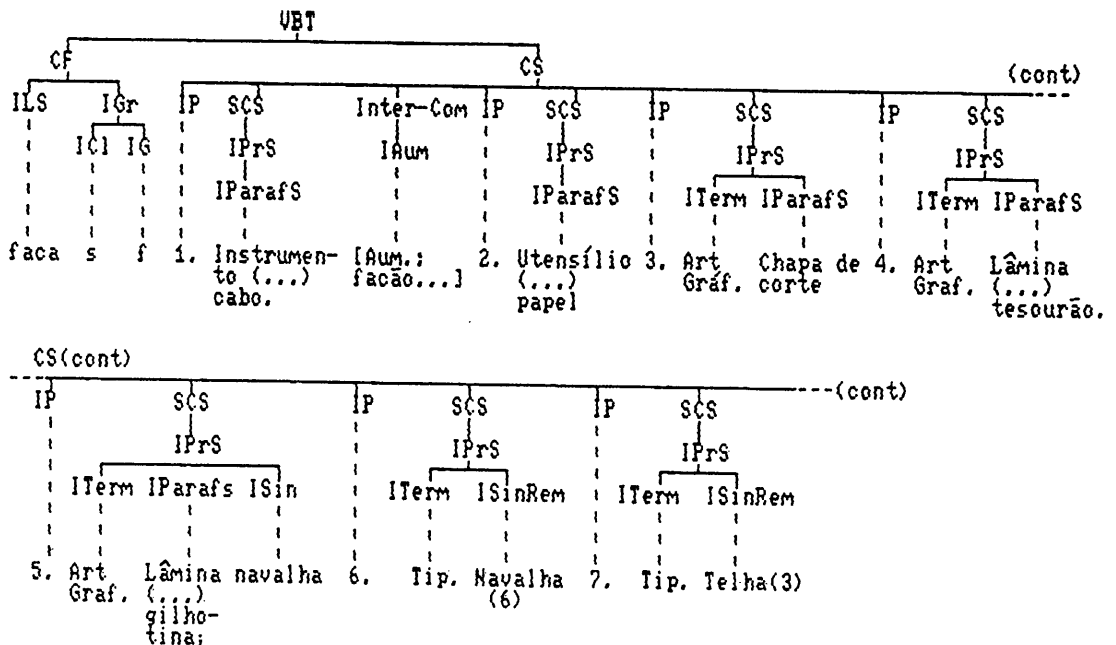
Sendo classificado como:

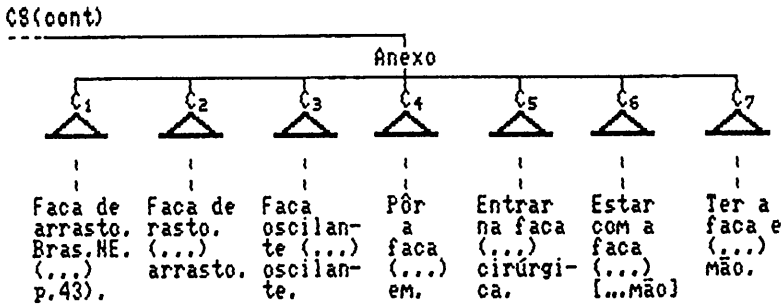
microestrutura básico-nuclear.

D13 Vbt4:

Faca², s.f. 1. Instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo. [Aum. facção, facalhão, facalhaz] 2. Utensílio de madeira, osso, metal, etc. para cortar papel. 3. Art. Gráf. Chapa de corte. 4. Art. Gráf. Lâmina cortante do

tesourão. 5. Art. Gráf. Lâmina cortante da guilhotina, navalha. 6. Tip. Navalha (6) Tip. Telha (3) **Faca de arrasto.** Bras. N.E **Faca de rasto:** "Dias depois voltou José, ...trazendo uma espingarda nova na mão, uma faca de arrasto pendente na cintura." (Franklin Távora, O Cabeleira, p.43) **Faca de rasto** Bras. RS Grande faca ou facão, usada para abrir caminho no mato, cortar cipó, etc; **faca de arrasto.** **Faca oscilante.** Art. Gráf. Dispositivo para dobrar, nas dobraduras ou nas rotativas, por meio de lâmina sem gume que introduz o papel entre dois cilindros, braço oscilante. **Por a faca no peito de** Bras. Fam. Tentar forçar (alguém) a uma decisão, um pronunciamento, uma atitude ou ato qualquer; encostar na parede; imprensar contra a parede; pôr alguém contra a parede; dar um arrocho em. **Entrar na faca.** Fam. submeter-se à operação cirúrgica. **Estar com a faca e o queijo na mão** 1. Ter poder amplo. 2. Dispor inteiramente de algo (Sin. ger.: ter a faca e o queijo na mão). Ter a faca e o queijo na mão. **Estar com a faca e o queijo na mão.**





Observe-se que C₆ tem acepções ou SCS's.

Vbt4 em D13 caracteriza-se por possuir:

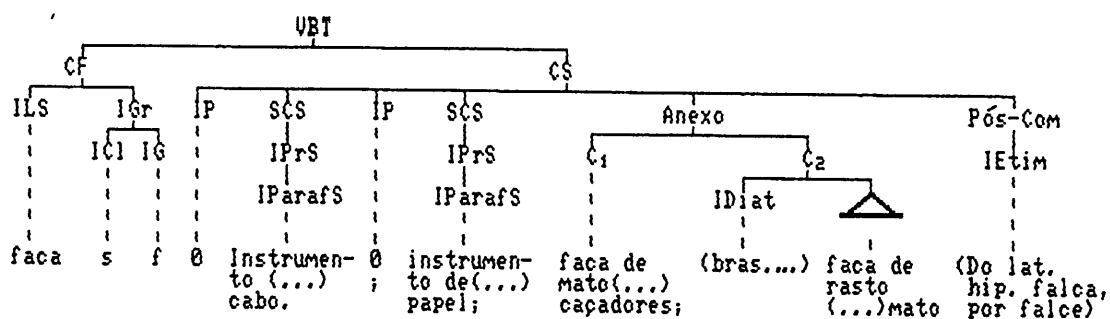
- sete núcleos de integradas;
- Inter-Com e Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

D14 Vbt4:

Faca, s.f. Instrumento cortante, formado de uma lâmina de gume e de um cabo; instrumento de metal ou de outra substância, para cortar papel, faca de mata; espécie de punhal comprido usado pelos caçadores; (bras. do sul) faca de rasto; facão com que se abre caminho no mato (Do lat. falca, por falce)



Vbt4 em D14 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas;
- Anexo;
- Pós-Comentário.

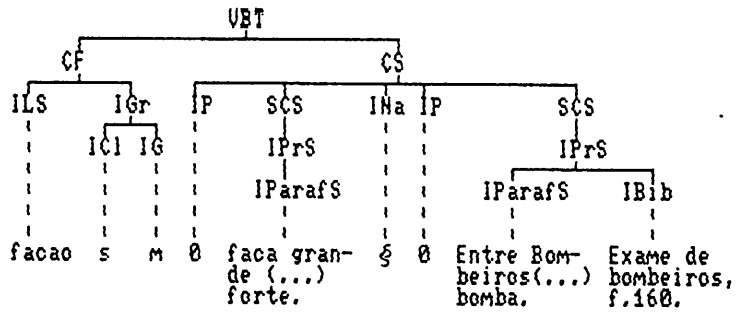
Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

e) verbete nº 5 (vbt5) facão

D1 Vbt5:

Facão, s.m. Faca grande, e muito forte § Entre bombeiros, é uma peça, que serve para atacar, e acunhar a terra, ou filásticas à roda da bomba. Exame de bombeiros, f.160.



Vbt5 em D1 caracteriza-se por possuir:

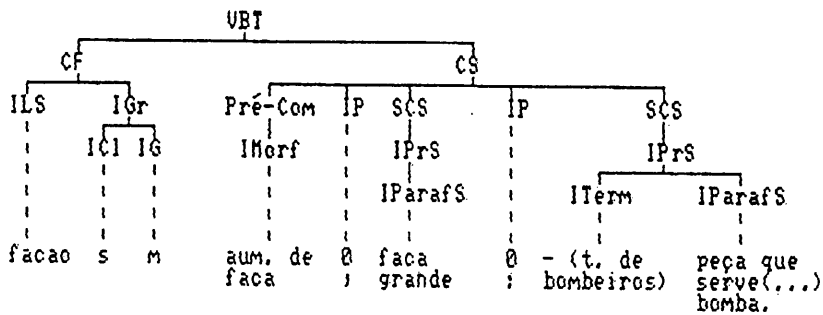
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada

D2 vbt5:

Facão, s.m. aum. de faca, faca grande: - (t. de bombeiros) peça que serve para atacar e acunhar a terra, ou filásticas à roda da bomba.



Vbt5 em D2 caracteriza-se por possuir:

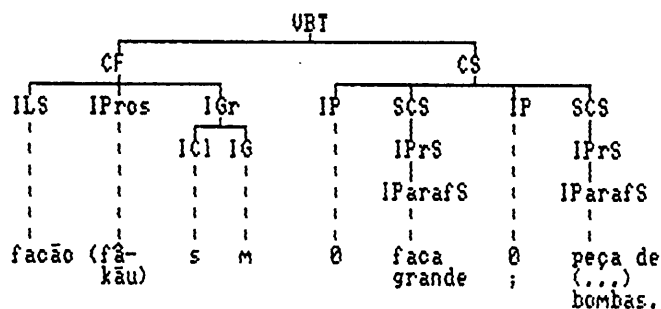
- dois núcleos de integradas;
- Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D3 vbt5:

Facão (fākāu) s.m. faca grande; peça de calcar a terra ou as filásticas à roda das bombas.



Vbt5 em D3 caracteriza-se por possuir:

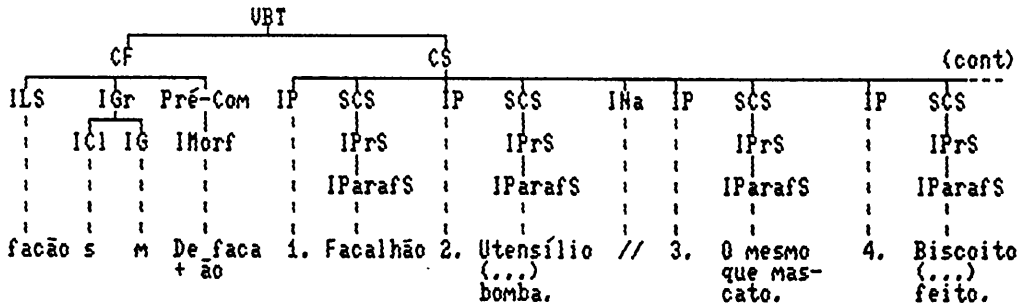
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

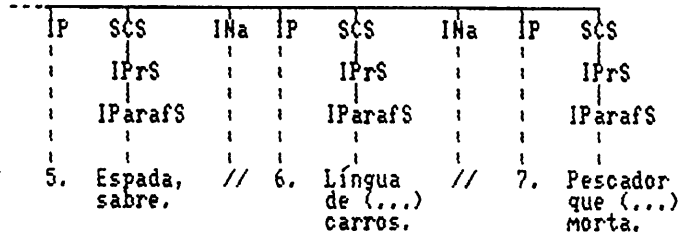
microestrutura integrada.

D4 vbt5:

Facção, s.m. De faca + ao. 1. Facalhão. 2. Utensílio com que os bombeiros acunham a terra em volta da bomba. //3. O mesmo que mascato. 4. Biscoito grande e mal feito. 5. Espada, sabre. //6. Língua de terra que fica na estrada, entre os sulcos abertos pelas rodas dos carros. //7. Pescador que retalha a baleia depois de morta.



CS(cont)



Vbt5 em D4 caracteriza-se por possuir:

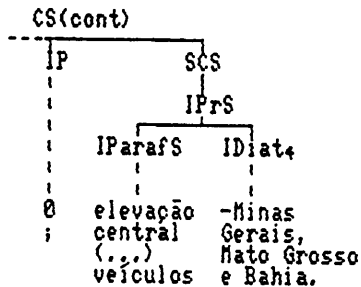
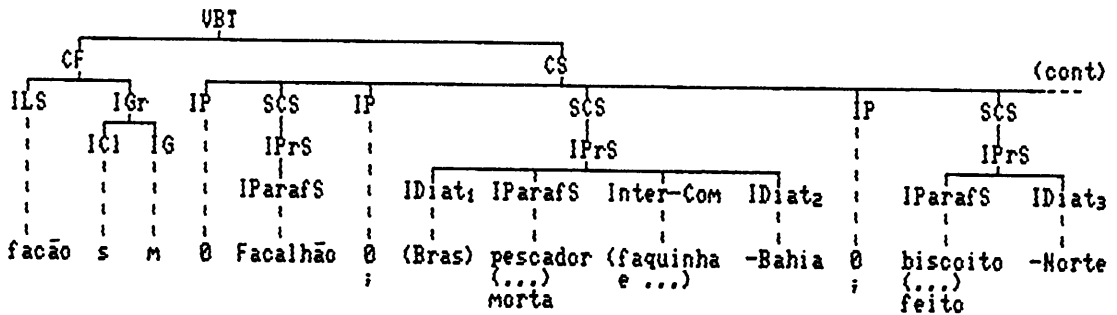
- sete núcleos de integradas;
- Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D5 vbt5:

*Facção, s.m. Facalhão; (Bras) Pescador que re-
talha a baleira depois de morta (faquinha é o
que se incumbe de picá-la em pequenos pedaços)
- Bahia; biscoito grande e mal feito - Norte;
elevação central e longitudinal nas estradas,
dificultando a passagem aos veículos - Minas
Gerais, Mato Grosso e Bahia.*



Vbt5 em D5 caracteriza-se por possuir:

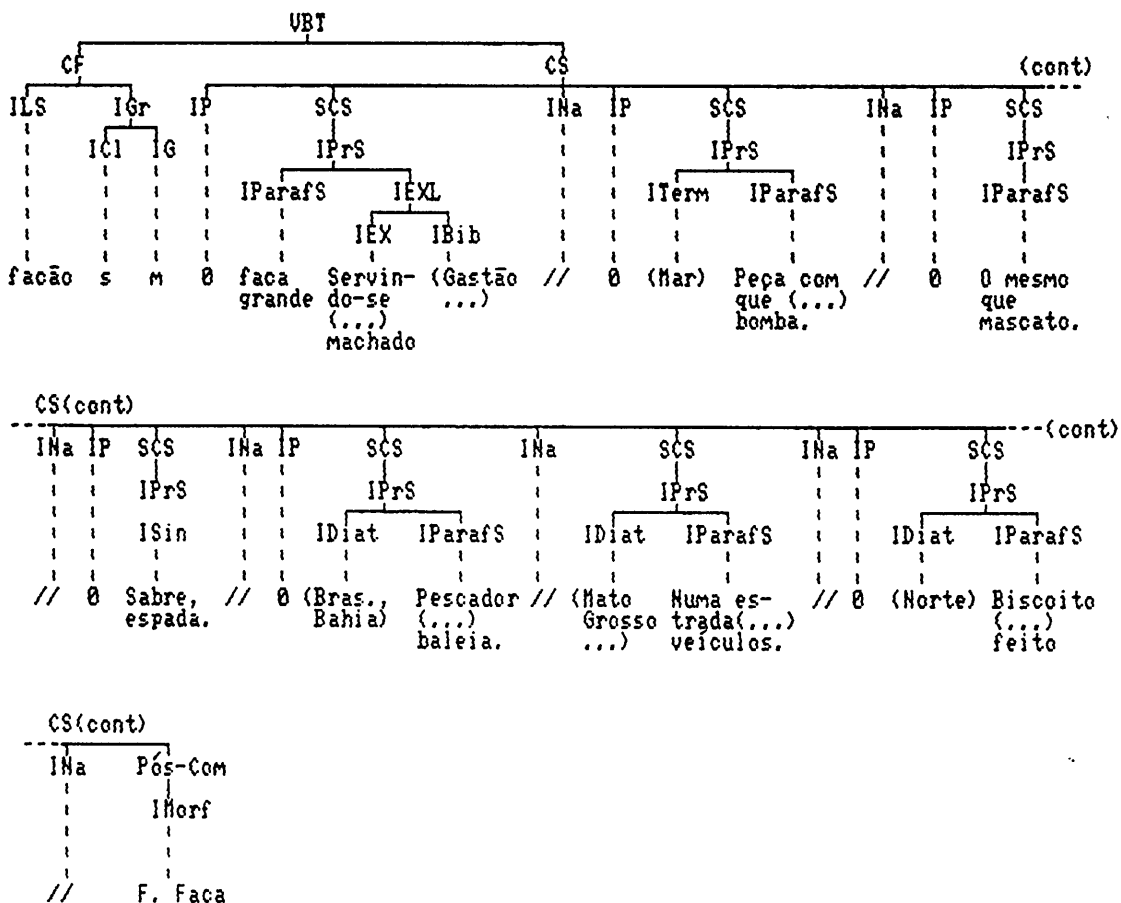
- quatro núcleos de integradas;
- Inter-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D6 vbt5:

Facção, s.m, Faca grande: Servindo-se da mais rústica ferramenta, pois que usava apenas de facção e machado (Gastão Cruls, Amazônia que eu vi, p.68, ed.1938). // (Mar) Peça com que os bombeiros atacam e acunham a terra ou as filásticas à roda da bomba. // O mesmo que mascato. // Sabre, espada. // (Bras., Bahia) Pescador incumbido de retalhar a baleia. // (Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia) Numa estrada, o camalhão que fica entre as rodeiras e dificulta a passagem de veículos. // (Norte) Biscoito grande e mal feito. // F Faca.



Vbt5 em D6 caracteriza-se por possuir:

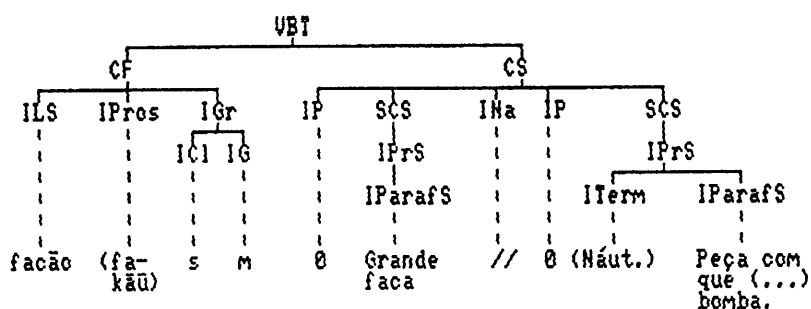
- sete núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D7 vbt5:

Facão (fakãu) s.m. Grande faca // (Náut) Peça com que os bombeiros atacam e acunham a terra ou as filásticas à roda da bomba.



Vbt5 em D7 caracteriza-se por possuir:

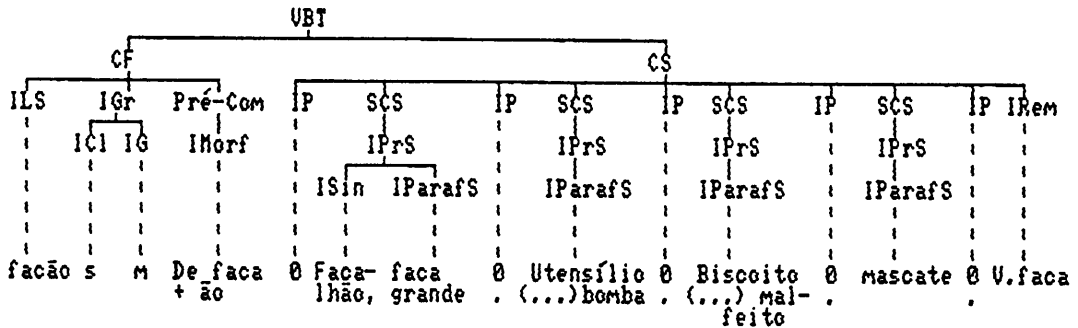
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D8 vbt5:

Facão s.m. De faca + ão. Facalhão, faca grande. Utensílio de bombeiro, para acunhar a terra em volta da bomba. Biscoito grande e mal feito. Mascate. V. faca.



Vbt5 em D8 caracteriza-se por possuir:

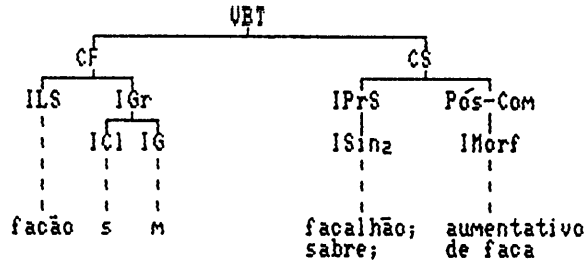
- quatro núcleos de integradas;
- Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D9 vbt5:

Facão, s.m. Facalhão; sabre; aumentativo de faca.



Vbt5 em D9 caracteriza-se por possuir:

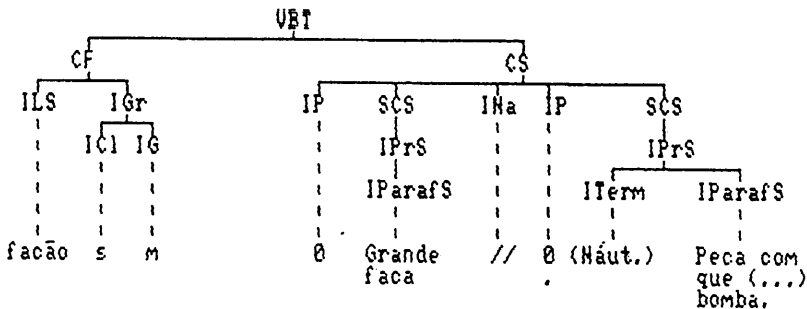
- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Pós-Comentário.

Sendo Classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

D10 vbt5:

Facão s,m. Grande faca. //(Náut) Peça com que os bombeiros atacam e acunham a terra ou as filásticas à roda da bomba.



Vbt5 em D10 caracteriza-se por possuir:

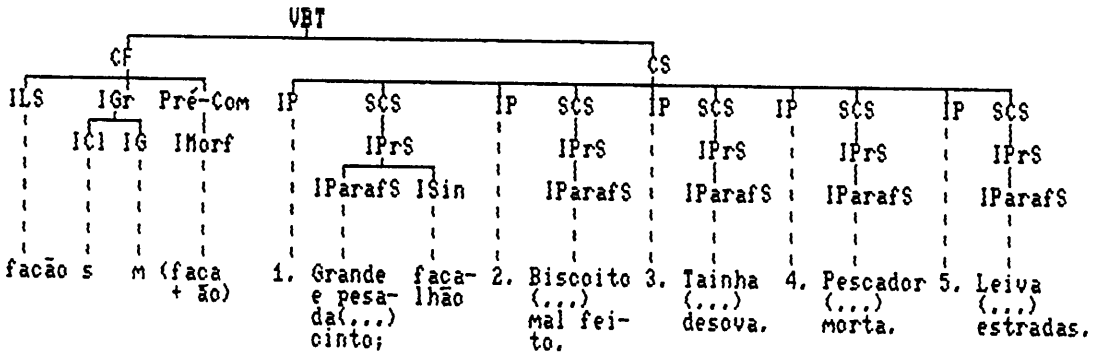
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D11 vbt5:

Facção, s.m. (faca +ão) 1. Grande e pesada faca, usada no sertão e na roça, para cortar brenhas, cana etc., e carregada no cinto; facalhão. 2. Biscoito grande e mal feito. 3. Tainha magra depois da desova. 4. Pescador que retalha a baleia depois de morta. 5. Leiva que se forma entre os sulcos das viaturas nas estradas.



Vbt5 em D11 caracteriza-se por possuir:

- cinco núcleos de integradas;

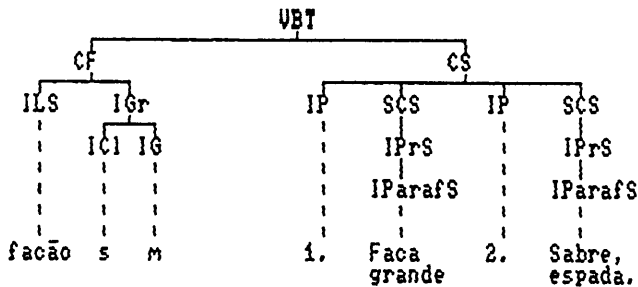
- Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D12 vbt5:

Facão s.m. Faca grande 2. Sabre, espada.



Vbt5 em D12 caracteriza-se por possuir:

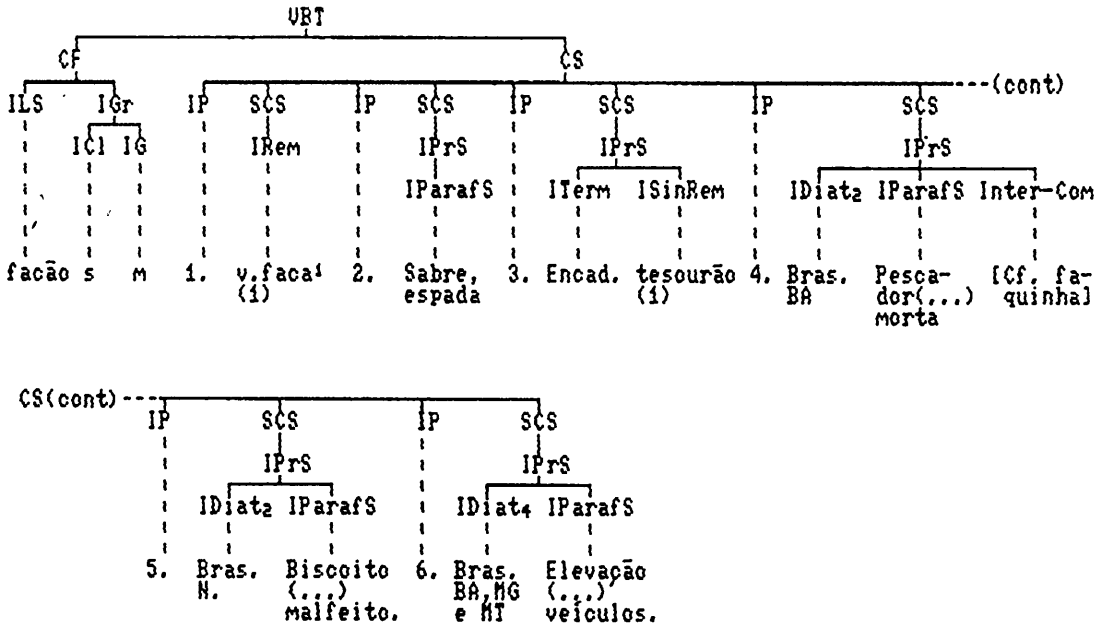
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D13 vbt5:

Facão, s.m. 1. v. faca² (1) 2. Sabre, espada, 3. Encad. tesourão (1) 4. Bras., BA, Pescador que retalha a baleia depois de morta [Cf. faquinha] 5. Bras. N. Biscoito grande e mal feito. 6. Bras. BA, MG e MT. Elevação central e longitudinal nas estradas, que dificulta a passagem aos veículos.



Vbt5 em D13 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas;
- Inter-Comentário.

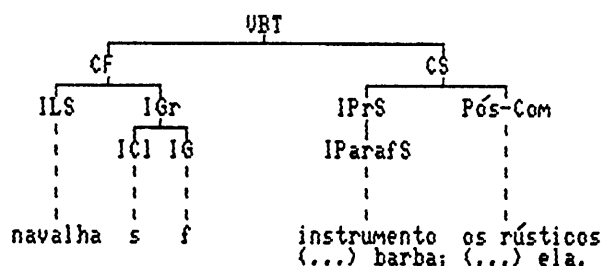
Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D14 vbt5:

Facão, s.m. Grande faca; facalhão; peça com que os bombeiros acunham a terra em volta das bombas-mascato; (bras.) biscoito grande e malfeito; pescador que retalha a baleia depois de morta; elevação longitudinal nas estradas, entre os sulcos abertos pelas rodas dos carros. (De faca)

Navalha, s.f. Instrumento de fazer a barba; os rústicos usam de navalha, que é faca, que fei-xa em um cabo, e se abre, e sustenta nele por mola, ou sem ela.



Vbt6 em D1 caracteriza-se por possuir:

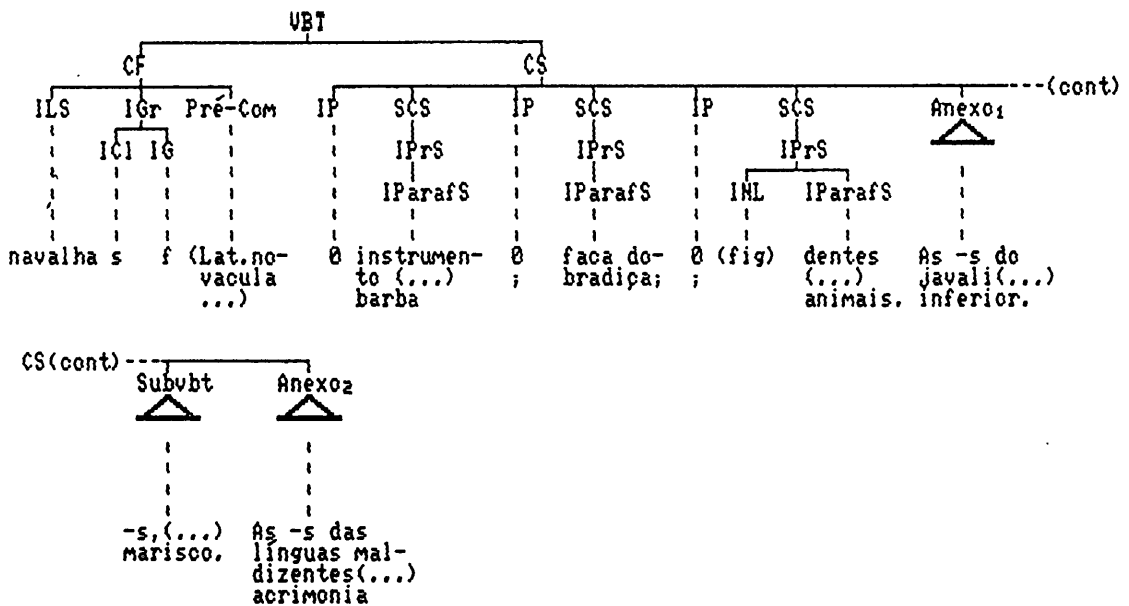
- apenas um CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

D2 vbt6:

Navalha, s.f. (Lat. novacula, de novo, are, renovar, e acus ou aculeus, coisa aguçada) instrumento cortante de raspar ou fazer a barba; faca dobradiça; (fig.) dentes mui agudos de animais. As-s do javali, os dentes incisores do queixo inferior; -s, nome de um marisco. As-s das linguas maldizentes (fig.) o afiado, a acrimonia.



Vbt6 em D2 caracteriza-se por possuir:

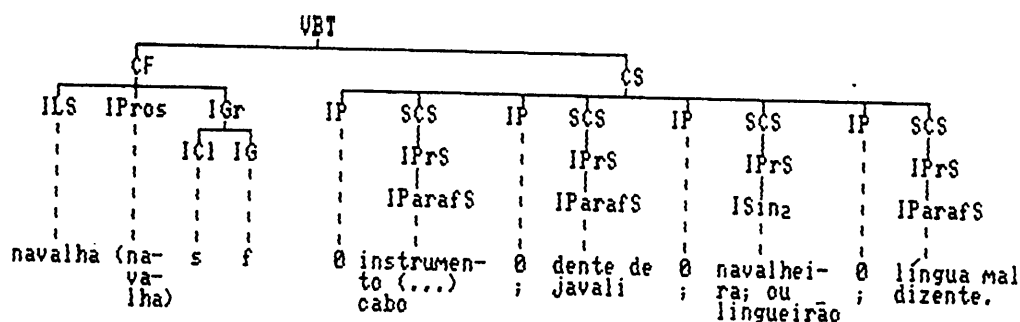
- três núcleos de integradas;
- Pré-Comentário;
- Anexos;
- Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D3 vbt6:

Navalha (nâválhã) s.f. instrumento cortante em que a lâmina se esconde no cabo; dente de javali; navalheira ou lingueirão; língua maldizente.



Vbt6 em D3 caracteriza-se por possuir:

- quatro núcleos de integradas.

Sendo Classificada como:

microestrutura integrada.

D4 vbt6:

Navalha, s.f. lat. *navacula*. Instrumento formado por uma lâmina de aço cortante e de um cabo que protege o fio da lâmina quando fechado o instrumento. //2. Zool. Linguarão ou lingueirão //3. Língua maldizente. //4. Frio intenso //5. Pesc. Vara com um carangueijo, para apanhar polvo. //6. O mesmo que capim navalheira

NAVALHA DE BARBA, s.f. Navalha muito afiada, própria para barbear

NAVALHA DE MACACO, s.f. Planta ciperácea (*Scleria Silvestris*). //2. O mesmo que capim navalheira

NAVALHA DE MICO, s.f. Planta herbácea da família das ciperáceas

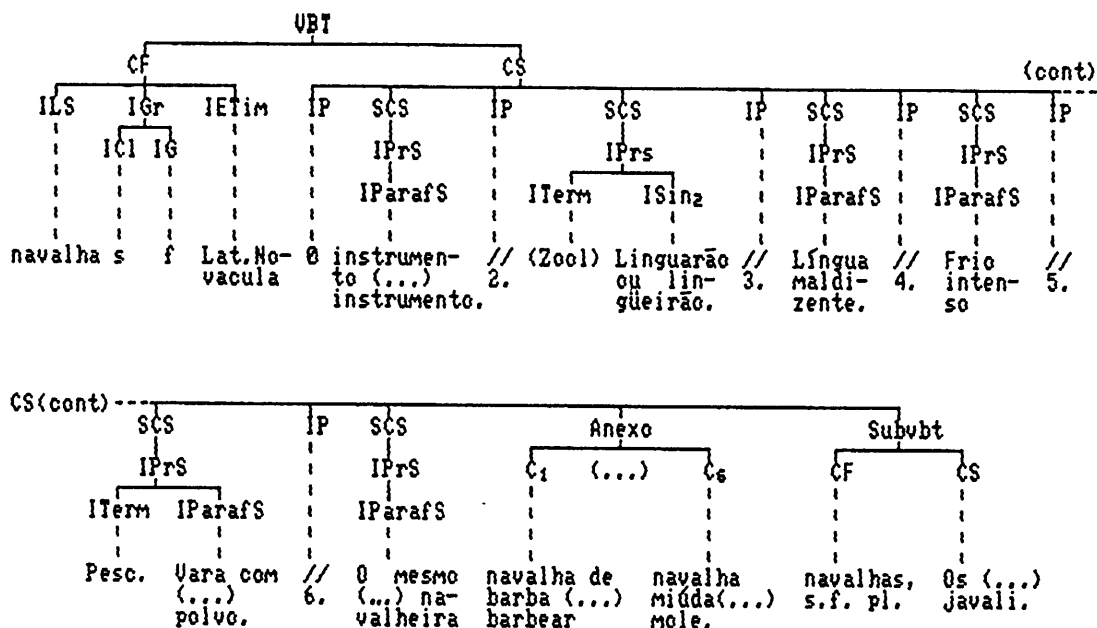
NAVALHA DE MOLA, s.f. Navalha cuja folha comunica com uma mola que impede que ela se feche, sendo para isso preciso carregar na mola.

NAVALHA DE PONTA E MOLA, s.f. Arma proibida, que consiste numa navalha cuja lâmina pontea-

guda comunica com uma mola, que impede que ela se feche.

NAVALHA MIUDA, s.f. Bot. O mesmo que capim navalheira mole.

NAVALHAS, s.f. pl. Os dentes cortantes e salientes do javali.



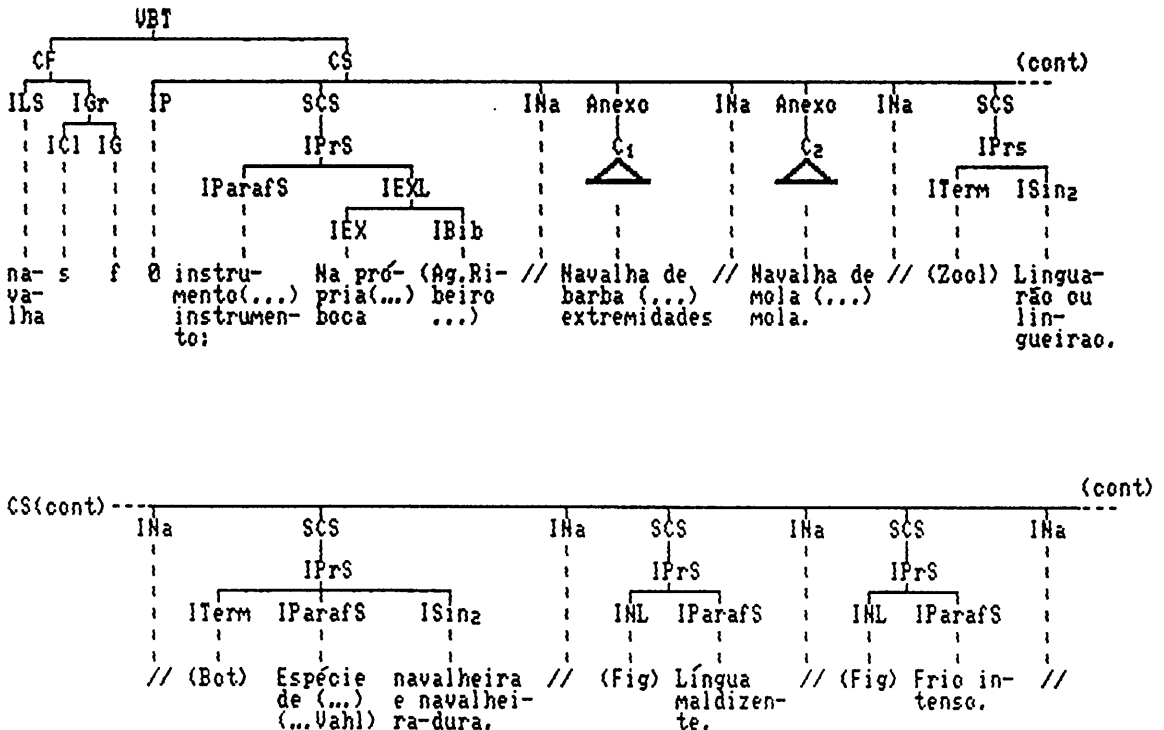
Vbt6 em D4 caracteriza-se por possuir:

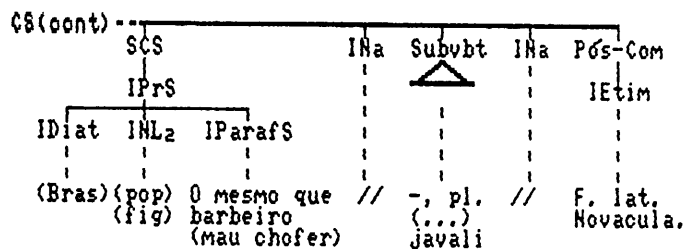
- seis núcleos de integradas;
- Anexo;
- Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

a ponta da navalha, em guisa de garfo, levava à boca (Aq. Ribeiro, Volfrâmio, c. 7, p.229. 4a. ed.). // Navalha de barba, navalha própria para barbear, em que o cabo é formado por duas lâminas de marfim ou outra substância, só unidas pelas extremidades. // Navalhada de mola, navalhada cuja fôlha comunica com uma mola que impede que ela se feche, sendo para isso preciso carregar na mola. // (Zool.) Linguarão ou lingueirão. // (Bot.) Espécie de capim (*Hypolytrum pugens*, Vahl), outrossim navalheira e navalheira-dura. // (fig) Língua maldizente. // (fig.) Frio intenso. // (Bras.) (pop) O mesmo que barbeiro (mau chofer). // -, pl. os dentes cortantes e salientes do javali. // F. lat. *Novacula*.





Observe-se que INa indicado por // também delimita acepções. Não foi considerado como IP por não ser numérico ou sinal de pontuação.

Vbt6 em DB caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas;
- dois núcleos de Anexo;
- Pós-Comentário;
- Subvbt.

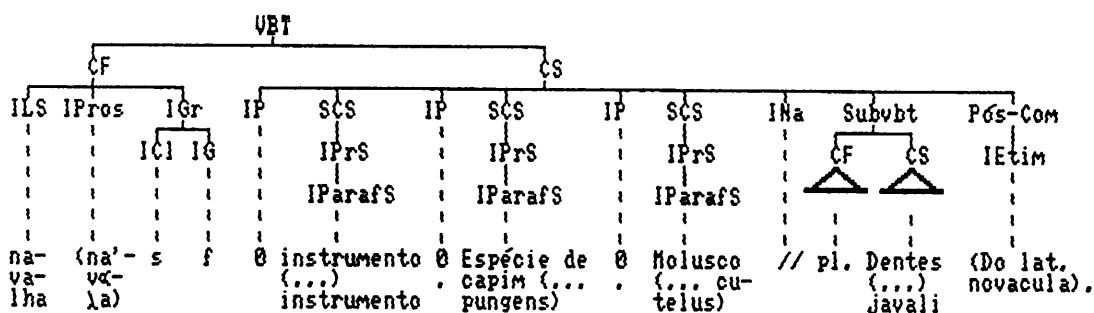
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D7 vbt6:

Navalha (na'vɔla) s.f. Instrumento cortante, formado por uma afiada lâmina de aço e de um cabo com duas lâminas de marfim, osso etc., unidas nas extremidades, que protege o fio da

lâmina de aço quando fechado o instrumento.
 Espécie de capim (*Hypolytrum pugens*) Molusco
 da família Miácidas (*Solen cutellus*). // Pl.
 Dentes cortantes e salientes do javali (Do
 lat. novacula).



Vbt6 em D7 caracteriza-se por possuir:

- três núcleos de integradas;
- Subvbt;
- Pós-Comentário.

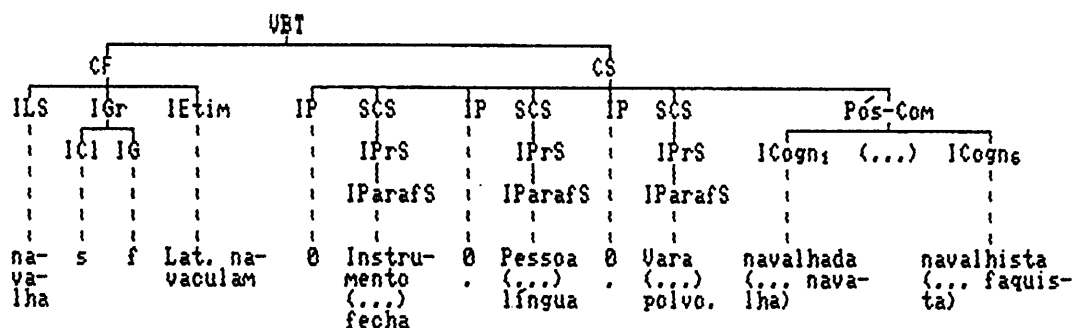
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

DB vbt6:

*Navalha s.f. lat. navaculam. Instrumento com-
 posto de uma lâmina de aço cortante e de um
 cabo, que protege o fio da lâmina quando o
 instrumento se fecha. Pessoa que tem má lin-
 gua. Vara em que coloca um carangueijo como
 isca para apanhar polvo. DERIVADOS: navalhada
 (s.f. golpe de navalha); navalhado (adj.;
 Diz-se do objeto cortante como navalhada, fe-
 rido a navalha); navalhante (adj. que dá nava-
 lhadas, que corta como navalha); navalhão*

(s.m. navalha grande); navalhar (trans.: dar navalhadas em; magoar muito, torturar); navalhista (s.m.: aquele que dá navalhadas; faquista).



Vbt6 em D8 caracteriza-se por possuir:

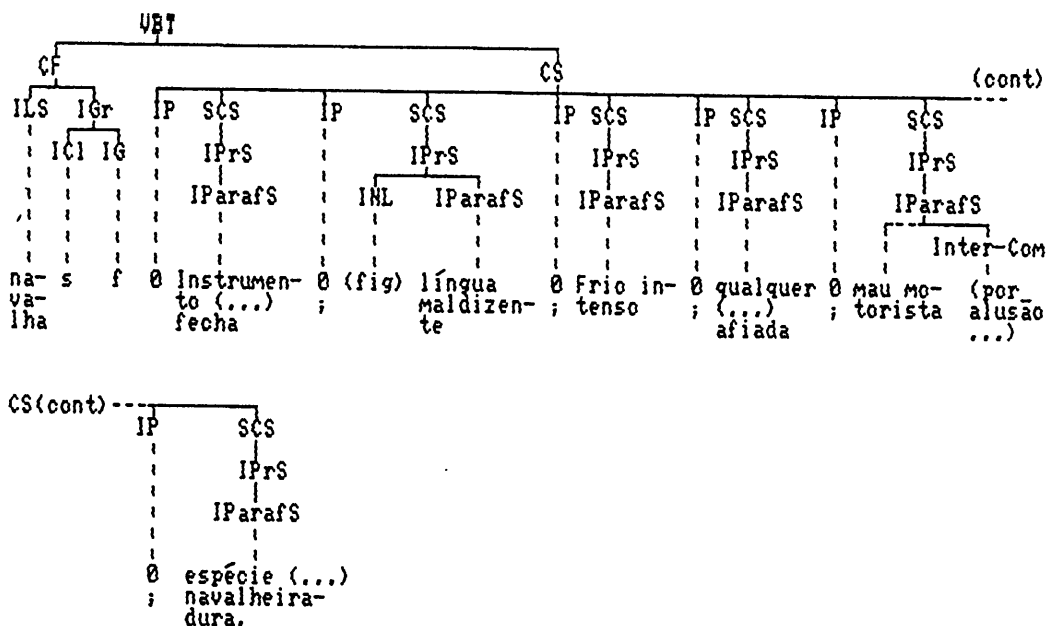
- três núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D9 vbt6:

Navalha, s.f. Instrumento cortante que consta de uma lâmina articulada a um cabo para resguardar o fio da mesma lâmina quando se fecha; (fig) língua maldizente; frio intenso, qualquer lâmina bem afiada; mau motorista (por alusão a barbeiro); espécie de capim da família das Ciperáceas, também chamado navalheiro e navalheira-dura.



Vbt6 em D9 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas;
- Inter-Com.

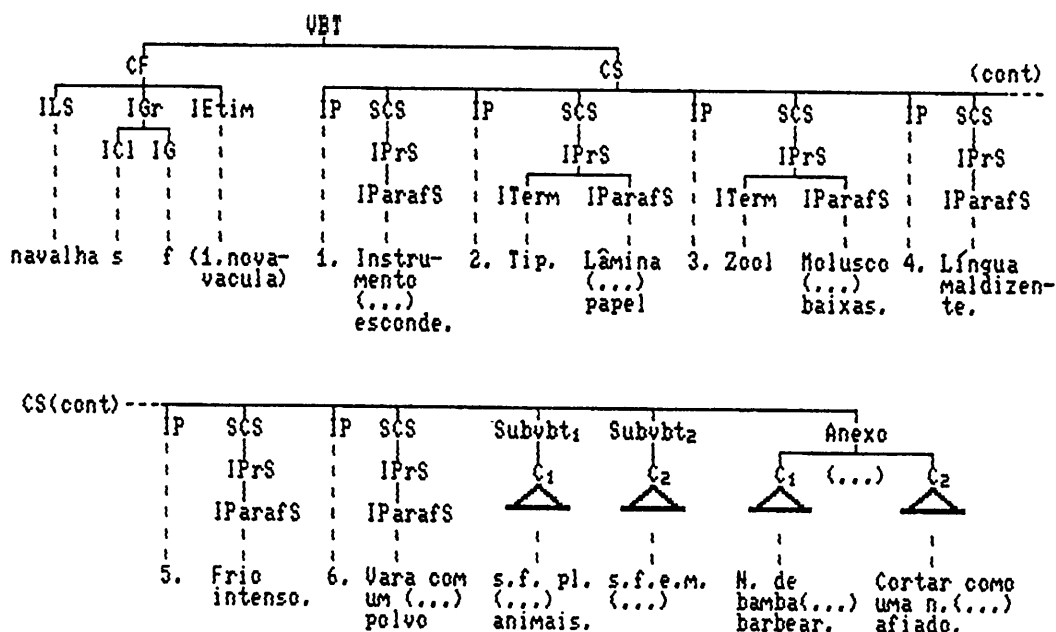
Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D10 vbt6:

Navalha s.f. Instrumento cortante, formado por uma lâmina de aço afiada e de cabo, que protege o fio da lâmina de aço quando fechado o instrumento; espécie de capim (Hypolytrum pugens); molusco da família dos Miacídeos (Solien cutellus) // (fig) Língua maldizente; mau chofer // s.f. pl. Dentes cortantes e salientes do javali. (Do lat. : novacula).

navalha, s.f. pl. Os dentes cortantes e salientes de certos animais, s.f.e.m. *Pop* Motorista inábil, barbeiro (acepção 3). -N. de barba: navalha própria para barbear. N.-de-macaco: planta ciperácea (*Hypolytrum schraderianum*). Andar pelo fio da n.: empreender algo sumamente difícil e arriscado. Cortar como uma n.: estar muito afiado.



Vbtó em D11 caracteriza-se por possuir:

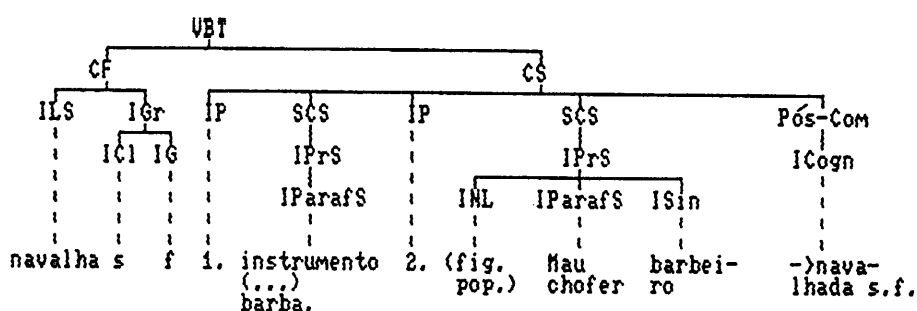
- seis núcleos de integradas;
- Subvbt's.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D12 vbt6:

Navalha s.f. 1. Instrumento cortante para fazer a barba. 2. (fig., pop.) Mau chofer, barbeiro.
-> navalhada s.f.



Vbt6 em D12 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

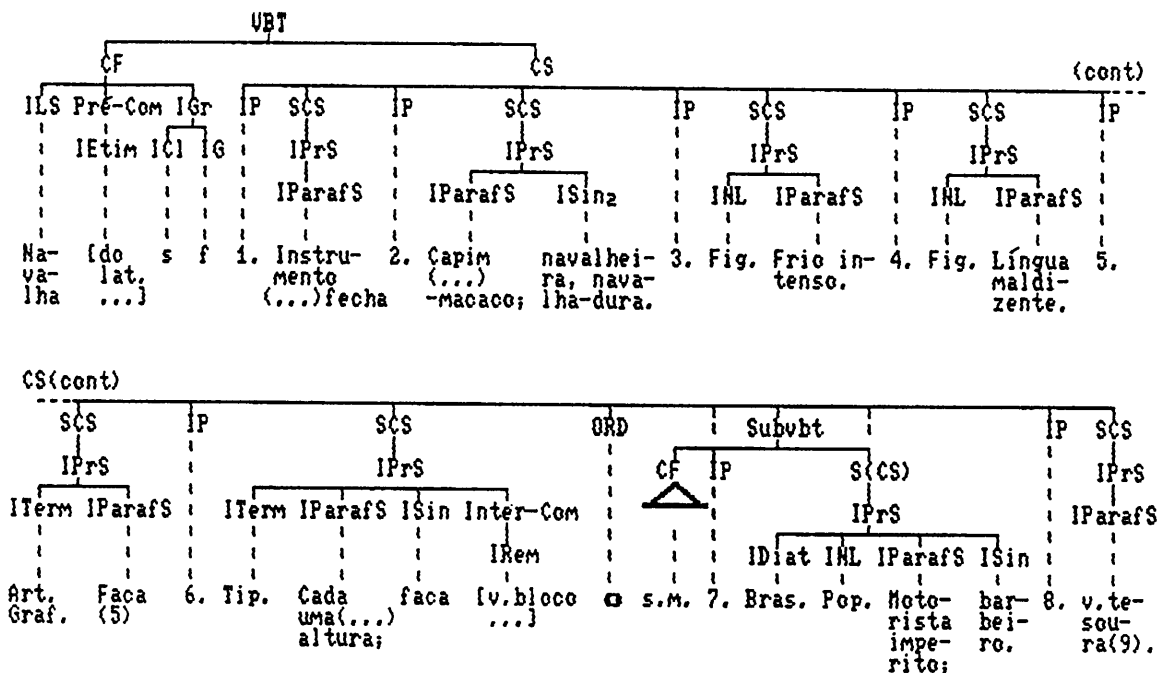
Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D13 vbt6:

Navalha [Do lat. *navacula* com assimilação] s.f. 1. Instrumento cortante, que consta de uma lâmina e de um cabo com dispositivo para resguardar o fio da mesma lâmina, quando se fecha. 2. Capim da família das Ciperáceas (*Hypolytrum pogens*), semelhante à navalha-de-macaco; navalheira; navalha-dura. 3. Fig. Frio intenso. 4. Fig. Língua maldizente. 5. Art. Gráf. Faca(5). 6. Tip. Cada uma das três

lâminas que aparam a linha-bloco da linotipo, após a fundição, acertando-lhe o corpo e a altura; faca [v. bloco de navalhas]. ● S.m. 7. Bras. Pop. Motorista imperito; barbeiro. 8. v. tesoura (9).



Observe-se o anômalo encadeamento de IP em Subvbt.

Vbt6 em D13 caracteriza-se por possuir:

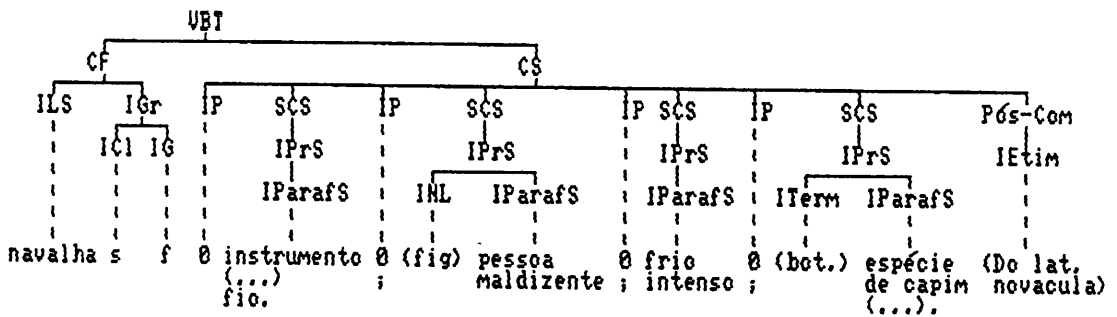
- seis núcleos de integradas;
- Pré e Inter-Comentários;
- Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

D14 vbt6:

Navalha, s.f. Instrumento cortante, formado se uma lâmina de aço, a qual se pode dobrar sobre o cabo que o protege o fio; (fig.) pessoa maldizente, frio intenso; (bot) espécie de capim, também chamado navalheira. (Do lat. novacula).



Vbt6 em D14 caracteriza-se por possuir:

- quatro núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

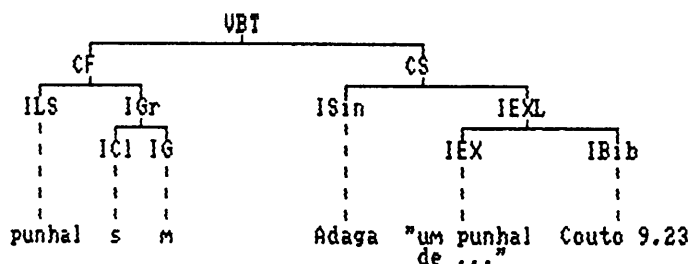
Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

g) verbete nº 7 (vbt7) punhal

D1 vbt7:

Punhal, s.m. Adaga "um punhal de orelhas, que levava na cinta" Couto 9.23



Vbt7 em D1 caracteriza-se por possuir:

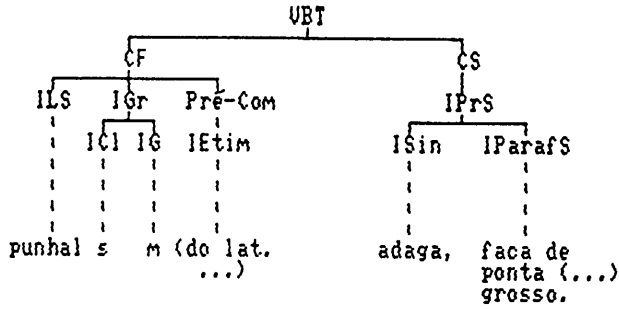
- apenas em CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear

D2 vbt7:

Punhal, s.m. (do lat. pugiunculus, dim. de pugio, punhal) adaga, faca de ponta reforçada com cabo grosso.



Vbt7 em D2 caracteriza-se por possuir:

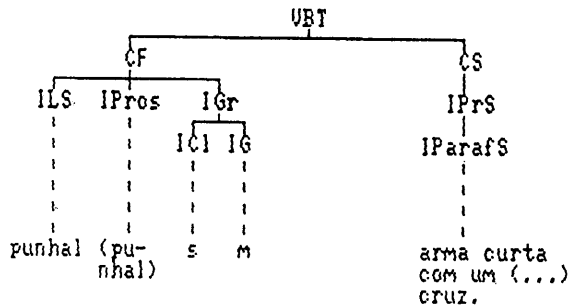
- apenas um CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Pré-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida

D3 vbt7:

Punhal (punhál) s.m. arma curta ponteaguda, com um cabo em forma de cruz.



Vbt7 em D3 caracteriza-se por possuir:

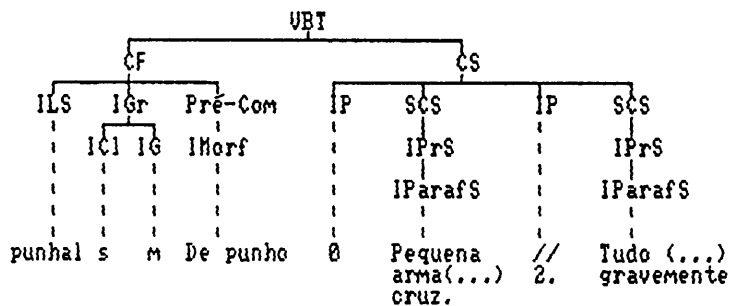
- apenas um CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

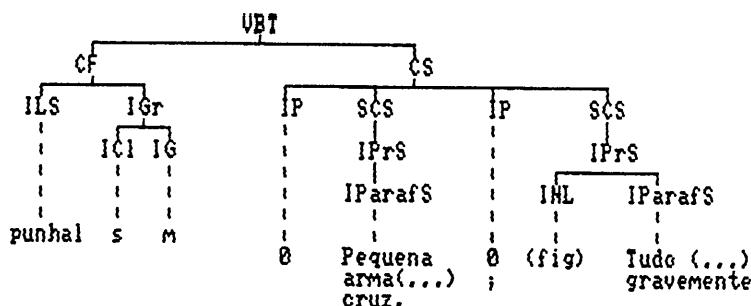
D4 vbt7:

Funhal, s.m. De punho. Pequena arma branca, constituída por uma lâmina perfurante e um cabo geralmente em cruz //2. Tudo o que ofende gravemente.



D5 vbt7:

Punhal, s.m. Pequena arma branca, constituída por uma lâmina perfurante e um cabo geralmente em forma de cruz; (fig) tudo o que ofende gravemente.



Vbt7 em D5 caracteriza-se por possuir:

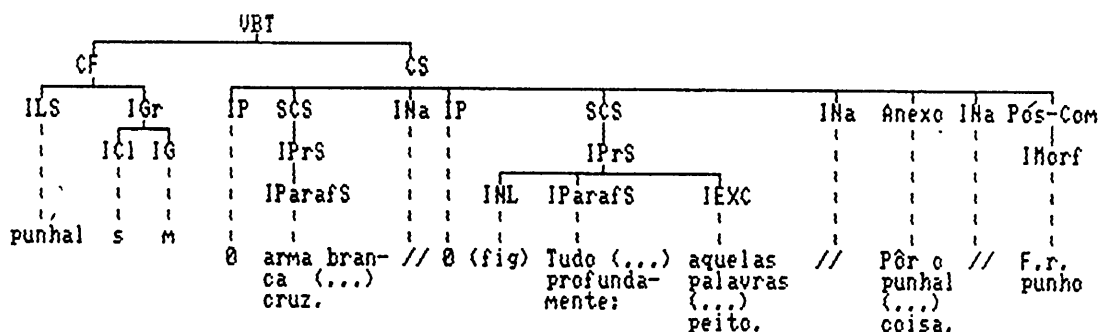
- dois núcleos de integradas.

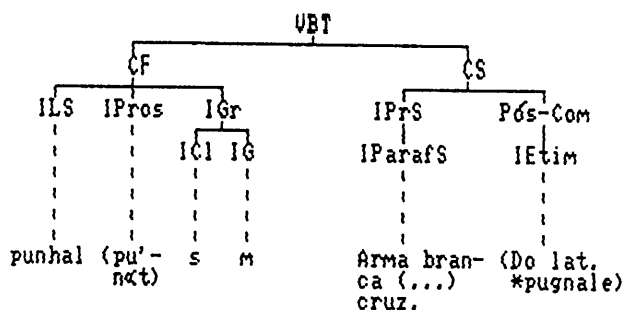
Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D6 vbt7:

Punhal, s.m, arma branca composta de uma lâmina curta, grossa e perfurante, ordinariamente de dois gumes, e de um cabo ordinariamente em forma de cruz. //(fig) Tudo o que pode ferir ou ofender vivamente ou profundamente; aquelas palavras foram um punhal que lhe cravaram no peito. //Pôr o punhal ao peito de uma pessoa, expô-la a ser assassinada; (fig) querer obrigá-la ou violentá-la a fazer alguma coisa // F. r. Punha.





Vbt7 em D7 caracteriza-se por possuir:

- apenas um CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Pós-Comentário.

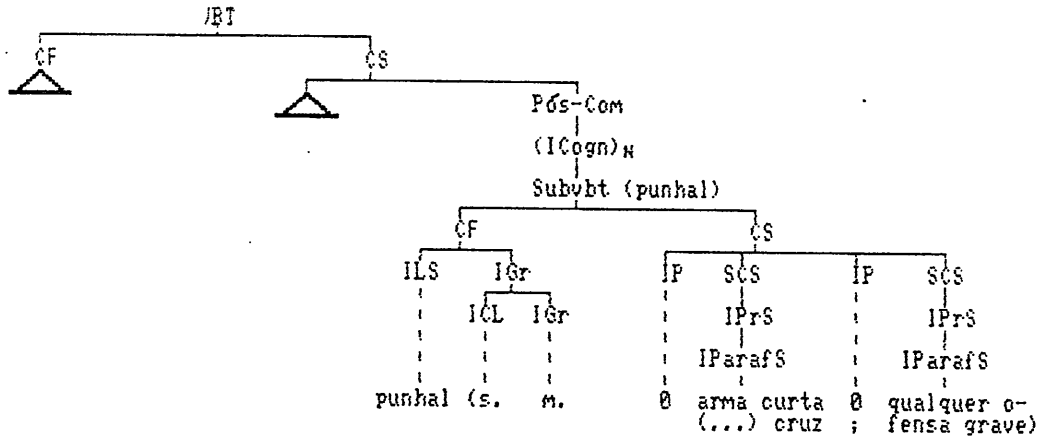
Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

DB vbt7:

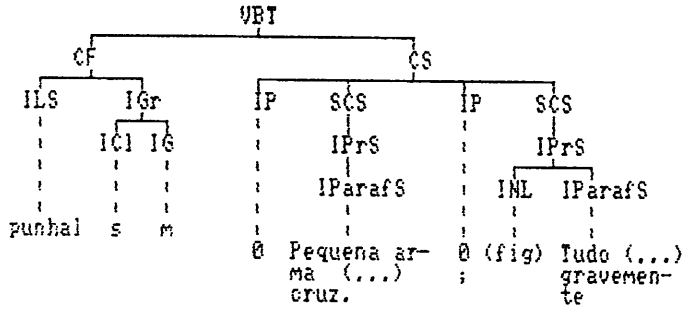
"(...) *COGNATOS*; (...) *punhal* (s.m. arma curta, perfurante e cortante, tendo cabo geralmente em cruz; qualquer ofensa grave).

DB não registra uma entrada específica para vbt7. Este é indicado no interior do Pós-Com de punha, conforme abaixo representado, tendo sido classificado como microestrutura composta.



D9 vbt7:

Punhal, s.m. Pequena arma branca, constituída por uma lâmina perfurante e um cabo, geralmente em forma de cruz; (fig) tudo o que ofende gravemente.



Vbt7 em D9 caracteriza-se por possuir:

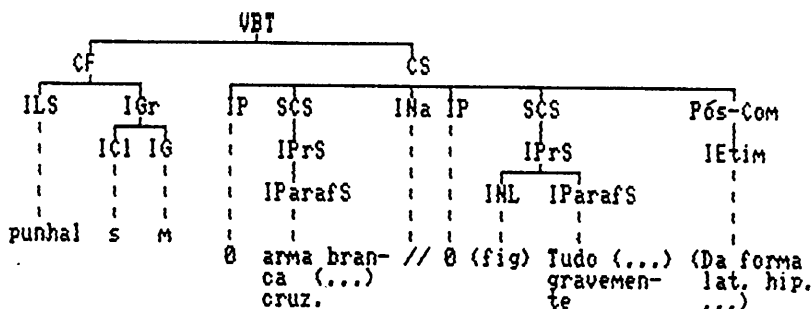
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D10 vbt:7

Punhal, s.m. Arma branca, formada por curta lâmina de aço, grossa, perfurante, de dois gumes, e com um cabo, geralmente em forma de cruz. //(fig) Tudo o que ofende gravemente (Da forma lat. hip.: pugnale, derivada de pugnus = punho)



Vbt7 em D10 caracteriza-se por possuir:

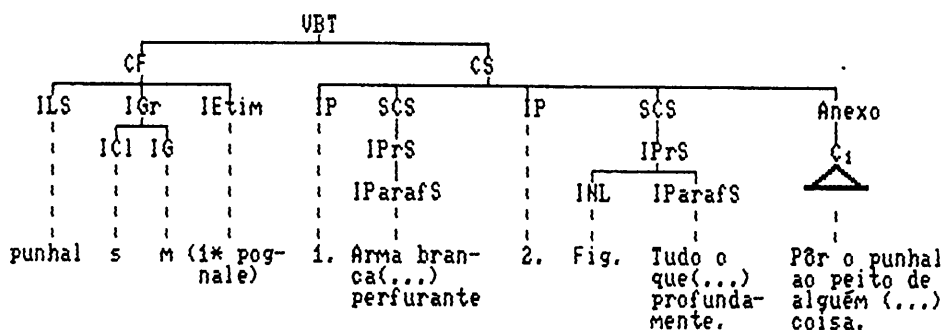
- dois núcleos de integradas;
- Pós-Com.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D11 vbt:7:

Punhal, s.m. (1 * pagnale) 1. Arma branca, de lâmina curta e perfurante. 2. Fig. Tudo o que fere ou ofende profundamente. Pôr o punhal ao peito de alguém: querer obrigá-lo a fazer alguma coisa.



Vbt7 em D11 caracteriza-se por possuir:

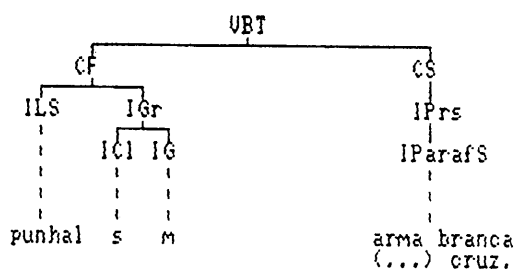
- dois núcleos de integradas;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada.

D12 vbt7:

Punhal, s.m. Arma branca constituída de lâmina perfurante e cabo ordinariamente em forma de cruz.



Vbt7 em D12 caracteriza-se por possuir:

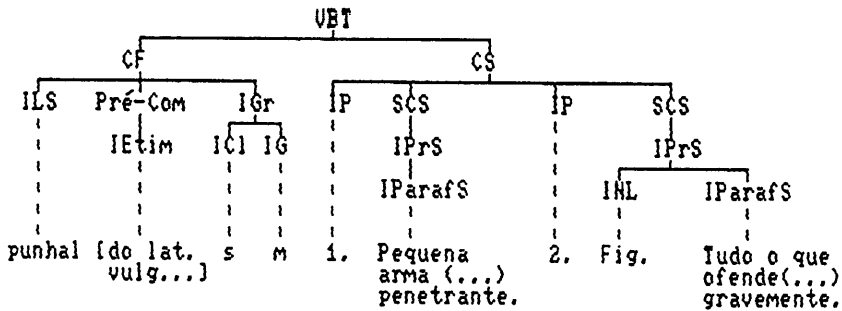
- apenas um CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

D13 vbt7:

*Punhal [do lat. vulg. * pugnale, 'que se segura no punho', (subentendendo-se faca)] s.m. 1. Pequena arma branca de lâmina curta e penetrante. 2. Fig. Tudo o que ofende ou fere gravemente.*



Vbt7 em D13 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas;

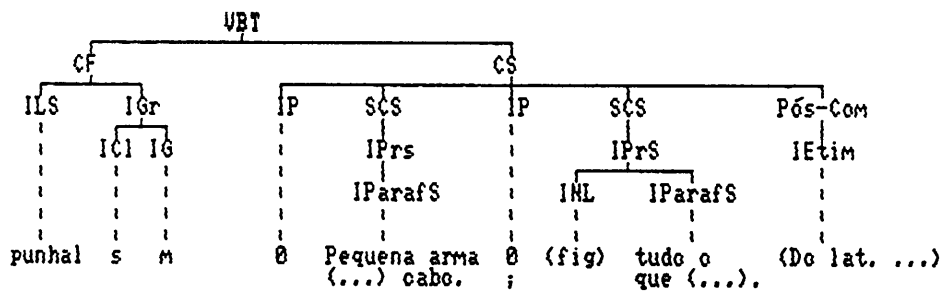
- Pré-Com.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida

D14 vbt7:

Punhal, s.m. Pequena arma branca, constituída de uma lâmina perfurante e um cabo; (fig) tudo que ofende moral e profundamente. (do lat. med. pugnale)



Vbt7 em D14 caracteriza-se por possuir:

- dois núcleos de integradas;
- Pós-Com.

Sendo classificado como:

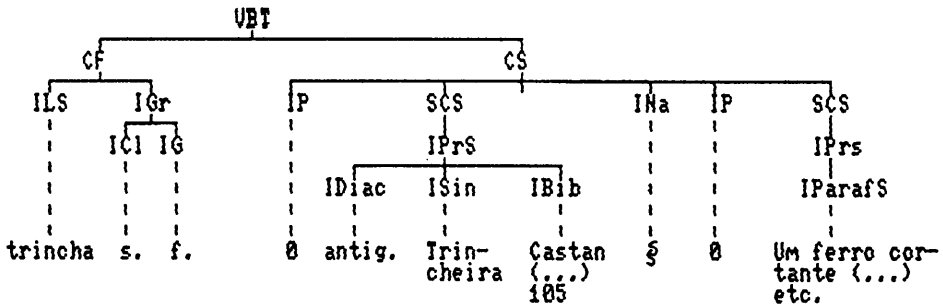
microestrutura integrada estendida.

h) verbete nº 8 vbt8 trincha

D1 vbt8:

Trincha, s.f. antiq. Trincheira. Castan L. 6c 105 § Um ferro cortante como ençô, com cabo direito de ferro também, de que usam os

carpinteiros para limpar buracos no meio das peças dos carros, etc.



Vbt8 em D1 caracteriza-se por possuir:

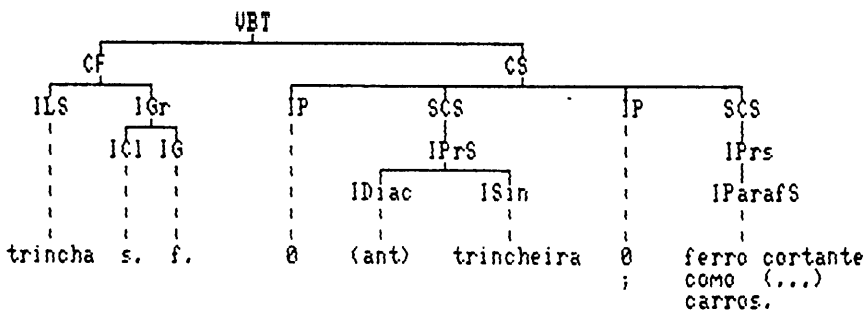
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D2 vbt8:

Trincha, s.f. (ant.) trincheira; ferro cortante como enxó com que os carpinteiros alimpam buracos no meio das peças dos carros.



Vbt8 em D2 caracteriza-se por possuir:

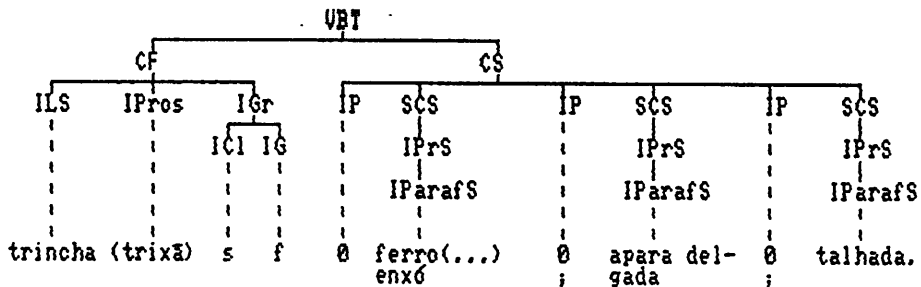
- dois núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada

D3 vbt8:

Trincha (trixã) s.f. ferro cortante análogo a enxó; apara delgada; talhada.



Vbt8 em D3 caracteriza-se por possuir:

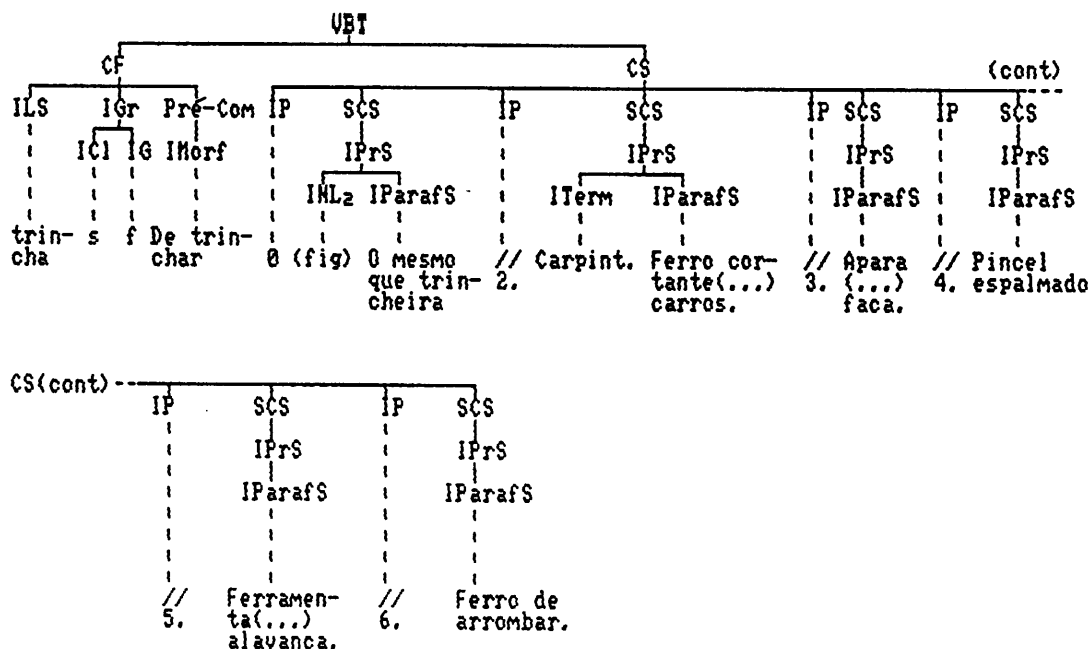
- três núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D4 vbt8:

Trincha, s.f. De trinchar. P. us. O mesmo que trincheira //2. Carpint. Ferro cortante como enxó, próprio para limpar buracos no meio das peças dos carros //3. Apará delgada como a que se tira ou corta como trincha ou faca //4. Pincel espalmado //5. Ferramenta para despreçar, formada por uma haste de ferro, e que se mete entre prego e prego, para servir de alavanca //6. Ferro de arrombar.



Vbt8 em D4 caracteriza-se por possuir:

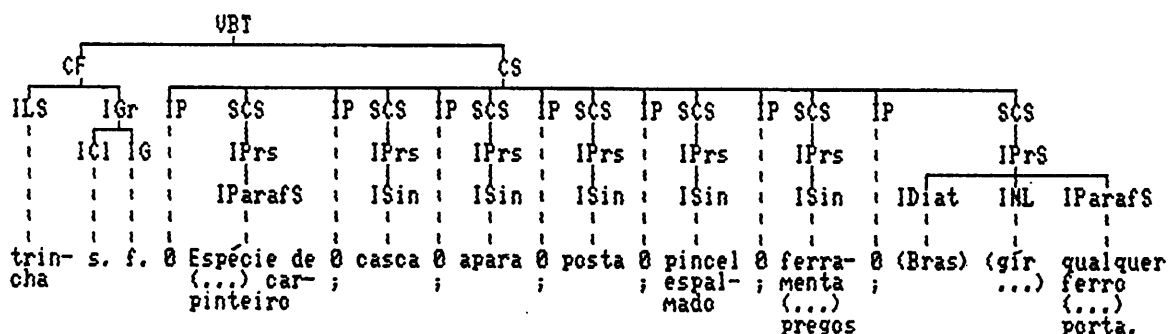
- seis núcleos de integradas;
- Pré-Com.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D5 vbt8:

Trincha, s.f. Espécie de enxó de carpinteiro; casca; apara; posta; pincel espalmado; ferramenta de arrancar pregos; (Bras) (gír. de ladrões) qualquer ferro que sirva para arrambar uma porta.



Vbt8 em D5 caracteriza-se por possuir:

- sete núcleos de integradas.

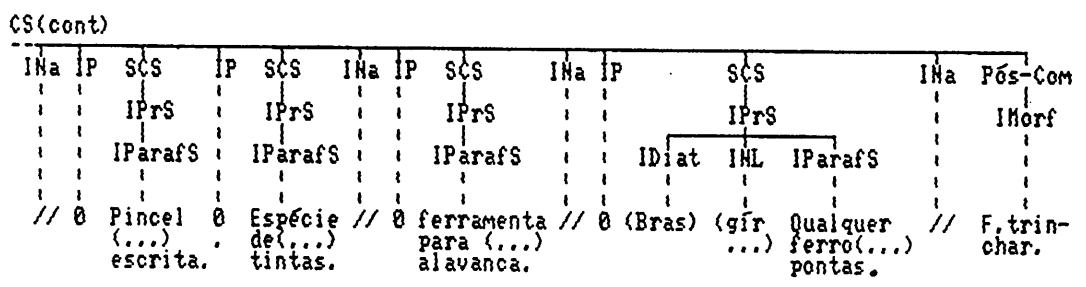
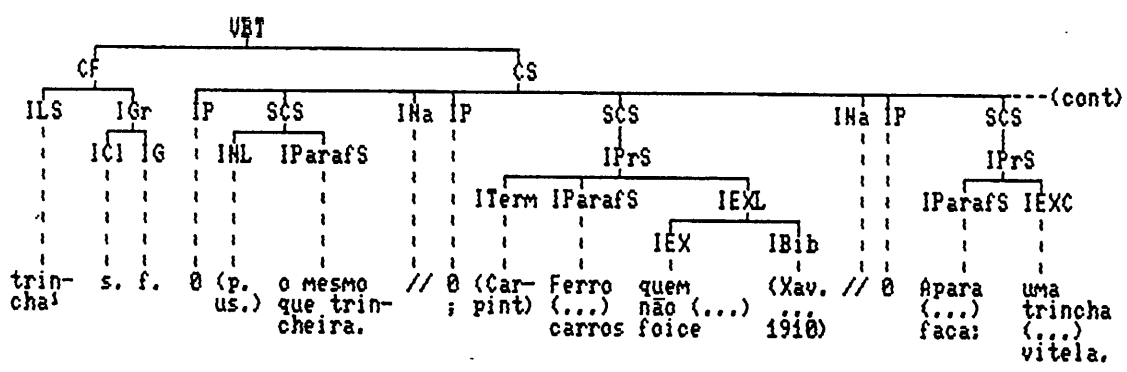
Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D6 vbt8:

Trincha^f, s.f. (p.us.) o mesmo que trincheira // (Carpint.) Ferro cortante como a enxó, própria para limpar buracos no meio das peças dos carros; que não tem espingarda...tem machado...trincha...foice (Xav. Marques, Sargento Pedro, c. 7, p.56, ed.1910). // Apará delgada

como a que se tira ou corta com trincha ou faca: uma trincha de vitela. //Pincel espalmado, com que se umedecem as fôlhas do copiador, para que neste se fixe uma escrita. Espécie de broxa achatada para aplicação de tintas. //Ferramenta para despregar, formada por uma haste de ferro, e que se mete entre prego e prego para servir de alavanca. //(Bras.) (gir. de ladrões) Qualquer ferro para arrambar portas. //F. Trinchar.



VbtB em Dó caracteriza-se por possuir:

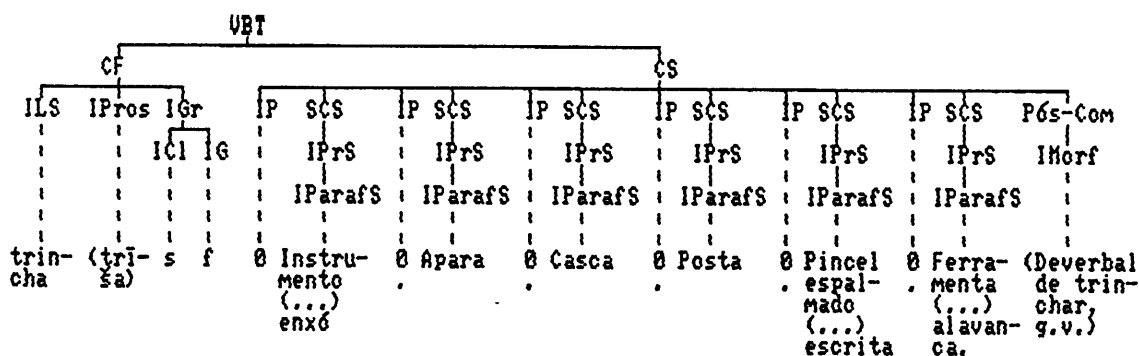
- sete núcleos de integradas;
- Pós-Com.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D7 vbt8:

Trincha ('trĩsa) s.f. Instrumento semelhante à enxó. Apara casca. Posta. Pincel espalmado com que se umedecem as folhas do copiadore para que nele se fixe uma escrita. Ferramenta para despegar, formada por uma haste de ferro forjado, adelgada na ponta, e que se mete entre prego e prego para servir de alavanca. (De verbal de trinchar, q.v.)



Vbt8 em D7 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas;
- Pós-Com.

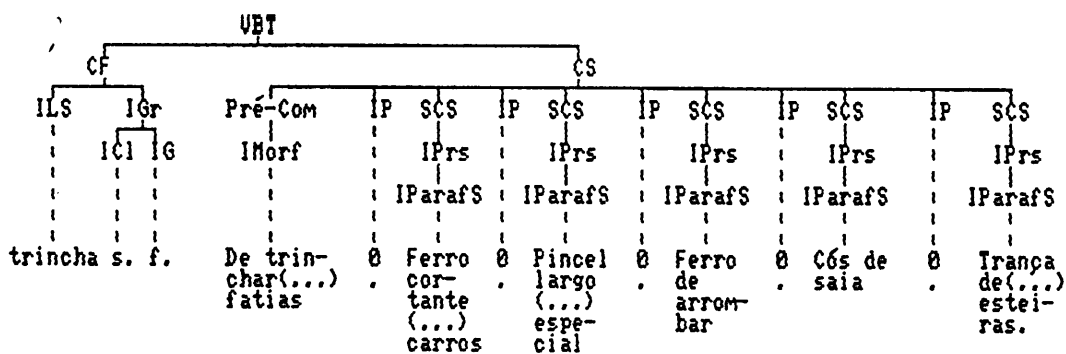
Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D8 vbt8:

Trincha s.f. De trinchar, cortar em pedaços ou fatias. Ferro cortante como a enxó, usado para limpar buracos no meio das peças dos carros. Pincel largo, espalmado, de pelo especial. Ferro de arrombar. Cós de saia. Trança de fios

têxteis de palma ou de esparto, para fazer esteiras.



Vbt8 em D8 caracteriza-se por possuir:

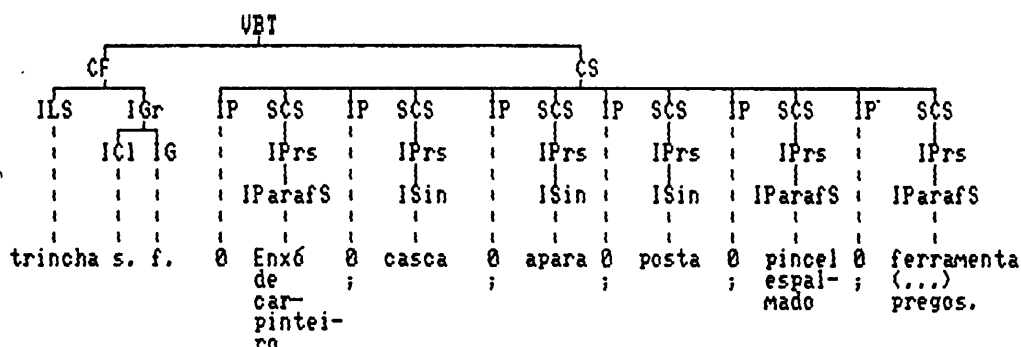
- cinco núcleos de integradas;
- Pré-Com.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

D9 vbt8:

Trincha, s.m. Enxó de carpinteiro; casca; aparra; posta; pincel espalmado; ferramenta de arrancar pregos.



Vbt8 em D9 caracteriza-se por possuir:

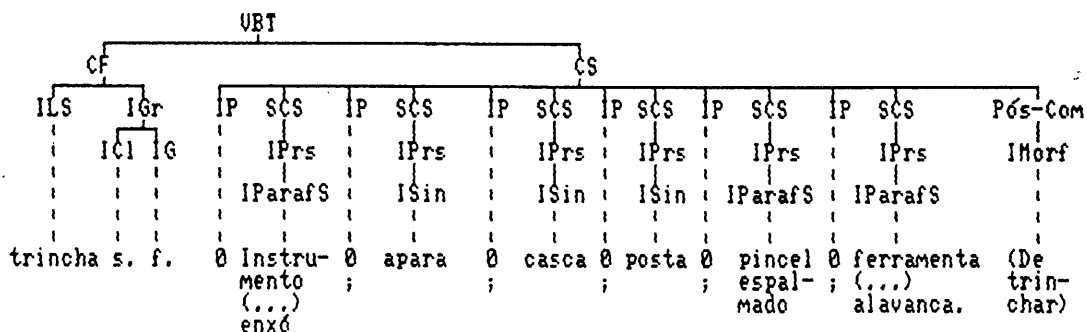
- seis núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

D10 vbt8:

Trincha s.f. Instrumento semelhante à enxó; apara; casca; posta; pincel espalmado; ferramenta para despregar, formada de uma haste de ferro forjado, adelgada na ponta, e que se mete entre prego e prego, para servir de alavanca. (De trinchar).



Vbt8 em D11 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas;
- Pré-Com.

Sendo classificado como:

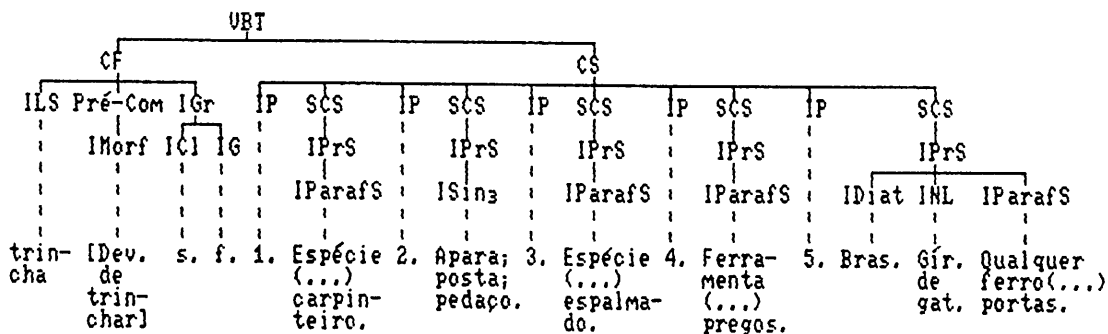
microestrutura integrada estendida.

D12 vbt8:

D12 não registra vbt8 nem como Subvbt. Há apenas uma entrada para trinchar.

D13 vbt8:

Trincha [Dev. de trinchar] s.f. 1. Espécie de enxó de carpinteiro. 2. Aparas; posta; pedaço 3. Espécie de pincel espalmado. 4. ferramenta para arrancar pregos 5. Bras. Gir. de gat. Qualquer ferro que sirva para arrombamento de portas.



Vbt8 em D13 caracteriza-se por possuir:

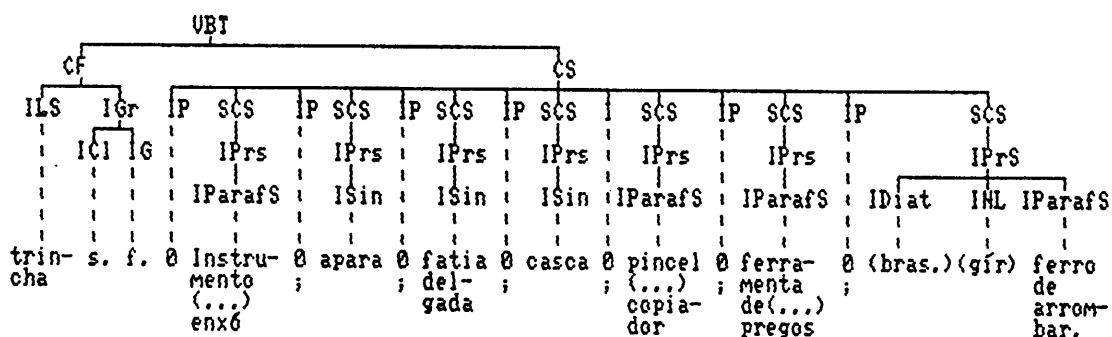
- cinco núcleos de integradas;
- Pré-Com.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida

D14 vbt8:

Trincha, s.f. Instrumento de carpinteiro, semelhante à enxó, apara, fatia delgada; casca; pincel espalmado, com que se umedecem as folhas do copiador; ferramenta para arrancar pregos; (bras.) (gir) ferro de arrombar.



Vbt8 em D14 caracteriza-se por possuir:

- sete núcleos de integradas.

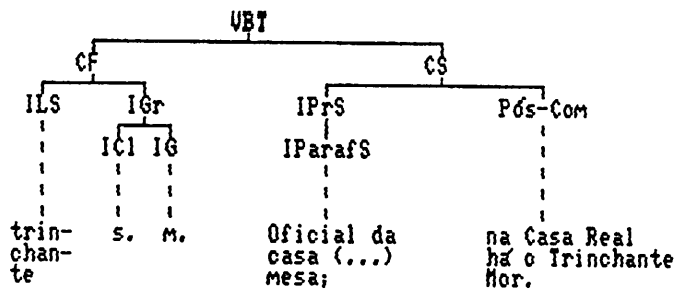
Sendo classificado como:

microestrutura integrada

i) verbete nº 9 vbt9 - trinchante

D1 vbt9:

Trinchante, s.m. Oficial da casa nobre, que corta, e trincha o comer, e o distribui aos que estão na mesa; na Casa Real há o Trinchante mor.



Vbt9 em D1 caracteriza-se por possuir:

- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Pós-Com.

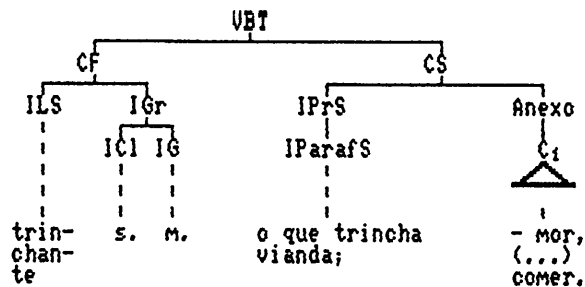
Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear estendida.

D2 vbt9:

Trinchante, s.m. o que trincha vianda; v.g -mor, oficial da Casa Real que trincha o comer.

Obs: não se encontra na obra o significado da abreviatura v.g. A opção por Anexo justifica-se pela presença de definição.



Vbt9 em D2 caracteriza-se por possuir:

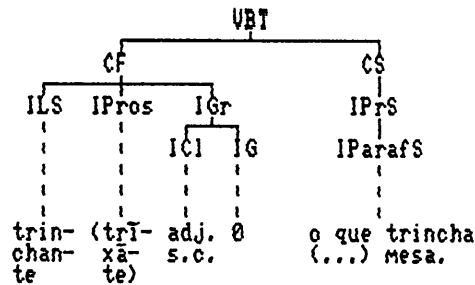
- único CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear com Anexo.

D3 vbt9:

Trinchante (trixãte) adj. e.s.c o que trincha e reparte o comer na mesa.



Vbt9 em D3 caracteriza-se por possuir:

- apenas um CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

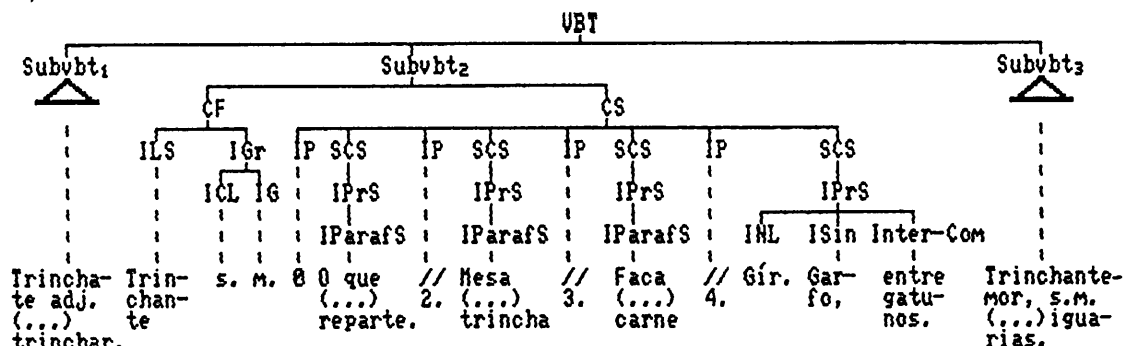
microestrutura básico-nuclear.

De D4 até D14, vbt9 (trinchante) é subverbete de microestrutura composta. Apresentamos a seguir como tal seus respectivos diagramas arbóreos; para fins de classificação não exploraremos a autonomia das subentradas, considerando-as nestes dicionários como microestruturas compostas.

D4 vbt9:

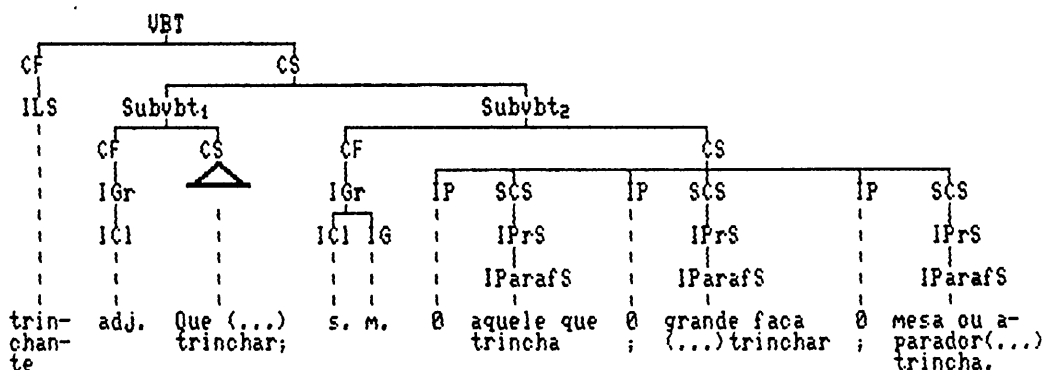
TRINCHANTE, adj. F. pres. de trinchar. Que trincha ou serve para trinchar
 TRINCHANTE, s.m. O que trincha, o que corta a comida na mesa ou a reparte. //2. Mesa ou aparador sobre que se trincha //3. Faca grande com que se trinham as peças de carne //4. Gir. Garfo, entre gatunos
 TRINCHANTE-MQR, s.m. Oficial-mor da casa real,

que nas grandes ocasiões, quando o soberano comia em público, tinha por dever trinchar as iguarias.



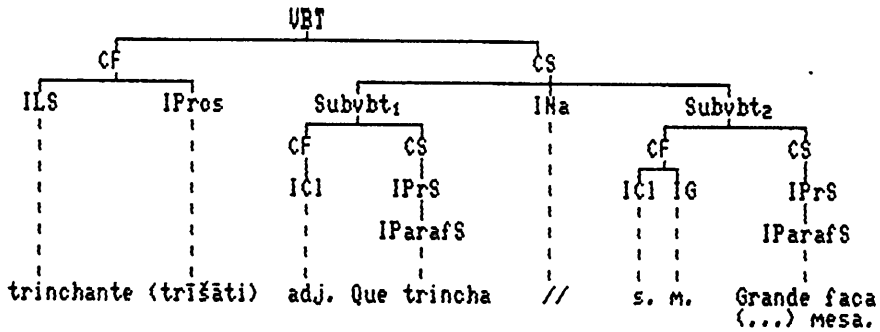
D5 vbt9:

Trinchante, adj. Que trincha ou serve para trinchar; s.m. aquele que trincha; grande faca própria para trinchar; mesa ou aparador sobre que se trincha.



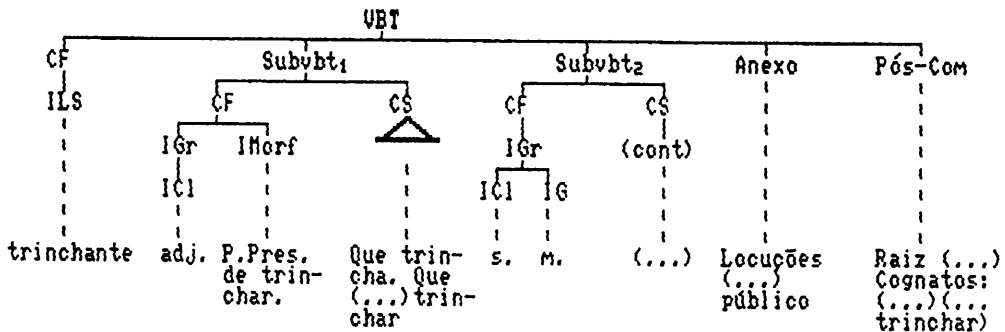
D6 vbt9:

Trinchante, adj. que trincha ou serve para trinchar, //- , s.m. o que trincha, o que corta a comida na mesa ou a reparte. //Mesa ou

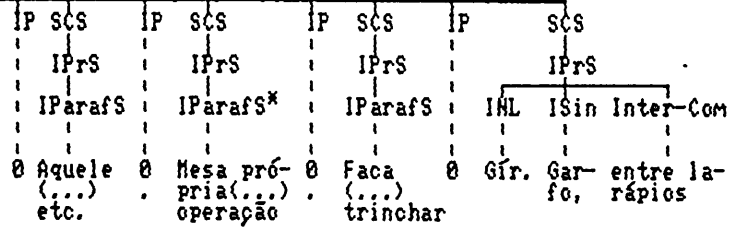


DB vbt9:

Trinchante adj. P. pres. de trinchar. Que trincha. Que serve para trinchar. s.m. Aquele que trincha ou corta, para servir à mesa, os assados, os bolos, etc. Mesa própria para essa operação. Faca para trinchar. Gir. Garfo, entre os larâpios. Locuções *trinchante-mor*: oficial-mor da casa real, cujo cargo era trinchar as iguarias para os soberanos, quando estes faziam as refeições em público. RAIZ: *trinch*, var. de *trinc* (cast. em *trincar*, cortar) COGNATOS: *trincha*, *trinchar*, *trinchado*, *trinchete* (fr. *trinchet*; s.m. instrumento próprio para trinchar.



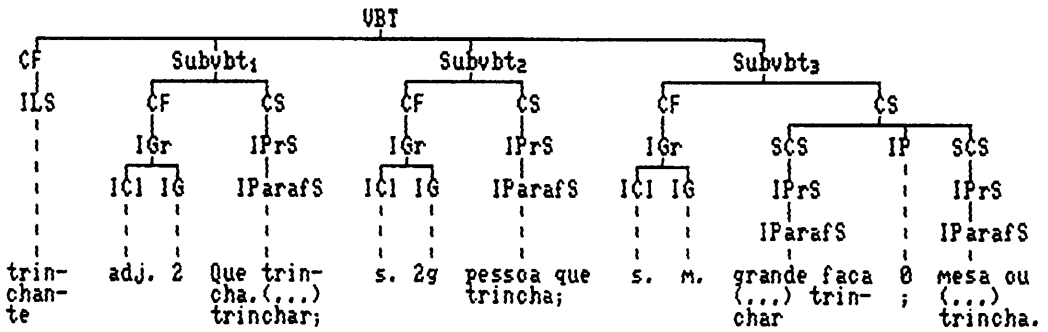
CS(cont)



*textualmente subordinada ao 1º SCS.

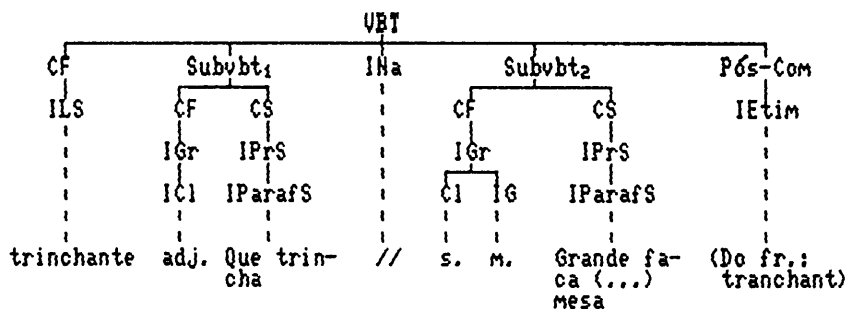
D9 vbt9:

Trinchante, adj. 2 gën. Que trincha ou serve para trinchar; s.m. grande faca própria para trinchar; mesa ou aparador sobre que se trincha.



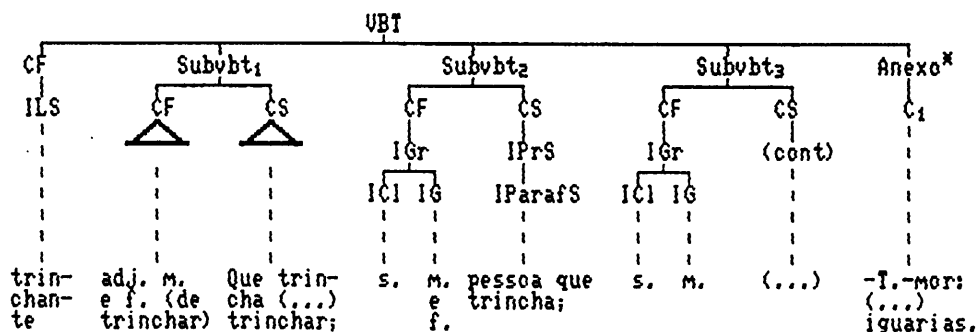
D10 vbt9:

Trinchante adj. Que trincha //s.m. Grande faca com que se trinham aves, pedaços de carne, etc., na mesa (Do fr: tranchant).

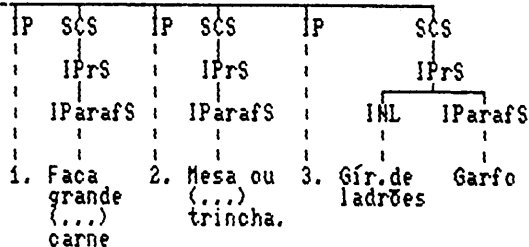


D11 vbt9:

Trinchante, adj. m. e f. (de trinchar) Que trincha ou serve para trinchar, s.m. e f. Pessoa que trincha s.m. 1. Faca grande com que se trinham as peças da carne. 2. Mesa ou aparador sobre que se trincha. 3. Gir. de ladrões, Garfo. -T.-mor: oficial-mor da casa real, que, nas ocasiões solenes, quando o soberano comia em público, tinha por obrigação trinchar as iguarias.



CS(cont)

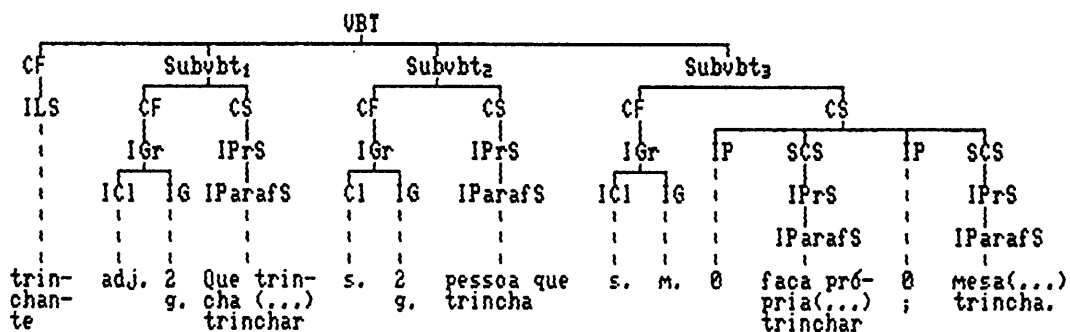


*NOTA: dada a estruturação de vbt9 em D11, não fica claro se o Anexo é subordinado a VBT ou subvbt3. Optou-se pela 1ª possibilidade para a representação arbórea.

nuidade ou até coesão metatextual, abrangendo inclusive SCS's no interior de Subvbt's.

D14 vbt9:

Trinchante, adj. 2 gën. Que trincha ou serve para trinchar; s. gën. Pessoa que trincha; s.m. Faca própria para trinchar; mesa sobre que se trincha.



7.4.1.1 Resultados parciais: 1º grupo de verbetes

Com o objetivo de síntese, apresentamos, a seguir, os resultados parciais do primeiro grupo de verbetes. Para tanto, elaboramos quadros e gráficos que fornecem os escores da distribuição tipológica microestrutural por graus de complexidade de cada verbete e também o grau microestrutural médio de cada dicionário.

Observamos que a obtenção da média microestrutural é um procedimento artificial, visto que seria inviável a existência de tipos intermediários de microestrutura, pelo menos com a distribuição proposta no quadro nº 1 da seção 5.1. Ainda assim, consideramos que este tipo de procedimento é um operacionalizador de resultados bastante útil.

Após o quadro nº 2, segue-se o de nº 3 que dá conta da incidência percentual de cada tipo microestrutural.

Finalmente, apresentamos o gráfico nº 1 que representa a trajetória tipológica média das microestruturas do primeiro conjunto de verbetes.

Os elementos desses quadros constituem a base da análise dos resultados parciais do primeiro grupo de verbetes.

Quadro nº2 - Resultados parciais do grupo de verbetes nº1:
 escores da distribuição de tipologia microestrutural por
 graus de complexidade.

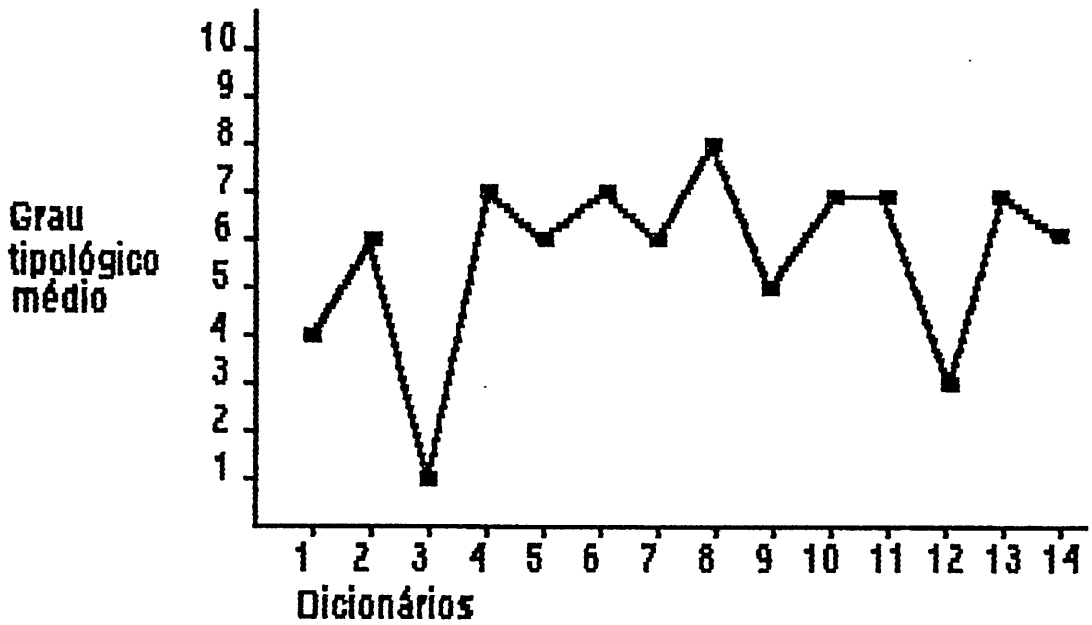
D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	D14	Vbt nº.
3	6	1	7	1	3	3	7	1	5	7	1	5	3	vbt ₁ adaga
9	9	1	9	9	9	7	9	9	7	9	1	7	9	vbt ₂ cutelo
1	3	0	3	1	7	0	0	1	0	1	0	3	1	vbt ₃ cutela
6	8	5	6	8	8	5	7	3	5	8	1	8	8	vbt ₄ faca
5	7	5	7	7	7	5	7	3	5	7	5	7	7	vbt ₅ facão
3	9	5	9	6	9	9	7	7	9	9	7	9	7	vbt ₆ navalha
1	3	1	5	5	8	3	9	5	7	6	1	7	7	vbt ₇ punhal
5	5	5	7	5	7	7	7	5	7	7	0	7	5	vbt ₈ trincha
3	2	1	9	9	9	9	9	9	9	9	0	9	9	vbt ₉ trinchante
4	6	3	7	6	7	6	8	5	7	7	3	7	6	graus médios de complexida- de

Quadro nº3 - Distribuição microestrutural* global do conjunto de verbetes nº1

Grau	microestrutura/Tipo	nº.ocorrência	%
1	CF + CS	16	13,0
2	CF + CS + Anexo	1	1,0
3	CF + CS + Comentário	13	10,0
4	CF + CS + Anexo + Comentário	0	0,0
5	CF + CS (SCS) _N	20	16,0
6	CF + CS (SCS) _N + Anexo	5	4,0
7	CF + CS (SCS) _N + Comentário	30	24,0
8	CF + CS (SCS) _N + Anexo + Comentário	7	5,5
9	CF + Subvbt (CF + CS)	27	21,0
10	CF + CS (CSL CSCont)	0	0,0
0	não ocorre	7	5,5
total	126	100,0

*O conjunto de verbetes nº 1 é considerado como uma unidade composta por 126 microestruturas, incluídas as não-ocorrências de dado vbt.

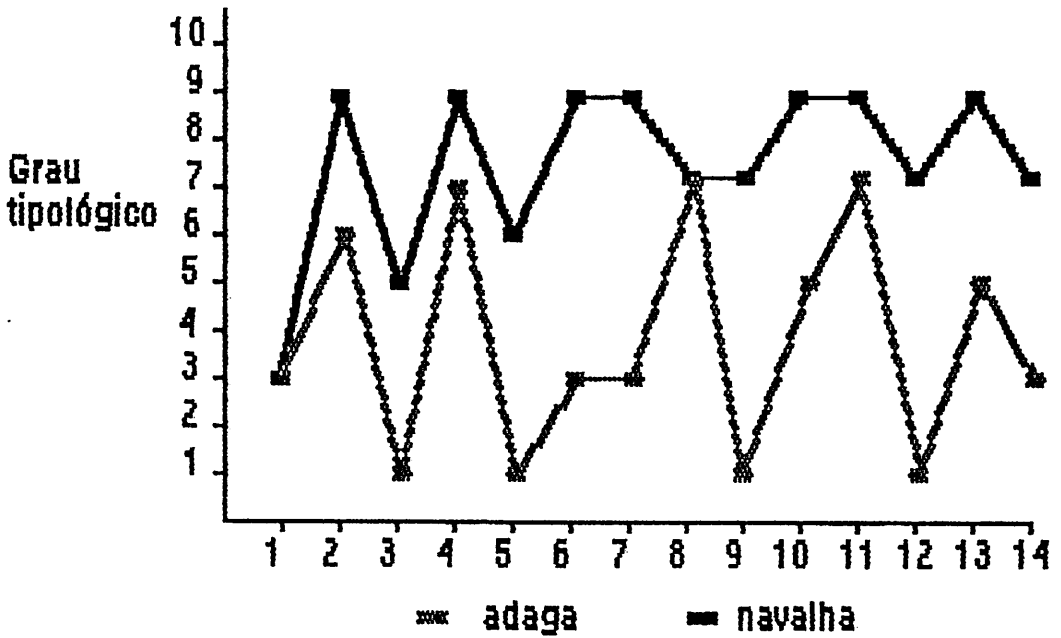
Gráfico nº 1 - Grau tipológico médio do 1º conjunto de verbetes por dicionário



Conforme observa-se no quadro nº 2, os verbetes que têm configuração microestrutural mais estável são vbt2: (cutelo), vbt5 (facão) vbt6 (navalha), vbt8 (trincha) e vbt9 (trinchante). Vale dizer, o grau tipológico que apresentam ao longo das obras não oscila de modo irregular, mas mantém-se em determinadas faixas. Um exemplo disso é o vbt2, que tem majoritariamente microestrutura do tipo 9 (microestrutura composta), enquanto vbt6 oscila entre a microestrutura de grau 5 (integrada) e 7 (integrada com comentário).

Por outro lado, vemos que vbt1 (adaga), vbt4 (faca) e vbt7 (punhal) apresentam uma maior irregularidade microestrutural ao longo das obras. Esta oposição pode ser melhor compreendida através do gráfico nº 2, abaixo apresentado. Nele observa-se que, enquanto vbt1 tem microestruturas de graus bem diferenciados, vbt6 permanece numa faixa que oscila entre os graus 7 e 9 (microestrutura integrada com Comentário e composta), como se pode verificar:

Gráfico nº 2 - Distribuição tipológica dos verbetes adaga e navalha



Já o quadro nº 3, fornecendo a distribuição micro-estrutural global do 1º conjunto de verbetes, indica que:

- a) o tipo microestrutural de maior incidência é o de grau 7 (microestrutura integrada estendida), correspondendo a 24%;
- b) o tipo microestrutural de segunda maior incidência é o de grau 9 (microestrutura composta), tendo 21% das ocorrências;
- c) agrupando-se os tipos microestruturais com integradas (grau 5 até 8) verificamos que cerca de 50% dos verbetes têm SCS's ou acepções;
- d) agrupando-se os tipos microestruturais sem integradas, do tipo 1 até 4, temos 24% das ocorrências.

Reordenadamente, tal distribuição pode ser descrita conforme o esquema abaixo:

grupo de verbetes nº1/ microestruturas:	[c/integradas	→	50%
		s/integradas	→	24%
		c/subverbe	→	21%
		não ocorre vbt	→	5%

Já no gráfico nº 1, onde temos representada a média microestrutural por dicionário, podemos verificar que inferior ao grau de elaboração médio de D1 há apenas D3 e D12. Isto é, ao longo do tempo, a complexidade microestrutural do Dicionário de Antonio Morais Silva tendeu quase sempre a ser superada. Ou melhor, 86% das obras apresentaram evolução microestrutural, oscilando majoritariamente entre as microestruturas de grau 5 e 7 (com integradas, acompanhadas ou não de Anexo e Comentário).

Além disso, o gráfico nº 1 também indica que D8 alcançou, neste primeiro grupo de verbetes, o grau de complexidade microestrutural médio mais elevado.

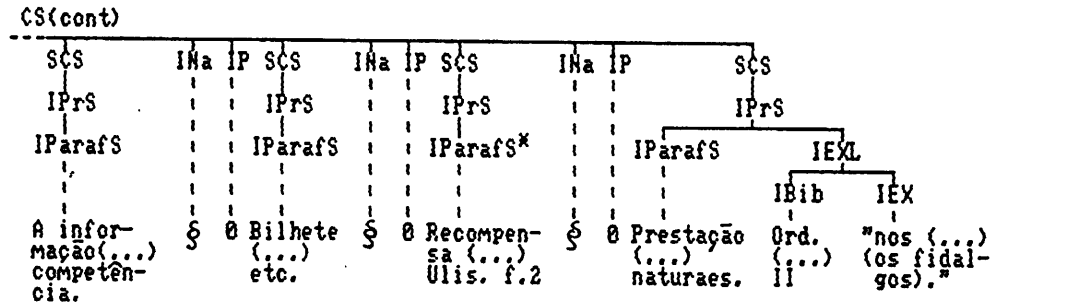
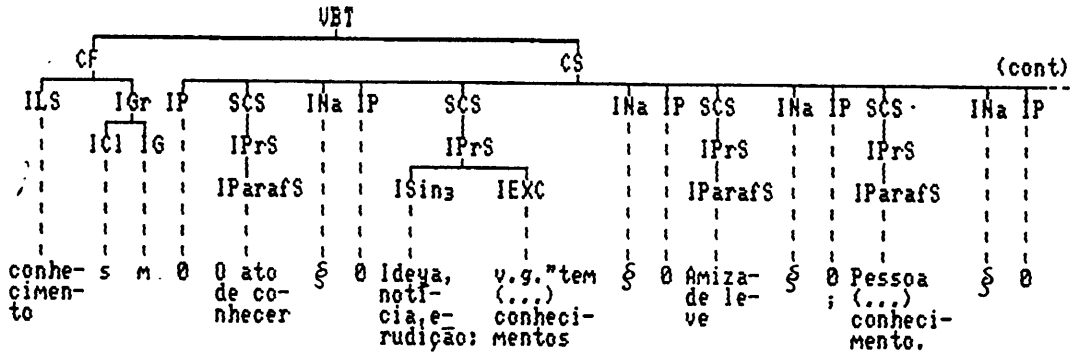
7.4.2 - Grupo de verbetes nº 2 - conhecimento, inteligência e sabedoria.

Com procedimento análogo ao adotado na descrição do conjunto nº 1, iniciamos a análise deste 2º grupo de entradas com distribuição no mesmo conjunto de dicionários-foco:

a) conhecimento (vbti)

Vbti (D1):

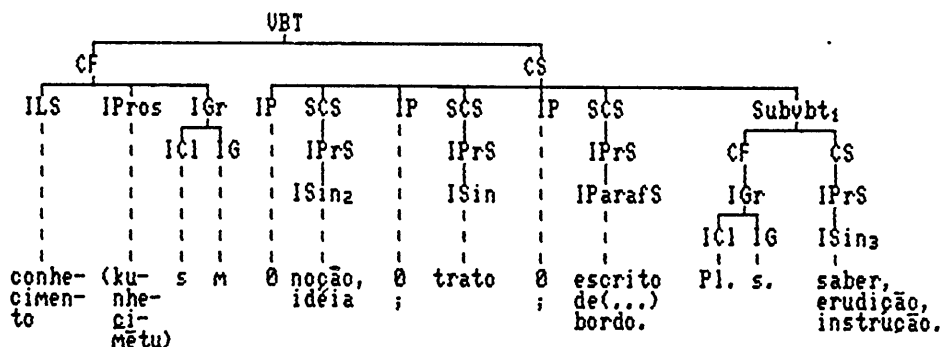
Conhecimento, s.m. O acto de conhecer § Ideya, noticia, erudição: v.g "tem perfeito conhecimento da verdade, homem de muitos conhecimentos. § Amizade leve. § Pessoa com quem tem conhecimento. § A informação, que o Juiz toma de qualquer acção, caso da sua competência. § Bilhete, pelo qual se declara haver recebido, v. g alguma carga a bordo, dinheiro, etc. § Re-compensa, ou mostra de gradidão. Ined. //, 232 em conhecimento do beneficio. Ulis. f.2. § Prestação em reconhecimento de senhorio dado ao fundador de mosteiro, ou seus herdeiros, e naturaes. Ord. Af.2 59. II "nos mosteiros, e Igrejas... hi havião comendorias, e conhecimento (os Fidalgos)".



*IParafs com IBib em seu interior

Vbti em D1 caracteriza-se por possuir:
 - oito núcleos de integradas.

Sendo classificado como:
 microestrutura integrada.



Vbti em D3 caracteriza-se por possuir:

- três núcleos de integradas;
- Subverbete.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

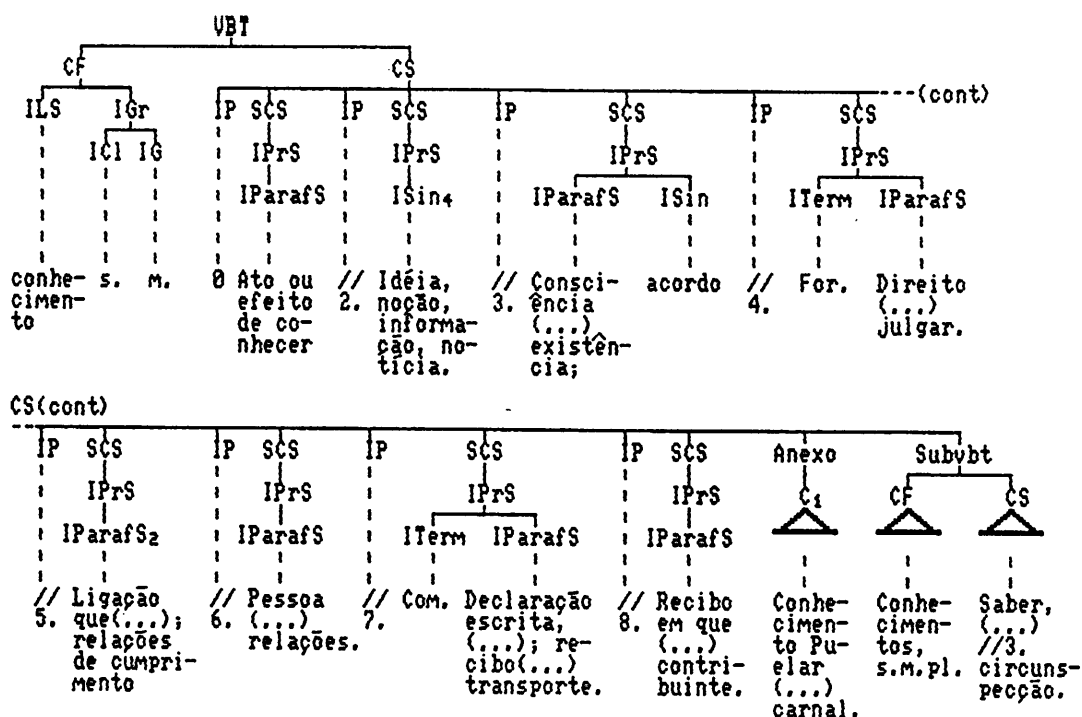
Vbti (D4)

CONHECIMENTO, s.m *Ato ou efeito de conhecer. //2. Idéia, noção, informação, notícia //3. Consciência da própria existência; acordo //4. Direito de conhecer e de julgar //5. Ligação entre pessoas que se vêem e se falam, que têm entre si algumas relações, menos estreitas que as de amizade; relações de cumprimento //6. Pessoa com que se têm relações //7. Com. Declaração escrita, recibo pelo qual consta que alguém tem em seu poder algumas mercadorias, recibo ou documento fornecido pelo vapor ao embarcador das mercadorias entregues para*

transporte //6. Recibo em que os recebedores das contribuições diretas declaram ter-lhes sido entregue alguma prestação pelo contribuinte.

CONHECIMENTO PUELAR, s.m Ant. Coito, contacto carnal.

CONHECIMENTOS, s.m pl. Saber, instrução, perícia //2. Razoabilidade //3. Circunspeção.



Note-se a incidência de IParafS dupla no 50 e 70

SCS:

Vbti em D4 caracteriza-se por possuir:

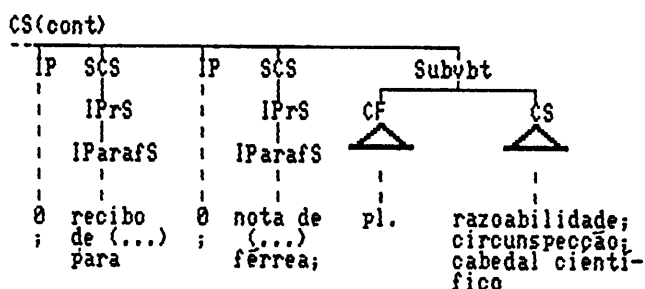
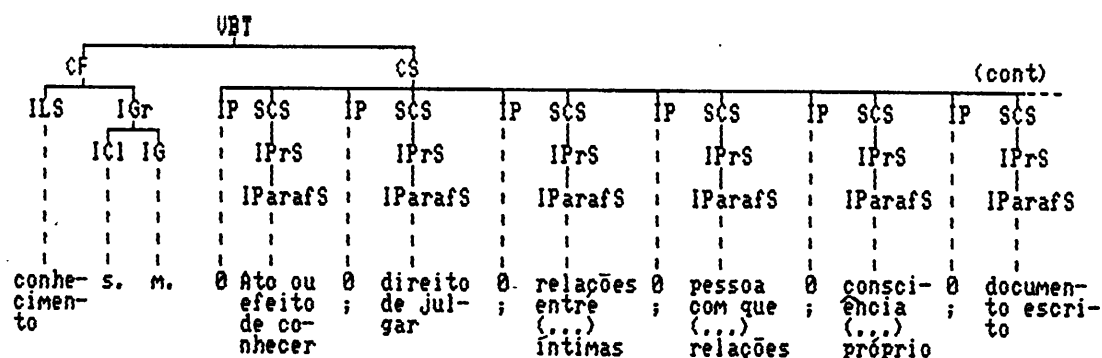
- oito núcleos de integradas (sendo 2 com IParafS dupla);
- Anexo e Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

Vbti (D5)

Conhecimento, s.m. Ato ou efeito de conhecer; direito de julgar; relações entre pessoas não íntimas; pessoa com quem travamos relações; consciência de si própria; documento escrito; recibo de contribuição para; nota de despacho de mercadorias por via férrea; pl. razoabilidade; circunspeção; cabedal científico.



Vbti em D5 caracteriza-se por possuir:

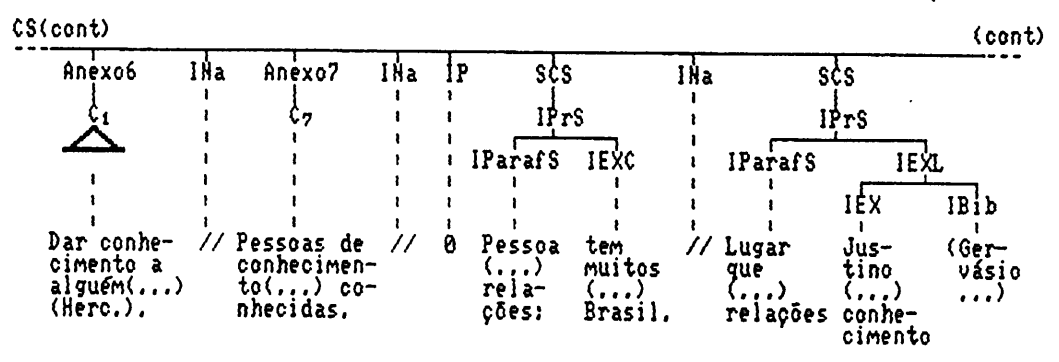
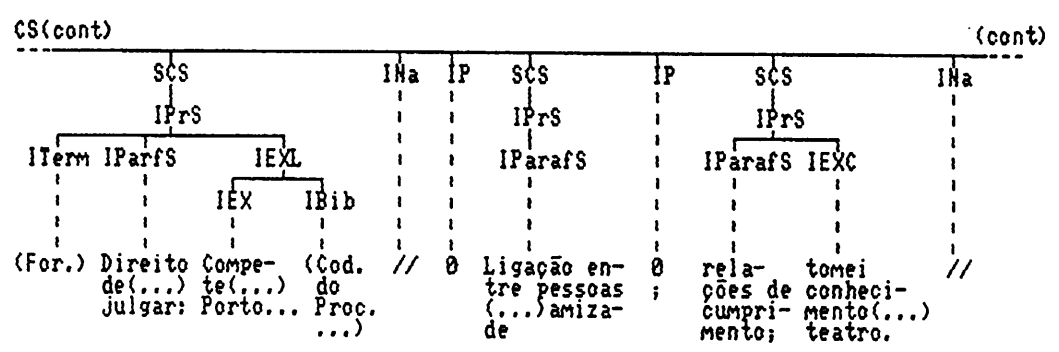
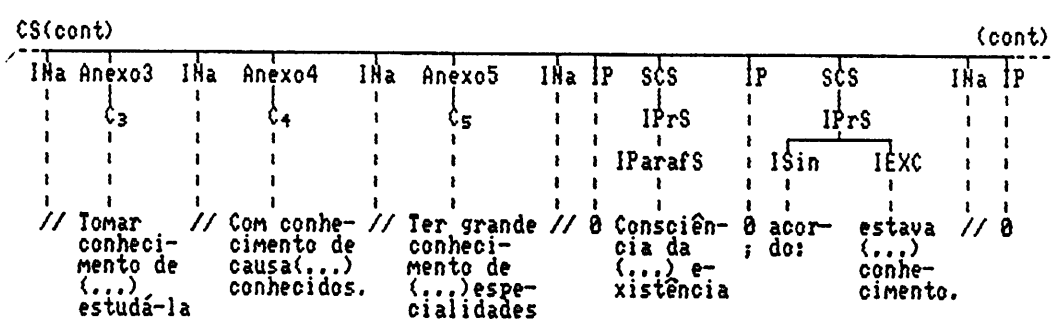
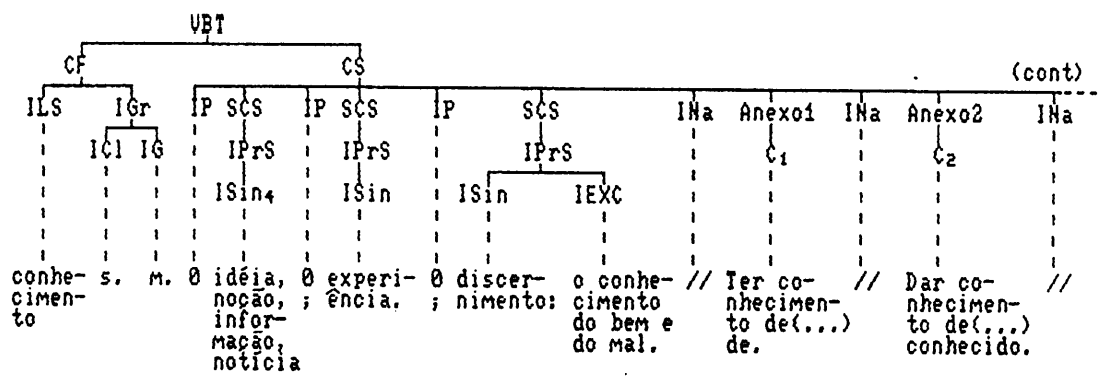
- oito núcleos de integradas;
- Subverbete.

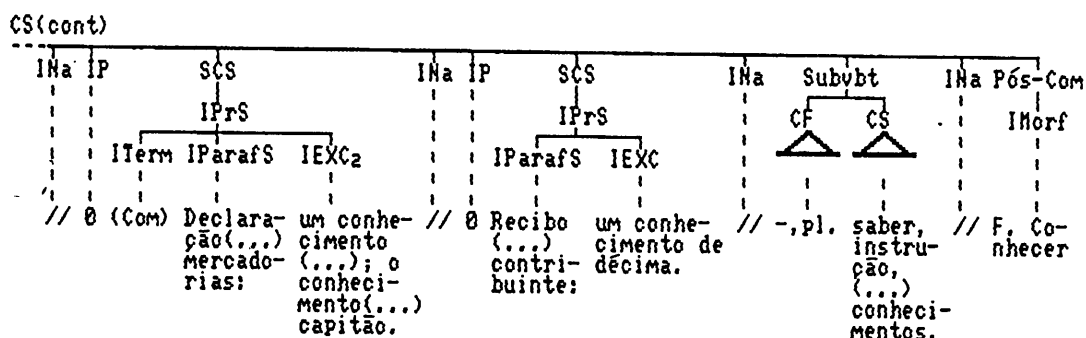
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

Vbti (D6)

CONHECIMENTO, s.m. idéia, noção, informação, notícia; experiência; discernimento; conhecimento do bem e do mal. //Ter conhecimento de, saber, conhecer, estar informado de. //Dar conhecimento de, informar, participar, comunicar; fazer conhecido. //Tomar conhecimento de uma coisa, examiná-la, estudá-la. //Com conhecimento de causa, cientemente, com fundada razão, por motivos conhecidos. //Ter grande conhecimento de quadros, de livros, etc., ser entendido em alguma destas especialidades. //Consciência da própria existência; acôrdo: estava já sem conhecimento. //(For.) Direito de conhecer e de julgar: competente exclusivamente à relação de Lisboa, o conhecimento de quaisquer causas ou recursos pertencentes às relações do Porto... (Cód. do Proc. Civ. Port., art.399). //Ligação entre pessoas que se vêem e se falam, que têm entre si algumas relações menos estreitas que às da amizade; relações de cumprimento: tomei conhecimento com êle no testro. //Dar conhecimento a alguém com alguma pessoa, apresentar-lha: Dar-lhe-emos conhecimento com uma personagem de quem já falamos (Herc.). //Pessoas de conhecimento, pessoas conhecidas. //Pessoa com quem se têm relações: tem muitos conhecimentos do Brasil. //Lugar que se conhece ou onde se têm relações: Justino...foi para a rua da Prata, para as lojas do seu conhecimento (Gervásio Lobato, Lisboa em Camisa, p.38, ed. 1931). //(Com.) Declaração escrita, recibo pelo qual consta que alguém tem em seu poder algumas mercadorias: um conhecimento da alfândega; o conhecimento da carga do navio, passado pelo capitão. //Recibo em que os recebedores das contribuições diretas declaram ter-lhes sido entregue alguma prestação pelo contribuinte: um conhecimento de décima. // -, pl. saber, instrução, perícia: é homem de muitos conhecimentos. //F. .Conhecer.





Vbti em D6 caracteriza-se por possuir:

- doze núcleos de integradas;
- sete núcleos de Anexo;
- Subvbt;
- Pós-Com.

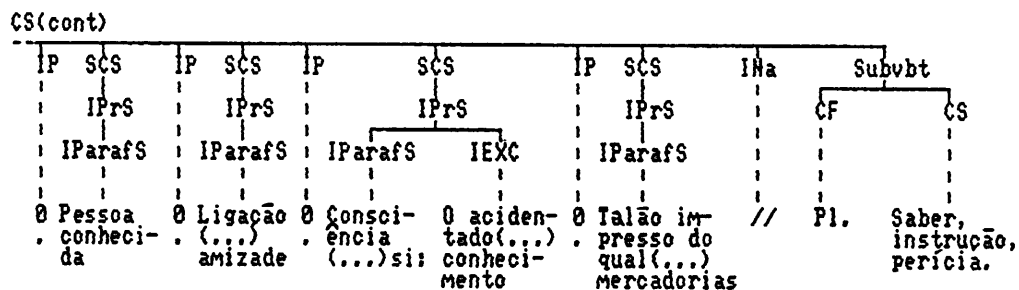
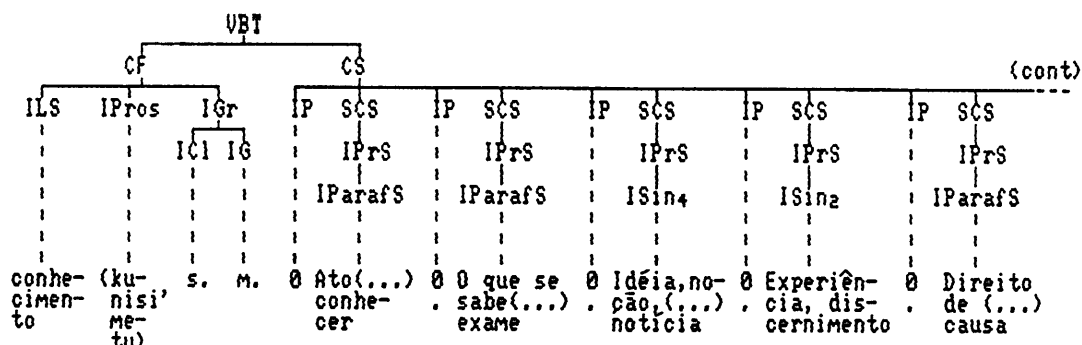
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

Vbti (D7):

Conhecimento (kuñisi'mètu) s.m Ato ou efeito de conhecer. O que se sabe perfeitamente, depois de estudo e maduro exame. Idéia, noção, informação, notícia. Experiência, discernimento. Direito de conhecer e julgar uma causa. Pessoa conhecida. Ligação entre pessoas que têm entre si relações menos estreitas que as de amizade. Consciência da própria existência, acordo de si: O acidentado ficou sem conhecimento. Talão impresso do qual consta que alguém ou alguma repartição, empresa etc., tem em seu poder bagagens, mercadorias //Pl. Sa-

ber, instrução, perícia.



Vbti em D7 caracteriza-se por possuir:

- nove núcleos de integradas;
- Subvbt.

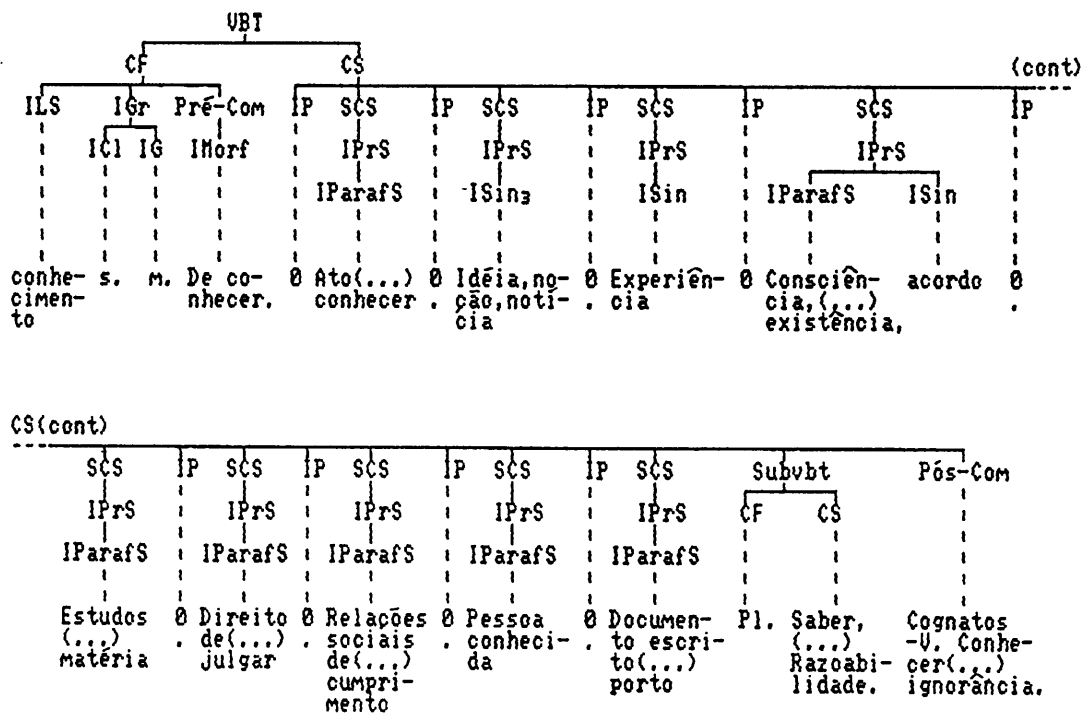
Sendo classificado como:

microestrutura composta.

Vbti(DB)

Conhecimento s.m. De conhecer. Ato ou efeito de conhecer. Idéia, noção, notícia. Experiência. Consciência da própria existência; acordo. Estudos de qualquer matéria. Direito de conhecer e de julgar. Relações sociais de amizade ou de cumprimento. Pessoa conhecida. Documento escrito com que se retira a mercadoria embarcada, em outra estação ou porto. Pl. Saber, instrução. Circunspeção. Razoabilidade.

COGNATOS - V. conhecer. Antôn.: ignorância.



Vbti em DB caracteriza-se por possuir:

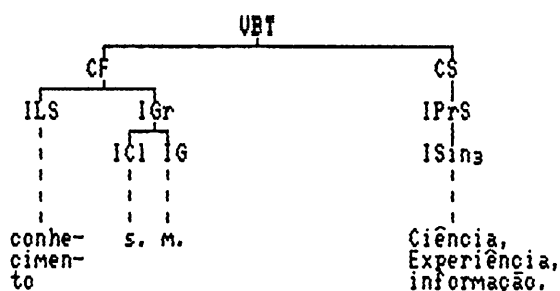
- nove núcleos de integradas;
- Pré-Comentário e Pós-Comentário;
- Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

Vbti (D9)

Conhecimento, s.m. Ciência, experiência, informação."



Vbti em D9 caracteriza-se por possuir:

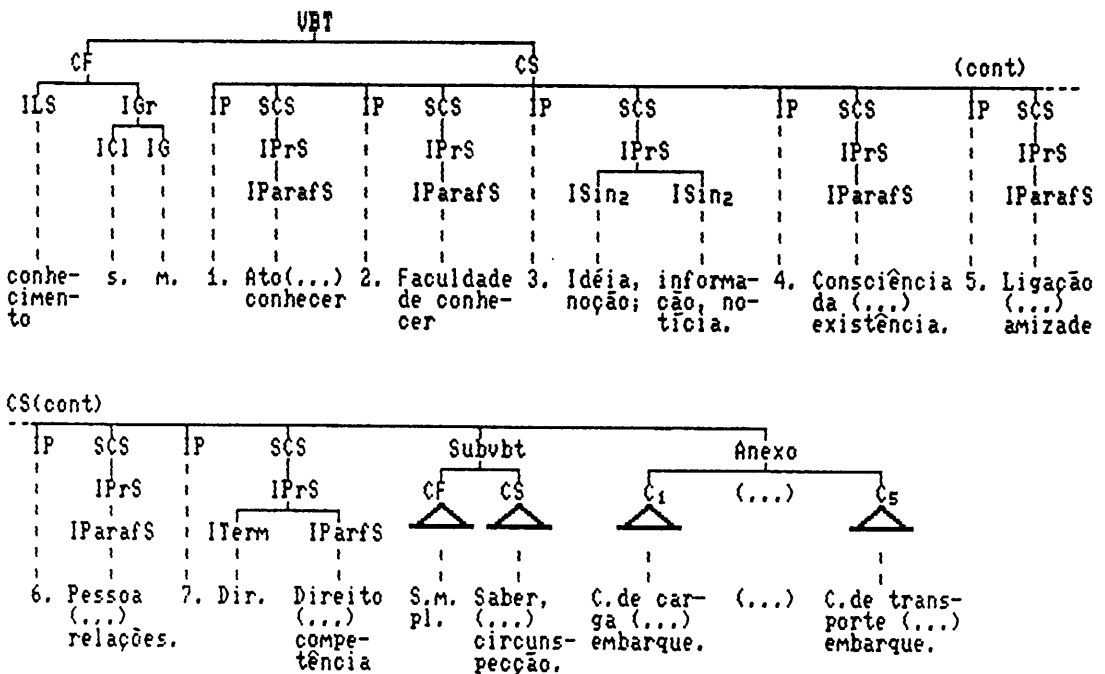
- apenas CS imediatamente subsequente ao único CF.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear.

Vbti (D11)

Conhecimento, s. m. 1. Ato ou efeito de conhecer. 2. Faculdade de conhecer. 3. Idéia, noção; informação, notícia. 4. Consciência da própria existência. 5. Ligação entre pessoas que têm entre si algumas relações, menos estreitas que de amizade. 6. Pessoa com que se têm relações. 7. Dir. Direito judicial de receber, apreciar e julgar uma causa resultante da competência. S. m. pl. Saber, instrução; perícia; razoabilidade; circunspecção. - C. de carga; o mesmo que conhecimento de embarque. C. de causa; perícia; experiência. C. de depósito; documento pelo qual se declara haver recebido para depósito, por determinado tempo, certa mercadoria, e que prova a existência dessa mercadoria; também chamado de bilhete de depósito. C. de embarque; documento pelo qual se declara haver recebido para transporte até determinado lugar certa mercadoria, mediante o pagamento de frete; também chamada conhecimento de carga e conhecimento de transporte. C. de transporte; o mesmo que conhecimento de embarque.



Vbti em D11 caracteriza-se por possuir:

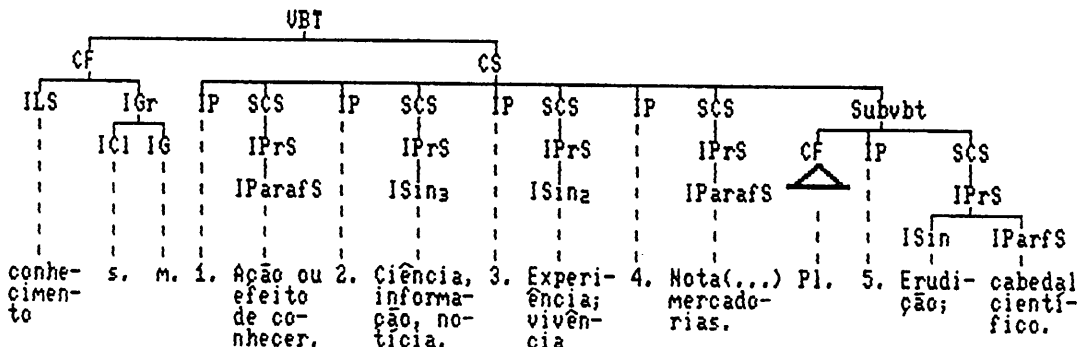
- sete núcleos de integradas, sendo um núcleo com ISin diferenciada em dois grupos;
- Anexo e Subvbt.

Sendo classificado como:

microestrutura composta

Vbti (D12)

Conhecimento s.m. 1. Ação ou efeito de conhecer. 2. Ciência; informação; notícia. 3. Experiência; vivência. 4. Nota de despacho de mercadorias. Pl. 5. Erudição; cabedal científico.



Vbti em D12 caracteriza-se por possuir:

- quatro núcleos de integradas;
- Subvbt estruturalmente integrado como SCS.

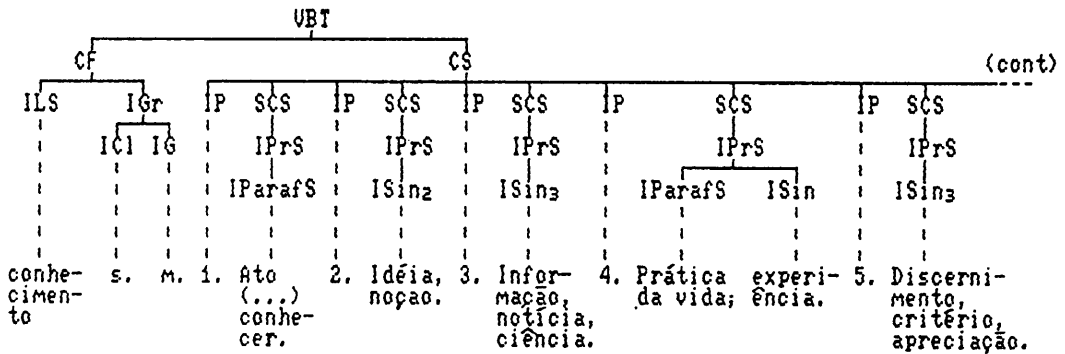
Sendo classificado como:

microestrutura composta

Vbti (D13)

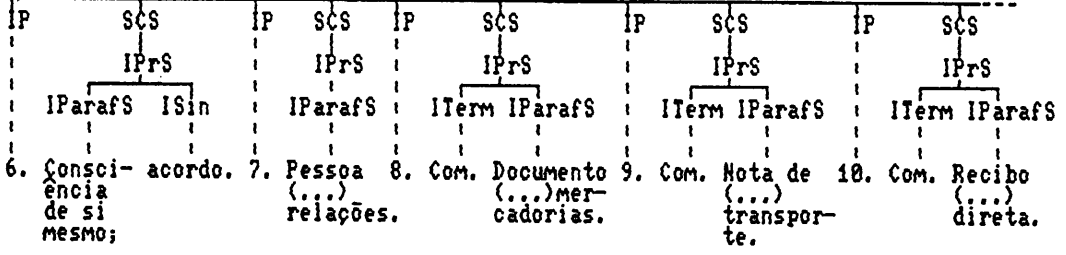
Conhecimento, s.m. 1. Ato ou efeito de conhecer. 2. Idéia, noção. 3. Informação, notícia, ciência. 4. Prática da vida; experiência. 5. Discernimento, critério, apreciação. 6. Consciência de sim mesmo; acordo. 7. Pessoa com quem travamos relações. 8. Com. Documento escrito, declaração ou recibo de que consta ter alguém em seu poder certas mercadorias. 9. Com. Nota de despacho de mercadorias entregues para transporte. 10. Com. Recibo de parcela de contribuição direta. 11. Filos. No sentido mais amplo, atributo geral que têm os seres vivos de reagir ativamente ao mundo circundante, na medida da sua organização biológica e no sentido da sua sobrevivência; experiência. 12. Filos. A posição, pelo pensamento, de um objeto como objeto, variando o grau de passividade ou de atividade que se admitam nessa posição. 13. Filos. A apropriação do objeto pelo pensamento, como quer que se conceba essa apropriação: como definição, como percepção clara, apreensão completa, análise, etc. ~. V. conhecimentos ♦ Conhecimento adequado. Hist. Filos. Segundo Leibniz [v. leibniziano], conhecimento distinto cujos elementos, até os mais primitivos, são conhecidos de modo distinto. Conhecimento aéreo. Documento contratual de transporte aéreo. Conhecimento a priori. Hist. Filos. Segundo Kant [v. kantismo], conhecimento absolutamente independente da experiência e de todas as impressões dos sentidos. Ex.: o conhecimento de que toda mudança tem um causa [cf. a priori, conhecimento a posteriori]. Conhecimento de bagagem. Recibo da bagagem de um passageiro, fornecido pelas empresas de transporte. Conhecimento de carga. Com. Documento comprobativo do recebimento de mercadoria por empresa encarregada do seu transporte (terrestre, marítimo ou aéreo), e que se constitui em título de crédito transmissível por endosso,

em virtude da cláusula "à ordem" lançada em seu contexto; conhecimento de frete; conhecimento de transporte. Conhecimento de depósito. 1. Recibo de depósito de mercadorias. 2. Com. Recibo que os armazéns gerais, trapiches ou estabelecimentos similares dão aos depositantes de mercadorias, para certificar o depósito, emitindo conjuntamente com o warrant [q.v.], mas dele separável, e que contém obrigatoriamente a cláusula "à ordem ", sendo, pois (independentemente do warrant), transferível por meio de endosso. Conhecimento de frete. V. conhecimento de carga. Conhecimento de transporte. V. conhecimento de carga. Conhecimento empírico. Hist. Filos. Conhecimento a posteriori.



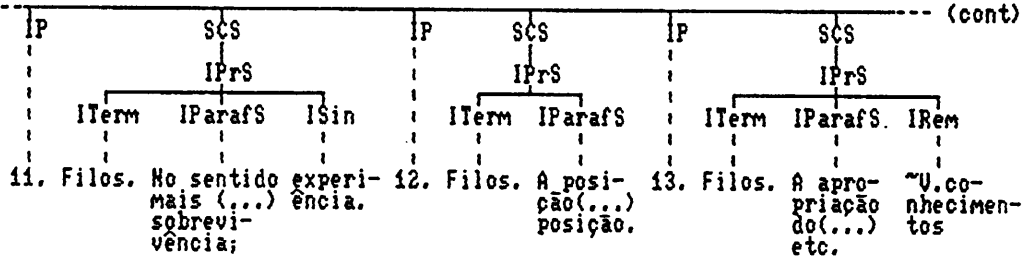
CS(cont)

(cont)

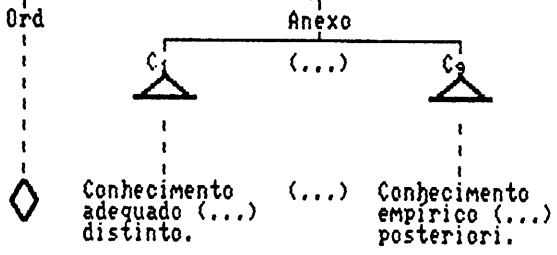


CS(cont)

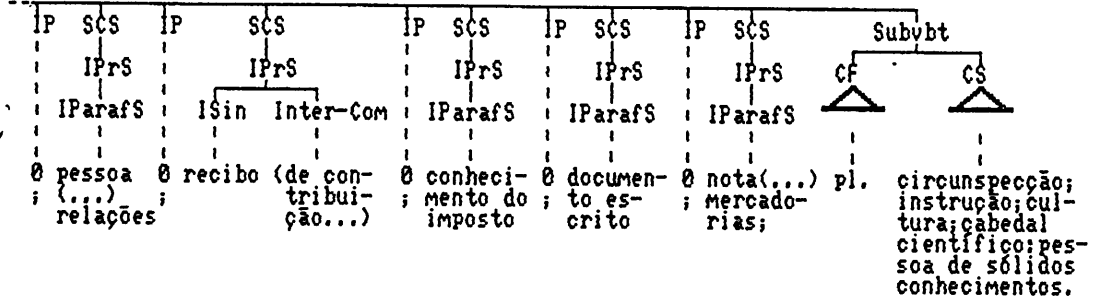
(cont)



CS(cont)



CS(cont)



Vbti em D14 caracteriza-se por possuir:

- doze núcleos de integradas;
- Inter-Comentário;
- Subverbete.

Sendo classificado como:

microestrutura composta.

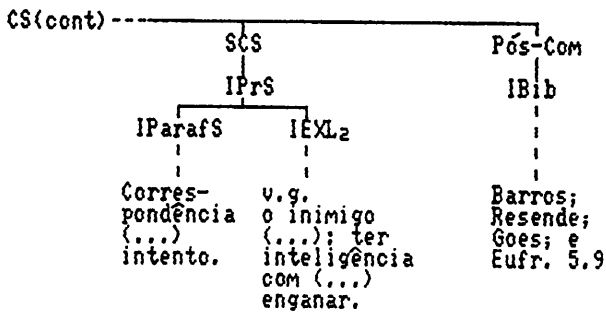
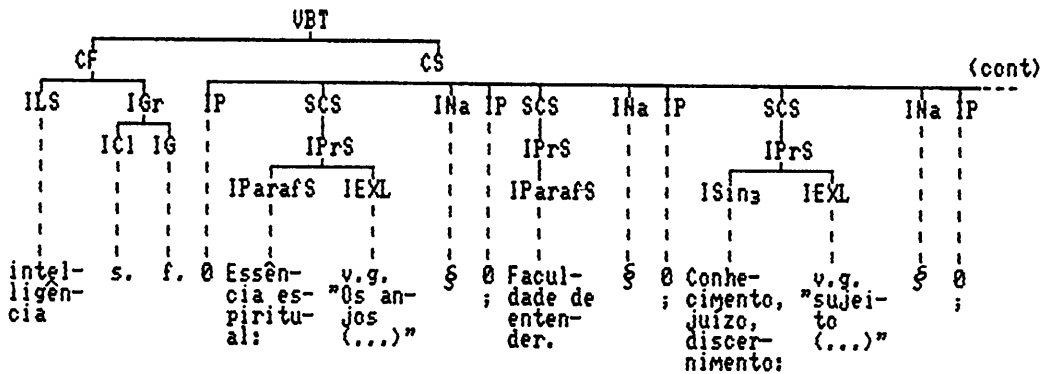
b) Vbtii (inteligência)

Vbtii (D1)

INTELLIGENCIA, s.f. Essência espiritual: v.g. "Os Anjos são puras inteligências". § Faculdade de entender. § Conhecimento, juízo, discernimento: v.g. "sujeito dotado de muita inteligência". § Correspondência secreta de uma pessoa com outra para algum intento: v.g. o inimigo tinha suas inteligências com alguns dos nossos; ter inteligência com meu colli-

tigante, ou adversário para me enganar. Barros; Resende; Goes; e Eufr.5.9.

Obs.: não há explicação na obra para a abreviatura "v.g."



Vbtii em D1 caracteriza-se por possuir:

- quatro núcleos de integradas;
- Pós-Com formado por IBib global.

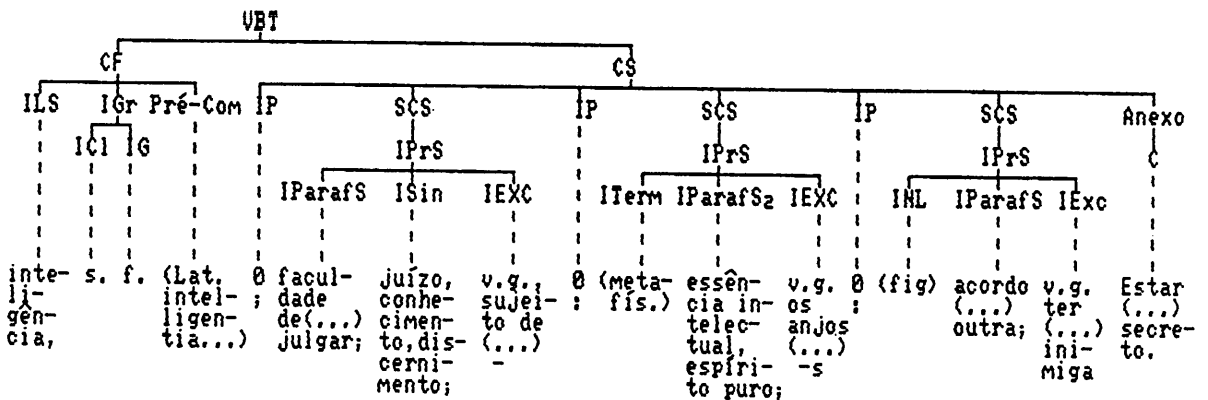
Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

Vbtii (D2)

Inteligência, s.f. (Lat. intelligentia, Court de Gébelin o deriva de inter, entre, lego, ere, escolher; mas eu creio que vem de intus, dentro, interiormente, e eligo, ere, escolher) faculdade de sentir, comparar as sensações e percepções, e de julgar; juízo, conhecimento, discernimento; v.g., sujeito dotado de muita - : - (metafis.) essência intelectual, espírito puro; v.g. os anjos são puros - s: - (fig) acordo, ajuste, conlho de uma pessoa com outra; v.g. ter - ou -s na praça inimiga. Estar de - com alguém; - (fig) pessoa que intervém em trato secreto.

Obs.: não há explicação na obra para a abreviatura "v.g".



Vbtii em D2 caracteriza-se por possuir:

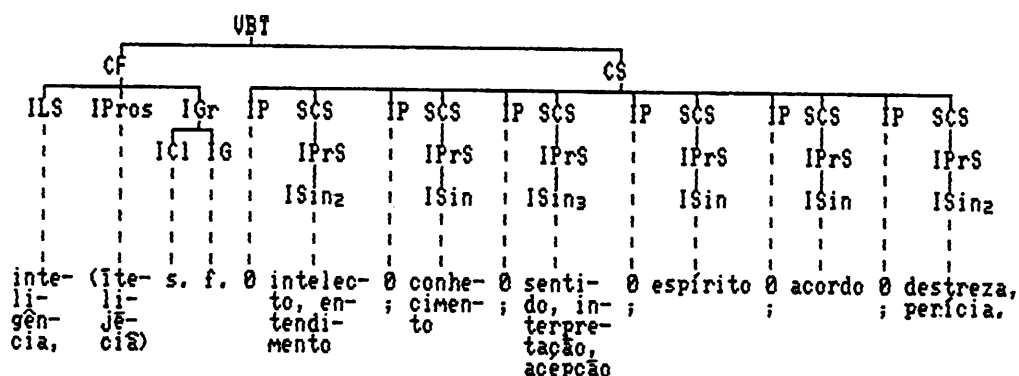
- Pré-Comentário;
- quatro núcleos de integradas, sendo um com IParafS dupla;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

Vbtii (D3):

Inteligência (Itelijêciã) s.f. intelecto entendimento; conhecimento; sentido, interpretação, acepção; espírito; acordo; destreza, perícia.



Vbtii em D3 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas.

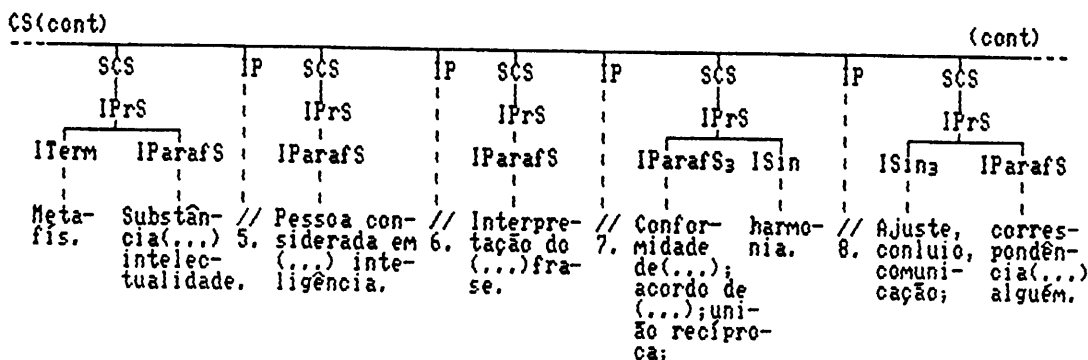
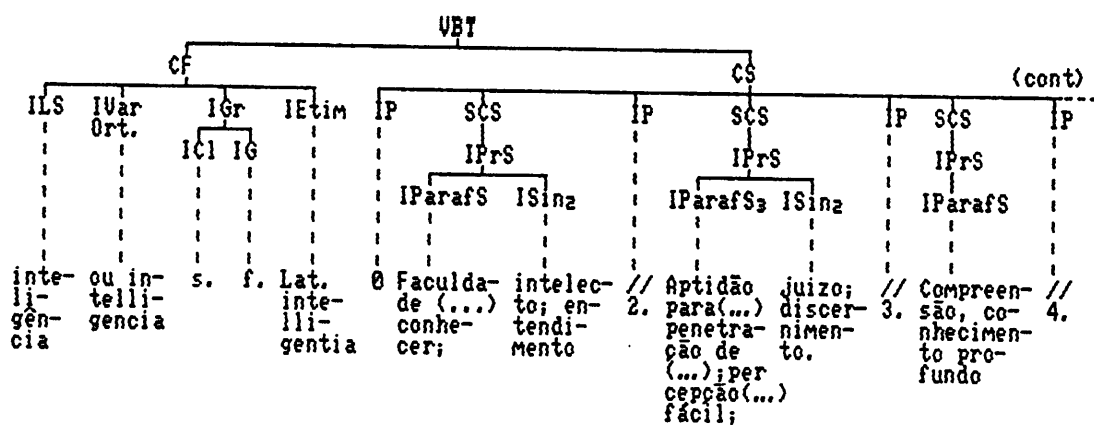
Sendo classificado como:

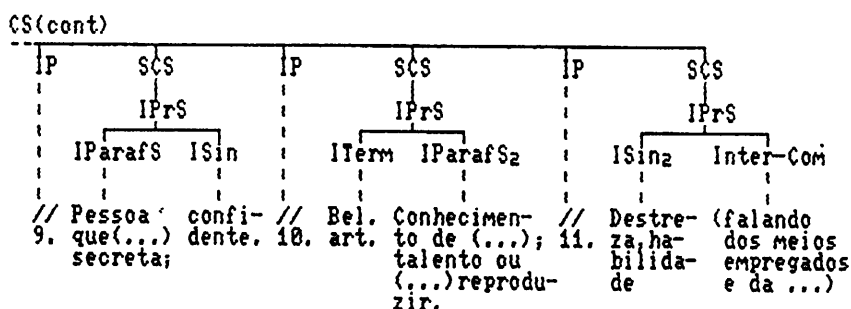
microestrutura integrada.

Vbtii (D4):

INTELIGÊNCIA, ou INTELLIGENCIA, s.f. Lat. intelligentia. Faculdade de entender, de compreender, de conhecer; intelecto; entendimento. // 2. Aptidão para compreender; penetração de espírito; percepção clara e fácil; juízo, discernimento. // 3. Compreensão, conhecimento profundo // 4. Metafís. Substância espiritual e abstrata considerada como a fonte de toda a intelectualidade. // 5. Pessoa considerada em

relação ao desenvolvimento da sua inteligência. // 6. Interpretação do sentido de um livro, de uma proposição, de uma frase // 7. Conformidade de sentimentos; acordo de intenções; união recíproca; harmonia. // 8. Ajuste, conluio, comunicação; correspondência secreta entre duas ou mais pessoas para algum intento ou para enganar alguém // 9. Pessoa que figura como intermediário nalguma combinação secreta; confidante // 10. Bel. art. Conhecimento de certos efeitos; talento ou gosto com que o artista os sabe reproduzir. // 11. Destreza, habilidade (falando dos meios empregados e da sua escolha para obter certo resultado).





Vbtii em D4 caracteriza-se por possuir:

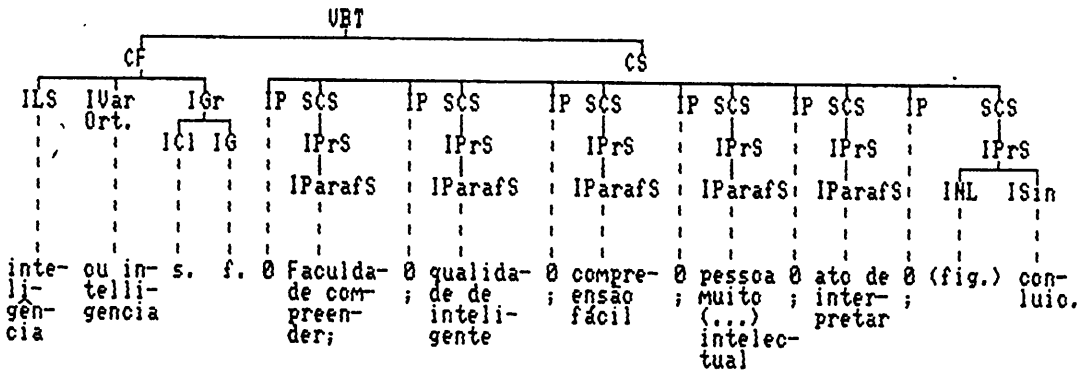
- onze núcleos de integradas, sendo dois com IParafS tripla e um com IParafS dupla;
- Inter-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

Vbtii (D5):

Inteligência (intelligencia), s.f. Faculdade de compreender; qualidade de inteligente; compreensão fácil; pessoa muito inteligente, de grande esfera intelectual; ato de interpretar; (fig.) conclusão.



Vbtii em D5 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas.

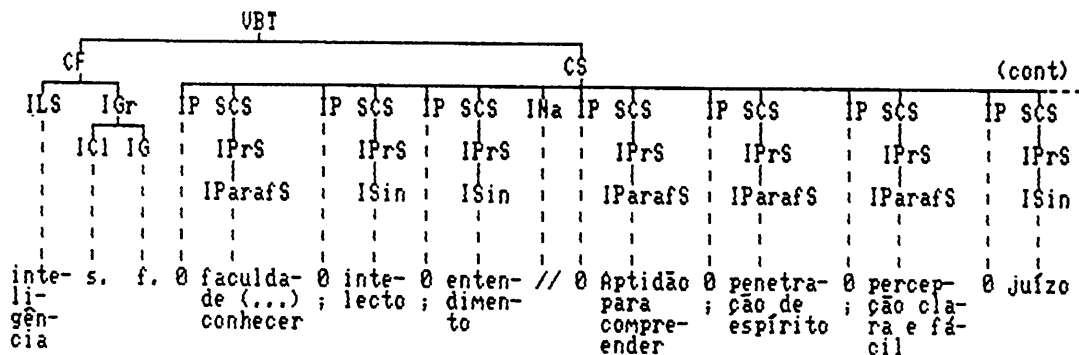
Sendo classificado como:

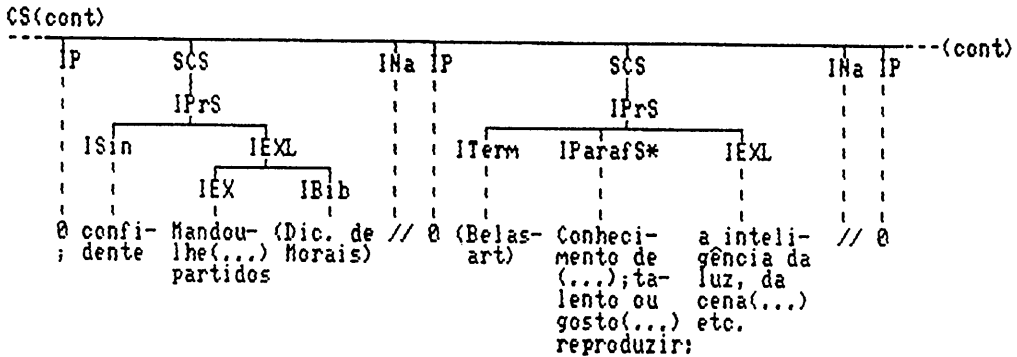
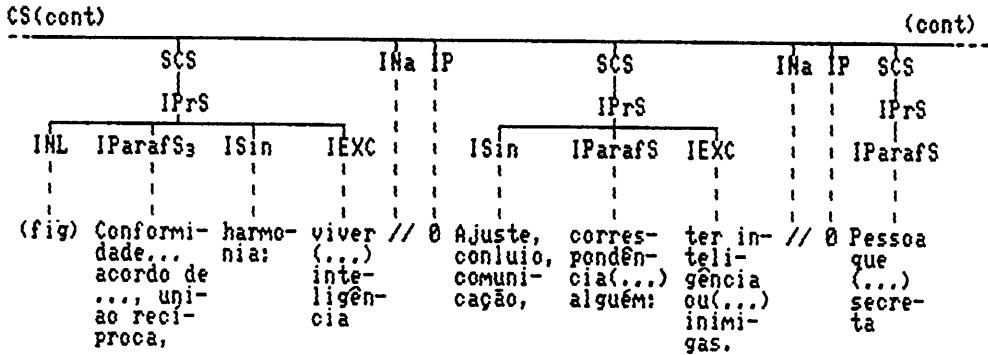
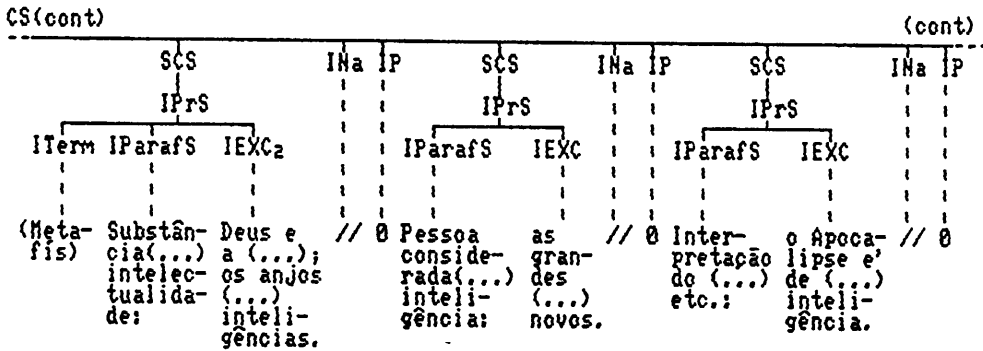
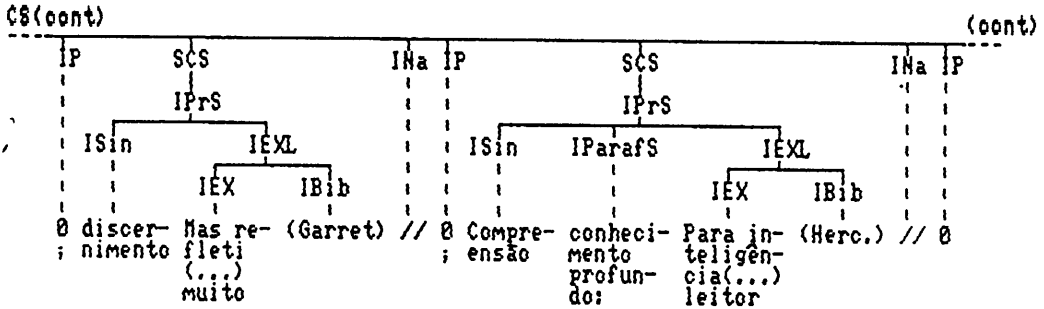
microestrutura integrada.

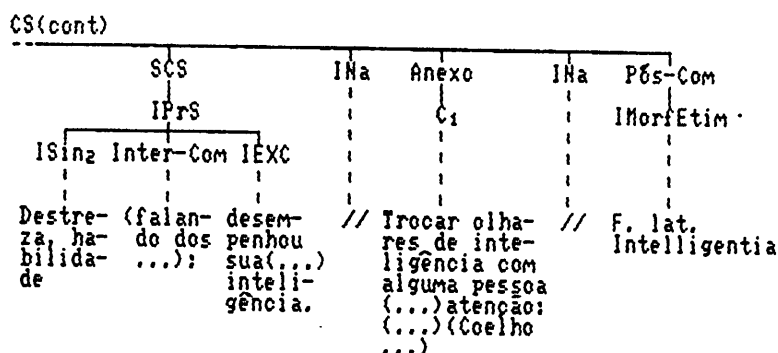
Vbtii (D6):

INTELIGENCIA, s.f. faculdade de entender, de compreender, de conhecer; intelecto; entendimento. // Aptidão para compreender; penetração de espírito; percepção clara e fácil; juízo; discernimento; Mas refleti que haveis cabedal de inteligência para muito (Garret). // Compreensão, conhecimento profundo; Para inteligência dos sucessos subseqüentes é necessário que ... demos algumas explicações ao leitor (Herc) // (Metafis.) Substância espiritual e abstrata considerada como a fonte de toda a intelectualidade; Deus é a suprema inteligência; os anjos são puras inteligências. // Pessoa considerada em relação ao desenvolvimento de usa inteligência; as grandes inteligências aspiram de continuo a conhecimentos novas. // Interpretação do sentido de um livro, de um proposição, de uma frase, etc.; o Apocalipse é de uma difícil inteligência. // (Fig.) Conformidade de sentimentos, acordo de intenções,

união recíproca, harmonia; viver em boa inteligência. // Ajuste, conluio, comunicação, correspondência secreta entre duas ou mais pessoas para algum intento ou para enganar alguém; ter inteligência ou estar de inteligência com o comandante das forças inimigas. // Pessoa que figura como intermediário nalguma combinação secreta; confidente; Mandou-lhe por uma inteligência oferecer grandes partidas (Dic. de Moraes). // (Belas-art.) Conhecimento de certos efeitos; talento ou gosto com que o artista os sabe reproduzir; a inteligência da luz, da cena, do claro-escuro, etc. // Destreza, habilidade (falando dos meios empregados e da sua escolha para obter um certo resultado); desempenhou a sua missão com inteligência. // Trocar olhares de inteligência com alguma pessoa, dar-lhe de olho, preveni-la de alguma coisa por um simples movimento de olhos ou chamar-lhe por essa forma a atenção; trocava olhares de inteligência com certo sujeito que se achava no gabinete (Coelho Neto, Vida Mundana, p. 27, ed. 1924). // F. lat. *Intelligentia*.







* Não foi considerada como IParafS dupla ou IParafS isolada em função da subordinação textual pelo pronome os

Nota: A divisão por SCS's obedece aos critérios colocados na seção 5.3. Fica ressalvada a observação para o 16º SCS (assinalado com *). A ocorrência de IParafS dupla ou tripla é condicionada pela pontuação conforme vê-se no 14º SCS.

Vbtii em D6 caracteriza-se por possuir:

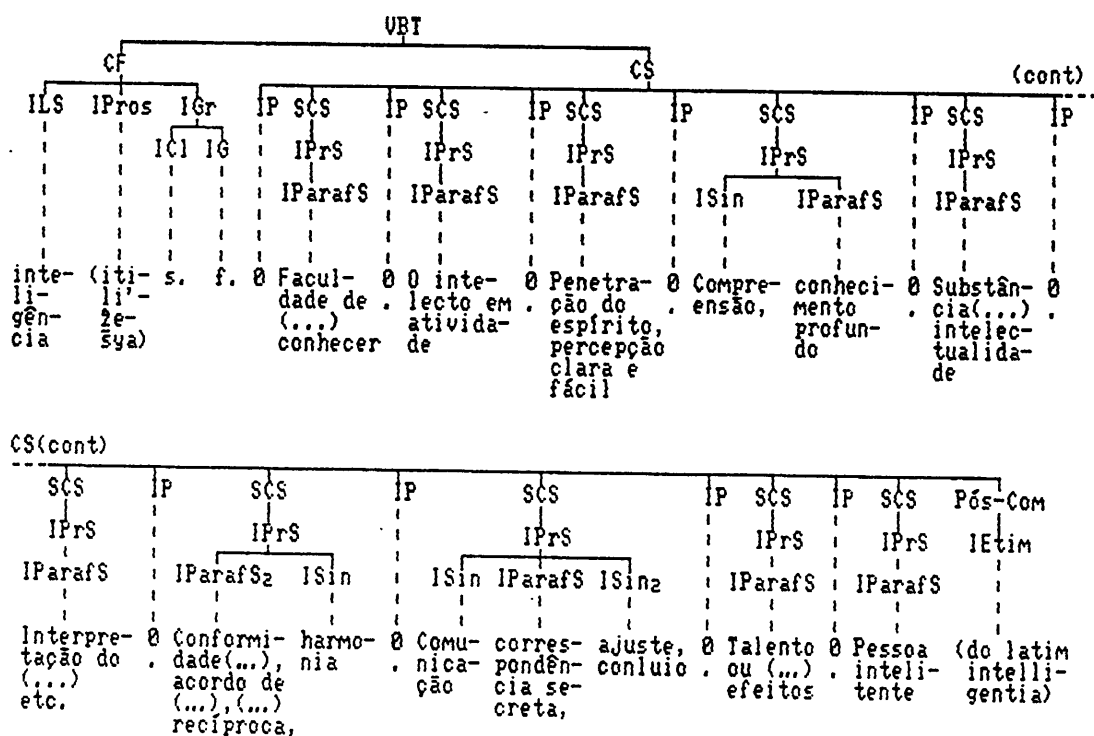
- dezessete núcleos de integradas, sendo um com IParafS tripla;
- Inter- e Pós-Comentário;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

Vbtii (D7):

Inteligência (Itili'tēsya) s.fem. Faculdade de compreender, entender, conhecer. O intelecto em atividade. Penetração do espírito, percepção clara e fácil. Compreensão, conhecimento profundo. Substância espiritual e abstrata considerada como a fonte de toda intelectualidade. Interpretação do sentido de uma palavra, de uma frase, de um livro etc. Conformidade de sentimentos, acordo de intenções, união recíproca, harmonia. Comunicação, correspondência secreta, ajuste, conluio. Talento ou gosto com que um artista sabe reproduzir certos efeitos. Pessoa inteligente (do latim intelligentia).



Vbtii em D7 caracteriza-se por possuir:

- dez núcleos de integradas, sendo dois com IParafS dupla;

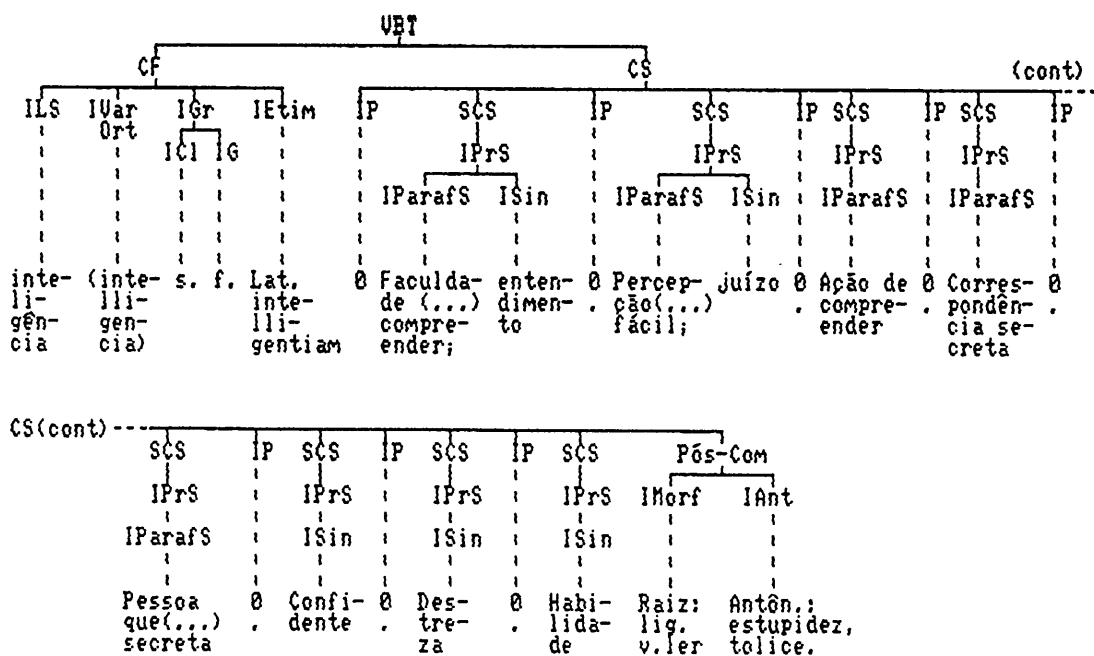
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

Vbtii (DB):

Inteligência (intelligencia), s.f. Lat. intelligentiam. Faculdade de entender, de compreender; entendimento. Percepção clara e fácil; juízo. Ação de compreender. Acordo de sentimentos; união recíproca. Correspondência secreta. Pessoa que serve como intermediário numa reunião secreta. Confidente. Destreza. Habilidade. Raiz: Lig. v. ler Antôn.: estupidez, tolice.



Vbtii em D8 caracteriza-se por possuir:

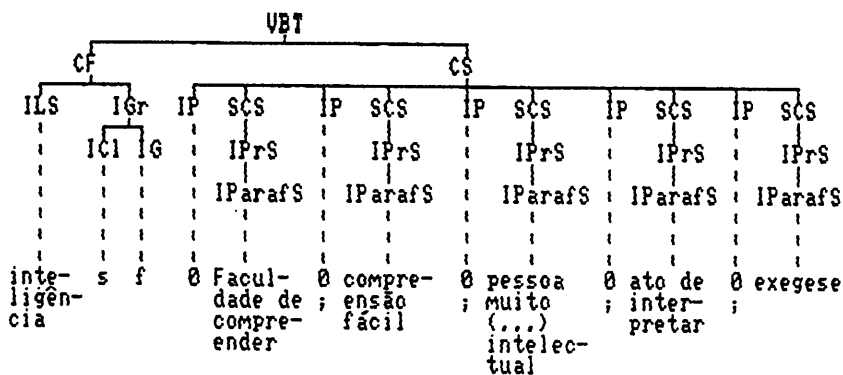
- nove núcleos de integradas, sendo uma com IParafS dupla;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

Vbtii (D9):

INTELIGENCIA, s.f. Faculdade de compreender; compreensão fácil; pessoa muito inteligente, de grande esfera intelectual; ato de interpretar; exegese.



Vbtii em D9 caracteriza-se por possuir:

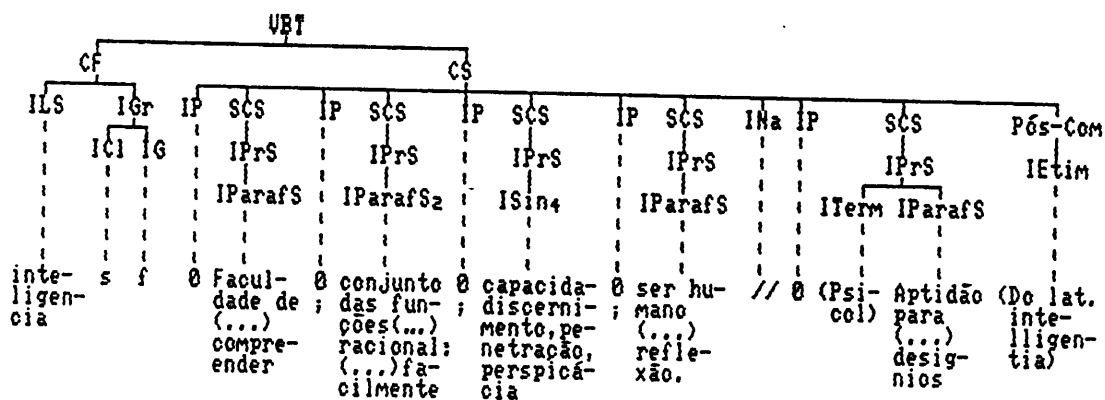
- cinco núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

Vbtii (D10):

Inteligência s.f Faculdade de conhecer, de compreender; conjunto das funções que têm por objeto o conhecimento conceptual e racional; capacidade do espírito que compreende e se adapta facilmente, capacidade, discernimento, penetração, perspicácia; ser humano enquanto ser pensante, capaz de reflexão //(Psicol) Aptidão para compreender as relações existentes entre os elementos de uma situação e a ela adaptar-se para a realização de seus próprios desígnios (Do lat.: intelligentia)



Vbtii em D10 caracteriza-se por possuir:

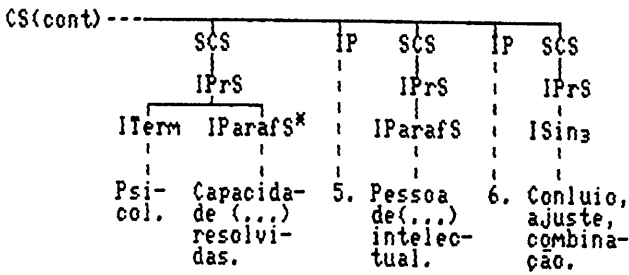
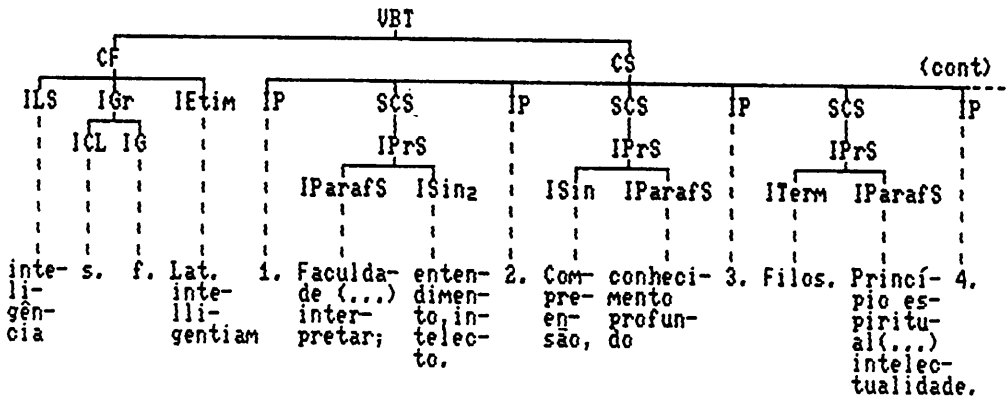
- cinco núcleos d integradas, sendo um com IParafS dupla;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

Vbtii (D11):

Inteligência, s.f (1. intelligentia). 1. Faculdade de entender, pensar, raciocinar e interpretar; entendimento, intelecto. 2. Compreensão, conhecimento profundo. 3. Filos Princípio espiritual e abstrato considerado como a fonte de toda a intelectualidade 4. Psicol. Capacidade de resolver situações novas com rapidez e êxito (medido na execução de tarefas que envolvam apreensão de relações abstratas) e, bem assim, de aprender, para que essas situações possam ser bem resolvidas. 5. Pessoa de grande esfera intelectual. 6. Conluio, ajuste, combinação.



* Note-se o Inter-Com integrado à IParaFS, de tal modo que não pode ser segmentado.

Vbtii em D11 caracteriza-se por possuir:

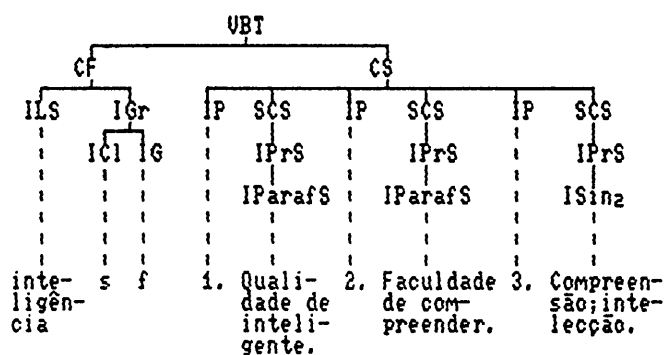
- seis núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

Vbtii (D12):

*Inteligência s.f Qualidade de inteligente 2
Faculdade de compreender 3. Compreensão; inte-
lecção.*



Vbtii em D12 caracteriza-se por possuir:

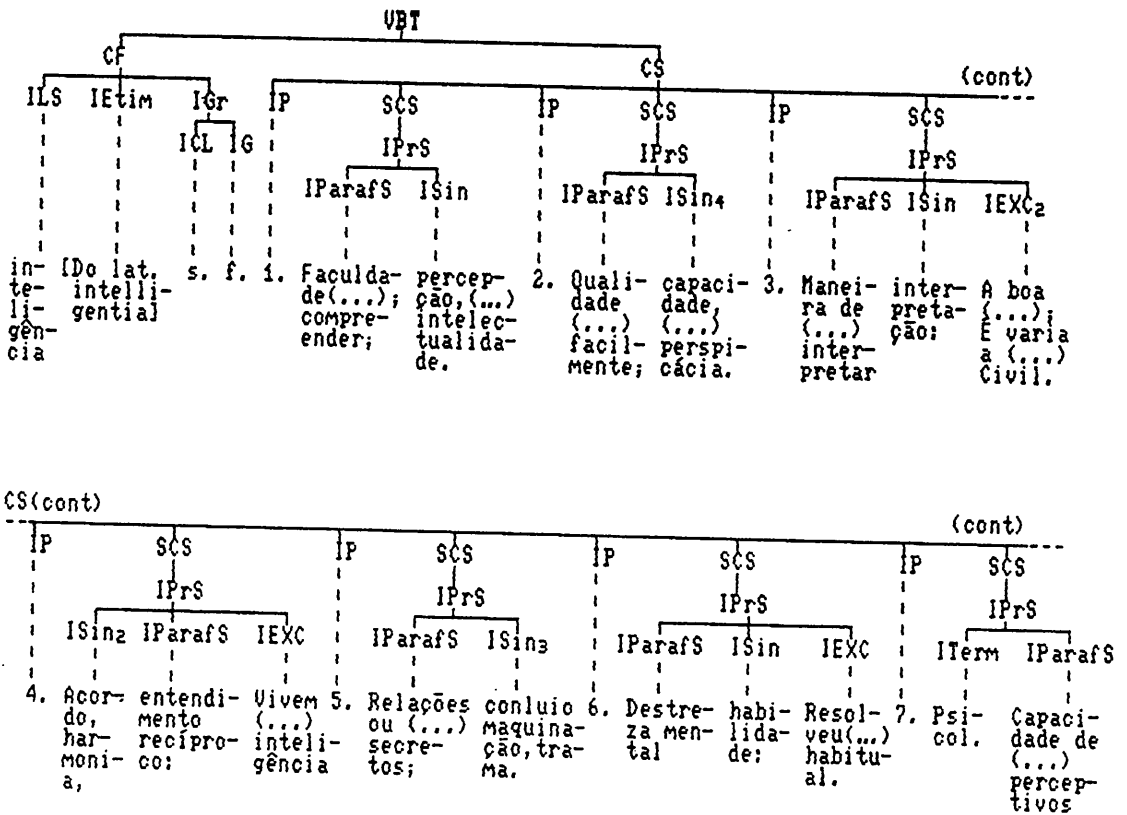
- três núcleos de integradas.

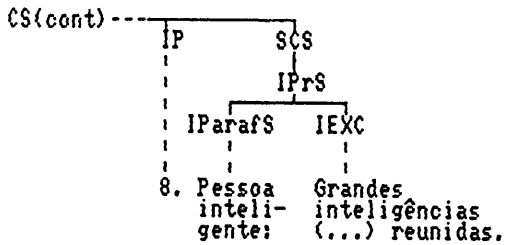
Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

Vbtii (D13):

Inteligência [Do lat. intelligentia] s.f 1. Faculdade de aprender, aprender ou compreender; percepção, apreensão, intelecto, intelectualidade 2. Qualidade ou capacidade de compreender e adaptar-se facilmente; capacidade, penetração, agudeza, perspicácia 3. Maneira de entender ou interpretar; interpretação; a boa inteligência de um texto; É vária a inteligência daquele artigo do Código Civil 4. Acordo, harmonia, entendimento recíproco; Vivem em boa inteligência. 5. Relações ou entendimentos secretos; conluio, maquinação, trama. 6. Destreza mental; habilidade; Resolveu o problema com a sua inteligência habitual. 7. Psicol. Capacidade de resolver situações problemáticas novas mediante reestruturação dos dados perceptivos. 8. Pessoa inteligente; Grandes inteligências do país estavam ali reunidas.





Vbtii em D13 caracteriza-se por possuir:

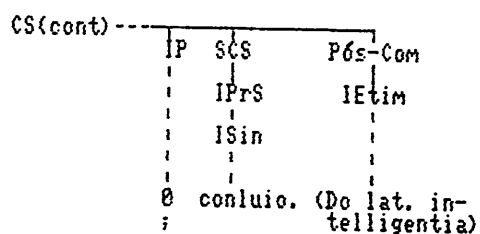
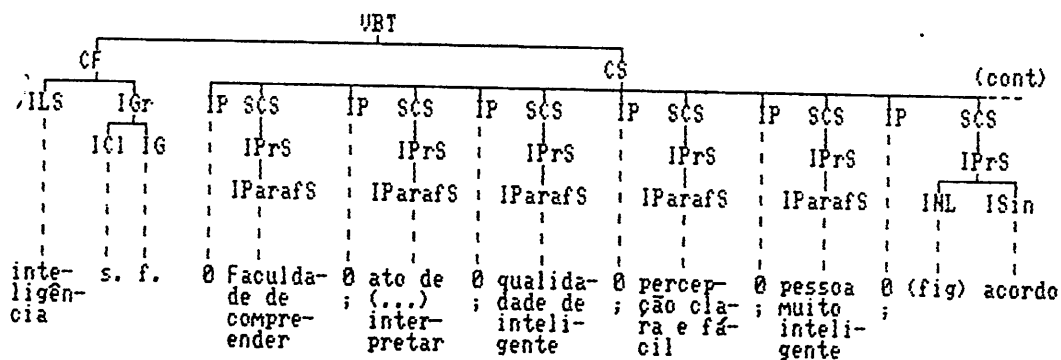
- oito núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

Vbtii (D14):

INTELIGENCIA, s.f. Faculdade de compreender; ato de conhecer, de interpretar; qualidade de inteligente; percepção clara e fácil; pessoa muito inteligente; (fig) acordo; conluio (Do lat. intelligentia).



Vbtii em D14 caracteriza-se por possuir:

- sete núcleos de integradas;
- Pós-Comentário.

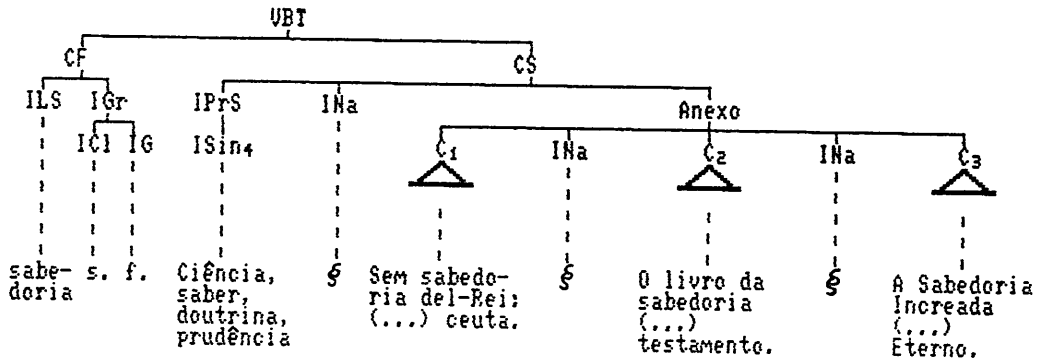
Sendo classificado como:

microestrutura integrada estendida.

C) Vbtiii (sabedoria)

Vbtiii (d1):

SABEDORIA, s.f Ciência, saber, doutrina, prudência. § Sem sabedoria del-Rei; sem ele o saber. Azurara, Tom de ceuta. § O livro da sabedoria, um dos que compõe o Antigo Testamento. § A Sabedoria Increada, encarnada ou infinita; i. é o verbo eterno.



Vbtiii em D1 caracteriza-se por possuir:

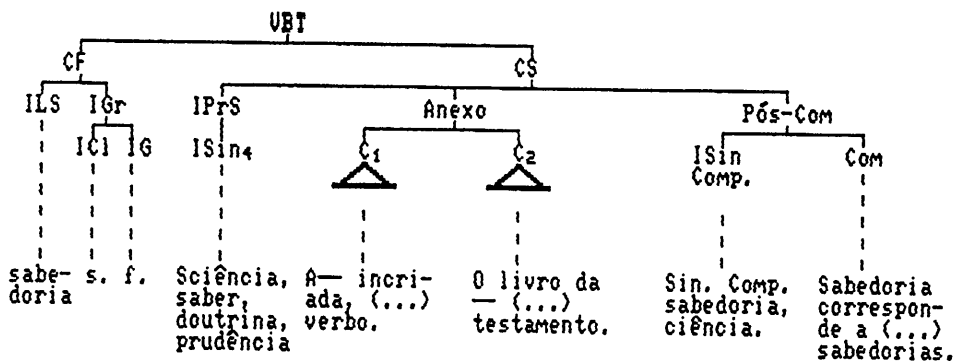
- Único CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear com Anexo.

Vbtiii (D2):

SABEDORIA, s.f sciência, doutrina, prudência, sapiência. A - incriada, incarnada, infinita, o divino verbo. O livro da -, da Sapiência, um dos que compõe o Antigo Testamento. Sin. comp. Sabedoria, ciência. Sabedoria corresponde ao vocábulo latino sapientia, que vem de sapio; ciência é palavra vinda de scio. A primeira tem significação mais extensa e complexa que a segunda. Sabedoria é o conhecimento intelectual das coisas divinas e humanas, é a razão perfeita, como disse Cícero: "Satio perfecta nominatur rité sapientia (de leg. I, 7)". Ciência é a notícia ou conhecimento das coisas humanas. A sabedoria é uma qualidade que se considera inerente no homem, abrange o saber e o obrar segundo a reta razão; a ciência só diz respeito à parte especulativa, e pode considerar-se independente do homem; e neste sentido a definem os mornos, uma série de verdades discursivas, que não alcança por si o senso comum. A geometria, a matemática, a astronomia, etc., são ciências, mas não se podem chamar sabedorias.



Vbtiii em D2 caracteriza-se por possuir:

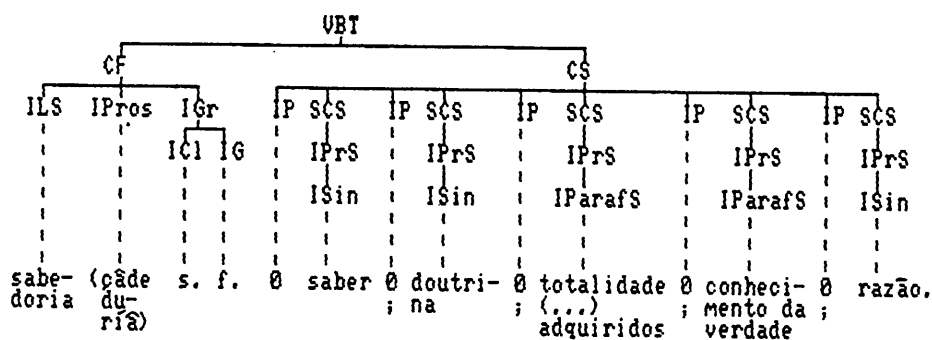
- Único CS imediatamente subsequente ao único CF;
- Anexo;
- Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura básico-nuclear com Anexo e Comentário.

Vbtiii (D3):

Sabedoria (çãbeduriã) s.f Saber; doutrina; totalidade dos conhecimentos adquiridos; conhecimento da verdade; razão.



Vbtiii em D3 caracteriza-se por possuir:

- cinco núcleos de integradas.

Sendo classificado como:

microestrutura integrada.

Vbtiii (D4):

SABEDORIA, s.f. De *sabedor* + *ia*. Conhecimento da verdade; instrução imensa; qualidade de sábio. // 2. Caráter do que é dito ou pensado sabiamente. // 3. Justo conhecimento, natural ou adquirido, das verdades (mormemente morais); saber, ciência. // 4. Totalidade dos conhecimentos adquiridos. // 5. Modo de vida próprio do sábio, grande circunspecção e prudência; razão, juízo, retidão, justiça. // 6. Teol. Conhecimento inspirado das cousas divinas e humanas.

SABEDORIA CRIADA; s.f. O verbo, a segunda pessoa da Trindade

SABEDORIA DA CARNE; s.f. O mesmo que *sabedoria do mundo*.

SABEDORIA DAS NAÇÕES; s.f. Moral vulgar expressa em provérbios

SABEDORIA DO MUNDO; s.f. A razão humana considerada como errônea e impotente pelos teólogos

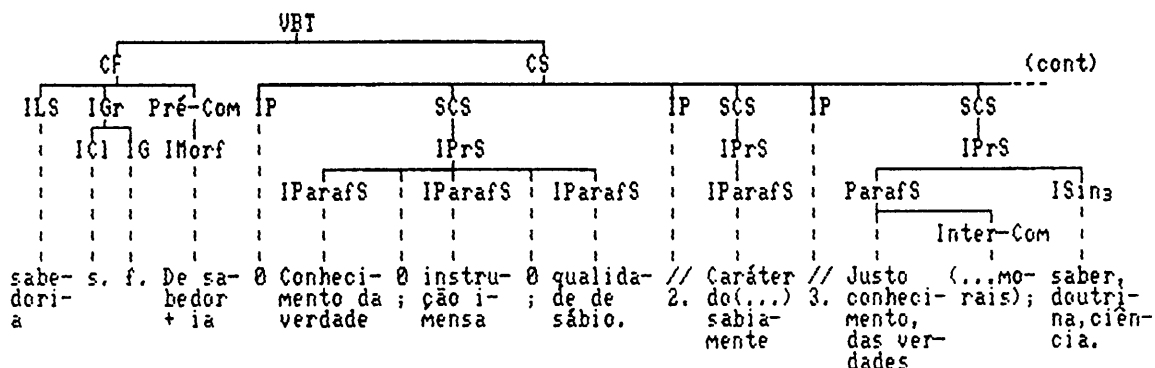
SABEDORIA DO Século; s.f. o mesmo que *sabedoria do mundo*

SABEDORIA ETERNA; s.f. O mesmo que *sabedoria incriada*

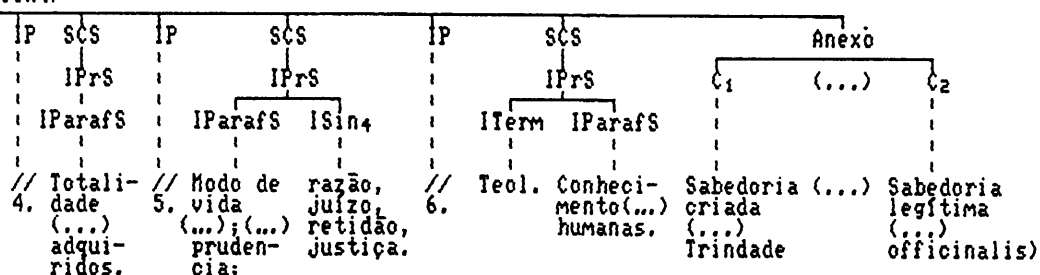
SABEDORIA HUMANA; s.f. O mesmo que *sabedoria do mundo*

SABEDORIA INCRIADA; s.f. O verbo unido à humanidade

SABEDORIA LEGítIMA; s.f. Bot. Planta da família das *cariofiláceas* (*Saponaria officinalis*).



CS(cont)



Vbtiii em D4 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas; ocorrendo um com IParafS tripla e um com IParafS dupla;
- Pré- e Inter-Comentário;
- Anexo.

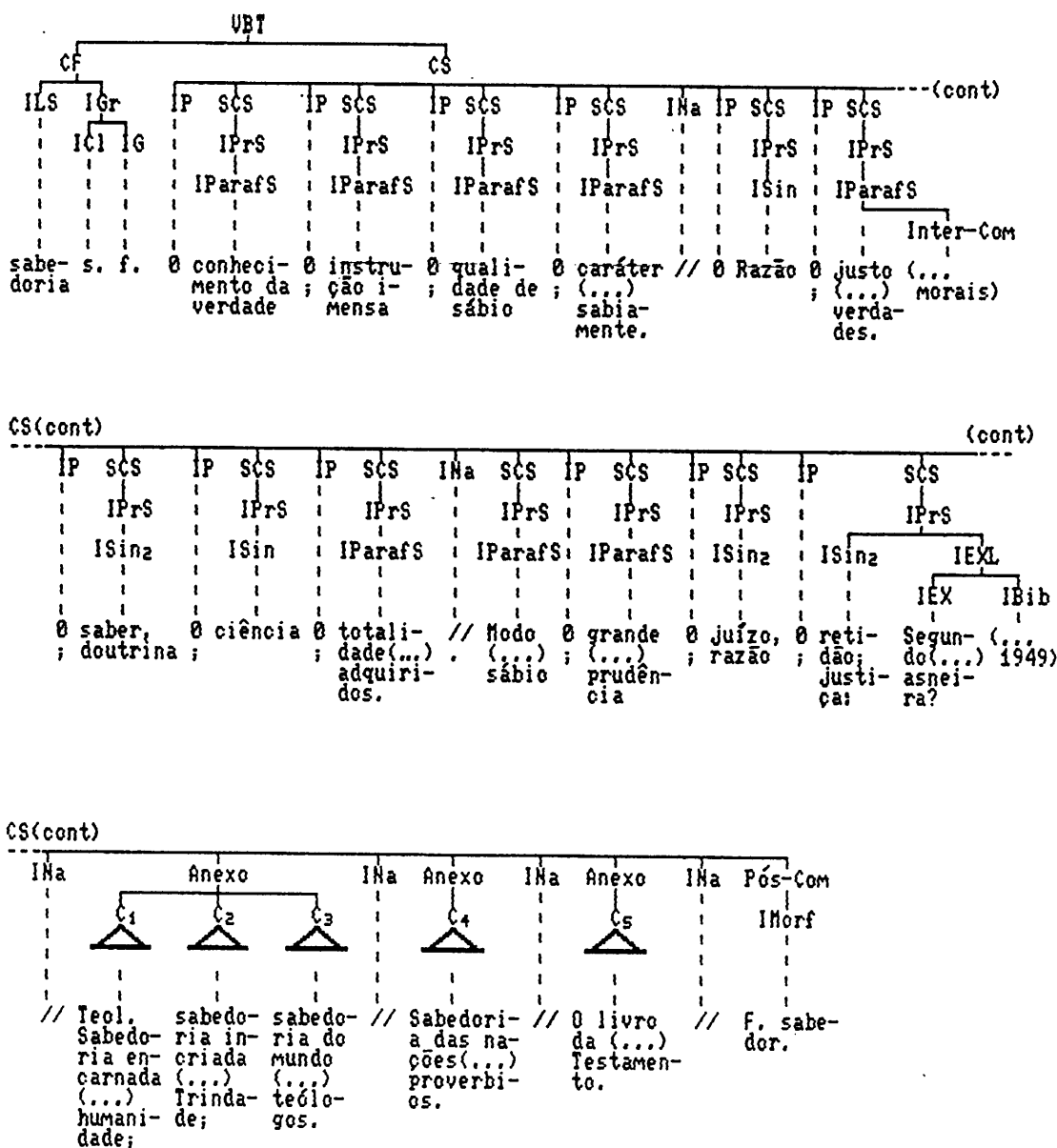
Sendo classificado como:

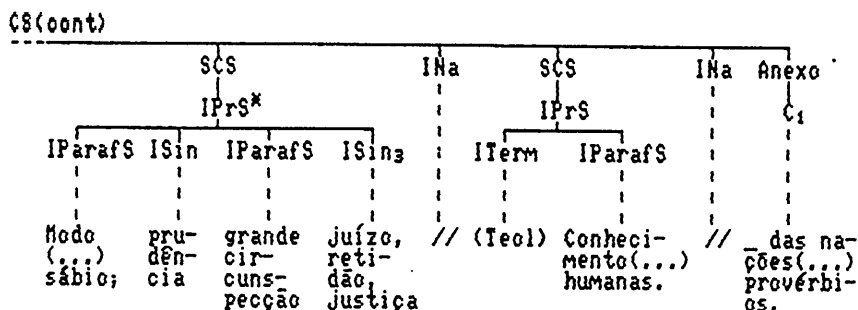
microestrutura parcialmente integrada estendida.

Vbtiii (D5):

Sabedoria, s.f. Grande cópia de conhecimentos; qualidade de sabedor; ciência; saber; prudência; retidão; razão; - das nações: moral vulgar expressa em provérbios.

humana considerada como errônea e impotente pelos teólogos. // Sabedoria das nações, moral vulgar expressa em provérbios. // O livro da sabedoria, um dos que fazem parte do Antigo Testamento. // F. sabedor.





* Observe-se a composição peculiar, com dupla IPa-
rafS e ISin.

Vbtiii em D7 caracteriza-se por possuir:

- seis núcleos de integradas;
- Anexo.

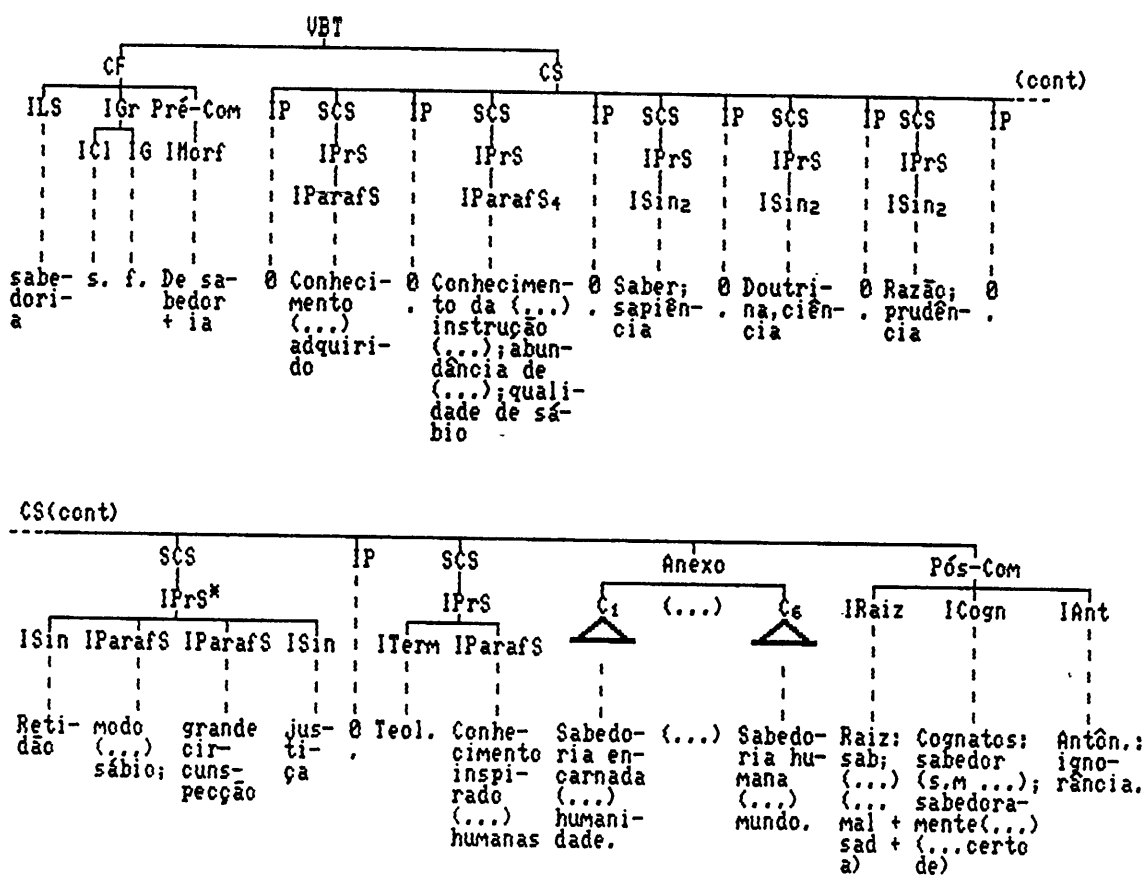
Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada.

Vbtiii (DS):

Sabedoria s.f. De sabedor + ia Conhecimento das cousas, natural ou adquirido. Conhecimento da verdade; instrução imensa; abundância de conhecimentos; qualidade de sábio. Saber; sapiência. Doutrina, ciência. Razão; prudência. Retidão, modo de vida próprio do sábio; grande circunspecção; justiça. Teol. Conhecimento inspirado das cousas divinas e humanas. Locuções: Sabedoria encarnada: o verbo unido à humanidade. Sabedoria incriada: o verbo, a 2ª pessoa da Santíssima Trindade. Livro da sabedoria: um dos livros do Antigo Testamento. Sabedoria do mundo: sabedoria dos povos adquirida pela experiência; moral expressa pelos pro-

vérbios. Sabedoria eterna. Sabedoria humana; sabedoria do mundo. RAIZ: sab. var. de sap. (lat. sapere). Outras var.: sip (em insipiente) sad. (em massada = ma, de mau, mal + sad + a) COGNATOS: sabedor (s.m.: o que sabe muito; adj.: ciente); sabedoramente, saber, sábio, sabença (s.f.: sabedoria), sabente (adj.: ciente, certo de), etc. Antôn.: ignorância.



Vbtiii em DB caracteriza-se por possuir:

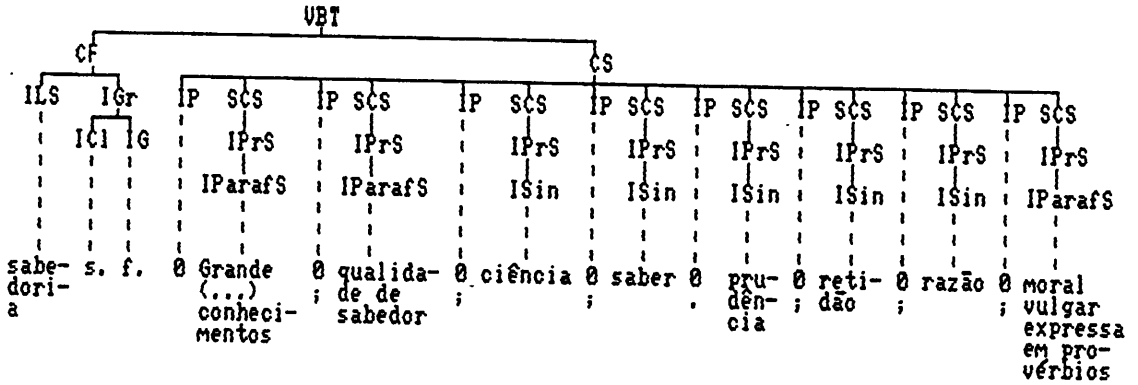
- sete núcleos de integradas, sendo uma com IParafs e ISin duplas;
- Anexo e Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

Vbtiii (D9):

SABEDORIA, s.f. Grande cópia de conhecimentos; qualidade de sabedor; ciência; saber; prudência; retidão; razão; moral vulgar expressa em provérbios.



Vbtiii em D9 caracteriza-se por possuir:

- oito núcleos de integradas;

Sendo classificado como:

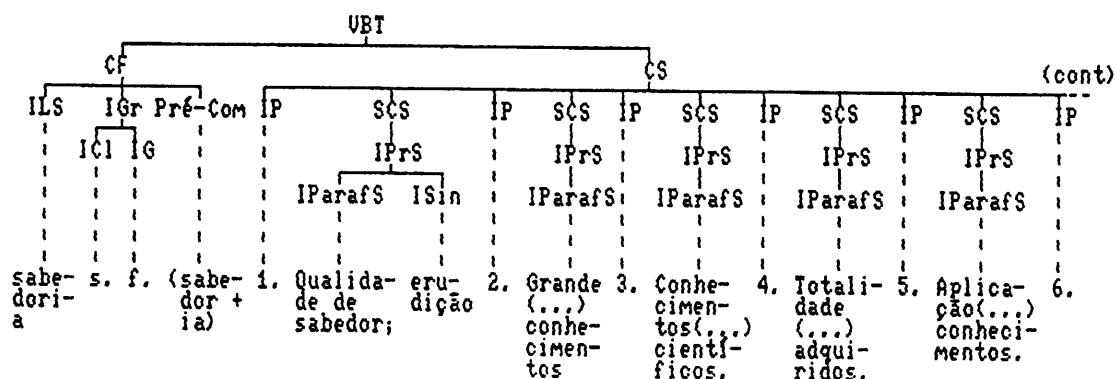
microestrutura integrada.

Vbtiii (D10):

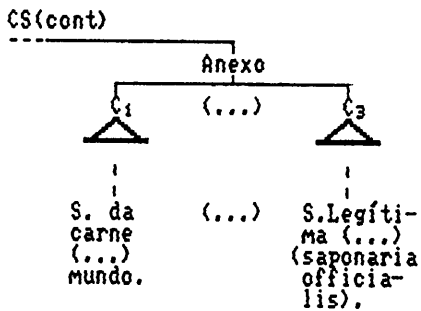
Sabedoria s.f. Qualidade de sabedor; caráter do que é dito ou pensado sabidamente; saber, doutrina, totalidade de conhecimentos adquiri-

Vbtiii (D11):

Sabedoria, s.f. (sabedoria) 1. Qualidade de sabedor; erudição 2. Grande soma de conhecimentos 3. Conhecimentos filosóficos e científicos 4. Totalidade dos conhecimentos adquiridos 5. Aplicação inteligente dos conhecimentos 6. Caráter do que é dito ou pensado sabiamente 7. Conduta orientada de acordo com o conhecimento daquilo que é verdadeiro e justo 8. Grande circunspeção e prudência, juízo, bom senso, razão, retidão 9. Discernimento adquirido pelas experiências de uma longa vida; A sabedoria dos anciões 10. Teol. Conhecimento inspirado das coisas divinas e humanas Antôn. (acepção 1): ignorância. - S. da carne, Teol.: v. sabedoria do mundo. S do mundo, Teol.: razão humana considerada como errônea e impotente. S. do século: o mesmo que sabedoria do mundo. S. incarnada, Teol.: o verbo unido à humanidade. S. incriada, Teol.: a segunda pessoa da Trindade, o verbo. S. legítima: planta cariofilácea (*Saponaria officinalis*).



CS(cont)				(cont)					
SCS	IP	SCS	IP	SCS	IP	SCS	IP	SCS	Inter-Com
IPrS		IPrS		IPrS		IPrS		IPrS	IAnt
IParafS		IParafS		IParafS	ISin4	IParafS	IEXC	ITerm	IParafS
Caráter (...) sabia- mente.	7. Conduta (...) Justo.	8. Grande (...) prudên- cia,	juízo (...) reti- ção.	9. Discer- nimento (...) vida:	A(...) anci- ões.	10. Teol.	Conheci- mento (...) humanas.		Antôn. (acepção 1) ignorância



Vbtiii em D11 caracteriza-se por possuir:

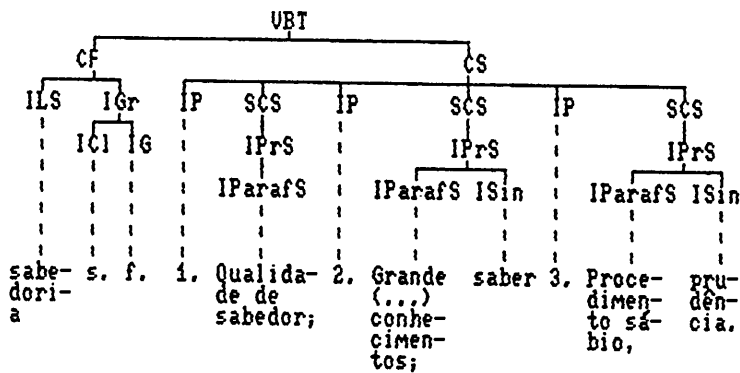
- dez núcleos de integradas;
- Pré- e Inter-Comentário;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

Vbtiii (D12):

Sabedoria s.f. 1. Qualidade de sabedor 2. Grande quantidade de conhecimentos; saber 3. Procedimento sábio, prudência.



Vbtiii em D12 caracteriza-se por possuir:

- três núcleos de integradas.

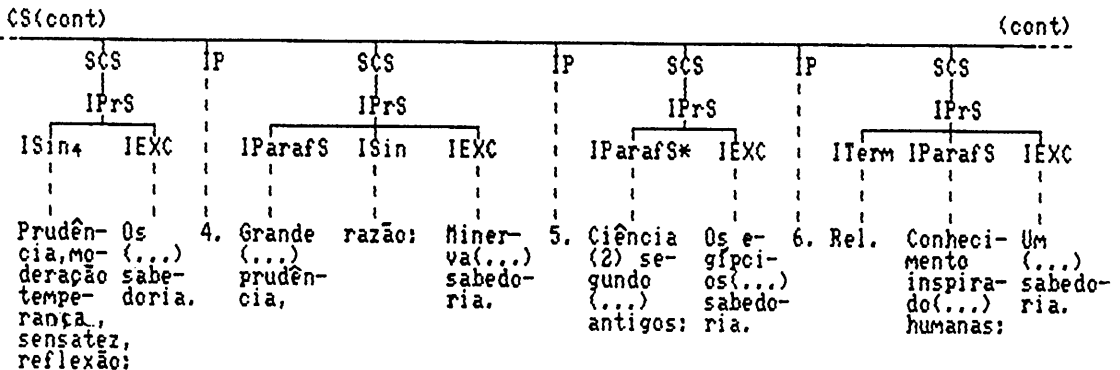
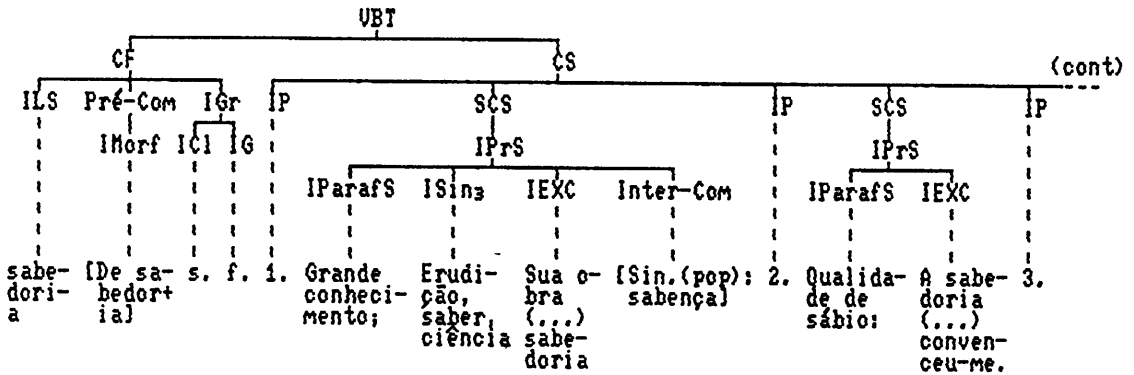
Sendo classificado como:

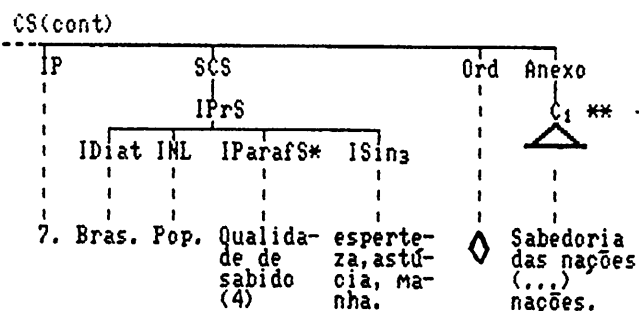
microestrutura integrada.

Vbtiii (D13):

Sabedoria.[De sabedor+ia] s.f. 1. Grande Co-nhecimento; erudição, saber, ciência; Sua obra bem revela a sua sabedoria.[Sin. (pop);saben-ça] 2. Qualidade de sábio: A sabedoria de suas palavras convenceu-me 3. Prudência, moderação, temperança, sensatez, reflexão: Os sofrimentos

deram-lhe grande sabedoria. 4. Conhecimento justo das coisas; razão: Minerva, a deusa da sabedoria. 5. Ciência (2), segundo a concepção dos antigos: Os egípcios eram notáveis por sua sabedoria. 6. Rel. Conhecimento inspirado nas coisas divinas e humanas: Um dos sete dons do Espírito Santo é a sabedoria. 7. Bras. Pop. Qualidade de sabido (4); esperteza, astúcia, manha. ♦ Sabedoria das nações. Moral corrente expressa em provérbios; sabedoria popular. Sabedoria popular. Sabedoria das nações.





* IParafS com indicação Remissiva em seu interior

** Note-se como o uso do ponto final fragmentou a distribuição dos elementos do Anexo (paráfrase e sinonímia).

Vbtiii em D13 caracteriza-se por possuir:

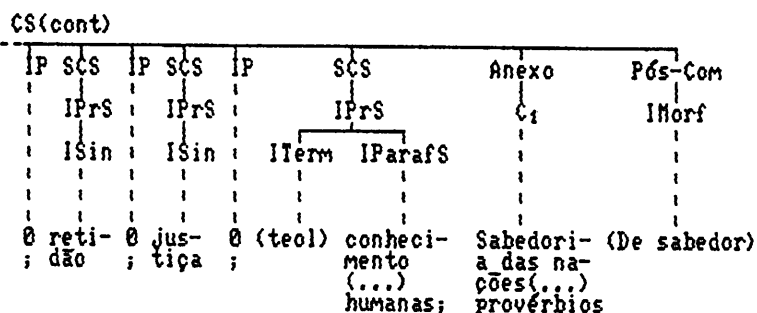
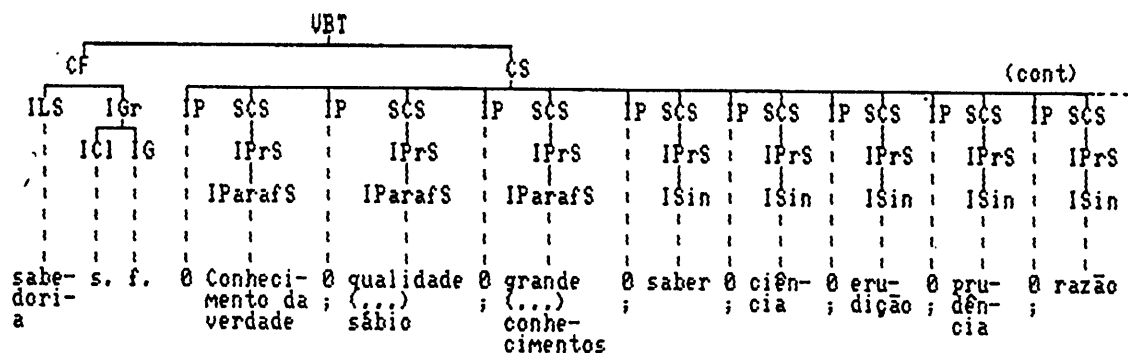
- sete núcleos de integradas;
- Pré- e Inter-Comentário;
- Anexo.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

Vbtiii (D14):

SABEDORIA, s.f. Conhecimento da verdade; qualidade do que é sábio; grande soma de conhecimentos; saber; ciência; erudição; prudência; razão; retidão; justiça; (teol) conhecimento inspirado das coisas divinas e humanas; sabedoria das nações: moral vulgar expressa em provérbios (De sabedor).



Vbtiii em D14 caracteriza-se por possuir:

- onze núcleos de integradas;
- Anexo e Pós-Comentário.

Sendo classificado como:

microestrutura parcialmente integrada estendida.

7.4.2.1 Resultados parciais: 2º grupo de verbetes

Em procedimento análogo ao do 1º grupo de verbetes, apresentamos, a seguir, o quadro nº 4 com os escores da distribuição microestrutural e graus médios de complexidade microestrutural de cada dicionário-focó no 2º grupo de verbetes.

Posteriormente ao quadro nº 4, segue-se o de número 5 que indica a incidência percentual de cada tipo microestrutural.

Por último, apresentamos o gráfico nº 3, representando a trajetória tipológica média das microestruturas do 2º conjunto de verbetes nos dicionários-foco.

Os quadros oferecem os elementos que fundamentam a análise dos resultados parciais do 2º grupo de verbetes.

Quadro nº 4 - Escores do grau e grau médio da tipologia microestrutural do grupo de verbetes nº 2
(resultados parciais)

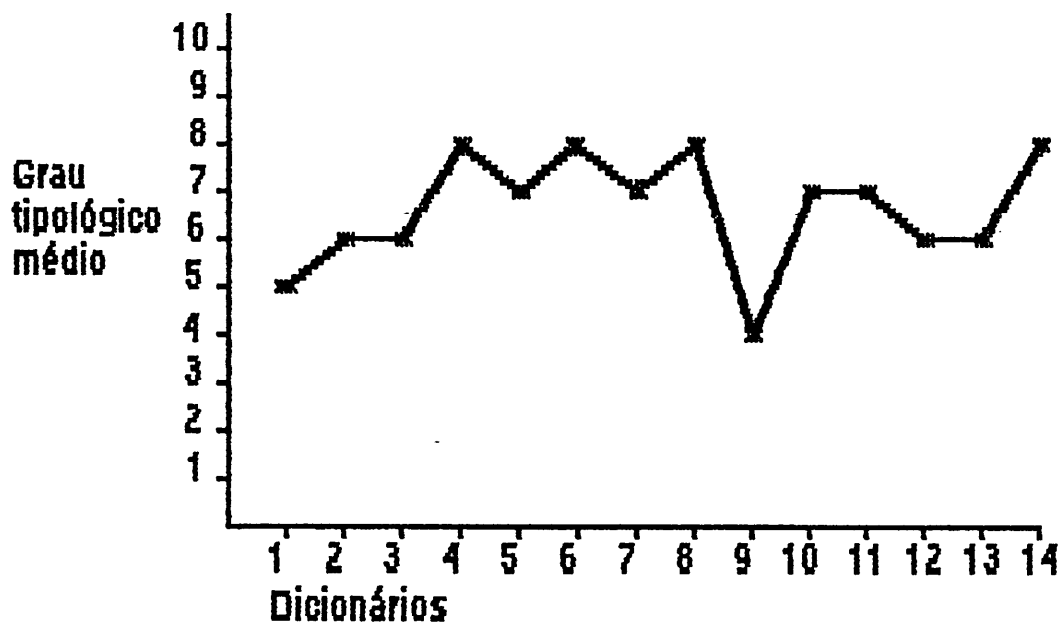
D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	D14	Vbt nº.
5	7	9	9	9	9	9	9	1	9	9	9	6	9	vbt ₁ conhecimento
7	8	5	7	5	8	7	7	5	7	5	5	5	7	vbt ₂ inteligência
2	4	5	8	6	8	6	8	5	6	8	5	8	8	vbt ₃ sabedoria
5	6	6	8	7	8	7	8	4	7	7	6	6	8	graus médios de complexidade*

*Optamos pelo arredondamento numérico em virtude do grau médio microestrutural não comportar níveis intermédios. Tal operação foi feita de modo que nos graus não inteiros acompanhados de até 0,5 decimais os mesmos foram desconsiderados, realizando-se arredondamento para menor; já os graus não inteiros com decimais acima de 0,5 foram arredondados para maior.

Quadro nº 5 - Distribuição microestrutural global do conjunto de verbetes nº2

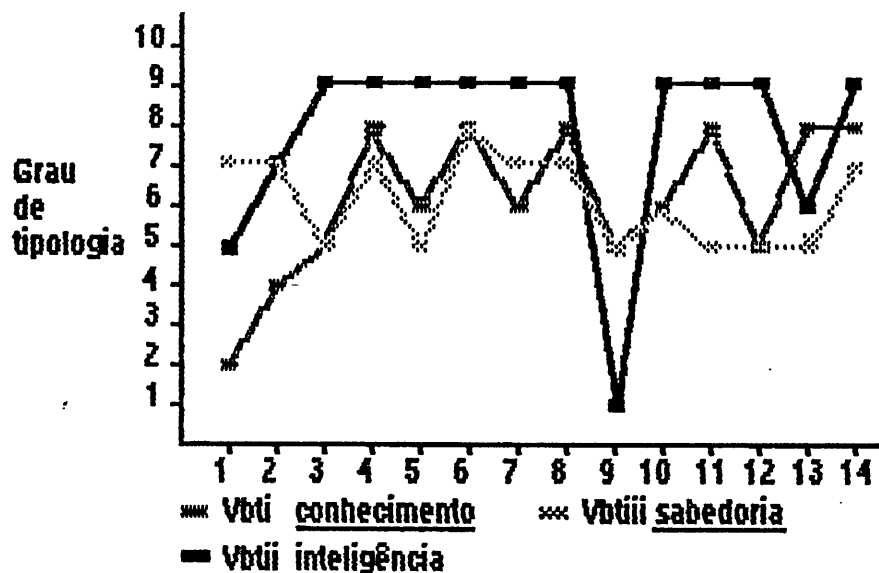
Grau	microestrutura/Tipo	nº.ocorrência	%
1	CF + CS	01	2,0
2	CF + CS + Anexo	01	2,0
3	CF + CS + Comentário	00	0,0
4	CF + CS + Anexo + Comentário	01	2,0
5	CF + CS (SCS) _N	10	24,0
6	CF + CS (SCS) _N + Anexo	04	10,0
7	CF + CS (SCS) _N + Comentário	07	17,0
8	CF + CS (SCS) _N + Anexo + Comentário	08	19,0
9	CF + Subvbt (CF + CS)	10	24,0
10	CF + CS (CSL CSCont)	00	0,0
0	não ocorre	00	0,0
total	42	100,0

Gráfico nº 3 - Grau tipológico médio do 2º conjunto de verbetes por dicionário.



Como se vê no quadro nº 4, vbt_i (conhecimento) apresenta majoritariamente microestrutura do tipo composto. Por outro lado, vbt_{ii} (inteligência) e vbt_{iii} (sabedoria) têm distribuição microestrutural heterogênea, mas mantêm-se em determinadas faixas. Para ilustrar tal distribuição, apresentamos, a seguir, o gráfico nº 4 que representa a trajetória microestrutural gradual de cada um dos três verbetes.

Gráfico nº 4 - Distribuição tipológica dos verbetes conhecimento, inteligência e sabedoria.



Neste gráfico, observamos que ocorre concentração dos tipos microestruturais entre os graus 9 e 5 (microestrutura composta e microestrutura com integradas).

O quadro nº 5, que fornece a distribuição microestrutural global do 2º grupo de verbetes, indica que:

a) os tipos microestruturais de maior incidência são os de grau 9 (microestrutura composta) e de grau 5 (microestrutura integrada), ambos com 24% do total das ocorrências;

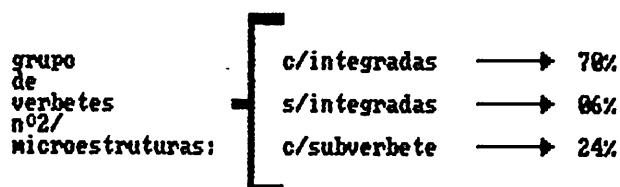
b) o tipo microestrutural de segunda maior incidência é o de grau 7 (microestrutura integrada estendida), com 19% das

ocorrências;

c) reunidos os tipos microestruturais com integradas (grau 5 até 8), 70% dos verbetes têm SCS's ou acepções;

d) reunidos os tipos microestruturais sem integradas, do tipo 1 até o 4, o conjunto formado equivale a apenas 6% das ocorrências.

Reordenadamente, tal distribuição pode ser descrita conforme o esquema abaixo:



No gráfico nº 3, onde está representada a média microestrutural por dicionário, verificamos que inferior ao grau de elaboração médio de D1 há apenas D9. Com isso, registra-se que, com o passar do tempo, o grau médio de complexidade microestrutural do Dicionário de A. Moraes foi superado na expressiva maioria das obras. Em outros termos, cerca de 93%, dos dicionários analisados apresentam evolução microestrutural que oscilou majoritariamente entre as microestruturas de grau 6 (integrada com Anexo) e 8 (integrada com Anexo e Comentário).

Além disso, o gráfico nº 3 também indica que os graus de complexidade microestrutural médios mais elevados do 2º grupo de verbetes estão em D4, D6, D8 e D14.

Simultaneamente, vale salientar que, somente no 2º grupo de verbetes, ocorrem núcleos de integradas com Indicação Parafrásica do Significado (IParafS) dupla ou tripla, ou Indicação de Sinonímia (ISin) dupla de níveis diferenciados.

8 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

8.1 Síntese dos resultados parciais

Quanto à distribuição microestrutural, verificamos no 1º conjunto de verbetes, correspondente a lexemas com referente, que não ocorre polarização de resultados, isto é, não se pode dizer que um dado tipo de microestrutura tenha predominância significativa. Ainda assim observa-se que o tipo de microestrutura de grau 7 (microestrutura integrada estendida) é o de maior incidência com 24% das ocorrências, seguido do tipo de grau 9 (microestrutura composta) com 21% do total dos verbetes.

Longe de uma regularidade tipológica, o 1º grupo de verbetes apresenta microestruturas médias que oscilam na sua maioria entre os graus de complexidade 5 e 7. Deste modo entendemos que é possível, com base no gráfico nº 1, postularmos a idéia de evolução microestrutural, já que 86% dos dicionários apresentam grau de elaboração microestrutural superior ao do primeiro dicionário (D1-A.Morais Silva).

Por outro lado, considerando o reordenamento da distribuição microestrutural da seção 7.4.2.1, observamos que, para o 1º grupo de verbetes, 50% das entradas apresen-

tam microestrutura com integradas, enquanto 24% destas têm microestruturas sem integradas, isto é, apresentam acepção única. Vê-se também que os verbetes, em que há subverbetes representam 21% do total.

Neste sentido, percebe-se que a microestrutura com integradas (SCS's), acompanhada ou não de Anexo e/ou Comentários, caracteriza a maioria dos verbetes correspondentes a substantivos concretos.

No 2º grupo de verbetes, correspondente a lexemas sem referente, a irregularidade da distribuição por tipos microestruturais também é acentuada, apesar das microestruturas de graus 5 e 9 (integrada e composta) terem cada uma 24% das ocorrências. Por outro lado, os tipos microestruturais de grau 7 e 8 (integrada estendida e parcialmente integrada estendida) somam respectivamente 17% e 19% do total das entradas.

Embora também inexista regularidade tipológica média no 2º grupo de verbetes, verificamos que, em média, o grau microestrutural das entradas distribui-se na faixa entre a microestrutura de grau 6 (parcialmente integrada) e a de grau 8 (parcialmente integrada estendida). Assim, com base no gráfico nº 3, também podemos verificar que ocorreu evolução microestrutural, já que 85% das obras analisadas apresentam configuração microestrutural média superior à do dicionário de A. Morais Silva de 1913. Mesmo sem tomar D1

como base, verificamos também que 93% dos dicionários-foco descrevem uma trajetória média microestrutural crescente ou evolutiva.

Comparando os dois conjuntos de verbetes observamos que, enquanto o 1º grupo possui microestruturas de grau médio de complexidade entre a faixa de 5 a 7 na sua maioria, a faixa do 2º fica entre os graus 6 e 8. Isto é, o grupo de verbetes correspondente a substantivos abstratos tem nível de elaboração médio superior ao grupo formado por substantivos concretos.

Neste sentido, a atribuição de grau microestrutural, embora possa ser aperfeiçoada na fixação de suas faixas, parece-nos um instrumento de análise bastante útil.

O quadro nº 6, a seguir, permite comparar resumidamente a distribuição tipológica microestrutural dos dois grupos de verbetes:

Quadro nº 6 - Distribuição microestrutural dos dois grupos de verbetes (com exclusão das não ocorrências)

MICROESTRUTURA	PERCENTUAL	
	1º grupo	2º grupo
c/ integradas	50%	70%
s/ integradas	24%	6%
com Subyht	21%	24%

Como se vê, as semelhanças entre os dois grupos ficam por conta da presença de entradas com subverbetes e com integradas. Se de um lado os subverbetes são uma característica compartilhada pelos dois grupos em níveis praticamente idênticos, a incidência de integradas é 20% maior no segundo.

A maior diferença entre os dois grupos reside na ocorrência de microestruturas sem integradas, de aceção única, que caracteriza majoritariamente o conjunto de entradas formado por substantivos concretos. Assim, vemos que a microestrutura, elemento de maior importância no dicionário, sofre alterações formais significativas em função da diferenciação abstrato / concreto apenas quanto à presença de verbetes de única aceção.

8.2 Resultados globais

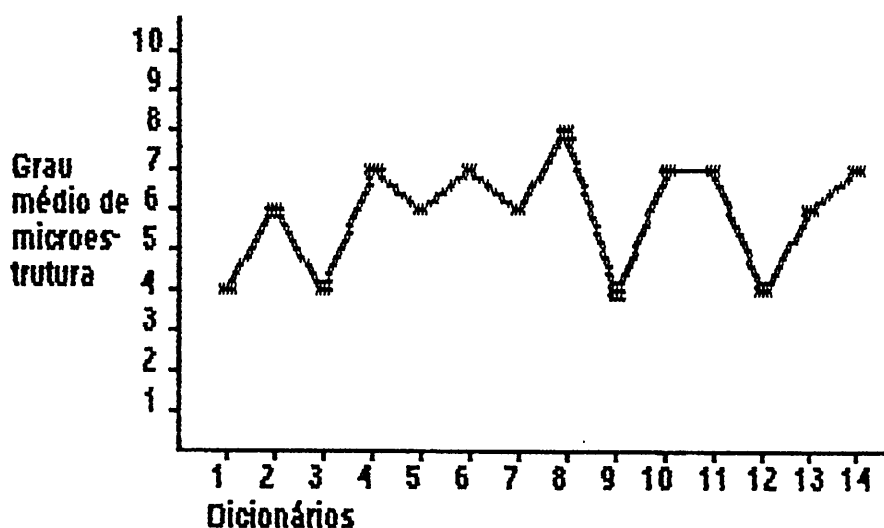
Os resultados parciais revelam que D8 (Dicionário Prático de Língua Nacional, 1969) é a obra que, nos dois conjuntos de verbetes, apresenta média de configuração microestrutural mais elevada, atingindo o grau 8 (microestrutura parcialmente integrada estendida).

Por outro lado, vemos que, se no primeiro grupo de entradas o declínio da complexidade microestrutural média

ocorre em D3 (Dicionário Prosódico, 1890) e D12 (Luft, 1984), ambos com a média microestrutural de grau 3 (estrutura básico-nuclear com Comentário), o mesmo processo se dá, no segundo grupo, apenas em D9 (Silveira Bueno, 1970), decrescendo até o tipo microestrutural médio de grau 4 (estrutura básico-nuclear com Anexo e Comentário).

Contudo, para um melhor acompanhamento da trajetória formal dos verbetes é fundamental uma globalização de resultados. Para tanto, apresentamos, o gráfico nº 5 que representa a média microestrutural por dicionário dos dois grupos de verbetes.

Gráfico nº 5 - Média de apresentação microestrutural por dicionário - ordem cronológica.



Nota: o gráfico acima foi estruturado a partir da média do grau microestrutural tipológico de cada um dos grupos de verbetes. Assim, somou-se a média obtida no conjunto nº 1 e no conjunto nº 2 (para cada

dicionário), dividindo-se o resultado por dois. Como o grau tipológico não comporta tipo intermediário, quando houve número não inteiro, foi procedido arredondamento numérico como o descrito para o quadro nº 4.

O gráfico nº 5 indica uma constante irregularidade dos tipos microestruturais nos dicionários. Por outro lado, vê-se que a trajetória formal da estruturação das entradas descreve majoritariamente um percurso evolucional.

Observe-se, entretanto, que esse percurso nunca atinge níveis de elaboração microestrutural inferiores à média de D1. Isto é, 71% das obras apresentam verbetes com níveis de elaboração formal mais elevados do que o dicionário de A. Morais Silva. Neste sentido, a maioria dos dicionários têm, em média, microestruturas na faixa dos graus 6 e 7 (com integradas e Anexo ou Comentário).

Quanto à caracterização da tipologia microestrutural global, temos, a partir da média dos resultados do quadro nº 6, os percentuais indicados no esquema abaixo:

microestruturas/ distribuição média nos 2 grupos	}	c/integradas	→	60%
		s/integradas	→	15%
		c/subverbeta	→	22%
		não ocorre vbt	→	3%

Embora isoladamente a presença de aceção única diferencie de modo bem definido a microestrutura média de

verbetes relativos a substantivos concretos dos abstratos, observa-se, numa perspectiva geral, que o tipo de microestrutura com integradas (incluídos ou não Anexo e/ou Comentário) oferece o "perfil médio" da forma da definição nos verbetes substantivos de nossa história lexicográfica.

Voltando-se à idéia de evolução microestrutural, observamos também, de acordo com o gráfico nº 5, que D1 (Morais Silva, 1813), D3 (Dicionário Prosódico, 1890), D9 (S. Bueno, 1970) e D12 (Luft, 1984) apresentam similaridade quanto à configuração média de seus verbetes substantivos.

Neste sentido, também cabe observar que da primeira para a segunda versão do Dicionário da Academia Brasileira de Letras (D7 e D10), verificamos um aumento no grau médio de complexidade microestrutural. A modificação que ocorreu foi, em média, a transposição de microestrutura parcialmente integrada para integrada estendida. Em outros termos, a transformação da primeira para a segunda versão do dicionário restringiu-se, formalmente, à eliminação do Anexo Semântico, substituído por Comentários.

Assim, mesmo que, por questões de delimitação do trabalho, não tratemos da natureza dos Comentários incluídos em D10, cabe observar que este tipo de substituição indica que a presença de locuções no interior dos verbetes perdeu importância na organização deste dicionário, restando-nos o questionamento acerca dos motivos ou critérios que

condicionaram a reorganização microestrutural. .

Com base nestes resultados e observações, apresentamos a seguir uma síntese dos resultados da análise e as conclusões deste estudo.

9 - CONCLUSÕES

Esta seção tem por objetivo configurar um quadro geral e resumido deste estudo e seus resultados. Para tanto, apresentamos sinteticamente os posicionamentos básicos do trabalho, os principais resultados da análise e suas implicações, assim como a discussão de algumas características individualizadas de determinados dicionários. Em seguida, passamos à verificação das hipóteses e às considerações finais.

9.1 Síntese

O objetivo deste estudo foi, a partir da delimitação histórica de um conjunto de dicionários representativos da nossa tradição lexicográfica, investigar a configuração formal ou tipologia microestrutural de verbetes substantivos. Tal investigação deu-se através da descrição dos processos de estruturação das entradas dos dicionários monolíngües.

De acordo com o instrumental teórico utilizado, a estrutura do verbete foi descrita em termos das classes de indicação de informação de que é constituída. O processo de segmentação e classificação dessas informações, de acordo com "rótulos categoriais" hierarquizados, revelou o modo

pele qual nossos dicionaristas têm organizado o enunciado lexicográfico.

Além disso, vale lembrar que o dicionário monolíngüe foi aqui considerado à luz de uma concepção signica dualizada, sendo visto como um grande signo composto por signos-verbetes, passíveis de descrição ao nível de sua forma e conteúdo. Entretanto, as entradas foram tratadas, restritas ao seu aspecto formal, em uma perspectiva totalizante e hierárquica de modo que o lema não é mais considerado à parte da definição, mas todos os elementos presentes no verbete (como subentradas, locuções, etc.) foram apresentados como subordinados à estrutura maior da indicação da entrada.

Nossa preocupação fundamental foi verificar se ocorreu evolução no modo de organizar formalmente verbetes substantivos e, se a diferenciação entre abstratos e concretos produziu efeitos diferenciados na formulação das entradas. Em outros termos, podemos dizer que o elemento propulsor deste estudo foi o interesse de investigar se há um método estabelecido historicamente para a organização formal dos verbetes, objetivando-se, no futuro, avanços e aperfeiçoamentos na confecção dos dicionários brasileiros.

Neste sentido, importa ainda dizer que o instrumental de análise oferecido pela Teoria do Texto Lexicográfico permitiu uma investigação pormenorizada da constituição mi-

microestrutural dos dicionários, uma vez que possibilitou a descrição do "perfil estrutural" dos verbetes, quer em determinada obra, quer no conjunto maior que representa a tradição lexicográfica brasileira.

9.2 Análise dos resultados

Com vistas à verificação das hipóteses, os principais resultados da análise foram os seguintes:

- 1) ocorreu evolução microestrutural, pois o percurso formal médio dos verbetes é ascendente;
- 2) a instabilidade na configuração microestrutural é uma propriedade geral dos verbetes substantivos;

Além desses, o instrumental teórico utilizado também proporcionou uma visão mais ampla sobre a lexicografia brasileira através dos seguintes resultados:

- a) a microestrutura com integradas corresponde ao "perfil médio" da forma dos verbetes substantivos;
- b) o grau de elaboração das entradas é bastante elevado. Este grau permanece, em média, entre a faixa da microes-

trutura integrada com Anexo e integrada com Comentários;

c) a diferença formal, em média, entre verbetes substantivos concretos e abstratos reside no grau de complexidade microestrutural. Substantivos concretos têm verbetes caracterizados pela presença de acepção única; enquanto que os abstratos praticamente não possuem este tipo de microestrutura;

d) as incidências de subentradas e de integradas são características compartilhadas pelos dois tipos de verbetes. Ainda assim, a microestrutura com integradas ocorre mais nas entradas formadas por lexemas sem referente;

e) os verbetes de substantivos concretos permanecem em média na faixa microestrutural de graus 5 até 7, enquanto os abstratos estão, em maioria, na faixa entre os graus 6 até 8;

Os resultados principais revelam que, historicamente, o processo de estruturação das entradas manteve-se em média com graus de complexidade instáveis, mas crescentes e dentro da faixa de microestrutura com mais de uma acepção, acompanhada de locuções e comentários (etimológicos, morfológicos, enciclopédicos, etc.).

Já, os resultados adicionais permitem observar que,

se nos verbetes formados por substantivos concretos a incidência de acepção única é característica, por outro lado, não há diferença acentuada na ocorrência de integradas e subentradas nos dois tipos de verbetes. Isso revela que as indicações de polissemia e homonímia são bastante similares nos dois grupos de entradas. Já a monossemia é indicada pelos lexicógrafos, mas praticamente restrita aos verbetes formados por substantivos concretos.

Apesar da similaridade entre os dois grupos quanto à ocorrência majoritária de microestruturas com integradas, verificamos também que os verbetes correspondentes a substantivos concretos têm em média estruturas do tipo CF+CS (SCS)_n ou CF+CS (SCS)_n+ (Anexo ou Comentário), enquanto que nos formados por substantivos abstratos sempre ocorreu ou Anexo ou Comentário.

Mas, se retomarmos os quadros nºs 3 e 5, vemos que a incidência geral de Comentários representa 39,5% no 1º grupo e 38% no 2º. Isto é, o Comentário é uma classe de indicação de informação que os lexicógrafos não restringem quantitativamente a um ou outro grupo de verbete, o que revela uma sistematicidade curiosa ou um procedimento em certa medida padronizado para verbetes substantivos.

Já, por outro lado, com base nos mesmos quadros, observamos que a incidência de Anexo no 1º grupo representa apenas 10,5% do total, enquanto que no 2º soma 31%.

Concluimos, então, que os dicionaristas preferem (ou são levados a isso por alguma razão) a registrarem nos verbetes de substantivos abstratos mais locuções. O motivo deste procedimento é desconhecido, restando a questão: a indicação de um contexto sintagmático como a locução é uma necessidade maior nos substantivos abstratos em virtude de problemas semânticos ou é apenas uma tradição lexicográfica? Enquanto isso, o procedimento da indicação de Comentário, que tem uma distribuição praticamente homogênea em um ou outro tipo de verbete, também suscita questionamento quanto aos critérios ou razões para sua distribuição nas entradas. Assim, parece que os limites entre a prática tradicionalmente determinada e a necessidade lingüisticamente condicionada interpenetram-se de modo bastante assistemático.

Outro dado importante obtido da análise é que, conforme nossa proposta de gradação de complexidade microestrutural, os verbetes de substantivos abstratos são estruturados, em média, de um modo mais complexo que os concretos. Mas, como a diferenciação de grau não é muito significativa entre os dois grupos (5 a 7 para os concretos e 6 a 8 para os abstratos), torna-se difícil determinar também até que ponto razões lingüísticas condicionam esta característica microestrutural.

Quanto às características individualizadas por di-

cionário, observamos, com base no gráfico nº 5, que D1, D3, D9 e D12 apresentaram comportamento microestrutural similar. Estes dicionários têm em média, nos dois conjuntos de verbetes, microestruturas de grau 4 (CF+CS+Anexo+Comentário). Este dado revela um padrão curioso, já que os menores níveis de elaboração estrutural ocorrem nesses dicionários.

Como foi nossa preocupação apenas a análise de obras monolíngües (não enciclopédicas), sem que houvesse uma divisão dos dicionários-foco por tipos, podemos então concluir que, se D12 e D9 podem ser considerados dicionários do tipo escolar, então a mesma categorização pode ser estendida a D1 (Morais, 1813) e D3 (Dicionário Prosódico, 1890). Deste modo, podemos observar que o instrumental de análise também pode contribuir para uma possível classificação de dicionários.

Assim, D1, apesar do reconhecimento da crítica especializada, pode ser considerado, comparativamente, como um tipo de dicionário escolar que tem número de verbetes superior aos demais. Deste modo, de acordo com a ponta de vista formal da análise, podemos concluir que a forma e a complexidade estrutural dos verbetes são elementos que também caracterizam o tipo do dicionário.

Ainda neste sentido, é oportuno o registro da posição de Riderman (1984:27) que considera a distribuição ca-

tegorial dos dicionários monolíngües em função de sua destinação, tipo de usuário e quantidade de verbetes. Para esta autora, o dicionário escolar e/ou médio tem de 10 mil a 30 mil verbetes, enquanto o de tipo padrão tem em média 50 mil entradas. Segundo Biderman, D1 possui cerca de 40 mil verbetes.

Ora, se na introdução de D12 (Luft,1984), o autor indica que "informar o mais possível com o máximo de economia" é seu objetivo principal, e que seu dicionário caracteriza-se também pela redução dos verbetes e delimitação das acepções, vê-se aí, de modo explícito, a preocupação com a forma das entradas:

Assim, se a delimitação dos verbetes produziu, conforme nossa análise, microestruturas menos complexas em D12, não seria inadequado considerar D1, D3, D9 e D12 mediamente similares. Tal consideração permite afirmar, sobretudo, que a forma das entradas também exerce um papel fundamental para a fixação de uma tipologia de dicionários. Contudo, cabe salientar que a tipologia de dicionários não pode ser reduzida apenas à forma ou quantidade de entradas, uma vez que aspectos qualitativos devem também estar obrigatoriamente envolvidos nesta questão.

Outro ponto importante a ser abordado, resultado adicional do estudo, é a função dos sinais de pontuação e dos diversos demarcadores estruturais na organização dos

verbetes. Verificamos, ao longo da análise, que a sistematicidade no uso da pontuação e de outros sinais é fundamental para a leitura das entradas, já que essa sistemática delimita núcleos de significação, em tese, diferenciados.

Mesmo nos dicionários que utilizam demarcadores numéricos em seus diferentes núcleos de significação, a distribuição da pontuação também é decisiva para definir o posicionamento de sinônimos, exemplos, locuções, etc. Um exemplo disso é a ocorrência dupla ou tripla de paráfrase no interior de uma mesma acepção formalmente indicada, como ocorre em D4 no verbete inteligência. Vale citar que as indicações duplas ou triplas de paráfrase ou de sinonímia foram encontradas apenas no grupo de verbetes formado por substantivos abstratos, mas isto não invalida a necessidade geral de delimitação dos núcleos de informação no interior das entradas.

Por outro lado, naquelas obras onde inexitem indicadores estruturais, numéricos ou de outra natureza, a pontuação é mais importante ainda. Veja-se por exemplo D14, cujo único ordenador ou indicador de polissemia é o ponto e vírgula. Neste sentido, é importante registrar que D14 (Dicionário Globo, 1991), em sua mais recente versão, desprezou um aperfeiçoamento formal das entradas, haja vista principalmente a melhor organização microestrutural do seu principal concorrente: o Dicionário Aurélio.

Um outro aspecto relevante a ser discutido aqui é a ocorrência de subverbetes nas entradas dos dicionários-focô. Em média, cerca de 22% dos verbetes têm subentradas incorporadas à sua estrutura. Normalmente o subverbeta tem CF e CS, independentes da palavra entrada sendo, em tese, independente dela.

Vale questionar por que os lexicógrafos acabam "mesclando" dependência/independência, se o sublema poderia constituir um verbete à parte. Exemplo disso são as entradas navalha e trinchante em D13. Neste dicionário, apesar de um ordenador diferenciar os subverbetes, estes são numérica e seqüencialmente indicados como acepções da palavra-entrada principal. Com isso, constatamos que, neste caso, os critérios para a fixação de um subverbeta não são muito claros.

Ainda assim, a questão acima também poderia ser justificada pela necessidade de economia de espaço e de caracterização morfológica e semântica. Contudo, vários elementos podem influir neste tipo de distribuição microestrutural. Vbt9 (trinchante), por exemplo, foi majoritariamente indicado pelos dicionaristas com subverbetes, assim como vbt2 (cutelo). No primeiro caso, isso ocorreu em virtude da diferenciação substantivo/adjetivo; já no segundo, os lexicógrafos preocuparam-se com o plural cutelos e sua significação diferenciada.

Ora, se muitas vezes mesmo as locuções do Anexo Semântico também têm indicados CF e CS individualizados (inclusive com SCS's em seu interior), também verifica-se a dependência da palavra-entrada, já que ela participa de um sintagma fortemente lexicalizado. Contudo, esta relação de "subordinação formal" parece extrapolar a caracterização gramatical e de significado, fixando-se mais na relação formal de participação/inclusão.

No caso do subverbeta, a relação mantida com a indicação do lema principal é de semelhança morfológica, tratando o lexicógrafo de caracterizar diferenças gramaticais e de sentido.

De todo modo, a partir do alcance estritamente formal deste estudo, podemos apenas concluir que os subverbetes, assim como as locuções, são estruturas historicamente agregadas à microestrutura dos verbetes, de tal modo que ocupam espaços hierarquizados em VBT como se constituíssem módulos de Subcomentários Semânticos, com a peculiaridade de apresentarem Comentário Formal. Assim, sob uma ótica bastante genérica, podemos dizer que, no caso especial dos subverbetes, nossos dicionaristas consideraram formalmente a homonímia como um componente da polissemia.

Finalmente, cabe também observar a total ausência de microestruturas complexas (CSL + Indicação de Sintagma) nos verbetes substantivos analisados. Isto revela que a au-

ausência deste tipo microestrutural, observada por Wiegand na lexicografia européia, é uma tendência que também se verifica na lexicografia brasileira.

9.3 Verificação das hipóteses

A primeira hipótese postula que a configuração formal dos enunciados lexicográficos revela um processo de estruturação interna do verbete que vai do mais simples ao mais complexo.

Procurando sua verificação, concluímos, a partir da nossa proposta de gradação de complexidade microestrutural, que a trajetória formal dos verbetes substantivos, em média por dicionário analisado, partiu com D1 em 1813 da microestrutura de grau 4, descrevendo até 1991 com D14 um percurso que é ascendente em 71% dos dicionários-foco. Por outro lado, este trajeto da configuração dos verbetes nunca registrou, de 1813 a 1991, grau de elaboração inferior ao de D1. Isto é, houve evolução do grau de complexidade formal dos verbetes substantivos nas obras analisadas. Deste modo, confirma-se a primeira hipótese.

Na segunda, considera-se que a configuração dos verbetes de substantivos concretos revela uma distribuição estável dos elementos formais da microestrutura.

A partir da análise do grupo de verbetes formado por substantivos concretos, concluímos que, em média, os diferentes dicionários apresentaram grau de complexidade bastante instável para a forma destes verbetes. Tal instabilidade, contudo, manteve-se majoritariamente entre a faixa das microestruturas com graus de complexidade 6 e 7. Assim, não se confirma a segunda hipótese.

A terceira diz respeito à configuração dos verbetes de substantivos abstratos. Nela, postulamos que a distribuição dos elementos formais da microestrutura deste tipo de entrada é historicamente instável.

Com base na descrição da estrutura de três verbetes, concluímos que a trajetória formal de entradas compostas por lexemas sem referente é também bastante instável, mantendo-se na faixa da microestrutura entre os graus 6 e 8. Deste modo, fica confirmada a hipótese nº3.

Assim, como pudemos observar, nossa história lexicográfica tem em média, quanto à estruturação formal dos verbetes substantivos, um perfil evolutivo. Por outro lado, a diferenciação entre substantivos concretos e abstratos não tem repercussão quanto à instabilidade/estabilidade da forma microestrutural, influenciando apenas no grau de complexidade formal das entradas.

9.4 Considerações finais

Considerando os resultados obtidos e a própria condução da análise, acreditamos que o instrumental proporcionado pela teoria wiegandiana mostrou-se bastante adequado para o tipo de investigação a que nos propusemos. Neste sentido, a principal qualidade do método de segmentação do enunciado lexicográfico é possibilitar a análise dos verbetes no plano de sua estrutura concreta e abstrata. Este processo é importante também por permitir, através da classificação das informações das entradas, além da investigação de padrões de organização metatextual, uma caracterização bastante detalhada do arranjo estrutural de verbetes e dicionários.

Naturalmente, dado o ineditismo da aplicação deste módulo da chamada Teoria do Texto Lexicográfico à lexicografia brasileira, talvez a operacionalização aqui proposta pudesse ter sido encaminhada de um modo diferente e até mais completo.

Deste modo, reconhecemos que nosso reordenamento da classificação tipológica de acordo com graus de complexidade pode ser ampliado. Neste sentido, a exploração e a combinação da microestrutura composta com outros tipos de elementos estruturais geraria um quadro classificatório muito mais amplo.

Além disso, é também possível analisar, mais detalhadamente a constituição de subverbetes, Anexos Semânticos e Comentários, de modo que cada um desses tópicos constitua um estudo independente.

Apesar dos limites desta investigação, este estudo pretendeu contribuir para a abertura de caminhos rumo a uma análise formal e sistemática da constituição da lexicografia brasileira.

Além da evolução formal na elaboração de verbetes substantivos, registramos que seu percurso histórico foi bastante acidentado, já que, de modo geral, diferenciações de natureza semântica como abstrato/concreto não provocaram alterações significativas na forma dos lexicógrafos estruturarem as entradas dos dicionários.

Essas são conclusões que apontam para muitas outras possibilidades de investigação, tais como aquelas em que a caracterização formal ou "sintática" do verbete ou de seus constituintes possa ser analisada em contraste com suas características de estruturação do significado, ou naquelas em que se possa mensurar o verdadeiro peso da tradição lexicográfica sobre quaisquer outros critérios na elaboração dos verbetes.

Apesar da análise restrita à organização formal das entradas de nossos dicionários, entendemos que, além do "design" do verbete, estão colocadas na microestrutura for-

mal relações e concepções que extrapolam a simples ordenação dos elementos de um conjunto. Um exemplo importante disso seria o procedimento da indicação de homonímia subordinada à polissemia que a estrutura das entradas via de regra estabelece.

A partir dos resultados obtidos, esta investigação revelou que o percurso formal da lexicografia brasileira estabeleceu-se bastante distanciado de uma regularidade de métodos, procedimentos e critérios para a redação de verbetes substantivos. Isto em boa parte é produto da ausência de um dicionário de língua padrão ou institucional, em seu sentido estrito, que sirva de modelo e base para a organização microestrutural, e também do pouco volume de crítica lexicográfica sistemática que temos publicado no Brasil.

Além disso, é importante salientar que, na perspectiva deste estudo, o dicionário oficial representaria a legitimação de um padrão, auxiliando a análise de resultados enquanto parâmetro de uma "boa organização".

Apesar dessa lacuna, no Brasil, país em que convivem critérios heterogêneos e geralmente não científicos de classificação e avaliação dos dicionários, uma obra alcançou o estatuto de dicionário padrão - o Dicionário Aurélio - qualificação resultante do uso e do público leigo e não de estudos de lexicografia teórica.

Assim sendo, nosso trabalho preocupou-se com a descrição dos processos de estruturação microestrutural de várias obras do gênero, sem tomar um dicionário específico como padrão de análise. Neste sentido, o dicionário de Moraes consistiu apenas em ponto de referência histórica para a análise da trajetória da lexicografia brasileira.

Há muito por se fazer rumo à lexicografia teórica brasileira ou de língua portuguesa com o objetivo da reflexão sobre os dicionários existentes e do aperfeiçoamento de novos projetos. De tal forma que os dicionários, em função de sua complexidade e de seu relevante papel na sociedade, não sejam vistos apenas como "produtos vendáveis", mas, sendo objetos de crítica e de análise sistemática, constituam-se em obras de real qualidade.

10 - REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

10.1 Dicionários e similares

- 1 - ANDRADE, João Nunes de. Novo Dicionário Clássico Português das Palavras Acabadas em Ç e SS. Rio de Janeiro, Laemmert, 1848.
- 2 - AZEVEDO, Jerônimo. Repertório Lexicográfico da Língua Portuguesa ou o Dicionário dos Dicionários. São Paulo, F.Machado, 1911-12.
- 3 - BEAUREPAIRE - ROHAN, Henrique P. C. de. Glossário de Vocábulo Brasileiro. In: Gazeta Literária, I e II, Rio de Janeiro, 1883 - 84.
- 4 - _____ . Dicionário de Vocábulo Brasileiro. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1889.
- 5 - BELLEGARDE, Guilherme Cândido. Lexicologia. Vocábulo e Locuções da Língua Portuguesa. Porto e Rio de Janeiro, Nicolau Alves, 1887.
- 6 - BLAKE, Augusto V. A. Sacramento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1883-1902.
- 7 - BLUTEAU, Raphael. Vocabulário Português e Latino. Coimbra, Colégio das Artes da Cia. de Jesus, 1727 - 1728.
- 8 - BOUCHARDET, Mário. Dicionário da Língua Luso Brasileira. Rio Branco, Pap. Império. 1930.
- 9 - BUENO, Francisco da S. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, MEC, 1956.

- 10- _____ . Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, MEC, 1970,
- 11- CAMARA, Paulo Perestrello da. Coleção de Provérbios, Adágios, Rifões e Anexins, Sentenças Morais e Idiotismos da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Laemert, 1848.
- 12- CAMARGO, Paulo de. Vocabulário de Alqibeira. São Paulo, Ed. Brasileira, 1931.
- 13- CAMPOS, Maurício da Costa. Vocabulário Marujo. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1823.
- 14- CARVALHO, Antonio José. Ramos, João de Deus. Dicionário Prosódico de Portugal e Brasil. Porto e Rio de Janeiro, Lopes e F. A. Schmidt, 1890.
- 15- CARVALHO, Felisberto Rodrigues P. de. Dicionário Gramatical. Rio de Janeiro, Garnier, 1886.
- 16- CORREA, Frederico José. Novo Glossário das Palavras e Frases Viciosas Introduzidas no Português e Outras que a Necessidade Reclama. Maranhão, 1880.
- 17- CORUJA, Antônio A. Pereira. Coleção de Vocábulos ou Frases Usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. In: Revista do IHGB, tomo XVI, 1852.
- 18- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional. São Paulo, Mirador/Melhoramentos, 1975.
- 19- Dicionário Caldas Aulete. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Colab. Hamílcar Garcia e A. Nascetes. Rio de Janeiro, Delta, 1958.
- 20- Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. B. L. Garnier, 1884.
- 21- Dicionário da Língua Geral do Brasil. Rio de Janeiro. Rev. IHGB, vol.83. 1891.

- 22- Dicionário de Algebeira. Rio de Janeiro, 1832.
- 23- Dicionário dos Verbos Irregulares da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1880.
- 24- FARIA, Eduardo Augusto de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Laemmert/Tip. Villeneuve, 1861.
- 25- FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Contemporâneo. Porto Alegre, Globo, 1953.
- 26- FERNANDES, João Ribeiro. Dicionário Gramatical. Rio de Janeiro, 1889.
- 27- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- 28- _____, Minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- 29- FIGUEIREDO, Antônio Cândido de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, Tavares Cardoso, 1899.
- 30- FREIRE, Laudelino Oliveira. Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, A Noite, 1940-44.
- 31- GARCIA, Rodolfo Augusto de Amorim. Dicionário de Brasileirismos. Peculiaridades Pernambucanas. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1915.
- 32- GOES, Carlos Fernando. Dicionário de Afixos e Derivações. Rio de Janeiro, F. Briguet, 1913.
- 33- HOUAISS, Antonio. Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro, Larousse do Brasil,

1979.

- 34- IVO, Miguel Tibério P. B. Novo Dicionário Francês e Português. Filipe da Silva e Azevedo, Lisboa, 1786.
- 35- LIMA, José Joaquim Lopes de. Dicionário Corcundático. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1821.
- 36- _____ . Suplemento ao Dicionário Corcundático. Ib., Idem.
- 37- LOPES, Antônio de Castro. Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1889.
- 38- LUFT, Celso Pedro. Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo, Scipione, 1984.
- 39- NASCENTES, Antenor. Dicionário da Língua Portuguesa. A fim de ser submetido à Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Imprensa Nacional, 1961-67.
- 40- _____ . Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Bloch, 1972.
- 41- PAIVA, Manoel Joaquim H. de. Dicionário de Botânica. Bahia, 1819.
- 42- PASSOS, José Alexandre de. Dicionário Gramatical Português. Rio de Janeiro, A. G. Guimarães, 1865.
- 43- Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Org. por um grupo de filólogos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938.
- 44- PEREIRA, Francisco dos Prazeres Fernandes. Coleção de Etimologias Brasileiras. Rev. Trimestral de História e Geografia, Tomo I. 2ª parte, Rio de Janeiro, Laemmert, 1846.

- 45- PINTO, Luiz Maria da Silva. Dicionário da Língua Brasileira. Ouro Preto, 1832.
- 46- RODRIGUES, João Barbosa. Vocabulário Indígena Comparado para Mostrar a Adulteração da Língua. Complemento da Paranduba Amazonense. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1883.
- 47- RUBIM, Braz da Costa. Vocabulário Brasileiro Para Servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Dois de Dezembro de Paula Brito, 1853.
- 48- _____ . Vocabulário Indígena e Outros Introduzidos no Uso Vulgar. Rev. IHGB, Tomo XLV, Rio de Janeiro, 1882.
- 49- RUSSOMANO, Victor. Adagiário Gaúcho. In: Provincia de São Pedro, n^{os} 12 e 13, Porto Alegre, 1848-49.
- 50- SARAIVA, Francisco Justiniano. Ensaio sobre alguns sinônimos da língua portuguesa. Santos, G. Delins, 1856.
- 51- SILVA, Adalberto Prado e. (org). Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado. São Paulo, Melhoramentos. 1964.
- 52- SILVA, Antonio Moraes. Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, 1913.
- 53- _____ . Dicionário da Língua Portuguesa. Edição fac-similada da 2^a ed. Rio de Janeiro, Of. Lito-Tipográfica Fluminense, 1922.
- 54- SILVA, J. Norberto da. Galicismos, Palavras e Frases da Língua Francesa Introduzidas por Descuido, Ignorância ou Necessidade da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1877.

- 55- SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. In: Anais da Biblioteca Nacional, vol XIII, Rio de Janeiro, Leuzinger, 1875.
- 56- _____ . Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Coligido, rev. e completado por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares, Ibi, INL, 1954-55.
- 57- TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Léxico de Termos Técnicos e Científicos Ainda Não Apontados nos Dicionários da Língua Portuguesa. São Paulo, 1909.
- 58- _____ . Léxico de Lacunas. Subsídios para os dicionários da língua portuguesa. Tours, Imprimerie Arrault, 1914.
- 59- _____ . Vocabulário de Omissões. São Paulo, 1924.
- 60- _____ . Coletânea de Falhas. São Paulo, 1926.
- 61- _____ . Reparos ao Novo Dicionário de Cândido de Figueiredo. Tours, Arrault, 1926.
- 62- TESCHAUER, Carlos S. J. Apostilas ao Dicionário de Vocabulos Brasileiros. Petrópolis, Tip. Vozes, 1912.
- 63- _____ . Novo Dicionário Nacional. Porto Alegre, Globo, 1928.
- 64- ZUQUETE, Alfonso. Dicionário Geral - Dicionário Geral Luso-Brasileiro. Lisboa e Rio de Janeiro. 1963 - 1975.

10.2 Livros

- 1 - ALMEIDA, Atila. Dicionários, Parentes e Aderentes. João Pessoa, Nova Stella, 1988.
- 2 - BARBISAN, Leci B. Proposição do Modelo distribucional de Jean Dubois para a elaboração de verbetes de dicionário de língua: estudo das relações sintagmáticas nos verbos "olhar" e "fechar". Porto Alegre, UFRGS, 1980 (mimeo).
- 3 - CASARES, Julio. Introduccion a la lexicografia moderna. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950 (Col. Revista de Filología Española, 3).
- 4 - CHAVES DE MELO, Gladstone. Dicionários Portugueses. Rio de Janeiro, S. O. M. E. S., 1947.
- 5 - DUBOIS, Jean. DUBOIS, Claude. Introduction à la lexicographie: le dictionnaire. Paris, Larousse, 1971.
- 6 - HAUSMANN, Franz J. et al. International Encyclopedia of Lexicography. Berlin/New York, De Gruyter, 1989 - 1991.
- 7 - KRIEGER, Maria da Graça. A definição lexicográfica no Novo Dicionário Aurélio. Porto Alegre, UFRGS, dissertação de mestrado, 1980 (mimeo).
- 8 - LARA, Ignacio Ahumada. Aspectos de Lexicografía Teórica. Granada, Universidade de Granada, 1989.
- 9 - POTTIER, Bernard. Linguística Geral: Teoria e Descrição. Rio de Janeiro, Presença, 1978.
- 10- REY, Alain. Le lexique: images et modèles. Du dictionnaire à la lexicologie. Paris, Armand Colin, 1977.

- 11- REY - DEBOVE, Josette. étude linguistique et semiotique des dictionnaires français contemporains. Paris, The Hague, 1971.

10.3 Artigos

- 1 - BIDERMAN, M. Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. In: Alfa, São Paulo, 28(supl.) : 27 - 43, 1984.
- 2 - CUNHA, Antônio G. da. Pontos Negros na Lexicografia da Língua Portuguesa. (Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, Trier, 1986) In: KREMER, Dieter. Lexicologie et Lexicographie, Tübingen, Verlag, 1989, p.11 - 15.
- 3 - DUBOIS, Jean. Recherches Lexicographiques: Esquisse d'un Dictionnaire Structural. In: études de Linguistique Appliquée, 1: 43-48, Didier, Paris, 1962.
- 4 - HAENSCH, Günther. Tipologia de las obras lexicográficas. In: _____ et al. , La Lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica, Madrid, Gredos, 1982, 95 - 187.
- 5 - HOUAISS, Antonio. A produção do dicionário. In: LEIA, São Paulo, Record, novembro 1990, 19 - 22.
- 6 - REY, Alain, A propos de la définition lexicographique. In: Cahiers de Lexicologie, Paris, Larousse, 6(1): 67 - 80, 1965.
- 7 - REY - DEBOVE, Josette. La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique. In: Cahiers de lexicologie, Paris. Didier/Larousse, 8(1) : 71 - 94, 1966.
- 8 - _____. Léxico e Dicionário. Trad. de Clóvis B. de Moraes. In: Alfa, São Paulo, 28(supl.):

45- 69, 1984.

- 9 - _____ . 33. La métalangue lexicographi-
que : formes et fonction en lexicographie monolingue.
In: Internacional Encyclopedia of Lexicography, De
Gruyter, Berlin/New York, 1989, 305 - 310.
- 10- WEINREICH, Uriel. Definição lexicográfica em semântica
descritiva. Trad. de Maria Cecília P. B. Lima, In:
Alfa, São Paulo, 28(supl.): 103 - 118, 1984.
- 11- WIEGAND, Herbert E. Synonymie und ihre Bedeutung in der
einsprachigen Lexikographie. In: Probleme der
Lexikologie und Lexikographie, Düsseldorf, 1976, 118
- 180.
- 12- _____ . 29. Der gegenwärtige Status der Le-
xikographie und ihr Verhältnis zu anderen Disziplinen.
In: International Encyclopedia of Lexicography, De
Gruyter, Berlin/New York, 1989, 246 - 280.
- 13 - _____ . HAUSMANN, F.J. 36. Component Parts
and Structures of General Monolingual Dictionaries:
A Survey. In: International Encyclopedia of Lexico-
graphy, De Gruyter, Berlin/New York, 1989, 328 -
360.
- 14 - _____ . 39. Arten von Mikrostrukturen In:
allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: Internatio-
nal Encyclopedia of Lexicography, De Gruyter. Ber-
lin/New York, 1989, 462 - 501.
- 15 - WOLL, Dieter. Portugiesische Lexikographie. In: Inter-
national Encyclopedia of Lexicography, De Gruyter,
Berlin/New York, 1990, 1723 - 1735.